

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM TURISMO
LINHA DE PESQUISA: TURISMO, CULTURA E EDUCAÇÃO**

HENRIQUE PATTO PINHO VIEIRA DE CAMARGO

**A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA EM NARRATIVAS DE VIAGEM:
UMA TENTATIVA ANTROPOLÓGICA NO CIBERESPAÇO**

**CAXIAS DO SUL
2012**

HENRIQUE PATTO PINHO VIEIRA DE CAMARGO

**A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA EM NARRATIVAS DE VIAGEM:
UMA TENTATIVA ANTROPOLÓGICA NO CIBERESPAÇO**

Dissertação de Mestrado em Turismo para
obtenção do título de Mestre em Turismo pela
Universidade de Caxias do Sul. Linha de
Pesquisa Turismo, cultura e educação

Orientador: Prof. Dr. Rafael José dos Santos
Co-Orientadora: Profa. Dra. Liliane Stanisquaski Guterres

**CAXIAS DO SUL
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

C172 Camargo, Henrique Patto Pinho Vieira de, 1983-
A experiência turística em narrativas de viagem: uma tentativa
antropológica no ciberespaço / Henrique Patto Pinho Vieira de Camargo.
- 2014.
210 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Turismo, 2014.
Orientador: Prof. Dr. Rafael José dos Santos ; co-orientador : Profa.
Dra. Liliane Stanisçuaski Guterres

1. Turismo. 2. Antropologia. 3. Ciberespaço. I.Título.

CDU 2.ed.: 338.48

Índice para o catálogo sistemático:

1. Turismo	338.48
2. Antropologia	572
3. Ciberespaço	316.772.5

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236.

**“A experiência turística em narrativas de viagem: uma tentativa
antropológica no ciberespaço”**

Henrique Patto Pinho Vieira de Camargo

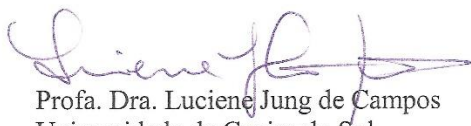
Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 01 de novembro de 2012.

Banca Examinadora:



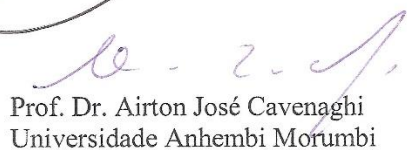
Prof. Dr. Rafael José dos Santos (Orientador)
Universidade de Caxias do Sul



Profa. Dra. Luciene Jung de Campos
Universidade de Caxias do Sul



Profa. Dra. Susana de Araújo Gastal
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dr. Airton José Cavenaghi
Universidade Anhembi Morumbi

AGRADECIMENTOS

Penso comigo que este trabalho não nasceu durante o processo de Mestrado, mas muito antes, apesar de nele ter sido consumado. Por isso, para ser justo com minha história, precisaria rememorar situações anteriores que me fizeram pensar a respeito desse tema, quando somente viajava. Mas já percebia quanto valioso era para mim cada uma daquelas experiências.

Obviamente, muitas viagens aconteceram, e muitas pessoas conheci ao longo delas, mas tentarei resumir todas as outras em momentos que me foram significativos, e duradouros, mas que sem as demais talvez nem tivessem acontecido, por isso o agradecimento antecipado as pessoas e lugares que se sentirem esquecidos.

Primeiro, a minha **vó Délia** e ao saudoso **vô Cândido**, que recebiam a mim e meus irmãos durante as férias de verão em Tremembé, e que com o auxílio de meus tios, tias, primos e prima, me mostravam que o mundo não era, somente, uma selva de pedras, apesar de muitas ladeiras e árvores para se cair.

Segundo, ao meu **tio Elcio**, que desde esses tempos de finais de ano em Tremembé, alimentava minha imaginação com histórias de sua vivência em terras estrangeiras, fosse com as histórias que trazia nestas datas, como com o desconhecido que eu imaginava e vislumbrava, mas só ele sabia que vivenciava ao longo do correr dos anos.

Terceiro, aos meus tios e padrinhos, **Elenice e Ivo**, que me possibilitaram, logo cedo, perceber a imensidão deste país, e das culturas que ele carrega, levando meus primos, irmãos e eu, numa aventura inigualável pelas estradas do Nordeste afora.

Quarto, a minha família de intercâmbio, **Sheryl e Steve Davis**, e seus filhos, meus irmãos, que me receberam tão abertamente, demonstrando que muito poderia aprender com outras culturas, mesmo que essas não fossem pra mim um modelo, por, justamente, serem as pessoas que as fazem, e não, somente, o contrário. E, além das outras pessoas que por lá conheci, agradeço ao meu tio **Bob Maxwell**, que em sua baía de caminhão me apresentou metade daquele país.

Quinto, ao **Guilherme Nalesso e Fernanda Reverdito**, que numa curta, mas intensa viagem, me possibilitaram a perceber e assumir a paixão pelo acaso e a imprevisibilidade que um deslocamento pode suscitar.

Sexto, as famílias **Calixto e Gomes** (família Coco **Raízes de Arcoverde**), que me receberam de braços e corações abertos, durante uma experiência vivida em Pernambuco, e me mostraram quão simples e espontânea pode ser a felicidade. São tantos, e tão significativos, mas tento agradecê-los através de Seu Damião e Lurdes Calixto (**Painho e Mainha**), Francisco (**Tio Assis**) Calixto; Cicero (**Ciço**) Gomes; e alguns de seus progênitos, Ilma (**Pecom**) e Iran Calixto, e **François** Gomes.

Tudo isso e mais um tanto que ficou de fora, como minha estadia em São Paulo e Caxias do Sul, para estudos, ou outras viagens a lazer, não seria possível sem a presença e suporte da minha família, que agora dedico este espaço.

Aos meus pais, **Eloina** e **Carlinhos**, por não somente educarem, mas incentivarem que me preparasse e saísse para o mundo, sempre torcendo pelo meu sucesso. Apesar de sempre deixarem claro que aquele porto seguro sempre estará aberto.

Aos meus irmãos e irmã, **Neto**, **Bruno** e **Ciça**, que depois de muitas brigas e aprendizados juntos, a distância espacial e temporal nos mostrou quão fortes podemos ser, e somos, juntos.

Aos meus avós, além dos já citados, mas não menos importantes, **vó Cecília** e **vô Zé Carlos**, pela ativa participação, e exemplos que são para minha educação. Seja através de suas atitudes e palavras sempre sábias e acolhedoras, ou mesmo, *mecenas* que são.

Ainda sem chegar ao mestrado, além da família de sangue, maior do que aqui representada, mas agradecida por inteiro através destes, devo agradecer a alguns familiares que conquistei por opção, que são grandes amigos e amigas que tive o prazer de conviver mais (ou menos) proximamente, mas que as distâncias mostraram-se insignificantes diante da força, sinceridade e cumplicidade de nossas amizades.

Ao chegar, finalmente, no processo de Mestrado, inicio por uma família que também figura no parágrafo acima, mas que por coincidência morava aqui na região (Bento Gonçalves) à época de minha chegada, e que me acolheu de braços abertos enquanto ainda não conhecia Caxias, ou mesmo depois. Meus sinceros agradecimentos ao **Marcos** e **Tadeu Mentone**, e toda a família.

Para agradecer o Programa de Pós-Graduação, enfoco nas pessoas, pois são elas que o faz ser o que é. Através do Mestrado, tive o prazer e privilégio de conhecer muitas pessoas, e de todas elas, com maior ou menor intensidade, concordando ou discordando, pude apreender e crescer, pessoal e academicamente, fosse em sala de aula ou não. E para elencar todas não teria memória ou espaço, então novamente resumo a algumas, esperando que as outras pessoas não se sintam menos importantes nesse meu processo. Mas para começar, como não falar de **Regina Mantesso**, nossa angelical *cicerone*, que desde os primeiros contatos (ainda de São Paulo), já demonstrava ser essa pessoa carinhosa, solícita e amiga que confirmou ser, aqui, pessoalmente.

Ressalto também os professores que convivi no meu primeiro ano, ainda como ouvinte, que são: **Prof. Luiz Antonio Rizzon**, que me acolheu como filho e me fez questionar sobre a psique, o **Prof. Luiz Brambatti** que em aulas individuais esforçava-se a me fazer compreender a base sociológica, e a **Prof. Susana Gastal**, que nesse primeiro ano, pacientemente, só me ouvia balbuciar, mas que ao longo de todo o processo, além de me instigar a pensar a, complexa, ciência contemporânea, tornou-se uma grande amiga, além de mestra, e, hoje em dia, me ouve, talvez, até demais. E não esquecendo todos os outros professores do Programa, agradeço a **Prof. Marcia Maria Cappelano**, que com toda sua *finesse*, lançou uma pergunta que até hoje tento responder: “E daí?!”

As amizades e contribuições que afloraram com o corpo discente do Programa são muitas e não tentarei exauri-las, mas as represento, em ordem cronológica e alfabética, pelos nomes de

Marcela Marinho, Álvaro Machado, Itamar Comaru, Luciana Costa, Rebecca Cisne, Bernardo Ramos, Isabel Angélica Bock, Mariana Machiavelli, e mais recentes, mas não menos importantes, **Ernani Viana e Luciana Vitória**.

Como disse no início, todas essas relações foram significativas dentro do processo que vivenciei e que resume-se nesta dissertação. Mas duas, aliás, três relações foram essenciais para que chegasse até aqui: com meu orientador, o **Prof. Rafael José dos Santos**, que como um irmão, e amigo, experiente, me conduziu com paciência, respeito e sabedoria ao longo desta caminhada; com minha co-orientadora, a **Prof. Liliane Stanisçuaski Guterres**, que com seu espírito artista, contribuiu com sua vasta experiência de contadora de histórias e exímia etnógrafa; e a saudável e construtiva relação entre nós três.

Sobre esses dois, não consigo pensar em palavras que resumam minha admiração e gratidão. Mas, Rafa e Lili, vocês são exemplos de pessoas a serem contempladas e seguidas, seja pela forma com que conduzem suas vidas pessoais e profissionais, seja pela seriedade e responsabilidade com que conseguem transmitir tanto conhecimento que possuem, ou pela forma com que buscam suas felicidades.

Ainda em Caxias do Sul, agradeço as pessoas que conheci por aqui, fora do ambiente de mestrado, mas que contribuíram para que o processo de Mestrado não fosse tão enlouquecedor.

E a todos as pessoas que como interlocutores participaram ou foram citadas por essa pesquisa, representadas por **Arnaldo Interata, Carla Portilho, Emília Fernandes, Erik “P.Zado” Araújo, Fred Marvila, Janaína Calaça, Majô, Marcio Nel Cimatti, Patricia de Camargo, Natalie Soares Ruano e Ricardo Freire**.

Viajar? Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre iguais e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são.

Se imagino, vejo. Que mais faço eu se viajo? Só a fraqueza extrema da imaginação justifica que se tenha que deslocar para sentir.

“Qualquer estrada, esta mesma estrada de Entepfuhl, te levará até ao fim do mundo”. Mas o fim do mundo, desde que o mundo se consumou dando-lhe a volta, é o mesmo Entepfuhl de onde se partiu. Na realidade, o fim do mundo, como o princípio, é o nosso conceito do mundo. É em nós que as paisagens têm paisagem. Por isso, se as imagino, as crio; se as crio, são; se são, vejo-as como às outras. Para quê viajar? Em Madrid, em Berlim, na Pérsia, na China, nos Pólos ambos, onde estaria eu senão em mim mesmo, e no tipo e género das minhas sensações?

A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.

Bernardo Soares (Fernando Pessoa) em Livro do Desassossego

RESUMO

Fruto da constante movimentação de um turismólogo tentando se ambientar ao olhar antropológico, e suas nuances etnográficas, este trabalho busca complexificar a compreensão e utilização da(s) Experiência(s) Turística(s), tanto pela academia científica, como pelo “trade” turístico. Enquanto busca subsídios teóricos para compreensão proposta pela Antropologia da Experiência, de Victor Turner e Edward Bruner, e sua abordagem científica de uma Experiência, que destaca sua forma processual e ritual, pessoal e subjetiva, este trabalho tenta compreender porque uma história de vida só pode ser percebida e sentida pela pessoa que experiencia as realidades que defronta, nos diferentes espaços em que circula, ao longo de sua vida, e expressada da forma que desejar e conseguir representar. Imerso no ciberespaço, ao mesmo tempo em que experimenta metodologias para emersão de pistas nesse universo aberto, não fixo e plural, que possibilita expressões descentralizadas e desterritorializadas, de acordo com os interesses e diretrizes significativas de cada pessoa que as externa, busca narrativas em blogs de viagens que possam expressar as representações das pessoas a respeito de suas experiências turísticas, envoltas (frente) a um fenômeno que desloca indivíduos de seu cotidiano espaço e tempo, como o turismo, que, ao mesmo tempo, possibilita momentos de estranhamento, de confronto dramático entre seus conhecimentos prévios e a realidade a sua frente. Parte-se da compreensão de cultura como uma rede dinâmica de interações, construída por cada indivíduo ao longo das relações vividas na sua existência e pelos deslocamentos proporcionados pelo turismo e pela comunicação, como no caso da rede de relacionamentos estabelecida a partir do interesse comum pelas viagens, apesar de cada personagem presente expressar diferentes perspectivas sobre o assunto. A partir disso, questiona-se a compreensão de uma experiência turística a partir de suas estruturas físicas e fixas, sendo os personagens principais e cognoscentes de todo esse processo, pessoas com suas próprias diretrizes significativas e relações espaço-temporais diante das diferentes realidades que experienciar, conforme suas próprias bagagens de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo; Antropologia; Experiência; Expressões; Ciberespaço

ABSTRACT

Consequence of the constant movement of a tourismologist trying to acclimatize to the anthropological gaze, and its ethnographic nuances, this paper seeks to complexify the understanding and uses of Touristic(s) Experience(s), either by scientific academy, as by the tourism trade. While searching theoretical basis for understanding the proposal by the Anthropology of Experience, by Victor Turner and Edward Bruner, and its scientific approach to Experience, highlighting its procedural form and ritual, personal and subjective, this work attempts to understand why a life story can only be perceived and felt by the person who experiences the realities that faces in different spaces that circulates throughout his life, and expresses the way that wants and is able to represent. Immersed in cyberspace, while experiencing methodologies for emergence of clues in this opened universe, plural and not fixed, allowing expressions decentralized and deterritorialized, according to the interests and meaningful guidelines of each person that externalizes them, search narratives in Travel blogs that can express representations about their traveling experiences, wrapped (in front) to a phenomenon that displaces individuals from their everyday space and time, such as tourism, which at the same time, enables moments of strangeness, of dramatic confrontation between their previous knowledge and the reality in front of them. By understanding of culture as a dynamic network of interactions, built by each individual along the relationships experienced in their lives and the displacement provided by tourism and communication, such as the network of relationships established from the common interest by travel, although each present character express different perspectives on the subject. From this, we question the understanding of a touristic experience from their physical structures and fixed, considering the main characters cognizant of this whole process, people with their own meaningful guidelines and space-temporal relations given the different realities that experience as its own baggage of life.

KEYWORDS: Tourism; Anthropology; Experience; Expressions; Cyberspace

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Viaje na Viagem na ConVnVenção NY 2011	43
Imagem 2: Sobre o blog... A Turista Acidental	45
Imagem 3: Privacidade e Permissões do Blogger.com	49
Imagem 4: Sobre o Blogger e Blogspot	50
Imagem 5: Acompanhamento de blogs - Blogger	51
Imagem 6: Pesquisa do Google nas páginas iniciais de blogs	52
Imagem 7: Logo Mochileiros.com	54
Imagem 8: Couchsurfing.org	55
Imagem 9: Viaje na Viagem - Apresentação	65
Imagem 10: Destino ignorado – VnV	70
Imagem 11: Destino: Pindaíba – VnV	71
Imagem 12: Onde você se hospedou? - VnV	72
Imagem 13: Viaje na Viagem	73
Imagem 14: Fatos & Fotos - Apresentação	80
Imagem 15: Viagem à Índia (1) – Fatos & Fotos	91
Imagem 16: Da Índia, com amor – Fatos & Fotos	92
Imagem 17: Turomaquia - Apresentação	93
Imagem 18: Origem Logotipo – <i>Turomaquia</i>	94
Imagem 19: Viajando na Arte - Turomaquia	98
Imagem 20: Apresentação Caderno de Viagens - Turomaquia	99
Imagem 21: A Janela Laranja - Apresentação	101
Imagem 22: Início – A Janela Laranja	102
Imagem 23: Alteração de plataforma - A Janela Laranja	103
Imagem 24: Pagina Inicial – A Janela Laranja	105
Imagem 25: Idas e Vindas - Apresentação	106
Imagem 26: Sobre a Carla... Idas e Vindas	107
Imagem 27: Casa própria! – Idas e Vindas	108
Imagem 28: Comentários (1) – Idas e Vindas	113
Imagem 29: Comentários (2) – Idas e Vindas	113
Imagem 30: Comentários (3) – Idas e Vindas	114
Imagem 31: Filigrana - Apresentação	115
Imagem 32: ConVnVenção Rio 2010 - Filigrana	116
Imagem 33: Condomínio Filigrana	118
Imagem 34: Comentários (1) - Filigrana	119
Imagem 35: Comentários (2) - Filigrana	120
Imagem 36: A Turista Acidental - Apresentação	121
Imagem 37: Seções e Organização (1) – A Turista Acidental	126
Imagem 38: Seções e Organização (2) – A Turista Acidental	127
Imagem 39: Jeguiando - Apresentação	128
Imagem 40: Aniversário (1) - Jeguiando	129
Imagem 41: Aniversário (2) - Jeguiando	131
Imagem 42: Antigo cabeçalho - Jeguiando	131

Imagem 43: Sundaycooks - Apresentação.....	134
Imagem 44: Página Inicial - Sundaycooks	140
Imagem 45: Comentários sobre o blog – A Turista Acidental.....	147
Imagem 46: Blogagem Coletiva – Bucket lists	154
Imagem 47: Viagem à Índia (2) – Fatos & Fotos	172
Imagem 48: Viagem à Índia (3) – Fatos & Fotos	173
Imagem 49: Viagem à Índia (4) – Fatos & Fotos	174
Imagem 50: Viagem à Índia (5) – Fatos & Fotos	175
Imagem 51: Vista desembaçada – Fatos & Fotos.....	177

LISTA DE TABELAS

Quadro 1: Matriz disciplinar da Antropologia	38
Quadro 2: Pesquisa no Google	53
Quadro 3: Cronologia dos palcos pesquisados	59
Quadro 4: Contas Pessoais - Facebook.....	143
Quadro 5: Relação Contas Pessoais e Canais dos Blogs - <i>Facebook</i>	144
Quadro 6: Seguidos e seguidores, Pessoais e de Blogs - <i>Twitter</i>	146
Quadro 7: Associados Fundadores – ABBV	163
Quadro 8: Associados Efetivos e Colaboradores – ABBV	164

LISTA DE ABREVIATURAS

ABBV	Associação Brasileira de Blogueiros de Viagens
aJL	A Janela Laranja
aTA	A Turista Acidental
F&F	Fatos & Fotos de viagens
Fili	Filigrana
I&V	Idas & Vindas
Jegui	Jeguiando
RBBV	Rede Brasileira de Blogueiros de Viagens
SdCk	Sundaycooks
Turo	Turomaquia
VnV	Viaje na Viagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. EXPERIÊNCIA TURÍSTICA SOB UMA ÓTICA ANTROPOLÓGICA	19
1.1. ANTROPOLOGIA DA EXPERIÊNCIA.....	25
1.2. A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA	29
2. ETNOGRAFIA EM MOVIMENTO (METODOLOGIA NO CIBERESPAÇO).....	37
2.1. INDIVÍDUOS E EXPRESSÕES EM MOVIMENTO.....	41
2.2. CAMINHOS NO CAMPO E REALIDADES DE PESQUISA.....	46
2.3. CARACTERIZAÇÕES	60
2.3.1. Temporalidade	61
2.3.2. Territorialidade (Pertencimento).....	61
2.3.3. Narrativa (Expressões).....	62
2.3.4. Esferas.....	62
2.3.5. Motivação.....	62
2.3.6. Movimentos	63
3. ETNOGRAFIA DOS MOVIMENTOS.....	64
3.1. PALCOS E PERSONAGENS.....	64
3.1.1. Viaje na Viagem / Ricardo Freire	65
3.1.2. Fatos & Fotos de Viagens / Arnaldo “Interata” Affonso	80
3.1.3. Turomaquia / Patrícia de Camargo.....	93
3.1.4. A Janela Laranja / Márcio Nel Cimatti.....	101
3.1.5. Idas e Vindas – Viagens e Aventuras / Carla Portilho.....	106
3.1.6. Filigrana / Majô (Maria José).....	115
3.1.7. A Turista Acidental / Emilia Fernandes.....	121
3.1.8. Jeguando / Janaína Calaça e Erik “P.Zado” Araújo	128
3.1.9. Sundaycooks / Fred Marvila e Natalie Soares Ruano	134
3.2. RELACIONAMENTOS / MANIFESTAÇÕES CULTURAIS COLETIVAS.....	142
3.2.1. Blogosfera Viajera / Viajosfera	147
3.2.2. Blogagem coletiva	150
3.2.3. Associação Brasileira de Blogueiros de Viagens (ABBV).....	156
4. LEITURAS DE (EM) MOVIMENTOS.....	165
4.1. MAPEAMENTO DO CAMPO E OS INTERLOCUTORES EM SEUS PALCOS.....	165
4.2. EXPRESSÕES DE EXPERIÊNCIAS E FLUXOS DE SENTIDOS	169
CONSIDERAÇÕES INCONCLUSIVAS.....	201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	206
APÊNDICES.....	211

INTRODUÇÃO

Esta dissertação busca trabalhar as experiências turísticas, à luz da antropologia, a partir de narrativas de viagens encontradas no ciberespaço, especificamente em blogs. O interesse pelos deslocamentos e as possibilidades de trocas existentes nesse(s) momentos(s) surgiu por experiências pessoais de viagens e as próprias trocas vivenciadas, anteriores ao processo de criação deste trabalho. A curiosidade pela antropologia também era anterior, tanto que uma ideia de pesquisa quando me inscrevia para minhas primeiras disciplinas no Mestrado em Turismo, ainda como aluno ouvinte (especial), era buscar um entendimento de turismo logo como (mais) um “novo” antropólogo. E ainda durante esse período antecedente ao ingresso como Mestrando, procurando algumas abordagens sócio-antropológicas sobre as Experiências em si, que surgia o interesse acadêmico-científico pelo tema da Experiência Turística, apoiado pela Antropologia.

Porém meu conhecimento antropológico não passava de senso comum, e precisei aprofundá-lo, para que pudesse compreender a experiência turística a partir da Antropologia. Esse processo, de certa forma, está representado pelo primeiro capítulo, a partir da contextualização espaço-temporal da Antropologia da Experiência e da própria experiência, que como as expressões dela resultantes, é envolta numa forma processual, resultante de inquietações de seus responsáveis, e suas respectivas experiências anteriores. Recuperando alguns cenários que Victor Turner (1920-1983) compartilhava e vivenciava, tenta-se entender um pouco do que o motivava e o movimentava a pensar sobre a experiência a partir das formas processuais e ritos de passagens de Van Gennep (1873-1957), e sua aproximação com o teatro, enquanto dialogava com as correntes contemporâneas da Antropologia, como a Interpretativa, representada por Clifford Geertz (1926-2006).

Após essa contextualização, começa-se a pensar a Antropologia da Experiência e (conforme seu idealizador, Victor Turner, sugere) a distinção entre Realidade, Experiência e Expressão, suas relações e as lacunas encontradas na compreensão da vida vivida, experienciada e narrada. Neste momento contemporâneo que vivemos, nascem relações e trocas simbólicas e materiais desterritorializadas e descentralizadas, como as vividas nos meios de comunicação das “novas mídias”. Essas mídias podem auxiliar as pessoas, e suas possíveis personagens presentes, a expressarem aquilo que lhes foi significativo de experienciar, diante de diferentes realidades que vivenciavam ao longo de seus deslocamentos. Com essa discussão, o primeiro capítulo termina mostrando abordagens antropológicas sobre o turismo e as experiências envolvidas nele. Procurei uma linha de pensamento que possibilitasse um entendimento sócio-antropológico do turismo, tentando pensar que as pessoas envolvidas nas experiências turísticas são que vivenciarão, subjetiva, pessoal e unicamente, cada um dos cenários “criados” pelo trade turístico.

O segundo capítulo busca o entendimento científico-acadêmico sobre o recorte a ser estudado, o ciberespaço, entendendo que nele as pessoas podem encontrar ou criar palcos para expressarem suas opiniões, perspectivas e representações a respeito de seus interesses, e não necessariamente a partir de suas limitações geográficas ou sociais. Parte-se do entendimento da Antropologia da Experiência, de que é pela expressão de uma experiência que a(s) pessoa(s) reexperiencia(m), revive(m), recria(m), reconstrói(em) e remodela(m) sua(s) própria(s) cultura(s), como Edward Bruner (1924-) destaca em suas reflexões sobre as performances, expressões e personagens de um drama social.

No terceiro capítulo faço uma regressão temporal dentro da linha cronológica de desenvolvimento da antropologia, retomando algumas questões sobre suas metodologias de pesquisa, diante de suas Escolas (tradições) antropológicas, e etnográficas. Com o cuidado de temporalizar diante dos cenários de Victor Turner e citados, novamente demonstra o que precisei compreender para que tentasse entender os procedimentos e técnicas etnográficas na tentativa de ajudar as pessoas que possam estar buscando uma mesma aproximação. Na sequência desse capítulo, começo a descrever o campo em que buscaremos as pistas necessárias para compreender o entendimento que as pessoas presentes tinham, para que pudessem nos caminhar a contextualizar esse espaço a partir de suas próprias oportunidades, percepções e utilizações. Descrevo, ainda, o próprio caminho que percorri pelo ciberespaço, a fim de encontrar as pessoas e expressões a serem analisadas. E, finalizando o capítulo, resalto alguns

temas de interesse que surgiram, ou foram potencializados, ao longo do reconhecimento desse campo, e que foram retomados ao longo dos capítulos seguintes.

Se até este momento de pesquisa o enfoque foi o processo de preparação para o confronto com as expressões que foram encontradas no campo, o quarto capítulo se encarrega de apresentar a etnografia proposta. Primeiramente através de cada personagem e palco utilizado para suas performances, mas ressaltando também as relações estabelecidas entre essas pessoas, no próprio ciberespaço ou fora dele. Nesse capítulo algumas questões foram levantadas, conforme as narrativas em que nossas personagens se apresentam, e meu conhecimento, possibilitem, mas é no capítulo seguinte que se tenta fazer uma leitura diante de tantos questionamentos motivados por toda essa movimentação: de pesquisador buscando alguma compreensão, mas especialmente das pessoas que encontraram um espaço virtual para expressarem seus momentos de deslocamento pelo espaço físico.

O turismo como a prática social que conhecemos, e “idealizado”, pensado e racionalizado, ainda na modernidade, e aprimorado a partir de outras condições contemporâneas, como os avanços tecnológicos na comunicação e no transporte, ou o próprio sistema produtivo, que trabalha o cotidiano e anticotidiano bem definidos (trabalho e férias, feriados e ócio), necessita de pesquisas acadêmico-científicas para entender/compreender sua lógica (mercantil) que atualmente movimenta milhões de recursos (humanos, financeiros, naturais...), pessoas e suas representações e bens simbólicos, nos mais diversos cantos do mundo contemporâneo. Mas a tentativa desta dissertação é de (avivar) trazer para os estudos do turismo, algumas inquietações que a antropologia, com seu método etnográfico, suscita. Nesse caso, sendo aplicado a um campo desterritorializado e descentralizado (além de uma temporalidade própria que desafia suas tradições), característico do mundo contemporâneo, como o ciberespaço, que possibilita a captação das mais variadas expressões a serem interpretadas e (ousadamente) compreendidas.

Pode parecer estranho, ambicioso, ousado, abusado, e arrogante, (do início ao fim, conforme o seu olhar) me apresentar, mas sabido que essa introdução foi elaborada, textualmente, após a “conclusão” de todo restante vivenciado, experienciado e expresso pelas demais páginas, é necessário deixar claro que para trabalhar o tema da Experiência Turística senti a necessidade de também me expor, como as demais pessoas, personagens, que aqui são envolvidas. Pois como foi mostrado, o que expresso é fruto das minhas próprias experiências, dos dramas sociais nos quais me envolvi durante o próprio processo desta experiência acadêmica, em confronto com o que trazia comigo até então de outras experiências, e os

caminhos que trilhei até escrever essa introdução, a partir do que de todo desse processo entendi como significativo de ser expressado, de ser contado. Como os que escrevem, e expressam, as principais personagens deste trabalho, que são as pessoas que tive (aí sim, ainda, concordo) a ousadia e o prazer de tentar compreender, e jogar a minha interpretação, olhar, sobre suas narrativas de viagens, carregando meu *background* de bacharel em Turismo, que sou.

Este trabalho não ressalta outro personagem essencial na experiência turística que é a pessoa visitada, o que se justifica pelo fato de a pesquisa estar centrada nas narrativas dos visitantes, e não por considerá-las de menor significado/significância no fenômeno turístico. E algumas questões foram levantadas durante este trabalho, mais ou menos evidente, e muitas ficaram sem respostas, mas no intuito de colaborar com a proposta de reflexão que o trabalho traz em si. E assim deixa-se o espaço aberto para que futuras pesquisas possam vir a ser desenvolvidas.

1. EXPERIÊNCIA TURÍSTICA SOB UMA ÓTICA ANTROPOLÓGICA

As viagens sempre estiveram presentes nos textos antropológicos. Pode-se pensar, por exemplo, nas narrativas sobre/de viagem do século XVI, escritas na forma de cartas, de diários e de relatórios viagens pelos envolvidos com as Grandes Navegações (missionários, comerciantes, exploradores e outros viajantes) como as primeiras descrições sobre os Outros povos e lugares, ou um início de literatura “etnográfica”. No século XIX, quando a primeira Escola antropológica, evolucionista, se debruça na sistematização do conhecimento acumulado e expresso em narrativas por esses e outros viajantes, a respeito dos “povos primitivos” em comparação aos “civilizados”, em clara analogia ao sistema de evolução biológica, desenvolvido por Charles Darwin (1809-1882), em “A Origem das Espécies” (1859).

A antropologia se fortaleceu como a ciência da cultura, superando os determinismos de sua Escola evolucionista, relativizando culturas, a partir de uma compreensão de que as diferenças entre elas, não representaria, necessariamente, uma desigualdade em suas complexidades. Franz Boas (1858-1942) no final do séc. XIX já defenderia a necessidade de contextualização de cada cultura para seu estudo. Com isso, influenciou novas Escolas antropológicas, que até meados do século XX tinham o “Outro” como objeto de estudo, fosse o “Outro” longínquo, exótico, como a Escola Funcionalista inglesa focou; ou, mais abrangente, como propuseram a Escola Culturalista norte-americana ou a Estruturalista francesa que objetivaram o “outro” cultural. Desde a Escola Funcionalista, no entanto, na figura de seu expoente máximo, Bronislaw Malinowski (1884-1942), é reforçado o papel da prática etnográfica, com a imersão no campo de estudo (observação participante), ou seja, a prática que exige o deslocamento do etnógrafo ao local do “Outro”.

Ambas as Escolas, americana e francesa, focaram as estruturas exteriores ao sujeito para explicar as diferentes culturas. A primeira buscou capturar os padrões ou estilos de cultura, enquanto a segunda buscou as regras estruturantes das culturas. Além do próprio Victor Turner, outros antropólogos alteraram suas linhas de pensamento ao longo de suas próprias experiências como cientistas, é o caso de Marshall Sahlins (1930-), que apesar da grande influência evolucionista, despreendeu-se e até mesmo criticou essa Escola. Victor Turner bebeu dessas fontes (especificamente, inglesa e francesa) para pensar suas próprias indagações científicas, como quando tentou explicar as estruturas e antiestruturas que “formariam” os sujeitos, os processos rituais e os dramas sociais pelos quais atravessariam ao longo da vida em sociedade. Mas, nota-se, então, (utilizando sua própria terminologia) um estado liminar em seus estudos que resultaria m

na chamada Antropologia da Experiência, nesses textos¹, em que se utiliza do teatro, o autor começou a resgatar o sujeito, dando-lhe certa autonomia e voz, perante as suas próprias estruturas, antiestructuras e dramas sociais. Sob influência da Escola britânica, Victor Turner estudou as formas de organização social, cotidiano, através das “estruturas”. Essa Escola, “para expressar um raciocínio complexo com crua simplicidade – considera uma ‘sociedade’ como um sistema de posições sociais” (TURNER, 1974, p.160). Sistema esse que pode ser estruturado segmentária ou hierarquicamente, ou de ambas as formas. E o autor esclarece que quer:

[...] significar por “estrutura”, tal como antes, a “estrutura social”, conforme tem sido usada pela maioria dos antropólogos sociais britânicos, isto é, como uma disposição mais ou menos característica de instituições especializadas mutuamente dependentes e a organização institucional de posições e de atores que elas implicam. (TURNER, 1974, p. 201-202).

Com isso, Turner produz, conforme sugere John Dawsey, um desvio metodológico no campo da antropologia social britânica, ao suscitar um desvio para o entendimento de uma estrutura, propondo que se atente às manifestações de “antiestructura”, ou momentos extraordinários, pela intensidade em que as estruturas sociais se revelam nesses momentos, e possibilidade de detectar elementos não óbvios das relações sociais.

Experiências que irrompem em tempos e espaços liminares podem ser fundantes. Dramas sociais propiciam experiências primárias. Fenômenos suprimidos vêm à superfície. Elementos residuais da história articulam-se ao presente. (DAWSEY, 2005, p. 165).

Dawsey aponta que Victor Turner começou a estudar os rituais e suas formas processuais influenciado pelas ideias do antropólogo Belga, Arnold Van Gennep e seu professor, Max Gluckman (1911-1975). Partindo do modelo de ritos de passagem² de Van Gennep, em que o sujeito seria envolvido por “três ‘momentos’, ou sub-ritos: 1) de separação, 2) de transição (‘liminares’), e 3) de reagregação”, Victor Turner elaborou um modelo do que acredita ser um drama social, que se desdobra em quatro: “1) ruptura, 2) crise e intensificação

¹ Refiro-me aqui às seguintes obras de Victor Turner: **Dramas, Fields and Metaphors** (1975); **From Ritual to Theatre** (1982); e os dois textos que seriam publicados após sua morte, em 1983, **The Anthropology of Performance** (*A Antropologia da Performance*) (1987), e “Dewey, Dilthey and Drama: an essay in the anthropology of experience” (“Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em antropologia da experiência”), no livro **The Anthropology of Experience** (1986).

² “Os ritos de passagem mais disseminados estão associados ao nascimento, à puberdade, ao casamento e à morte. Antecipando a sociologia da religião de Durkheim, Van Gennep afirmava que esses rituais são expressões dramatizadas da ordem social que fortalecem a integração tanto dos iniciados como dos espectadores” (ERIKSEN e NIELSEN, 2007, p.65)

da crise, 3) ação reparadora, e 4) desfecho (que pode levar à harmonia ou a cisão social)” (DAWSEY, 2007, p. 541). Disso,

[...] abrem-se passagens em sistemas classificatórios estáticos. Surgem áreas de contágio. Espaços híbridos. Escândalos lógicos. Nos momentos de suspensão das relações cotidianas é possível ter uma percepção mais funda dos laços que unem as pessoas. Despojadas dos sinais diacríticos que as diferenciam e as contrapõem no tecido social, e sob os efeitos de choque que acompanhamo curto-circuito desses sinais numa situação de liminaridade, pessoas podem ver-se frente a frente. Sem mediações. Voltam a sentir-se como havendo sido feitas do mesmo barro do qual o universo social e simbólico, como se movido pela ação de alguma oleira oculta, recria-se. A essa experiência Turner dá o nome de *communitas*” (DAWSEY, 2005, p. 166).

Nesses momentos de suspensão de papéis, ou interrupção do teatro da vida cotidiana, de *communitas*, segundo Dawsey, desloca-se o lugar olhado das coisas. Produzem-se efeitos de estranhamento. “Os fios que tecem as redes de significados unificam-se em tramas carregadas de tensões” (DAWSEY, 2005, 166), articulando-se diferenças.

Citando Dilthey, Turner descreve cinco “momentos” que constituem a estrutura processual de cada *Erlebnis*, ou experiência vivida: 1) algo acontece ao nível da percepção (sendo que a dor ou o prazer podem ser sentidos de forma mais intensa do que comportamentos repetitivos ou de rotina); 2) imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas – de forma aguda; 3) emoções associadas aos eventos do passado são revividas; 4) o passado articula-se ao presente numa “relação musical” (conforme a analogia de Dilthey), tornando possível a descoberta e construção de significado; e 5) a experiência se completa através de uma forma de “expressão”. Performance – termo que deriva do francês antigo *parfournir*, “completar” ou “realizar inteiramente” – refere-se, justamente, ao momento da expressão. A performance completa uma experiência (Turner 1982:13-14). (DAWSEY, 2006, p. 19).

Apesar de indicar seu interesse pela performance e teatro, na fase de seus estudos que antecede os anos de 1980, Victor Turner permaneceu mais atento aos processos rituais estruturáveis, “reduzindo” a complexidade de seus atores e, respectiva, agência. No entanto, a influência de sua mãe, Violet Witter (1893-1966), uma das fundadoras do Teatro Nacional Escocês, e, especialmente, do teatrólogo com pé na antropologia, Richard Schechner (1934-), quem o aproximou da relação audiência e *performer*, fez com que ele desdobrasse seus estudos de processos rituais a uma nova fase, em que os personagens envolvidos, atores-autores, participam e interferem nas estruturas do processo, por serem pessoas estruturáveis, mas, também, estruturantes, inacabadas.

Turner sugere, por exemplo, a ideia de liminóide, em contraste (complementariedade) à liminaridade, para caracterizar as novas formas de ação simbólica, originadas das experiências liminares, nas sociedades industrializadas, que descentraram e fragmentaram as atividades de recriação de universos simbólicos. E que para Dawsey, evidencia duas características em relação às formas liminares: “1) elas ocorrem às margens dos processos centrais de produção social (nesse sentido elas são menos ‘sérias’); e 2) elas podem ser mais criativas (e, até mesmo, subversivas)” (DAWSEY, 2006, p. 20). No lugar de um espelho mágico³, onde a sociedade pode ver-se a si mesma, Dawsey sugere que “surge uma multiplicidade de fragmentos e estilhaços de espelhos, com efeitos caleidoscópicos, produzindo uma imensa variedade de cambiantes, inquietas e luminosas imagens” (idem, *ibid*), num estado de subjuntividade com as formas alteradas do ser. E compreendendo, simultaneamente, as categorias de “reflexão” e “reflexividade”.

Conforme Edward Bruner enuncia (não despretensiosamente, mas para situar a construção e representação dessa expressão para os envolvidos, especialmente, Victor Turner) na introdução da obra “Antropologia da Experiência”, a respeito da experiência e suas expressões, a ideia dessa coletânea originou-se de um simpósio organizado por Turner, Barbara Mierhoff e o próprio Bruner no encontro anual da *American Anthropological Association* (AAA), de 1980, em que os participantes concordaram em contribuir com esse projeto; inclusive, Clifford Geertz, com um epílogo refletindo e comentando a obra⁴.

Victor Turner escreveu em 1982 sobre a formulação de uma antropologia da experiência (segundo ensaio da coletânea, após introdução) referenciando, entre outros teóricos, Wilhelm Dilthey (1833-1911) e John Dewey (1859-1952). Faleceu ao final de 1983, enquanto ainda preparavam o livro, lançado em 1986. Segundo Bruner, para ele e a maioria dos que participaram dessa obra, esse ensaio de Turner representaria uma continuação de sua vida – ou como Dilthey colocaria a experiência, *Erlebnis*, teria sido a expressão do que foi *lived through* por Victor Turner – que para Babcock, teria sido essa revolta contra a ortodoxia estrutural-funcionalista⁵.

Dentre as diferentes Escolas antropológicas que se formaram ao longo do processo de fortalecimento da antropologia como ciência da cultura, a *Antropologia da Experiência* parece

³ “O ‘espelho mágico’ não apenas reflete o ‘real’, mas também provoca a reflexão sobre este ‘real’, sendo, portanto, o ‘espelho mágico’, uma reconfiguração do ‘real’” (SILVA, 2005, p. 59)

⁴ Outros três autores, que não estiveram na AAA, foram solicitados a contribuir, segundo Bruner, para “round-out the volume by adding humanistic perspective and a touch of humanistic elegance” (1986, p. 03): James Fernandez, Frederick Turner e Phyllis Gorfain.

⁵ “[...] rebellion against structural-functional orthodoxy, with its closed static model of social systems”. (BABCOCK apud BRUNER, 1986, p. 03). Retirado de um obituário, escrito por Barbara Babcock, de Victor Turner, em 1984, na *Journal of American Folklife*

dialogar mais com a Escola Interpretativa, para muitos fundada por Clifford Geertz, que assinou o epílogo da “Antropologia da Experiência”. Essa nova Escola propõe que os estudos da cultura busquem interpretações, e não leis:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1989, p. 04).

E interpretando, a partir do entendimento de um fato social total (Mauss), e que como indivíduos, travamos um diálogo com o social, a sociedade que nos é exterior; e não somente, como um fato social pelo social (Durkheim)⁶. Como coloca Claude Lévi-Strauss, ao analisar a obra de Marcel Mauss,

[...] o fato social total apresenta-se, portanto, com um caráter tridimensional. Ele deve fazer coincidir a dimensão propriamente sociológica, com seus múltiplos aspectos sincrônicos; a dimensão histórica ou diacrônica; e, enfim, a dimensão fisiopsicológica. Ora, é somente em indivíduos que essa tríplex aproximação pode ocorrer. (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 24).

A diferença entre a Funcionalista inglesa à Interpretativa de Clifford Geertz pode ser percebida nos trabalhos publicados (suas expressões) por Victor Turner que, ao longo de sua trajetória acadêmica, como autor-escritor, caminha em direção aos estudos sobre performance inserindo a temática do agenciamento humano nos processos rituais. Quem sabe, talvez, ao revisitar seu texto de 1973⁷, já não ressaltaria (ou, diria, complexificaria) que qualquer viajante pode buscar o seu *center out there* enquanto desloca-se, conforme as experiências que carrega consigo?

A realidade, qualquer que seja⁸, é apresentada a cada indivíduo, sua percepção e consciência, através de suas experiências, a cada instante, enquanto as defronta com suas experiências passadas e às diretrizes significativas que construiu ao longo de sua própria história; e conforme articula seu passado e seu presente, poderá expressar o seu próprio entendimento (e experiência perante a) da realidade. Seja no próprio instante da experiência, no

⁶ Entre outros teóricos que refletiram sobre a obra de Marcel Mauss, remeto às considerações de Roberto Cardoso de Oliveira, em sua introdução à coletânea de obras do Mauss. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1979, p. 07-50).

⁷ TURNER, Victor. **The Center out there: Pilgrim's goal**. History of Religions, Vol. 12, No. 3 (Feb., 1973), p. 191-230.

⁸ “The critical distinction here is between reality (what is really out there, whatever that may be), experience (how that reality presents itself to consciousness), and expressions (how individual experience is framed and articulated)” (BRUNER, 1986, p. 06). Pois, como melhor demonstrado no decorrer desta dissertação, a realidade em si é mediada, filtrada, formulada e representada pela(s) cultura(s) de cada pessoa envolvida na presente realidade.

teatro da vida cotidiana ou no meta-teatro da vida social, seja num momento posterior, quando a repensa, relembra, para narrá-la, seja em âmbito público ou privado, como “um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos” (GEERTZ, 1989, p.07) para ser lido, “no sentido de ‘construir uma leitura’” (idem, *ibid*).

Ao tentar distinguir a sua abordagem da de Erving Goffman, Turner evoca, [...] uma distinção entre teatro e meta-teatro. Ao passo que Goffman toma interesse pelo teatro da vida cotidiana, Turner procura focar os momentos de interrupção, os instantes extraordinários, ou seja, o teatro desse teatro. Turner observa o meta-teatro da vida social. (DAWSEY, 174, 2005)

Nessa lógica de drama social desdobra-se o conceito de status, outorgando à pessoa envolvida o sentido performático⁹ de sua presença no contexto social, assumindo seus papéis ao longo de seus deslocamentos por diferentes construções de realidade, diferentes percepções, pessoais e/ou coletivas. Além de pensar, prioritariamente (apenas), nas estruturas que constroem o status da pessoa envolvida naquele momento, pensa-se na forma como a pessoa agenciará essa estrutura, como performatizará perante seu cotidiano e anticotidiano, no teatro e metateatro de sua vida, sendo *performer* ou espectador. Sendo, para Richard Schechner, este espectador de “públicos integrais” ou “públicos acidentais”¹⁰.

Para finalizar os desdobramentos dos estudos de Victor Turner, aproveito uma reflexão de Sahlins, apesar de ele não estar se referindo a dramas sociais, teatro ou outro tema correspondente aos de Turner, mas por também questionar sua própria formação acadêmica, para lançar uma questão: teria o “status social turista” crescido tanto com a ideia de civilização, que existiria mais para explicar as diferenças socioculturais e econômicas, do que para entendê-las, compreendê-las como uma pessoa presente num momento muito mais complexo, dinâmico e instável do que estruturável, apenas, a partir da estrutura que essa pessoa tem acesso, contempla, se relaciona?

⁹ I call performance where *performers* are changed ‘transformations’ and those where performers are returned to their starting places “transportations” – “transportations”, because during the performance the performers are “taken somewhere” but at the end, often assisted by others, they are “cooled down” and reenter ordinary life just about where they went in. The performer goes from the “ordinary world” to the “performative world”, from one time/space reference to another, from one personality to one or more others.” (SCHECHNER, 1985, p. 126)

¹⁰ “Os ‘integrais’ se definem pelo perfil de público que possui algum tipo de afinidade eletiva com o(s) *performer(s)* e/ou compartilham da mesma rede de relação social. [...] Quanto aos “acidentais”, a referência descrita por Schechner é o tipo mediano de público que costuma freqüentar os teatros ocidentais. Portanto, sujeitos que, normalmente, não possuem qualquer tipo de afinidade eletiva com *performer*, nem está interessada em criar laços de relações sociais no *métier* artístico. (SILVA, 2005, p. 60)

The world's most primitive people have few possessions. But they are not poor. Poverty is not a certain small amount of goods, nor is it just a relation between means and ends; above all it is a relation between people. Poverty is a social status. As such it is the invention of civilization. It has grown with civilization, at once as an invidious distinction between classes and more importantly as a tributary relation that can render agrarian peasants more susceptible to natural catastrophes than any winter camp of Alaskan Eskimo. (SAHLINS, 2004, p. 37).

1.1. ANTROPOLOGIA DA EXPERIÊNCIA

A experiência é um termo difícil e complexo de se formular, seja pelos diferentes campos de conhecimento que a analisam, seja (apenas) pelos diferentes mapas cognitivos a que nós, indivíduos, podemos inferi-la, principalmente, pela nossa própria subjetividade, com nossas identificações próprias, para articular as nossas leituras do mundo que nos cerca.

Segundo o filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey (1859-1952), seriam necessárias algumas características para descrever a noção de experiência; dentre as quais, duas merecem destaque para o intuito deste trabalho: “(1) a experiência se apresenta como uma relação entre o ser vivo e o seu contorno físico e social, [... e que] (2) não existe experiência consciente sem inferência e a reflexão é inata e constante” (DEWEY apud MORA, 2001, p. 269). Para que se possa, portanto, permear pela intrínseca noção de experiência de um sujeito durante seus deslocamentos, faz-se necessário refletir sobre o momento sociocultural contemporâneo em que ele se encontra e seus reflexos no modo como esses agentes sociais sentem, refletem e reagem a essa condição e esse universo.

A Antropologia da Experiência¹¹, na qual este trabalho se referencia, consiste em abordar a distinção complexa e fundamental entre a realidade, a experiência e suas expressões; as relações entre tais, suas tensões e distanciamentos entre si. Para se pensar a experiência sob um olhar sócio-antropológico, antes mesmo de pensar especificamente na experiência turística, os autores mostram adequado que se pense na relação, na tensão, e lacunas entre a realidade, a experiência e suas expressões. Como reflete o antropólogo Edward Bruner (1986), é preciso diferenciarmos a vida vivida (realidade), da vida experienciada (experiência) ou, ainda, da vida contada (expressão), em uma história de vida¹²; as expressões não são textos isolados, estáticos, mas sempre envolvidos em uma atividade processual, uma forma verbal, uma ação enraizada numa situação com pessoas reais, em uma cultura

¹¹ Op. cit.

¹² “In a life history, as I have indicate elsewhere (Bruner 1984:7) (sic), the distinction is between life as lived (reality), life as experienced (experience), and life as told (expression). Only a naïve positivist would believe that expressions are equivalent to reality; and we recognize in everyday life the gap between experience and its symbolic manifestation in expression.” (BRUNER, 1986, p. 06)

particular, em um dado espaço temporal. Cabe aqui a referência ao círculo hermenêutico do filósofo, psicólogo e historiador alemão, Wilhelm Dilthey (1833-1911) de que “a experiência estrutura as expressões e as expressões estruturam a experiência” (DILTHEY apud Bruner, 1986, p. 06). [tradução do autor].

Conforme coloca Bruner (1986), o processo interpretativo é sempre operado em dois níveis distintos: (1) as pessoas que estudamos interpretam suas próprias experiências, e (2) nós, através do trabalho de campo, interpretamos essas expressões para outra audiência, de antropólogos ou cientistas sociais; nossas produções são histórias sobre suas histórias, interpretamos as pessoas conforme elas interpretam a si mesmas. E ao focar as expressões como articulações, formulações e representações das pessoas sobre suas próprias experiências, a Antropologia da experiência deixa que as pistas de investigação surjam a partir das pessoas, através do trabalho de campo, ao invés de impor categorias prévias, derivadas de nosso mutável quadro teórico-conceitual. (BRUNER, 1986, p. 9-10).

Pretende-se, portanto, buscar no ciberespaço – considerado por Levy (1998), um espaço descentralizado que aceita a todos –, expressões (performances, narrativas, textos, imagens) que deem forma e significado às experiências, no âmbito da intersubjetividade dos sujeitos (blogueiros) especializados em narrativas de viagem; busca-se interpretar os possíveis significados dessas experiências turísticas expressos nas narrativas, assim como as formas de expressão de suas experiências como blogueiros, que os situam, os colocam à frente desse universo.

Aceitando o desafio de complexificar o estudo do turismo – que aqui veremos inicialmente, como o fenômeno que desloca indivíduos de seu cotidiano espaço e tempo, possibilitando-os momentos de estranhamento, de confronto dramático entre seus conhecimentos prévios e a realidade a sua frente¹³ – esta pesquisa, fruto do próprio movimento de ideias confrontadas com percepções diversas de realidade, de inquietações alimentadas em meio a essa constante movimentação, pretende discutir a respeito da necessidade de tentar compreender os atos humanos ali presentes, com os significados, sentidos que carregam, de cada pessoa em deslocamento. Afinal, como pontua Victor Turner:

¹³ ““In other words, we reach back to the conclusions our forebears laid down in the cultural modes that we in the Western tradition now classify as “religious,” “moral,” “political,” “aesthetic,” “proverbial,” “aphoristic,” “commonsensical,” etc., to see whether and, if so, how tellingly they relate to or illuminate our present individual problems, issues, troubles, or uneasily inordinate joys. Each such rubbing together of the hardwood and soft wood of tradition and presence is potentially dramatic, for if we venerate ancestral dicta, we may have to, so we dolefully conclude, jettison present joy or abandon the sensitive exploration of what perceive to be unprecedented developments in human mutual understanding and relational forms.” (TURNER, 1986, p. 33)

[...] meaning arises when we try to put what **culture** and **language** have crystallized from the past together with what we **feel**, **wish**, and **think** about our present point in life. (TURNER, 1986, p. 33). [grifo do autor].

Para Victor Turner, as diretrizes significativas, cristalizadas por suas experiências passadas, através da linguagem e sua cultura, iluminariam e se relacionariam com as **nossas**, individuais, irregulares e inquietantes, questões, dificuldades, problemas, ou alegrias perante o presente. Ressalta ainda que, como Wilhelm Dilthey, devemos distinguir “uma experiência” de mera “experiência”. Ao contrário do caráter dramático que carrega a primeira, donde diretrizes significativas podem emergir do “encontro existencial na subjetividade, daquilo que derivamos de estruturas ou unidades de experiências prévias numa relação vital”¹⁴ (que inclui pensamento, vontade, desejo e sentimento) com a nova experiência, a segunda é, simplesmente, a passiva resignação e aceitação dos eventos. Essas experiências formativas podem ser muito pessoais, como podem ser compartilhadas com os grupos aos quais pertencemos. (TURNER, 1986).

Sem ambição de categorizar esses atos ou segmentá-los a partir de semelhantes desejos, estímulos, ou qualquer necessidade que os ocasionem, pretende-se aqui ressaltar a importância de estudos voltados a compreender os atos a partir de uma abordagem psico-sócio-histórico-cultural, que como todo e qualquer ato humano, pode acarretar uma ressignificação de valores preestabelecidos, reforçando-os ou até mesmo contrariando-os, pois ao deslocarem-se poderá, no encontro com um presente diferente, novo, encontrar novas diretrizes significativas para seu presente cotidiano. Não pensando aqui em um novo exótico ou, em oposição, familiar; mas numa nova experiência, a partir do entendimento que cada experiência é uma nova experiência, mesmo que não provoque autorreflexão, afinal é um novo momento da pessoa histórico-cultural¹⁵.

Os deslocamentos, que apesar de serem, como tentaremos mostrar, constantes na história sociocultural humana e autoapropriados pela contemporaneidade, devem ser entendidos de forma mais abrangente que prioritariamente instrumentalista; os indivíduos, necessariamente presentes nesses deslocamentos, precisam ser compreendidos como seres

¹⁴ RODRIGUES, Herbert. Dewey, Dilthey and Drama: Um ensaio em Antropologia da Experiência. São Paulo: USP, 2006. O ensaio de Victor Turner foi traduzido nesta publicação, mas, com respeito ao tradutor, manteremos ao original por dubiedades que qualquer tradução está sujeita. Como coloca Clifford James, mesmo que em outro contexto: “Tradittore, Traduttore”. Até por isso, deixamos ao leitor, a interpretação dos textos originais.

¹⁵ “It is structurally unimportant whether the past is ‘real’ or ‘mythical’, ‘moral’ or ‘amoral.’ The point is whether meaningful guidelines emerge from existential encounter within a subjectivity of what we have derived from previous structures or units of experience in living relation with the new experience”. (TURNER, 1986, p. 36).

humanos, capazes de dramatizar suas experiências, mesmo que anticotidianas, no sentido de estabelecer uma relação vital entre essa nova experiência e seu passado, seus modos culturais; e não apenas como um número, um turista. Como pontua Stuart Hall (2006):

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. (HALL, 2006, p. 12).

Ou, como reflete o filósofo Pierre Lévy, em seu texto bastante metafórico sobre o conjunto do espectro antropológico:

Eis o humano, atravessando em toda a sua estatura os quatro espaços; marchando, os pés calcando a grande Terra dos mitos, os cabelos levantados para o cosmo e os deuses; sentado, fixo, inscrito no território; os braços, trabalhando no Espaço das mercadorias, os olhos e os ouvidos devorando os signos do espetáculo; a cabeça, enfim, no Espaço do saber, o cérebro conectado a outros cérebros, errante, navegando, recriando mil outras Terras na múltipla esfera dos artifícios. (LÉVY, 2007, p. 130).

Pierre Lévy, em sua tentativa epistemológica de construir um projeto de pensamento coletivo, no livro *Inteligência coletiva*, reflete sobre os sistemas de proximidade (espaços) próprios do mundo humano (antropológicos), que “depende de técnicas, de significações, da linguagem, da cultura, das convenções, das representações e das emoções humanas” (2007, p. 22), para, entre outras coisas, defender, segundo ele, uma especificidade do método antropológico.

Trata-se menos de classificar ou ordenar os elementos do que de notá-los, em tal instituição, em tal máquina cosmopolita, em tal acontecimento ou experiência, o que tem a ver com os espaços cósmico, territorial, mercantil, e o que abre para um quarto espaço utópico, virtual, traçando as linhas do futuro. A cartografia antropológica é um *check-list*, um suporte de anamnese, uma ferramenta para desenvolver todas as dimensões de um ser ou de um processo. Se esse método servir para separar, classificar ou isolar, deverá ser imediatamente abandonado. (LEVY, 2007, p. 130)

1.2.A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

A antropologia tem voltado seus olhos para as especificidades do turismo, e suas relações (turismo e antropologia) já foram discutidas (Banducci, Graburn e Santana são apenas alguns desses pesquisadores), e não seria a intenção deste trabalho relê-las ou reinterpretá-las. Para esta proposta, buscamos complexificar o próprio entendimento da antropologia e cultura, sustentando o entendimento sobre um fenômeno de nossas culturas que por vezes fica relegado à uma prática social que necessitaria de um emaranhado de estruturas econômicas, comunicacionais, operacionais, organizacionais, e assim por diante, como o turismo.

O antropólogo inglês Nelson Graburn (2009), um dos pioneiros no estudo do turismo na antropologia, fez um levantamento de trabalhos que discorrem sobre o tema da experiência turística. Conforme o autor destaca, a superposição entre o turismo e a peregrinação é a que tem recebido maior atenção da antropologia. Não somente de cunho religioso, mas os antropólogos estariam percebendo a utilização do conceito de peregrinação para indicar, simultaneamente, “que a viagem tem muito significado emocional e afirmam a posse: é seu local de peregrinação, seu ‘lugar sagrado’” (GRABURN, 2009, p. 32), como nas “peregrinações homossexuais”, “peregrinações da memória”, ou “peregrinações de raízes”.

Segundo Graburn (2009), Adler (1989) seria a primeira a afirmar que o turista tem escolha e criatividade dentro da “arte” de viajar, e que a pela teoria da prática, os significados são criados mediante a ação e a interação humanas. Ainda de acordo com Graburn, Chronis (2005) sugere que para vivenciar suas próprias experiências, os turistas constroem suas próprias interpretações e modificam os roteiros prévios, passando aos outros esse novo itinerário. Bruner (2005) acrescentaria que a “narrativa após a viagem é constantemente retrabalhada à luz de viagens posteriores e experiências de vida” (GRABURN, 2009, p. 33). Nesse campo das narrativas e roteirização de viagens, a mestra Rebecca Cisne (2010), distante da antropologia, destaca três esferas: 1) a priori; 2) empirização; e 3) a posteriori.

Três trabalhos que, de alguma forma, relacionam a experiência aos deslocamentos de pessoas e respectiva “pulsão migratória”, merecem destaque: MacCannell (1973), por exemplo, defende que o turista buscaria uma autenticidade não encontrada em seu cotidiano. Cohen (1979), ao argumentar que o turista não seria um tipo ideal, comum em sua essência, mas sim que cada indivíduo possui sua própria percepção de mundo, de realidade, elabora uma tipologia das experiências turísticas, basicamente, ordenadas conforme o grau de busca pessoal de cada um dos turistas envolvidos em tais experiências. O antropólogo Victor Turner (1973) não

estudava os turistas, e sim os peregrinos, mas sugeriu um conceito conveniente, o da “liminaridade” que seria o momento em que o peregrino, separado de seu espaço social ordinário, atravessaria pelos limiares de seu mundo, encontrando-se onde seus papéis e obrigações sociais estariam suspensas e os elos humanos enfatizados. Com isso podendo experimentar o sagrado, uma ordem sobrenatural.

Ao contrário desses trabalhos, este não pretende se limitar a um único tipo de turista, que busca a autenticidade ou espiritualidade religiosa, por exemplo; ou a hierarquizar o grau de busca que esse turista possui. Pois, diante do quadro esboçado, a pretensão é respeitar o PODER DE SER do turista e as diversas facetas de sua personalidade, e interpretar as experiências (como o indivíduo se relaciona com a realidade a partir de sua própria percepção e consciência) considerando as expressões que as pessoas formam sobre tais experiências; e não somente entendê-las pelas condições socioculturais do sujeito. Compreendê-los através de como pretendem expressar os seus próprios mundos que produzem.

Além de se diferenciar dessas perspectivas antropológicas, ao interfacear com a *Antropologia da Experiência*, buscar-se-á distinguir este trabalho da instrumentalização que vem sendo utilizada, quando pensado em um Turismo de Experiência. Afinal, não haveria turismo sem experiência, portanto, não são, essencialmente, os locais, fixos, em que se realizam os deslocamentos espaciais que definem significação e representação da experiência, mas sim, os fluxos de vivências, tanto acumuladas como frente à realidade, por quais as pessoas estejam envolvidas, subjetivamente. Nesse sentido, pode-se partir do princípio que toda vivência é uma experiência, mas somente quem a media, filtra, ou seja, a própria pessoa, saberá o quanto significativo lhe foi, e assim, poderia expressá-la, transmiti-la ao seu contexto sociocultural.

Conforme contribui Rafael José dos Santos (2005, p. 24) em suas reflexões sobre o posicionamento da Antropologia e Sociologia no campo polissêmico e polifônico dos estudos do Turismo, “os sentidos do Turismo são diversos, e muitas vezes conflituosos” e a “convergência de diferentes falas, enunciadas a partir de referenciais distintos” é um desafio; portanto, além de tentar demonstrar certo conhecimento sobre a diversidade no interior das Ciências Sociais, através da Antropologia, em específico, considera

[...] o pressuposto [...] de que o estabelecimento de um diálogo interdisciplinar sobre os processos socioculturais relacionados às viagens [...], ao lazer ou à hospitalidade exige a explicitação da singularidade de cada disciplina e de cada campo do saber: só há diálogo, isto é, uma relação dialógica, diante de condições em que os interlocutores reconhecem um ao outro em uma relação de alteridade. (SANTOS, 2005, p. 25).

Não se pode desconsiderar o posicionamento do turismo perante a ordem econômica, pois o fenômeno turístico é tido como uma importante atividade socioeconômica dentro do contexto global que movimenta diversas transações econômicas para os países, para as organizações públicas e privadas, promovendo emprego e rendimento para os habitantes das localidades receptoras. É um fenômeno que possui sua própria história gradual e social e por isso não pode ser um processo que não tenha sua importância cultural.

Para Jafar Jafari (apud BURNS, 2002, p. 50), o turismo é um “[...] estudo sobre o homem quando afastado de seu habitat costumeiro, da indústria que responde às suas necessidades e do impacto que tanto ele quanto a indústria tem sobre os ambientes sociocultural, econômico e físico hospedeiros”. Goeldner, Ritchie, McIntosh (2002, p. 23) definem turismo “como a soma de fenômenos e relações originados da interação de turistas, empresas, governos locais e comunidades anfitriãs, no processo de atrair e receber turistas e outros visitantes”.

Mas uma definição interessante é a de Susana Gastal. Ao refletir sobre a viagem como vida no espaço, a autora propõe que pensemos o turismo como um possível deslocamento de superação criativa e humanizadora, seguido de seu retorno ao local de origem. (GASTAL, 2005, p. 49). Como reflete em outro momento, o turismo:

[...] envolveria processos de *estranhamento*, ou seja, o turista, em seus deslocamentos, ao se defrontar com o novo e com o inesperado, vivenciaria processos de mobilização subjetiva que o levariam a parar e a re-olhar, a repensar, a reavaliar, a ressignificar não só a situação, o ambiente, as práticas vivenciadas naquele momento e naquele lugar, mas muitas das suas experiências passadas. (GASTAL & MOESCH, 2007, p. 11).
[grifo das autoras]

Por *estranhamento*, entende-se o constante confronto que experienciamos ao longo da vida, e não necessariamente algo novo, exótico ao cognoscente. Somos pessoas em movimento, em pensamento, geograficamente, socialmente (presencialmente, ou não), seja através do tempo ou do espaço, e assim nos formamos, nos identificamos, ou não, com as diferentes situações que podemos nos defrontar através dessa caminhada ao longo da vida, que como sugere Susana Gastal (2005), seria a nossa maior jornada, viagem. E, ao “deslocar o objeto de estudo do turismo dos seus fixos, materializados nos destinos, para os seus fluxos – a viagem [tornar-se-ia] principal objeto dessa ciência” (GASTAL, 2005, p. 49). A maior tentativa desta dissertação será de posicionar-nos numa situação acadêmico-científica favorável à uma diferente compreensão da experiência turística.

Outro teórico que trará contribuições para este trabalho, e não rompe totalmente com o paradigma hermenêutico da Antropologia Interpretativa de Clifford Geertz, apesar de algumas considerações a respeito da construção, produção desse conhecimento antropológico, etnográfico, será James Clifford. Apesar de parecer entender o turismo como uma ação, exclusivamente com fins práticos, diferenciando-a de sua compreensão do viajar, James Clifford (1999) traz um conceito interessante sobre a cultura que tentará ser trabalhada ao longo da busca da compreensão que seria a questão do *dwelling and travelling*, enraizamento e viagem.

Ou seja, estamos em constante fluxo de movimentação em que invariavelmente estabelecemos raízes, noções de pertencimento a certos espaços, objetos, símbolos, entendimentos, enquanto nos movimentamos entre diferentes percepções e entendimentos de das realidades que por cada um é filtrada e mediada por sua própria cultura, ao longo de sua relação espaço-temporal. Pensando assim, o turismo pode ser compreendido como deslocamento sustentado por uma estrutura prática, mas também pela pessoa ali presente, essa visão poderá ajudar a validar o desprendimento de uma busca por artificialidade, originalidade, autenticidade ou outras motivações que sejam, constantemente, entendidas como inerentes à movimentação turística, ao fenômeno turístico. Para ilustrar isso, Clifford (1999, p. 25) afirma que,

in tipping the balance toward traveling [...] the “chronotope” of culture (a setting or scene organizing time and space in representable whole form) comes to resemble as much a site of travel encounters as of residence; it is less like a tent in a village or a controlled laboratory or a site of initiation and inhabitation, and more like a hotel lobby, urban café, ship, or bus. If we rethink culture and its science, anthropology, in terms of travel, the organic, naturalizing bias of the term “culture” – seen as rooted body that grows, lives, dies, and so on – is questioned. Constructed and disputed historicities, sites of displacement, interference, and interaction, come more sharply into view.

Devido aos grandes avanços tecnológicos nos meios de transporte e na comunicação, a sensibilidade quanto ao que se configurava, tradicionalmente, como próprio e alheio, o local e o global, se desfigura. Com uma percepção de mundo cada vez menor, onde pessoas, objetos e símbolos transitam rapidamente entre os mais diferentes pontos ou sociedades do planeta, esses elementos estão suscetíveis a terem suas relações de fidelidade e pertencimento com um território originário relativizado, diante do valor que a velocidade, a perecibilidade e a própria intensidade com que se permeiam por esses novos espaços adquire.

Este momento contemporâneo, marcado pela desterritorialização, como analisam Canclini (1999), Castells (2007), Coelho (2009) e Hall (2006), propiciaria ao indivíduo, dentro de seu universo, um poder de ser, de escolher entre os inúmeros fluxos culturais, imaginários e símbolos, que gostaria de experimentar e, talvez, se identificar. Como analisado por Susana Gastal (2005), desloca-se o questionamento da cultura para o da identidade. Para Nestor Canclini (1999), a cultura é uma colagem de traços, multinacionais, que o cidadão de qualquer país, religião ou ideologia pode ler e utilizar. Teixeira Coelho (2009) ainda sugere uma retração das estruturas sociais clássicas diante de atores sociais individualizados.

O sociólogo Manuel Castells (2007), em seu trabalho sobre a sociedade em rede, proporia a ideia de uma nova forma espacial, característica das práticas sociais que dominam e moldam esta sociedade em rede: o espaço de fluxos.

O espaço de fluxos e o tempo intemporal são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade. [...] O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Por fluxos, entendo as seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade. Práticas sociais dominantes são aquelas que estão embutidas nas estruturas sociais dominantes. Por estruturas sociais dominantes, entendo aqueles procedimentos de organizações e instituições cuja lógica interna desempenha papel estratégico na formulação das práticas sociais e da consciência social para a sociedade em geral. (CASTELLS, 2007, p.462-501). [grifo do autor].

Importa ressaltar que Canclini (1999) destaca a relevância da estrutura econômica sob esses imaginários e símbolos, pois a identidade se configuraria através do consumo; mas mais que apenas um elemento limitador. A (des)adquisição de bens e signos serviriam para pensarmos como desejamos (e conseguimos) nos integrar e nos distinguirmos perante a sociedade. Colocando-nos como “atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica” (idem, ibid) desta mesma sociedade; como ativos diante do(s) drama(s) social(ais) que enfrentamos historicamente.

Diante de todo esse cenário cultural, que estimula o sujeito a buscar um, ou quantos lhe convir, sentimentos de pertencimento para satisfazer seu espírito humano, Maffesoli (2001) sugere haver uma revalorização de um sentimento do ser que fora oprimido por muito tempo, a “pulsão migratória”. Um pensamento de mudança que coloca o ser em perpétuo devir, “incitando-o a mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de

facetas de sua personalidade”. (MAFFESOLI, 2001, p. 51). Ou, como coloca Pierre Lévy, ampliando esta visão de nomadismo pelo espaço:

O espaço do novo nomadismo não é o território geográfico, nem o das instituições ou o dos Estados, mas um espaço invisível de conhecimento, saberes, potências de pensamento em que brotam e se transformam qualidades do ser, maneiras de constituir sociedade. Não os organogramas do poder, nem as fronteiras das disciplinas, tampouco as estatísticas dos comerciantes, mas o espaço qualitativo, dinâmico, vivo da humanidade em vias de se auto-inventar, produzindo seu mundo. (LÉVY, 2007, p. 15).

Para se pensar em turismo, não desconsideramos seu posicionamento perante a ordem econômica, mas novamente ressaltamos a definição que o propõe como o deslocamento, criativo e humanizador, do sujeito e seu retorno ao local de origem (GASTAL, 2005). Afinal, distinguimos, como Rafael Santos, as ciências sociais de sua aplicabilidade, ou como o autor definiria o dilema da dupla demanda, “nas conseqüências da adoção, pelas Ciências Sociais, de objetivos e problemas pertinentes à esfera da ação prática” (SANTOS, 2005, p. 33). Ou como coloca outro teórico, Pierre Bourdieu, citado por Santos (2005):

[...] a principal fonte do mal-entendido reside no fato de que geralmente nunca se fala do mundo social para dizer o que ele é, mas sim para dizer o que ele deveria ser. O discurso sobre o mundo social é quase sempre um discurso que formula performances a serem atingidas: encerra desejos, exortações, reprovações, ordens etc. Conseqüentemente, o discurso do sociólogo, se bem que se esforce em apenas constatar, tem todas as chances de ser recebido como um discurso que formula performances a serem atingidas. (BOURDIEU apud SANTOS, 2005, p. 33).

Tratando-se, assumidamente, de um trabalho com abordagem antropológica, sustentado em pressupostos da antropologia contemporânea, como a da Experiência, este trabalho pretende buscar as interpretações dessas experiências turísticas narradas em blogs de viagem, e, não somente, explicações.

É preciso pensar o espaço-temporal em que a escrita é realizada, seja no âmbito da narrativa que será analisada, contada da forma com que quer ser lembrada, através da memória; seja no âmbito do espaço-temporal das teorias e teóricos com que se dialogará; assim como da temporalidade da própria escrita desta dissertação, que não acontece de forma alheia, mas que é feita a partir desse momento em que se confrontará a interpretação do pesquisador sobre as duas outras representações, expressões da realidade, para formular a expressão deste trabalho. Oliveira, de certa forma, ressalta a questão da experiência do pesquisador de campo – ou no

campo, em estruturar suas expressões, pela experiência das próprias estruturas que encontrará em sua disciplina:

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo – ou no campo – esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade. (OLIVEIRA, 1998, pg. 19).

Alguns autores, como Geertz, discorrem sobre o desafio de se posicionar como autor, frente à tradição de portar-se como escritor, ao levantar a questão de gênero da obra em si; assim como Rocha e Eckert (1998) ao analisar a experiência temporal do antropólogo, apesar de crítica ao excesso do autor em sua própria obra. Geertz, especificamente, pergunta-se o que seria a etnografia, colocando-a como “uma espécie de escrita, um colocar as coisas no papel” (2005, p. 11), e daí parte a defender que seria mais proveitoso para o entendimento da disciplina, como de seu próprio produto se houvesse um melhor entendimento do caráter literário da antropologia.

Ainda segundo esse teórico, imbuídos pela vontade de se fazerem científicos, os Antropólogos estariam “fugindo” dessa discussão, apoiados em uma teoria factualista que ordenando um imenso número de detalhes culturais sumamente específicos, conferiria a suas obras uma “aparência de verdade – a verossimilhança, a *vraisemblance*, a *Wahrscheinlichkeit*” (GEERTZ, 2005, p. 13). Isto, também, concretizado caso o antropólogo tenha a habilidade de nos convencer que realmente penetrou numa outra forma de vida, que tenha “estado lá”.

Geertz, porém, nos lembra que toda obra antropológica depende de uma análise e construções cognitivas a partir de um indivíduo, o antropólogo, que possui, sim, uma cultura, que apesar de sua tentativa de alteridade, é transportada para sua obra. “De algum modo, supõe-se que atentar para coisas como imageria, as metáforas, a fraseologia ou a voz leva a um relativismo corrosivo, no qual tudo não passa de uma expressão mais ou menos sagaz de opiniões” (GEERTZ, 2005, p. 13). Segundo Victor Turner, o antropólogo seria o que mais é influenciado pela sua experiência social e subjetiva, dentre todos os demais estudiosos e cientistas humanos:

Of all the human sciences and studies anthropology is most deeply rooted in the social and subjective experience of the inquirer. Everything is brought to the test of self, everything

observed is learned ultimately “on his [or her] pulses”. Obviously, there is much that can be counted, measured, and submitted to statistical analysis. But all human act is impregnated with meaning, and meaning is hard to measure, though it can often be grasped, even if only fleetingly and ambiguously. (TURNER, 1986, p. 33).

Neste primeiro capítulo, pontuei alguns dos caminhos percorridos ao longo desta construção teórica e, assim, me posicionar a respeito do trabalho que construí, e antecipar que, por causa disso, não enunciei hipóteses ou me escondi atrás de autoridades científicas ou artifícios retóricos; pelo contrário, exporei alguns autores/escritores que elucidam (influenciam) a minha experiência frente à realidade estudada, o campo em que imergirei, deixando que a própria prática etnográfica permita emergir relações com os problemas e objetivos levantados, assim como assumir as experiências significativas no processo de pesquisa (não as mais íntimas, mas público-privadas) para tal discussão e construção de pensamento. Para isso, com o cuidado de não cair no intimismo exacerbado, criticado por Oliveira (2000, p.29-35), destaco os relacionamentos estabelecidos no ambiente do programa de Mestrado, com discussões, conversas, às vezes até despreziosas, que complexificaram e estimularam a minha experiência frente à realidade (como outras também) que gostaria de me aproximar (aprofundar) cientificamente; sendo que apesar do texto autorreferencial, a construção desta expressão também, além de discutida conceitualmente, é pensada, até textualmente, com auxílio da experiência de meus orientadores¹⁶.

¹⁶ Orientador: Dr. Prof. Rafael José dos Santos
Co-orientadora: Dra. Profa. Liliâne Stanisquaski Guterres

2. ETNOGRAFIA EM MOVIMENTO NO CIBERESPAÇO

Neste momento busca-se apontar, de forma breve, o campo socioantropológico considerando alguns autores, com objetivo de identificar, principalmente, suas bases metodológicas. A partir de um entendimento de que este trabalho será uma expressão da experiência enquanto pesquisador, fruto da constante fricção entre as diretrizes significativas colhidas, estabelecidas e assumidas ao longo das experiências passadas e a realidade encontrada no campo de estudo, buscar-se-á manter a alteridade necessária para um trabalho etnográfico. E neste momento, indicaremos algumas leituras que lastreiam essa experiência, mas não as discutindo profundamente, pela compreensão de que o campo por si só, apresentará suas categorias nativas a serem interpretadas, pois

[...] temos de admitir que mais do que uma tradução da “cultura nativa” na “cultura antropológica” – isto é, no idioma de minha disciplina –, realizamos uma interpretação que, por sua vez, está balizada pelas categorias ou pelos conceitos básicos constitutivos da disciplina. (OLIVEIRA, 2000, p. 27).

A antropologia reconhece a “pluralidade de vozes que compõem a cena de investigação etnográfica”, sem se “esconder sistematicamente sob a capa de um observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente” (OLIVEIRA, 2000, p. 31), reforçando a importância dos interlocutores, nativos, para uma “ruptura inicial em relação a qualquer modo de conhecimento abstrato e especulativo, isto é, que não estaria baseado na observação direta dos comportamentos sociais a partir de uma relação humana” (LAPLANTINE, 2003, p. 121). A etnografia, para Laplantine, é o exercício denso de coleta de informações, *in loco*, a respeito de uma sociedade, onde o etnógrafo deixa-se impregnar pelos temas obsessivos desse coletivo, de seus ideais e angústias. Assim, ao contrário de compreendê-la apenas em suas manifestações “exteriores” (Durkheim), deve-se “interiorizá-la nas significações que os próprios indivíduos atribuem a seus comportamentos” (LAPLANTINE, 2003, p. 122), através da experiência de uma imersão total, uma aculturação invertida. Para o autor, a busca etnográfica tem algo de errante, pois imerso no campo, toda tendência abordada ou erro cometido, ainda assim, constitui informações a serem consideradas.

Seguindo essa inversão metodológica (“temática”, para Laplantine), ao contrário de priorizar a sociedade global, suas formas de atividades instituídas e formalizadas, a antropologia, enquanto área de conhecimento, ocupar-se-á dos materiais residuais que por

tempos foram considerados como “indignos de uma atividade tão nobre quanto a atividade científica” (LAPLANTINE, 2003, p. 125). Porém, conforme defende Oliveira (2000, p. 68-71), a *compreensão hermenêutica* e a *explicação nomológica* podem ser articuladas, antes de se oporem irremediavelmente, pois tudo aquilo que possui alguma significação que seja irreduzível a métodos, pode ser de alguma maneira recuperado pela via da compreensão, ou pelo o que Ricoeur chamaria de *surcroît de sens*, ou, “excedente de sentido”. Ainda segundo Oliveira (2000, p. 88), somente um momento não-metódico, como o exercício da “observação participante”, por exemplo, pode apreender esse excedente de significação. Ou como coloca Ricoeur, citado por Oliveira:

Sobre o plano epistemológico, primeiramente, diria que não há dois métodos, o método explicativo e o método compreensivo. Estritamente falando, só a explicação é metódica. A compreensão é, sobretudo, o momento não metódico que, nas ciências interpretativas, se compõe com o momento metódico da explicação. Este momento precede, acompanha, fecha e assim *envolve* a explicação. Em compensação, *desenvolve* analiticamente a compreensão. Este vínculo dialético entre explicar e compreender tem por consequência uma relação muito complexa e paradoxal entre as ciências humanas e as ciências da natureza. (RICOEUR apud OLIVEIRA, 2000, p.87).

Na Figura 1, à guisa de ilustração, reproduzo um quadro de Oliveira (2000, p. 139), que demonstra a matriz disciplinar da antropologia¹⁷, efetivamente viva e produtiva, e o conjunto de paradigmas que a constitui – de forma simultânea, e não sucessional (sucessiva). Essa questão é brevemente discutida nesta pesquisa, pois, como coloca Rafael José dos Santos (2005, p. 24-25), num campo polissêmico e polifônico como o dos estudos sobre o Turismo, o estabelecimento de um diálogo interdisciplinar supõe, além da explicitação da singularidade de cada disciplina e de cada campo do saber, também o conhecimento da diversidade no interior de cada ciência.

tradição tempo	INTELLECTUALISTA	EMPIRISTA
SINCRONIA	<i>Escola Francesa de Sociologia</i> Paradigma racionalista e, em sua forma moderna, estruturalista (1)	<i>Escola Britânica de Antropologia</i> Paradigma empirista e estrutural-funcionalista (2)
DIACRONIA	<i>Antropologia Interpretativa</i> Paradigma hermenêutico (4)	<i>Escola Histórico-Cultural</i> Paradigma culturalista (3)

Quadro 1: Matriz disciplinar da Antropologia

¹⁷ Oliveira, Roberto Cardoso de, 2000, p. 139.

Ainda segundo Oliveira (2000, p. 64), a presença, na antropologia, do último paradigma, o hermenêutico, aumentou a tensão já existente entre os demais paradigmas, chamados de “paradigmas da ordem”, ou tradicionais. E insistindo que a hermenêutica não veio para erradicar os demais paradigmas, mas para conviver, tensamente, com eles, utiliza-se de outra expressão de Ricoeur, *la greffe*, ou seja, o enxerto, para exprimir o papel que a hermenêutica desempenha na matriz disciplinar. Segundo ele (idem *ibid*), um enxerto:

- a. de moderação na autoridade do autor (com a eliminação de qualquer dose de autoritarismo);
- b. de maior atenção na elaboração da escrita (com a obrigatória tematização do processo de textualização das observações etnográficas);
- c. de preocupação com o momento histórico do próprio encontro etnográfico (com a conseqüente apreensão da historicidade em que se vêem envolvidos sujeito cognoscente e objeto cognoscível); e, finalmente, porém, não em último lugar,
- d. um enxerto de compreensão sobre os limites da razão científica, ou da cientificidade, da própria disciplina (o que não quer dizer que tal signifique abrir mão da razão e de suas possibilidades de explicação; para ser mais claro, continuo acreditando na razão e, para fazer eco às palavras de Habermas, diria que a modernidade ainda não se esgotou para começarmos a levar muito a sério essa pós-modernidade). (OLIVEIRA, 2000, p.64).

Laplantine (2003) ainda concentra-se em algumas outras especificidades do método antropológico, como: o estudo da totalidade, uma vez que os objetos estudados encontram-se numa rede densa de interações constituintes da totalidade social em movimento, apreendido na multiplicidade de dimensões do comportamento humano, seja o aspecto econômico, político, psicológico, social, cultural, entre outros; e a análise comparativa utilizada, que confronta as diferenças recolhidas pelo etnólogo num sistema dos conjuntos estruturados. O autor salienta que o método antropológico prevê o observador como parte integrante do objeto de estudo, capaz de observar a si próprio nesta situação de interação; e a explicitação das condições de produção social do discurso antropológico. Esta última, especificamente, será de grande valia, pois começa a introduzir-nos na questão sobre quem é que fala, uma vez que a “observação nunca é efetuada em qualquer momento e por qualquer pessoa” (LAPLANTINE, 2003, p. 167), ao contrário, é feita, necessariamente, por um “pesquisador pertencendo a uma época e a uma sociedade” (idem *ibid*).

Com isso, outro desafiante problema será o de equilibrar as nossas expressões a respeito do que foi experienciado, ou melhor, contado por “outro”, reconhecendo que essas

expressões (tanto as nossas como as alheias) são construídas numa progressão inquieta e incansável de experiências vividas. Através de nossas experiências perante essa realidade alheia e do diálogo, dialógico e até dialético, mas produtivo, com nossos interpares (colegas, amigos, conhecidos ou não), tentaremos manter-nos o mais objetivante, nomológico, possível, sem perder, reduzir ou abdicar da intersubjetividade. Como coloca Oliveira (2000, p.67), lembrando do hermenauta Dilthey, “talvez a questão mais central, pois nuclear na constituição do conhecimento, seja a da relação sujeito cognoscente/objeto cognoscível”, uma espécie, segundo Oliveira, de “articulação epistêmica [...] que envolve a *história* e a *linguagem*, como o meio, ou o ambiente, em que se edifica a esfera da *intersubjetividade*”

Quando o “campo” é o ciberespaço, em que as manifestações, expressões, não são irreais nem imateriais, mas virtuais, como defende Lévy, as especificidades do método antropológico se desdobram, e alguns esforços tem sido feitos para utilizar a etnografia nesse campo. O comunicólogo americano, Robert Kozinets, por exemplo, chegou a cunhar um termo, *Netnography* (em clara junção dos dois termos, *net* e *ethnography*), para definir uma técnica de pesquisa **mercadológica** que adapta a etnografia para o estudo de comunidades virtuais. Mas entendendo, como Lévy (2007), que o ciberespaço se encontra num “novo” espectro antropológico, o espaço do saber, e não buscando o resultado mercadológico de Kozinets, este trabalho será constantemente reflexivo, no âmbito de utilizar dessa metodologia pensada para o campo do real atual, em um campo do real virtual. Conforme diferencia Lévy:

“Na acepção filosófica, é virtual *aquilo que existe apenas em potência e não em ato*, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em *atualização*. [...] o virtual não se opõe ao real mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade. É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular. [...] ainda que não possamos fixá-lo em nenhuma coordenada espaço-temporal, o virtual é real. [...] a informação certamente se encontra *fisicamente situada* em algum lugar, em determinado suporte, mas ela também está *virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja pedida*. [...] apenas as particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários. [...] Ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos: as características virtualizante e desterritorializante do ciberespaço fazem dele o vetor de um universo aberto. Simetricamente, a extensão de um novo espaço universal dilata o campo de ação dos processos de virtualização.” (LÉVY, 1999, p. 47-50)

2.1. INDIVÍDUOS E EXPRESSÕES EM MOVIMENTO

Peoples, cultures and objects migrate. This book draws on the expansion of social science interest in mobility, in the mobility of peoples, cultures and objects. It is now clear that people tour cultures; and that cultures and objects themselves travel. It is this two-fold aspect. (LÉVY, 1999, p. 17)

Se o interesse deste trabalho também é esse duplo aspecto da mobilidade, de pessoas, culturas e, mesmo, objetos, no nosso campo de pesquisa essas demandas parecem ser atendidas, mesmo que virtualmente. E conseguir captar, registrar esses movimentos dentro de um espaço descentralizado torna-se um desafio metodológico. Como já comentado, o campo de estudo em que este trabalho imerge (primeiramente, ao menos) é o ciberespaço, que assim é definido por Lévy:

O ciberespaço (que também chamarei de 'rede') é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17)

Sem ignorar as possibilidades de relacionamentos e redes sociais que outras tecnologias de comunicação e telemática (comunicação a distância através da informática), como telefones, celulares, rádios e pagers podem propiciar (JUNGBLUT, 2004), e que também fazem circular informações, pensamentos, imagens, símbolos, expressões de nossos confrontamentos com a realidade e experiência vivida nela, cada vez mais, dessa forma, desterritorializada, descentralizada, e rápida, retomo Lévy para diferenciá-las do ciberespaço:

Como se sabe, os meios de comunicação clássicos (relacionamento um-todos) instauram uma separação nítida entre centros emissores e receptores passivos isolados uns dos outros. As mensagens difundidas pelo centro realizam uma forma grosseira de unificação cognitiva do coletivo ao instaurarem um contexto comum. Todavia, esse contexto é imposto, transcendente, não resulta da atividade dos participantes no dispositivo, não pode ser negociado transversalmente entre os receptores. O telefone (relacionamento um-um) autoriza uma comunicação recíproca, mas não permite visão global do que se passa no conjunto da rede nem a construção de um contexto comum. No ciberespaço, em troca, cada um é potencialmente emissor e receptor num espaço qualitativamente diferenciado, não fixo, disposto pelos participantes, explorável. Aqui, não é principalmente por seu nome, sua posição geográfica ou social que as pessoas se encontram, mas segundo centros de interesses, numa paisagem comum do sentido ou do saber. (LÉVY, 1996, p. 113).

Essas pessoas presentes no ciberespaço, possíveis interlocutores deste trabalho, possuem diversos dispositivos comunicacionais para navegar e alimentar essa rede, como sites pessoais, redes sociais, e, entre outros desdobramentos, blogs. E serão nesses canais, em forma de hipertextos, em que procuramos as primeiras pistas de investigação e interpretação das representações. Através dessas expressões criadas para o ciberespaço, textos verbais e não-verbais, dispostos em páginas conforme a vontade, desejo, problemas e limitações do(s) próprio(s) desenvolvedor(es)¹⁸, procuramos pistas para alcançar (arranhar, segundo Geertz) os sentidos, significados, que os movimentos em outros espaços, físicos, representam para si, especialmente, os denominados turísticos.

A comunicóloga, linguista, Fabiana Komesu, através de um diálogo teórico-conceitual, chega ao que chama de uma tipologia dos blogs, conforme o número de enunciadores e o tema que o blog contempla; ou seja, a escrita no blog pode ser praticada individual ou coletivamente, de forma pessoal, profissional ou pessoal/profissional. Sendo que seria:

[...] uma página web, composta de parágrafos dispostos em ordem cronológica (dos mais aos menos atuais colocados em circulação na rede), atualizada com frequência pelo usuário. O dispositivo permite a qualquer usuário a produção de textos verbais (escritos) e não-verbais (com fotos, desenhos, animações, arquivos de som), a ação de copiar e colar um link e sua publicação na web, de maneira rápida e eficaz, às vezes, praticamente simultânea ao acontecimento que se pretende narrar (KOMESU, 2005, p. 99).

Essa definição remete a um problema que o ciberespaço em geral nos oferece: o espaçamento temporal que pode existir entre a experiência e suas expressões, mas ao mesmo tempo uma facilidade que, especificamente, os blogs nos trazem, que é o registro cronológico de suas expressões, seja das mesmas experiências ou não. No blog Fatos & Fotos de Viagens (F&FdV), desenvolvido por Arnaldo “Interata” Affonso, por exemplo, as postagens relacionadas às viagens, que é sua maioria, costumam ser divididas em partes, divulgadas semanalmente, a respeito de experiências vividas ou a viver. Ou como pode ser “colhido” na imagem extraída do blog¹⁹ Viaje na Viagem, as postagens podem ser mais aproximadas, temporalmente, das experiências narradas, até mesmo enquanto ainda viajam:

¹⁸ O termo “desenvolvedor” que, aparentemente, origina-se do termo inglês *developer*, designado à quem desenvolve, fomenta, entre outras coisas, *softwares* ou páginas da internet, será utilizado ao longo deste trabalho, por essa associação com o campo virtual do ciberespaço. E apesar de ainda não constar nos principais dicionários da língua portuguesa, já foi incorporado ao dicionário online de verbetes *Aulete* sob a seguinte denominação: (**de**.**sen**.**vol**.**ve**.**dor**) [ô]; **a.**; **1.** Que desenvolve, que retira o que envolve, desembulha; **2.** Que faz crescer, fortalecer-se; **3.** Que faz evoluir, progredir; **4.** Que expõe, elabora (um discurso, um texto).

¹⁹ Extraído de <http://www.viajenaviagem.com>, acessado em 23/04/2011, destaques do autor.



Imagem 1: Viaje na Viagem na ConVnVenção NY 2011

Através das postagens, outros interlocutores podem ajudar a construir o espaço de um blog. Seja assinando ou colaborando com a postagem, ou por meio de comentários sobre, que podem ou não serem, identificáveis e/ou replicados (correspondidos), mas são cronologicamente registrados, também. Se assim desejar o seu desenvolvedor, uma vez que dispõe do direito de criação, e assim, editoração, filtro, de sua obra.

Para pensarem a relação sócio-cultural que nossas expressões possuem com nossa própria experiência, e entendimento sobre as mesmas, os autores da Antropologia da Experiência remetem a Dilthey. Como coloca Victor Turner, somos pessoas sociais e queremos, precisamos passar à frente o que apreendemos através da experiência, sendo que a forma dependerá da nossa urgência por expressá-la²⁰. Ou como coloca Edward Bruner, também refletindo sobre Dilthey, a vida consiste em recontagens, dentro do entendimento que a flui e z,

²⁰ "In Dilthey's view, experience urges toward expression, or communication with others. We are social beings, and we want to tell what we have learned from experience. The arts depend on this urge to confession or declamation. The hard-won meanings should be said, painted danced, dramatized, put in circulation." (TURNER, 1986, p. 37)

continuidade e transmissão da cultura ocorrem simultaneamente nas experiências e expressões da vida social.

“For Dilthey, life was a temporal flow, a ‘restless progression. [...] Cultural change, cultural continuity, and cultural transmission all occur simultaneously in the experiences and expressions of social life. [...] Cultural transmission is not simply a replication of an old original, a mechanical transfer of the cultural heritage from generation to generation, as if we were passing along the class banner to each new cohort. [...] Culture is alive, context sensitive, and emergent. [...] Life consist of retellings” (BRUNER, 1986, p. 8-12)

Poderia seguir discutindo sobre algumas especificidades dos blogs, e entendimentos de como estes canais podem representar um espaço público/privado, pessoal ou mais profissional, dentro de uma cultura em constante mudança, continuidade e transmissão, como qualquer outra, que precisa ser continuamente recontada, da forma que escolhermos “pintar”, “dançar”, “dramatizar”, por em circulação, naquele (em seu) devido tempo e espaço. Mas por especificidades da própria antropologia, como a imersão no campo para a emergência de pistas interpretativas, dou voz ao blogueiro Arnaldo “Interata” Affonso, e interlocutor desta pesquisa, através de um de seus editoriais de apresentação do blog F&FdV (mostrado integralmente em sua apresentação, mais à frente):

EM 3 de Março de 2011 o Fatos & Fotos de Viagens completou 5 anos. O despretenhoso *hobby* do autor e meio de compartilhamento de suas viagens com amigos e parentes logo tornou-se um dos maiores em audiência: entre 3 e mil diferentes leitores por dia, mais de 1 milhão e 200 mil por ano. Os fundamentos do blog - **captar a essência** dos lugares e **inspirar viagens** - todavia parecem ter alcançado dimensões jamais imaginadas por seu autor, isto é, agrada a um público que excede em muito as pretensões do autor. É claro que a estes agradeço, e o fiz retribuindo com dedicação e capricho.

AINDA que fosse um passa-tempo, sua manutenção, administração, atualização, postagens e respostas aos leitores consulentes, exigia cada vez maior dedicação e tempo que entretanto seu autor não dispõe, devido às suas atividades profissionais.

(Arnaldo Interata, em interata.squarespace.com, **caixa alta e negrito pelo próprio autor**, extraído em 28/04/2011)

Na releitura de Bruner, esse entendimento de Dilthey possibilita-nos pensarmos como confrontados por uma continuidade, mas lembra que a cultura é viva, sensível ao contexto, e emergente. E nesse mesmo ensaio, reflete que é na performance de uma expressão que reexperienciamos, revivemos, recriamos, recontamos, reconstruímos e remodelamos nossa, própria e coletiva, cultura (BRUNER, 1986, p. 11, **tradução do autor**):

It is in the performance of an expression that we re-experience, re-live, re-create, re-tell, re-construct, and re-fashion our culture. [...] the performance itself is constitutive. Meaning is always in the present, in the here-and-now, not in such past manifestations as historical origins or the author's intention. Nor are there silent texts, because once we attend to the text, giving voice or expression to it, it becomes a performed text, active and alive. It is what Victor Turner called "putting experience into circulation" (BRUNER, 1986, p. 11-12)

De certa forma, Emília Fernandes demonstra esse processo de urgência em "colocar experiência em circulação", e expressar suas experiências turísticas, na apresentação de seu blog. Inicialmente "animada com o *baby boom* de blogs", descobriu o "prazer de relatar [suas] viagens", no processo de construção de sua performance e sua receptividade ao contexto sociocultural de quem a visita. Conforme captado pela imagem²¹, da seção sobre seu blog²²:



Imagem 2: Sobre o blog... A Turista Acidental

²¹ As imagens que tentam captar as narrativas e características dos espaços virtuais analisados foram compostas a partir da fragmentação da totalidade visual que cada página compõe; seja, como em sua maioria, uma reconstrução dessas imagens captadas, como nesse caso em que o cabeçalho do aTA foi compilado com um extrato de sua narrativa, ou como na imagem anterior, em que foi captado e reproduzido o que era visível pela tela que possibilitava o acesso a tais narrativas, imagéticas e textuais. Por causa disso, são nomeadas livremente, no intuito de auxiliar a construção da narrativa como um todo, e referenciados como extratos que são de suas páginas.

²² Extraído de www.aturistaacidental.com.br, acessado em 02/07/2012.

2.2. CAMINHOS NO CAMPO E REALIDADES DE PESQUISA

Logo no início das orientações, enquanto caminhávamos no sentido de desenvolver nosso arcabouço teórico, e mesmo, nossos objetivos com a pesquisa, (já) ainda pensávamos em algum objeto de estudo que pudesse nos oferecer uma rica coletânea de expressões a respeito de diferentes experiências turísticas, por diferentes leituras, perspectivas. Um espaço que oferecesse narrativas, fossem elas orais, textuais, ou imagéticas, mas expressadas, performadas, a respeito de uma(s) experiência(s) turística(s), encarando o fato de que a(s) experiência(s) em si é única e intrínseca a cada pessoa, e que, somente, através das expressões que as pessoas tentam externar, podemos nos aproximar de suas percepções, ou ao menos, daquilo que quiseram compartilhar a respeito da(s) experiência(s), sendo personagens e plateia no mesmo momento.

Chegamos a considerar a possibilidade de acompanhar grupo(s) de viagem ou fixar-se em algum lugar específico, colhendo pistas sobre as diferentes expressões oriundas da relação das pessoas ali presentes diante daquela(s) vivência(s). No entanto, essas possibilidades pareciam não nos auxiliar a captar a fluidez e diversidade de leituras diante destas mesmas realidades, dado que cada pessoa experiencia a “mesma” realidade, momento espaço/temporal, conforme suas próprias vivências e experiências significativas anteriores, ou seja, no mesmo momento e espaço, cada pessoa está relacionando-se com esta realidade sob seu próprio espaço/tempo. E logo nesse mesmo encontro/orientação, conversamos sobre as possibilidades que encontraríamos na internet, que, sinceramente, não pensava como científica e academicamente aceitável ou factível. No entanto, coincidentemente, o orientador desta dissertação estava a completar outra orientação em que Juliana Rossa²³, no mestrado em Letras, buscava interpretar representações dentro do universo de possibilidades que a rede informática proporciona, e questionara sobre o interesse de interagir nesse(s) cenário(s).

Familiarizado à grandeza do ciberespaço, me instigou a pensar (em) um campo onde as relações sociais (entre os diferentes envolvidos) podem adquirir dinâmicas distintas das vivenciadas no espaço físico, dadas as ferramentas e plataformas a que seus interlocutores têm acesso, para narrarem, expressarem, suas experiências. Neste espaço virtual, as pessoas podem se posicionar a respeito do que quiserem abordar, da forma que quiserem (e conseguirem) utilizar os recursos tecnológicos oferecidos. Presentes no ciberespaço, esses possíveis

²³ ROSSA, Juliana. **Representações de Regionalidades e Identidades em Blogs de Brasileiros Residentes na Itália**. Dissertação de Mestrado em Turismo – Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010.

interlocutores, possuem diversos dispositivos comunicacionais para navegar e alimentar essa rede, como sites pessoais, redes sociais, blogs, entre outros desdobramentos em que podem expor esses registros.

Perdem-se, talvez, algumas pistas, como as suas expressões corporais ou orais, imediatas às percepções que vivenciam ao longo do tempo/espço, mas evidenciam-se outras, pela dinâmica temporal que adquire. Além de poderem expor narrativas audiovisuais dos momentos de suas viagens, que talvez fornecesse tais pistas imediatas ao acontecido, possibilita a construção de uma narrativa pensada para expressar o que mais lhe foi significativo, seja negativa ou positivamente, seja rapidamente, no frescor do ocorrido, ou meticulosamente estruturado, após toda uma série de outras experiências, decorrentes ou não da viagem em si.

Com o auxílio de recursos para o registro audiovisual, e da tecnologia oferecida pelo ciberespaço para exposição, as pessoas podem expressar diferentes fragmentos de suas experiências, sejam através de fotos e vídeos, captados por elas mesmas ou não, mas, especialmente, tramadas por narrativas verbais, mais objetivas ou subjetivas que sejam, de seu próprio interesse de expô-las. Também reforçado pela dinâmica espacial deste campo virtual, que reduz as pressões de alguns possíveis papéis sociais que exerça em seu cotidiano. Sendo que nesses espaços, a relação de poder estabelecida não, necessariamente, segue a(s) mesma(s) estrutura(s) sentida(s) (encontrada) nos espaços físicos cotidianos, em que as estruturas hierárquicas e/ou segmentárias ditam a dinâmica de relacionamento social.

No ciberespaço, o tempo e espaço para se atuar, depende muito menos de suas convenções (e diretrizes significativas) sociais (estéticas, políticas, espirituais, étnicas, de gênero...), e posicionamento a respeito de tais, ou posição geográfica, do que de como manuseia e navega pelos recursos oferecidos para sua própria expressão e experiência, pois habilitado a navegar na rede a pessoa pode estabelecer seu próprio espaço, para expor as suas próprias convenções, diretrizes e posicionamentos, assim como pode escolher com quais espaços e pessoas dialogará, independente de onde esta outra pessoa envolvida esteja, fisicamente, presente. Todas as pessoas são performers e plateia, entrelaçando-se por suas próprias redes de interesses, de significados, (e) de conexões, enquanto exploram as diversas formas de expressão que encontram pela rede informática.

Existem, dentro do ciberespaço, meios de comunicação mais clássicos, em que as mensagens, com suas formas e conteúdos, são estabelecidas pelos seus emissores, quase que de forma arbitrária, sem, ou pouco, relacionamento direto com seus receptores; como sítios institucionais, do setor público, governamentais (do poder executivo, legislativo e judiciário, e

suas diversas esferas), e do setor privado, de organizações empresariais, e portais de notícias e conteúdos, (p. ex, UOL, GLOBO, R7, TERRA). Mas não foram nesses em que focamos e os quais tratamos neste trabalho, e sim, aqueles mais pessoais, onde as trocas e relações estabelecidas no próprio espaço constroem tais espaços, seja dentro de uma proposta mais coletiva ou individual, em que as informações são produzidas e distribuídas por todos, para todos, como os blogs. Que conforme Komesu explica:

[...] é uma corruptela de weblog, expressão que pode ser traduzida como “arquivo na rede”. Os blogs surgiram em agosto de 1999 com a utilização do software Blogger, da empresa do norte-americano Evan Williams. O software fora concebido como uma alternativa popular para publicação de textos on-line, uma vez que a ferramenta dispensava o conhecimento especializado em computação. A facilidade para a edição, atualização e manutenção dos textos em rede foram – e são – os principais atributos para o sucesso e a difusão dessa chamada ferramenta de auto-expressão. (KOMESU, p. 110, 2004)

Desse ambiente dos blogs²⁴ que extraí as narrativas construídas para expressarem as experiências de viagens de seus desenvolvedores, ou seja, suas representações a respeito desses momentos, levando também em conta, os símbolos e imagens, colocados como parte do que lhes foi significativo de ser contado, mostrado, lembrado, memorizado, externado, reproduzido, conforme a vontade, desejo, problemas e limitações dessa(s) própria(s) pessoa(s), frente a esse ambiente virtual. Para Komesu, diferente do que se costuma apregoar:

As análises sobre a produção textual de escritores brasileiros demonstraram que a prática dos blogs difere de uma prática diarista tradicional, como se costuma apregoar. É de fundamental importância a problematização do suporte material para a avaliação de novas relações com as práticas de escrita. O tratamento dos eixos tempo, espaço e interatividade no evento textual dos blogs foi concebido a partir de sua constituição pelo suporte material específico. (KOMESU, p. 117, 2004)

Os blogs, apesar da aparência intimista, quase como um diário pessoal, às vezes até mesmo nas narrativas de viagens com os detalhes, aparentemente, mais íntimos, trata-se de um espaço público, na maior parte das vezes; pode ser pessoal ou corporativo, mas ainda assim, público. Como se vê nessa imagem²⁵, extraída de um tutorial do serviço de hospedagem de blogs, o Blogspot, da Blogger.com, dizem que por padrão o blog é público, mas podendo ser

²⁴ Segundo o dicionário Houaiss, Blog é uma página pessoal, atualizada periodicamente, em que os usuários podem trocar e experiências, comentários etc., ger. relacionados com uma determinada área de interesse.

²⁵ Extraída de www.google.com.br, acessado em 23/04/2011.

particular, sendo compartilhado apenas com as pessoas que seu desenvolvedor selecionar e permitir o acesso:

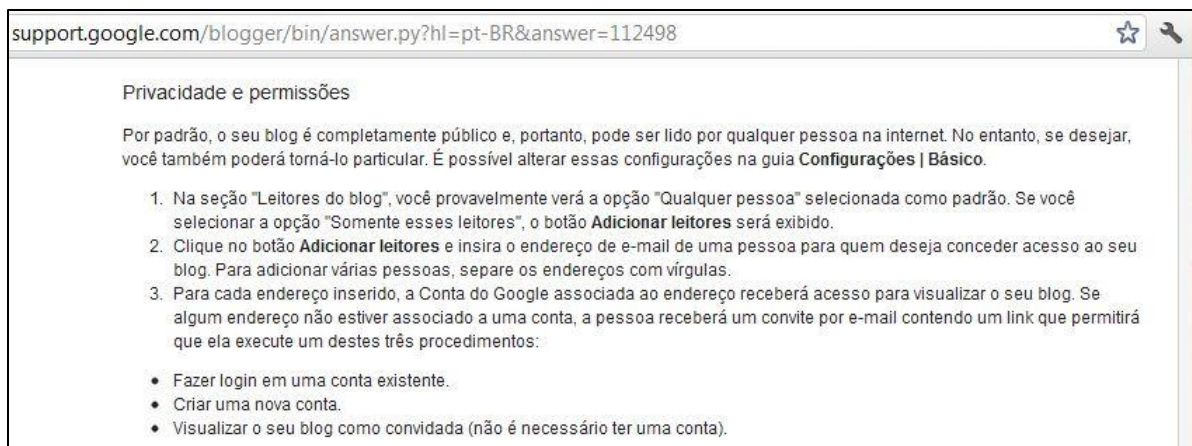


Imagem 3: Privacidade e Permissões do Blogger.com

Para este trabalho, os blogs escolhidos são abertos a todo público que possuir acesso à internet. E foi através dessas narrativas, construídas para esse ambiente público/privado, por mais intimista que aparente ser às vezes, e que registra cronologicamente esses dados de campo, que tentei chegar mais próximo ao íntimo dessas pessoas. Como comentado anteriormente, o espaço de um blog é desenvolvido pela pessoa que o assina, mas seus leitores e interlocutores podem ajudar a construir esse espaço através de comentários, ou mesmo de postagens. Conforme a pessoa que desenvolve o blog desejar, já que possui o direito de criação, editoração e filtro de sua obra.

Sem perder a possibilidade de personalizar seu espaço, essas plataformas oferecem modelos pré-estabelecidos, mas configuráveis, através de ferramentas intuitivas, automatizando e acelerando o processo de desenvolvimento e alimentação dos blogs. Diferentemente da complexidade que um desenvolvedor de blog enfrenta, ao sustentar um domínio próprio na internet, em que precisará lidar com códigos de programação e programas (softwares) de servidor e script (linguagens de programação), conforme se apresentam²⁶ o *Blogspot*, e a companhia que o engloba, o *Blogger*:

²⁶ Extraído de www.google.com.br, acessado em 23/04/2011.



Imagem 4: Sobre o Blogger e Blogspot

Além desse ambiente público dos blogs, onde encontrava as narrativas já expressas, as pessoas podem utilizar de outras redes de conexão no ciberespaço onde fluam outras informações, expressões, símbolos, pensamentos, percepções; como redes e comunidades de relacionamento (Facebook e Twitter, p. ex.), e redes compartilhadoras de imagens, sons e vídeos (Flickr, Soundcloud ou Myspace, e Youtube, p. ex.), que são espaços costumeiramente mais privados que públicos, apesar de, ainda, dificilmente íntimos, por serem compartilhados a um específico grupo de pessoas, podendo ainda ser um canal aberto a todos, público, por escolha, também, de seu desenvolvedor.

E as pessoas podem acompanhar as novidades dos blogs e espaços com que se identificam através de algumas formas, além da normal procura pelo endereço e da interface com essas outras redes de interação, como Facebook e Twitter²⁷. No caso de servidores de hospedagem, essa pessoa pode ser cadastrada a mesma, e assim acompanhar pelo próprio sistema do servidor, como no caso do Google.com, possuidor do Blogger.com, que oferece esse serviço para seus usuários – o de cadastrar os blogs que gostaria de receber notificações de

²⁷ Twitter é uma rede de micro-blogs que permite a publicação de postagens com textos, fotos, áudios ou vídeos, mas dentro do limite de até 140 caracteres, o que estimula mensagens rápidas e maior fluidez, em teoria; enquanto o Facebook é uma rede de relacionamentos, em que pode postar seus textos, pensamentos, vídeos, imagens, músicas através de seu próprio canal, de seus amigos, grupos ou listas, sendo todos esses canais passíveis de serem públicos ou privados, abertos a todos ou a alguns. E em ambos os espaços, Twitter ou Facebook, como outros, os desenvolvedores dos blogs podem postar os atalhos (nós) de suas atualizações, para que seus seguidores possam acessá-las.

atualização. Outra forma de interação é através do sistema de alimentadores (*feeds*) RSS²⁸, que em suma são indexações para atualização de conteúdo, que oferecem conteúdos completos ou amostras do que foi lançado, caso o desenvolvedor prefira que as pessoas sejam direcionadas ao seu espaço para ter o conteúdo completo. O desenvolvedor oferece um endereço (*link*) em seu espaço, para ser cadastrado em programas ou sites agregadores, que receberão essas atualizações.

Neste sistema de RSS, não se identifica quem recebe o conteúdo de quem, e muitas vezes nem se sabe, publicamente, quantas pessoas acompanham o conteúdo de um espaço – os desenvolvedores conseguem esse dado de seus respectivos espaços. Através dos próprios servidores de blogs, como na Google.com, o desenvolvedor pode adicionar um *widget*²⁹ que apresenta as pessoas que seguem seu espaço, ou não; assim como as pessoas que quiserem acompanhar seu espaço podem assim fazer de forma pública ou anônima, conforme explicam em outra parte do mesmo tutorial³⁰:

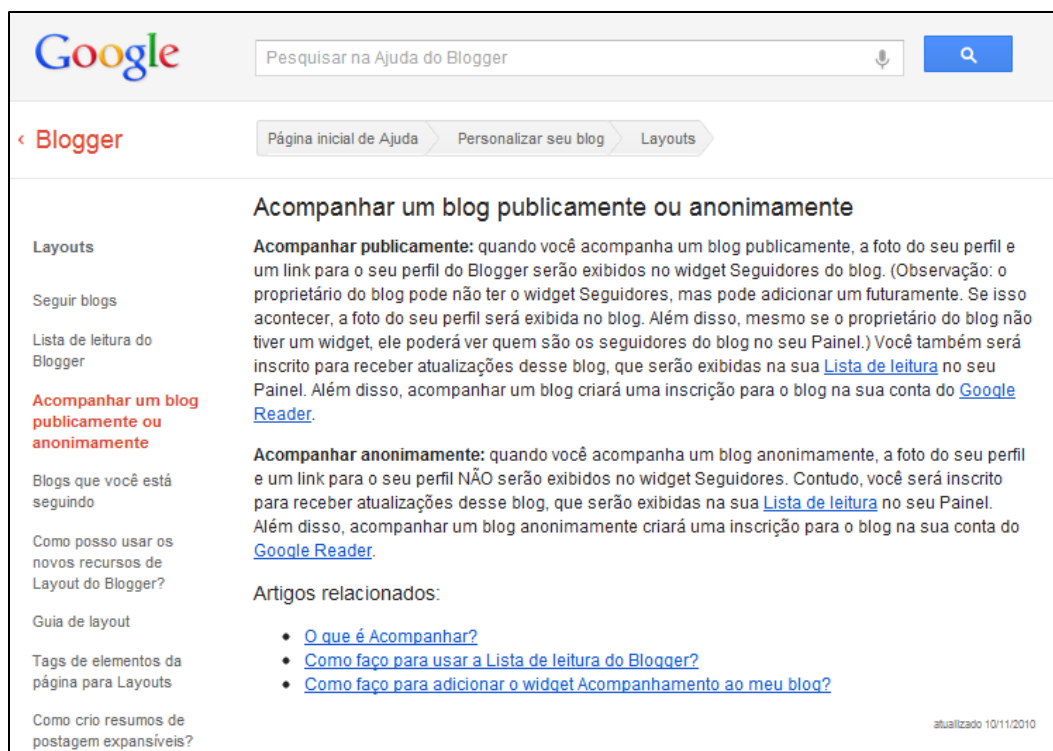


Imagem 5: Acompanhamento de blogs - Blogger

²⁸ O significado da sigla se altera, conforme a atualizações do próprio sistema, mas até hoje tiveram três: Rich Site Summary (RSS 0.91), RDF Site Summary (RSS 0.9 e 1.0) e Really Simple Syndication (RSS 2.0).

²⁹ Widget é alguma interface gráfica que fornece funcionalidade específica de algum aplicativo, como o de apresentar os seguidores do blog ou como mostrar a temperatura atualizada, conversões de moeda, pesquisas na internet e/ou blog, e outras funções. Esses widgets podem ser acrescentados ao espaço do blog, e dispostos conforme o modelo de apresentação que seu desenvolvedor definiu.

³⁰ Extraído de www.google.com.br, acessado em 23/04/2011.

Dada sua grandeza, quase infinita, não haveria de conhecer o ciberespaço em sua totalidade, então definimos as ações iniciais dentro do campo, para daí prosseguir até delimitar os objetos de estudo e interlocutores. Iniciei então como qualquer usuário da internet provavelmente faria, recorrendo a um buscador de informações e conteúdos, no caso, o Google³¹, que oferece alguns filtros para que se aperfeiçoe a busca pela rede, como captado na imagem abaixo³²:

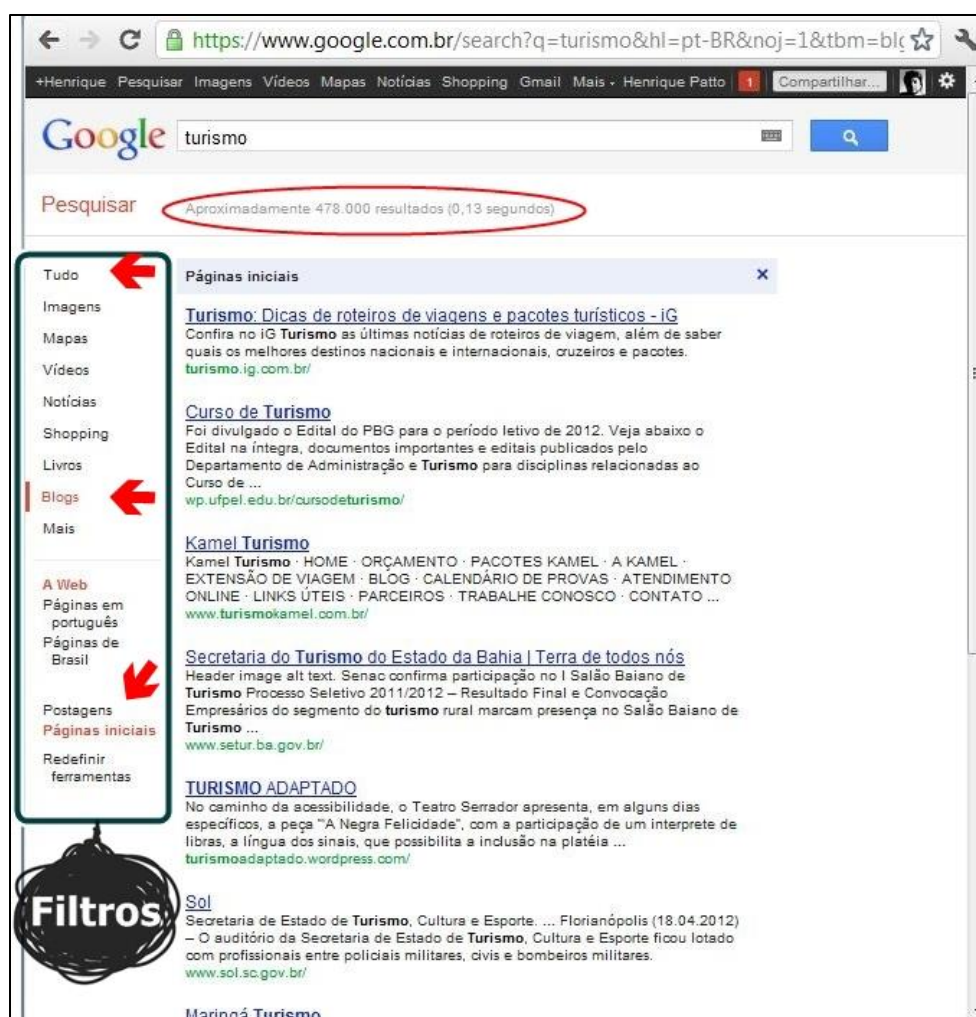


Imagem 6: Pesquisa do Google nas páginas iniciais de blogs

Iniciei pela busca geral, sem filtro algum, que busca o termo entre diferentes plataformas de comunicação e de sociabilidade, como comunidades virtuais, sites, portais, blogs. Os termos buscados: “turismo”, “viagem”; “turista”, “viajante”. E para refinar a pesquisa

³¹ Na atualidade (2010), o sistema de buscas da Google, que devido ao seu crescimento e diversificação tornou-se uma das principais empresas presentes no ciberespaço, contempla cerca de 40 bilhões de páginas na internet, que podem ser buscadas através de diferentes ferramentas, filtros.

³² Extraída de www.google.com.br, acessado em 01/05/2012.

passei para a busca pelos conteúdos e postagens de blogs, e, em seguida, pelas páginas iniciais de cada blog, no banco de dados desse desatador de nós, mas os resultados eram altíssimos. Numa atualização dessa pesquisa, realizada 13 meses depois, os resultados continuam estratosféricos, com aumento expressivo em, praticamente, todas essas pesquisas, como demonstrado neste quadro:

Datas	19/04/2011			20/05/2012		
	Termo \ Filtro	Geral	Postagens	Págs iniciais	Geral	Postagens
turismo	243.000.000	11.500.000	359.000	533.000.000	16.500.000	909.000
viagens	30.500.000	3.280.000	28.400	79.000.000	6.800.000	481.000
turista	11.900.000	895.000	14.500	6.800.000	4.020.000	223.000
viajante	1.620.000	331.000	5.560	25.200.000	793.000	37.500

Quadro 2: Pesquisa no Google

Mesmo que reconheçamos a presença de sites replicados (duplicados, por diferentes páginas de seu próprio hipertexto) no retorno dessas pesquisas, seria, dado as condições de pesquisa de um programa de Mestrado, e as especificidades de um método antropológico, um trabalho, praticamente, inexecutável. Frente a este amplo universo fazia-se necessário um recorte que permitisse um trabalho executável, que continuarei discorrendo sobre o caminho realizado para a delimitação do universo de pesquisa.

Numa tentativa etnográfica “tradicional” precisaria me aproximar, imergir, numa comunidade, coletividade, que me interessaria estudar, para que através de suas expressões, verbais ou não-verbais, me aproximasse das compreensões de suas experiências turísticas. No ciberespaço não foi diferente. Logo me dediquei a identificar uma comunidade em que o ponto de interesse comum, seria suas experiências turísticas (não excluindo outros interesses e pontos em comum, possíveis, entre os prováveis interlocutores). E encontrei uma série de espaços pessoais, blogs, individuais ou coletivos, em que além dos interlocutores tratem de viagens pelas narrativas, ainda se relacionam, dialogando (mais ou menos ativamente) através de comentários deixados nos blogs e postagens de outros.

Para identificação dessa rede de relacionamentos, composta por blogs destinados a expressar suas experiências turísticas, o caminho não foi tão óbvio assim. Ainda pensávamos sobre qual plataforma de comunicação, dentro do ciberespaço, nos debruçar, e algumas outras até foram, por momento, pensadas como mais interessantes. Plataformas de rede de relacionamento, algumas até direcionadas às viagens, como a rede *Mochileiros.com* ou a

Couchsurfing.org, nos parecia mais evidente a relação de trocas de significantes entre seus diferentes membros, afinal além de divulgar, expressar, suas experiências de viagens, poderiam facilmente dialogar e trocar expressões de suas experiências enquanto deslocam-se. No entanto, as conversas pareciam mais objetivas, dedicadas às dicas e sugestões, e, não tão facilmente, representações da significância de suas experiências, ou excessos de sentidos, para a compreensão que buscávamos.

Estas duas redes de relacionamento são dedicadas a trocas de experiências de viagem, além de buscar uma união entre seus diferentes membros, para a cooperação enquanto deslocam-se pelo espaço e vida. A primeira, *Mochileiros.com*, é voltada para os ditos mochileiros, que trocam informações de suas viagens, logísticos em sua maioria, mas também de possíveis momentos contemplativos, interessantes e possui seções para orientação de itens e utensílios para as viagens, como para estimular viagens coletivas, fomentando o sistema de carona, e compartilhamento de alojamentos. E como se posiciona em seu logo³³, é “a maior comunidade de Viajantes de Língua Portuguesa”, e atuante desde 1999:



Imagem 7: Logo Mochileiros.com

A segunda, *Couchsurfing.com*, apesar de não dar dicas diretas a mochileiros, é bem parecida com a primeira, mas segmentou-se estimulando que as pessoas cadastradas compartilhem seus próprios sofás (*couch*), para receberem outras pessoas da rede que estejam de passagem pelas suas cidades, ou ao menos, para oferecer um café. E como defende em sua apresentação oficial, trata-se de uma comunidade, e um movimento, que busca estimular novas formas de se experienciar as movimentações e relações de e entre seus membros, seja nas suas próprias cidades, “experienciando-as pelos olhares” de viajantes que receber, ou em outros lugares, ao “recusar uma típica experiência de hotel”, por uma experiência na casa de um “local, aprendendo sobre sua cultura” (**tradução livre**):

What is CouchSurfing?

³³ Extraído de www.mochileiros.com, acessado em 23/04/2011.

Imagine having an interesting friend wherever you go -- whether that's 2,000 miles away, or right in your hometown.

With millions of members in over 230 countries and territories around the world, CouchSurfing is blazing the trail towards a better, friendlier world where people who are different from one another can find their similarities. We are a community, and we are a movement. If you believe that all types of people can share fun, trust, and friendship, then you belong here.

How does CouchSurfing work?

When you join CouchSurfing, you tap into our network of welcoming people worldwide. You can share your hospitality and experience your city through new eyes by offering travelers a place to stay on their journey. You can bypass the typical hotel experience by staying at the home of a local and learning about their culture. You can join cool and interesting people for anything from a bike ride to a party using CouchSurfing Activities. And you can meet up with new people, whether at home or while traveling, for inspiring experiences and new friendships.

Auto definição da comunidade Couchsurfing.org, extraída de <http://www.couchsurfing.org/about.html>, em 01/05/2012

E essas possibilidades de trocas foram consideradas. Mas em ambas as redes não nos pareciam, tão evidentes, as narrativas que possibilitassem uma aproximação de compreensão ao que sentiam e queriam expressar a respeito das viagens em si, e suas experiências ao longo destes deslocamentos, pelas dinâmicas propostas de interações. Na *Couchsurfing.com*, como mostrado na imagem a seguir³⁴, os usuários possuem suas próprias páginas, e assim podem se comunicar diretamente com outros usuários, sem exporem suas relações ou representações:

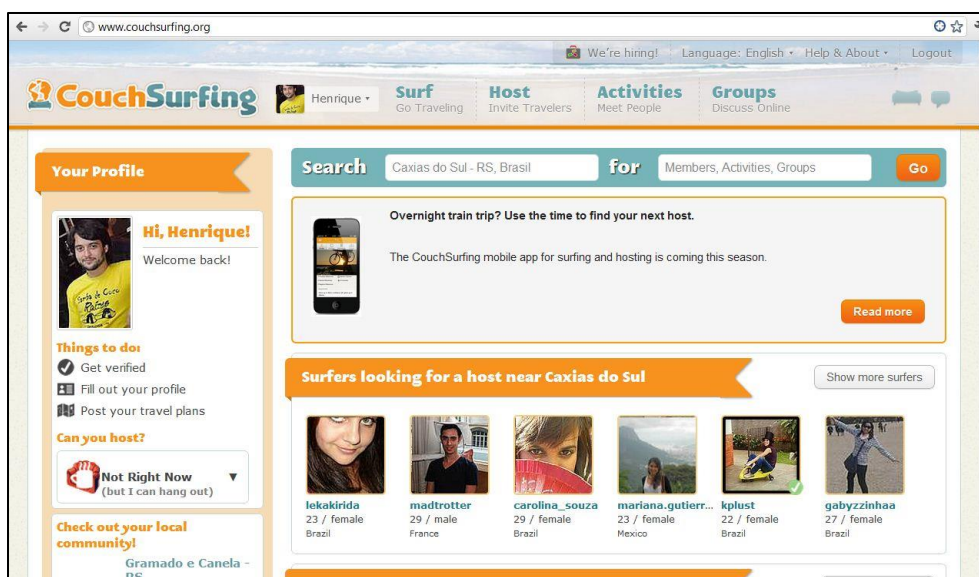


Imagem 8: Couchsurfing.org

³⁴ Extraída de www.couchsurfing.org, em 23/04/2011.

Quase que concomitantemente, começava a pesquisar alguns blogs que narrariam suas viagens, e de alguma forma, mais ou menos corrente, discorressem sobre suas sensações e representações enquanto deslocavam-se, apesar de, às vezes, estarem cheias de dicas e informações diretas, factuais. Os blogs, primeiramente, não precisariam constituir uma rede de relacionamentos, entre os próprios *blogueiros*, ao longo de sua existência, e sim com seu próprio grupo de leitores, mais ou menos, interlocutores. No entanto, oferece espaços mais tematizados, desenvolvidos e alimentados por seus próprios criadores, desenvolvedores. Em que podem dedicar suas postagens³⁵ para os temas que lhes surjam, da forma e com o conteúdo que venham a pensar e querer expressar.

A quantidade de blogs, em língua portuguesa, para não falar dos demais, que são voltados às viagens, é imensa, de acordo com a pesquisa no *Google*. Recorri então a algum tipo de certificação, premiação, virtual ou não, em que algum blog de viagem fosse mencionado. E, encontrei dois blogs referenciados por diferentes premiações: o “*Viaje na Viagem*” (VnV) e o “*Jeguiando*” (Jegui). O blog “*Viaje na Viagem*”, de Ricardo Freire, recebeu o prêmio de melhor blog de 2009, no 34º Prêmio Abril de Jornalismo, pelo seu blog quando hospedado no portal Viajeaqui.abril.com.br, em 2008. Enquanto ao blog “*Jeguiando*”, logo em seu primeiro ano de existência (atualmente, de Janaína Calaça e Erik “P.Zado” Araújo), foi dada por uma premiação na própria internet, por seleção dos próprios internautas, o prêmio *Best Blogs Brazil 2008*.

E foi por este blog, mais especificamente através de seu blogroll³⁶, que comecei a desencadear a rede social em que encontraria nossos interlocutores. Ordenado alfabeticamente, o blogroll do “*Jeguiando*”, me levaria ao Blog “*A Janela Laranja*”. À época, este blog estava no topo da lista que incluía mais de 20 indicações, todas relacionadas a viagens, porém com diferentes enfoques, de sites corporativos e comerciais, a outros de cunho pessoal³⁷.

Dada certa profundidade com que Marcio Nel Cimatti, autor/ator do blog “*A Janela Laranja*” (aJL), abordava os assuntos, interessei-me em saber com quais outros blogs ele se identificaria, recorrendo a sua própria lista de nós, blogroll. Coincidentemente, o primeiro

³⁵ O dicionário Priberam define *post* (palavra em inglês que origina postagem) como um “texto publicado ou enviado para ser publicado numa página da Internet. Também conhecido como artigo, atualmente uma postagem suporta inserções de imagens, vídeos e áudios, além da narrativa textual. Normalmente, são organizadas de forma cronologicamente inversa na página, de forma que, primeiro, apareça a informação mais atualizada.

³⁶ Blogroll é uma das ferramentas que o blog disponibiliza como recurso a seu(sua)(s) idealizador(e)(a)(s) onde pode relacionar (geralmente, alfabeticamente) outros blogs que representarão os quais com que se identificam e compõem o seu universo dentro da “blogosfera”, os nós da rede com qual se identificam. Não, necessariamente, precisando haver reciprocidade de indicação entre os blogs listados.

³⁷ Em pesquisa realizada recentemente, o blog “*A Janela Laranja*” se encontra na segunda posição deste blogroll, do “*Jeguiando*”.

dentro de uma ordem alfabética, fora o que mais me instigaria: o blog “A Turista Acidental” (aTA), alimentado por Emília Fernandes. Logo me encantei com sua última postagem, à época, em que contava sobre sua viagem (cinco anos antes da postagem) para Minas Gerais, mas que lhe resgatava valores e lembranças de seu tempo de infância. Estimulando a refletir sobre a temporalidade da escrita, como da experiência.

Além da recorrência de outras pessoas nos comentários e, mesmo, nas postagens de Emília, a frequente interface entre o blog e outro blogueiro, o Arnaldo “Interata” Affonso, do blog “Fatos & Fotos de viagens” (F&F), chamou atenção, fosse através dos blogs ou de outras ferramentas da internet, como o Flickr³⁸. E foi enquanto tentava elucidar a relação entre esses dois blogueiros, que conheci o blog do Arnaldo, o F&F, qual logo me instigou a acompanhá-lo, dado a profundidade e qualidade de suas narrativas, como da estética de seu blog e suas postagens. Além de ter grande repercussão, com uma grande média de visitantes diários.

Através desse primeiro mapeamento, em que, diferente de um início etnográfico “tradicional”, ainda permanecia desconhecido, anônimo, para com os prováveis interlocutores, definimos que manteríamos foco num campo mais reduzido e seletivo de blogs³⁹ e suas narrativas, sem deixar de abordar esta rede de relacionamentos mais abrangente da qual poderiam fazer parte. Aí então que, como em qualquer etnografia, comecei a me identificar aos interlocutores, tentando envolvê-los nesse processo de construção, após a qualificação do projeto de pesquisa, no final do 1º semestre de 2011.

Algumas especificidades diferentes entre esses blogs os destacaram nessa primeira busca, ainda no primeiro semestre de 2011: o “Viaje na Viagem” (VnV) tomou tamanha dimensão que além de exercer influência a outros blogueiros, mescla postagens pessoais com outras patrocinadas; “A Janela Laranja” (aJL), apesar de não parecer (naquele momento) viver, prioritariamente, do blog, já possuía alguns espaços de publicidade em seu blog, além dos que o próprio servidor do blog pode oferecer; e os dois últimos, de Emília e Arnaldo, além de terem espaços mais pessoais, sem publicidades, com textos (verbais e não-verbais) e discussões, também, interessantes, possuem uma particularidade que extravasa o ciberespaço. Pois através do relacionamento que estabeleceram nos espaços virtuais de seus blogs, acabaram se casando.

³⁸ Conforme se autodenomina, o “Flickr é a melhor maneira de armazenar, classificar, buscar e compartilhar suas fotos – e tudo isso on-line. Ele o ajuda a organizar aquela quantidade enorme de fotos que você tem e permite que você, seus amigos e sua família contem histórias sobre elas.” <http://www.flickr.com/help/general/#1>, acessado em 15/07/2011.

³⁹ “A Janela Laranja”, de Marcio Nel Cimatti; “A Turista Acidental”, de Emília Fernandes; “Viaje na Viagem”, de Ricardo Freire; e o “Fatos e Fotos de Viagens”, de Arnaldo “Interata” Affonso.

No entanto, me defronto com algo (até evidente, mas) que não havia me ocorrido, devido a inexperiência no campo: apesar de serem espaços públicos, que qualquer pessoa pode ter acesso, desde que com recursos tecnológicos, as pessoas que os desenvolvem não são tão acessíveis como seus espaços, blogs. Seja por outros compromissos que carregam ao longo de seu cotidiano, vide que muitas vezes a atividade de blogueiros (blogar) é tratada como um hobby, seja pela (proporção) projeção que o blog tomou, ou, simplesmente por não disponibilizar um endereço de email para contato. Como se um interlocutor nos tivesse indicado outro possível partícipe, porém não tivéssemos endereço, telefone ou contato para alcançá-lo e buscássemos outras informações que talvez nos colocasse em contato.

Pela opção de primeiramente tentarmos um contato mais privado, ao invés de expor o interlocutor e a pesquisa para toda a blogosfera, reuni os endereços de email que consegui através da própria internet, mas, por talvez muitas dessas informações serem antigas e desatualizadas, recebi uma única resposta nessa primeira tentativa. Márcio Nel Cimatti, do blog “A Janela Laranja”, logo se mostrou disposto a contribuir, e, inclusive, conversamos uma vez através da internet, numa conversa via Skype, um programa que permite de conferências audiovisuais a conversas telefônicas, como no nosso caso, através do ciberespaço.

Enquanto não recebia outras respostas, continuava “circulando” na comunidade que me interessava, também chamada de *Viajosfera*. E pensando em alcançar uma maior representatividade dentro dessa comunidade de blogueiros que cada vez mais parecia maior e melhor estabelecida, decidimos dobrar o número de blogs a serem estudados. Com isso retornei a alguns blogs que havia identificado, através das redes de nós dos blogs selecionados anteriormente, apesar de não me aprofundado neles até então. Nessa nova escolha (injusta, diante da variedade de conteúdos e perspectivas que essa rede oferece), basicamente, tiveram dois pesos. Um foi o de acolher diferentes propostas de perspectivas, com pessoas de diferentes realidades e ambições, e o outro foi que, de preferência, essas pessoas tivessem representatividade dentro desta rede de blogs. Estabelecida, inicialmente, por pessoas que contribuía com o blog VnV, desde seu primeiro ano de existência, comentando, questionando e conversando a respeito das postagens de Ricardo, ou sobre viagens em si.

E esse segundo peso, nos levou ao blog “Filigrana” (Fili), que a desenvolvedora, Majô, chega a ser rotulada como “Diretora Social” da comunidade formada ao redor do blog “Viaje na Viagem”, como colocado em uma passagem de sua curiosa seção: “dicionário da bóia”, onde Ricardo ressaltava alguns termos utilizados em seu espaço:

Diretora social. É a Majô, do Filigrana. Não me lembro quem criou o cargo (apresente-se, por favor!), mas até hoje não foi contestado. Seu equivalente paulistano é a **Liciana**.

(Ricardo Freire, em www.viajenaviagem.com.br, na seção Dicionário da Bóia, caixa alta e negrito pelo próprio autor, acessado em 20/04/2011)

As outras pessoas que chamaram a atenção, dentro daquela lógica de diferentes perspectivas, aparecem em postagens de Majô, em que repercute alguns dos encontros, físicos ou virtuais, dessa rede que “dirige”. Seus blogs seriam: o “Sundaycooks”, blog desenvolvido por um casal, Fred e Natalie Marvila, que se apresentam interessados em culinária e tecnologias; o “Idas e Vindas”, de uma professora e doutora em literatura, Carla Portilho; o “Turomaquia”, de uma turismóloga, professora e doutora no assunto, Patrícia de Camargo, que atualmente reside nas Ilhas Canárias. No entanto, decidimos que deveria “pisar” dentro da “comunidade”, tentando o contato através de comentários nas postagens dos respectivos blogs, além dos contatos privados, mas incertos do envio. No último trimestre de 2011 havia conseguido contatar quase todos eles, com exceção de Majô, do Filigrana.

Acontece que em março de 2012, uma postagem daquele primeiro blog que nos abriu caminho para esses tantos outros, o “Jeguiando”, me chamou atenção, causando curiosidade para o que aconteceria. Era um manifesto assinado por Janaína Calaça, depois de discutido com pessoas de outros blogs, intitulado: “Relacionamento entre blogs e empresas: algumas diretrizes importantes para estabelecer parcerias consistentes”. Na sequência, em abril, nasce a Associação Brasileira de Blogueiros de Viagem (ABBV), com três de nossos blogs como fundadores: “A Janela Laranja”, “SundayCooks” e “Viaje na Viagem”. E daí surgiu o interesse em trabalhar com as narrativas do “Jeguiando”, também fundador dessa associação.

Com isso, apesar de na sua realidade, a rede de blogs de viagem envolver muitas outras pessoas e blogs, acabamos selecionando estes palcos para representá-la:

# Blog	Endereço	Desenvolvedor(a)(es)	Início
1 Viaje na Viagem	http://www.viajenaviagem.com	Ricardo Freire	31/12/2004
2 Fatos & Fotos de viagens	http://interata.squarespace.com/	Arnaldo "Interata" Affonso	11/03/2006
3 Turomaquia	http://turomaquia.com/	Patricia de Camargo	20/06/2006
4 A Janela Laranja	http://www.ajanelalaranja.com	Marcio Nel Cimatti	13/12/2006
5 Idas e Vindas	http://www.idasevindas.com.br/	Carla Portilho	10/02/2007
6 Filigrana	http://majots.wordpress.com/	Maria José Teixeira Soares (Majô)	22/07/2007
7 A Turista Acidental	http://www.aturistaacidental.com.br/	Emilia Fernandes	05/08/2007
8 Jeguiando	http://jeguiando.com/	Janaina Calaça e Erik "P.Zado" Araujo	13/01/2008
9 Sundaycooks	http://sundaycooks.com/	Fred Marvila e Natalie Soares Ruano	13/04/2008

Quadro 3: Cronologia dos palcos pesquisados

2.3. CARACTERIZAÇÕES

A partir da leitura e observação direta dos blogs analisados, decidimos utilizar algumas categorias para caracterização, fruto também do esforço em facilitar a leitura e resgate de assuntos a serem pensados individualmente, com maior cautela. Não para exaurir a discussão, através de extratos descontextualizados e analisados isoladamente, que dificultaria uma leitura que envolva as diferentes categorias; mas, para demonstrar algumas perspectivas de análise que este trabalho se guia e que poderão aparecer ao longo das análises que tentam contextualizá-las, umas com as outras (na medida do possível).

Essas categorias tentarão auxiliar a acompanhar algumas das estruturas envolvidas no processo de construção da expressão que estudamos, e que representa a experiência turística, dos movimentos das pessoas que escrevem em diferentes momentos pessoais de sua própria relação espaço-temporal com a experiência; sobre os mais variados lugares, coincidentes ou não, e em momentos histórico-socioculturais (diacrônicos e sincrônicos, desses lugares) distintos, ou não. Pois se a experiência turística pode carregar o caráter tridimensional de um fato social total (Mauss), somente através das expressões dessa pessoa que experientia conseguiria aproximar as três dimensões envolvidas num momento desses. Mas para isso precisamos pensar nessas estruturas (e dimensões) que podemos encontrar através de suas expressões.

Lembrando a característica dessa comunidade pesquisada, que produz suas expressões numa rede de relacionamentos que permite o registro das expressões de experiências vivenciadas em diferentes espaços e tempos, de diferentes pessoas, com interesses, desejos, expectativas, vontades e ensejos próprios, coincidentes ou não; destaca-se a relevância de se buscar uma compreensão dos movimentos das pessoas nesse espaço virtual. Mas desafia a conseguir compreender (abarcando) tamanha quantidade de movimentos. Movimentos de pessoas (e suas expressões), carregando suas próprias individualidades e temporalidades (próprio de vida, de participação nesses espaços, ou da própria viajofera), que tentam representar as experiências de seus movimentos, em diferentes momentos, através de diferentes lugares, que também possuem seus próprios movimentos através de sua história e das relações socioculturais que ali se estabelecem ao longo do tempo. Para se aproximar da tríplice dimensão de um fato social total, a **fisio-psicológica**, “a **sociológica**, com seus múltiplos aspectos sincrônicos”, e a “**histórica** ou diacrônica” (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 24), que ocorreria somente nos próprios indivíduos.

E ousadamente, as categorias tentam auxiliar na captação dos processos envolvidos numa experiência (turística) significativa, tentando ressaltar a(s) individualidade(s) envolvida(s) no(s) processo(s). Encarando a experiência turística como um drama social, e as pessoas envolvidas, personagens nesse “rito de passagem”. Personagens que têm agência (não de viagens, mas) sob as relações estabelecidas na vida vivida, e portanto, com possibilidade de interação e interferência na estrutura envolvida no processo.

2.3.1. Temporalidade

Através dessa categoria pretende-se destacar os elementos de temporalidade: da(s) experiência(s) que narra, e seu processo ritual; da própria expressão da experiência; como do planejamento e possibilidades para a vivência dessas experiências e da própria forma de expressar. Tentando ressaltar que como um processo, a(s) experiência(s) (turística) tem sua própria temporalidade, com uma iniciação e consumação, como parte do processo dessa(s) própria(s) experiência(s), a expressão também tem sua temporalidade, de acordo com que se aproxima da consumação ou iniciação. No caso dos blogs, por exemplo, pode se identificar narrativas que antecedem as viagens, além de expressões durante e depois dos deslocamentos.

- Escrita
- Experiência
- Planejamento

2.3.2. Territorialidade (Pertencimento)

Essa categoria serve para destacar elementos que remetam as suas percepções territoriais a respeito de seus locais de origem, como de seus destinos, ou seja, aquilo que para eles seja representativo de se destacar a respeito de cada uma dessas localizações, como também, da relação entre essas duas percepções e realidades, buscando possíveis proximidades (e afastamentos) entre as percepções que cada pessoa tem a respeito desses lugares, sejam esses os mesmos espaços, semelhantes, ou totalmente diferentes. Sem julgamentos ou rotulações, mas no intuito de reforçar a importância das diretrizes significativas (construídas temporal e incessantemente) de cada pessoa no momento que experienciar alguma situação, ou lugar, como quando buscar expressar essa experiência.

- Origens
- Destinos
- Relações

2.3.3. Narrativa (Expressões)

Essa categoria é utilizada para destacar as diferentes formas narrativas que essas pessoas possuem e utilizam para expressar suas experiências. As narrativas podem ser escritas de forma direta e objetiva, informativamente, destacando os pontos e detalhes que não podem ser perdidos, por exemplo; podem conter essas informações, mas construídas de forma a “conversar” com a pessoa que lê; ou também podem tentar representar um diálogo da personagem da narrativa consigo mesma, como se pensasse em “voz alta”. Podendo, todas essas formas, serem suportadas/exploradas através de recursos imagéticos, que complementem, ilustrem ou contradigam a narrativa textual.

- Dialogal
- Informativa
- Introspectiva
- Imagética

2.3.4. Esferas

Essa categoria destaca o caráter e linguagem das narrativas, tentando diferenciar as informações mais públicas, que poderiam ser encontradas objetivamente em outras pesquisas; os detalhes mais privados, como preferências, sugestões e indicações pessoais; como as considerações de caráter mais íntimo, que buscam trazer a pessoa que lê a compreender o processo de seu interior (de sua opção), como quando ao além de recomendar (ou desrecomendar), sugerir o porquê que aquela experiência lhe foi (ou é) significativa (positiva ou negativamente).

- Público
- Privada
- Íntima

2.3.5. Motivação

Essa categoria tenta buscar as representações sobre as motivações de seus performatizadores (1) em deslocar-se espacialmente ao longo de sua história de vida, e depois (2) expressar algumas dessas experiências em um espaço virtual, público.

As relações entre a(s) experiência(s) turística(s) e as expressões que tentam representá-la(s), entre os espaços físicos que são visitados e os virtuais em que as experiências são

expressadas, e, principalmente, entre as pessoas envolvidas em todo esse processo é um assunto extenso e complexo para o propósito deste trabalho. Mas uma consideração faz-se necessária antes de prosseguir: Não julgaremos a questão de se rentabilizar um espaço, teoricamente, de caráter independente e idôneo, pois tudo não passa de expressões próprias, em que as representações de seu idealizador foram externadas, independente desta ser vinculada ou não com algum fator externo que a rentabilize. Assim como não acredito que o estudo do turismo se resume na observação de seu *trade*, não acredito que as expressões turísticas se resumam a interesses coletivos, de poucos. Mesmo nessas expressões podemos encontrar representações de experiências significativas, e não haveria de inutilizá-las por conta de uma indústria ter percebido a força dessas manifestações como balizadoras de futuras experiências, alheias, significativas, ou não. Há sim, a possibilidade de se notar diferenças nas perspectivas que estas narrativas podem oferecer, e sem julgá-las, tentar interpretar como essa própria relação entre o mercado e seus possíveis interlocutores pode revelar uma relação de tensão, normal ou mais intensa, entre as partes.

- Blog
- Viagem

2.3.6. Movimentos

Essa categoria tenta captar as representações que as pessoas têm sobre seus movimentos, e assim aproximar-se do que pra elas significa essa experiência contínua de deslocar-se, através do tempo e do espaço, dos pensamentos e das expressões, como das realidades e das experiências em si, e tudo isso concomitantemente.

Como no círculo hermenêutico de DILTHEY, a experiência de uma viagem estrutura as expressões a respeito, mas as expressões também podem estruturar a experiência. E essa movimentação entre o que se experiencia e se expressa, também é observada. Enquanto busca-se diferenciar a vida vivida, da vida experienciada, ou ainda, da vida contada, em uma história de vida, como propõe a Antropologia da Experiência.

- Espaciais
- Temporais
- Vitais (pensamentos, vontades, desejos e sentimentos)
- Significados

3. ETNOGRAFIA DOS MOVIMENTOS

Neste momento, se aprofunda a leitura sobre os personagens e as relações estabelecidas, a partir da interpretação das narrativas encontradas nos blogs, como expressões de suas experiências turísticas e outras pistas deixadas no campo, pelos interlocutores. Primeiramente apresentando os personagens principais e suas relações espaço-temporais com seus respectivos palcos de exposição e as suas expressões.

Durante as apresentações de cada espaço, algumas pistas encontradas são apresentadas sobre as relações estabelecidas dentro e fora do ciberespaço por este grupo de pessoas (e outras, citadas ou não) que formam a rede de blogs que escrevem sobre viagens, especialmente através de expressões de experiências pessoais que seus desenvolvedores contemplaram enquanto deslocavam-se pelo espaço físico. Mas a segunda parte deste capítulo é dedicada a algumas manifestações coletivas que ficaram evidenciadas durante o processo de pesquisa e fortaleceram o entendimento de que tratava-se de uma rede de relacionamentos estabelecida, talvez, pelo dinamismo e dinamicidade do ciberespaço, mas que se consolidou também fora dele.

3.1. PALCOS E PERSONAGENS

Alguns de nossos personagens se apresentaram à rede, ou a algum dos blogs que a formaria, antes de desenvolverem seus próprios espaços virtuais, como também se evidencia nessas apresentações. Mas a ordem cronológica proposta de apresentação, baseada na criação dos palcos, deve-se a dificuldade de captação, através dos tantos hipertextos disponíveis pelos blogs, de uma data aproximada em que cada personagem começou a se enredar por esses nós.

Para apresentar os personagens e seus palcos, trago suas próprias expressões para que tentemos compreender como se posicionam nesse universo virtualizado, encarando o ciberespaço como um grande complexo teatro da vida contemporânea, em que diferentes personagens encontram seus palcos (respectivos e alheios) para se expressarem de forma descentralizada, a partir de seus interesses, e em palcos desterritorializados, desenraizados de um espaço geográfico.

3.1.1. Viaje na Viagem / Ricardo Freire

Viaje na Viagem

Detalhes

Mantenedor	Ricardo Freire
Hospedeiro	Domínio próprio
Criação	dez/04
Auto-Denominação	

#	Seções	Proposta	Posição
1	Brasil	Nós auto-definidos	Barra Superior
2	Américas	Nós auto-definidos	Barra Superior
3	Europa	Nós auto-definidos	Barra Superior
4	E+	Nós auto-definidos	Barra Superior
5	Seu Estilo	Nós auto-definidos	Barra Superior
6	Resenhas	Nós auto-definidos	Barra Superior
7	Blog	Atalho Interno	Barra Superior
8	#Viajosefera	Postagens alheias	Barra Superior
9	Buscar no site	Busca no site	Barra Superior
10	Anúncios	Rentabilização	Lat. Direita
11	Chamadas fotográficas	Últimas contribuições	Destaque
12	Jornal da Bóia	Notícias	1/3 Esquerda
13	Perguntódromo	Nós auto-definidos	1/3 Central
14	Comentórdomo	Últimos comentários	Lat. Direita
15	Arquivo	Histórico	Lat. Direita
16	Tags	Nós auto-definidos	Lat. Direita
17	+Recentes	Últimas contribuições	Lat. Direita
18	Viajosefera	Atalhos Externos	Lat. Direita
19	Posts patrocinados	Nós auto-definidos	Lat. Direita
20	Anuncie	Rentabilização	Barra Inferior
21	Dicionário da Bóia	Apresentação	Barra Inferior
22	RSS	Interface Direta	Barra Inferior
23	Guias de Resorts do Brasil	Nós auto-definidos	Barra Inferior
24	Albergues & Hostels	Nós auto-definidos	Barra Inferior
25	Apartamentos de temporada	Nós auto-definidos	Barra Inferior
26	Postagens	Chamadas	2/3 Esquerda

Interface

Imagem 9: Viaje na Viagem - Apresentação

A história de Ricardo, e seu blog, além de mostrar seu processo de profissionalização, nos possibilita enxergar algumas relações estabelecidas entre nossos interlocutores. Em 1998, após carreira consolidada na publicidade, lançou um livro em que passava suas experiências de viagem, chamado “Viaje na viagem”, nome que seria levado para seu projeto para o ciberespaço, blog, lançado em dezembro de 2004, em uma plataforma de blogs, zip.net. Riq, como as vezes é chamado por alguns dos blogueiros, trabalhava como colunista da revista Época, semanário da Editora Globo, em que escrevia, de forma descontraída e dialogal, sobre curiosidades de seu cotidiano. A coluna “Xongas” havia sido publicada no Jornal da Tarde, de 2000 a 2003, e de então a 2006, na publicação semanal da Ed. Globo. Mas deixar que um trecho de outro livro que lançou em 2008, também relacionado à viagens, o apresente:

Ricardo Freire nasceu em Porto Alegre em 1963, filho de sergipano com gaúcha. Aos sete anos, já tinha morado em três estados diferentes e no Distrito Federal.

65

Começou a abandonar uma bem-sucedida carreira em publicidade (“Não é nenhuma Brastemp” é um bordão criado por ele) em 1998, com o lançamento do best-seller *Viaje na Viagem*.

Por alguns anos conciliou a publicidade com o jornalismo: foi editor de turismo da *Vip* e colaborador de *Viagem & Turismo*, publicou um diário de viagem (*Postais por escrito*), fez um guia de praias brasileiras (*Freire's*) e criou o mais importante blog de viagem do Brasil, o *Viaje na Viagem*.

Desde 2005, dedica-se exclusivamente a pensar e escrever sobre viagens – em seu blog (atualmente hospedado no portal *Viaje Aqui*), em suas crônicas no Guia do Estadão, em seu programa de rádio na *Paradiso FM* e em sua coluna quinzenal na *Época*, onde responde a perguntas deixadas pelos leitores na página revistaepoca.globo.com/freire. (FREIRE, 2008, p. 211)

Como dito, esse texto foi elaborado em 2008, e então conta com algumas informações desatualizadas, mas expressa resumidamente sua história. Sobre suas inspirações e aspirações, uma vez que não se apresenta diretamente em seu espaço virtual, retorno ao seu livro de 1998 (*Viaje na Viagem: auto-ajuda para turistas*), quando alguns recursos tecnológicos encontrados com certa facilidade nos dias de hoje ainda eram assunto de ficções, e por isso também contém algumas informações a serem compreendidas dentro de sua própria temporalidade de escrita. Até mesmo, quem sabe, a opinião ou abordagem do próprio Ricardo Freire, que após esses anos poderia (apesar de não evidenciar, ao não revisá-la) ser diferente (assim como quando lermos este trabalho daqui a alguns anos, provavelmente, algumas considerações tecnológicas e teóricas não façam sentido fora da temporalidade em que está sendo escrita). Mas no capítulo “Viajando na Viagem” em que pretende explicar a idéia deste projeto, defende que se soubermos como rentabilizar nossa extravagância, que seria o viajar, aumentaríamos nosso prazer de viajar, e para isso tenta mostrar como vivenciarmos uma viagem muito antes do check-in, e da melhor forma possível durante, para que a satisfação seja ainda mais duradoura. Como se lê abaixo, em sua analogia entre a viagem e o sexo:

Toda viagem é uma extravagância.

Seja você pobre, remediado ou rico, viajar sempre significa viver temporariamente muito além de suas posses. Esse é o barato – e o caro – de qualquer viagem. Multiplicando a diária do seu hotel por 30, você vai ver que na vida real nunca poderia pagar isso tudo de aluguel. Basta computar seus gastos diários com refeições para ter um treco imaginando quantos supermercados a mais daria para fazer no mês. Você pode até já ter se acostumado com o preço das passagens aéreas, mas se calcular quanto custa a *hora* afivelado naquela poltrona, você vai querer que uma máscara de oxigênio caia automaticamente do compartimento acima de sua cabeça. E isso vale para todo mundo. Metade da primeira classe deveria estar viajando na executiva, grande parte da executiva deveria estar na econômica, e a econômica inteira deveria ter ficado em casa.

Mesmo assim, viajamos.

Viajamos para fugir de tudo. E para ter saudade de casa. Viajamos para descansar. E para voltar mais cansados do que fomos. Viajamos para nos livrar das obrigações de

todo dia. E para ter a obrigação de visitar dois museus e três monumentos todo dia. Viajamos para experimentar coisas diferentes e para ter dor de barriga. Para entrar em igreja e andar de metrô. Para não entender os outdoors, para desobedecer alto-falantes e para nos equivocar com cardápios. Para gentilmente pedir a desconhecidos que tirem fotos que depois vamos obrigar os conhecidos a ver. Para investigar se os McDonald's que lá gorjeiam não gorjeiam como cá. Para fazer extensos tratados sociológicos sobre povos estranhos já no primeiro dia de estada. Para na volta ter quilos de histórias para contar e toneladas de quilos para perder.

Nada é tão motivador como a possibilidade de viajar. Na expectativa de uma viagem, pedidos de demissão são engavetados, casamentos são prorrogados, filhos são adiados. Em casos mais extremos, casas próprias deixam de ser compradas, carros escapam de ser trocados, videocassetes se conformam com menos cabeças que o vizinho. Tanto sacrifício tem uma recompensa garantida: pouco a pouco você vai se tornando um sujeito 'viajado'. E não existe nenhum adjetivo mais charmoso, nenhuma qualidade tão sem contraindicações quanto ser 'viajado'. Ser viajado é mais simpático do que ser 'culto', mais interessante do que ser 'inteligente' e quase tão bacana quanto ser 'rico'.

Mas ninguém viaja por interesse. Até porque, depois do sexo, viajar é a diversão interativa mais antiga de que se tem notícia. Além de serem as duas coisas mais prazerosas da vida – e funcionarem esplendidamente em conjunto –, sexo e viagem compartilham inúmeras outras semelhanças. Não importa o que digam os interneteiros, o certo é que ambos só se realizam plenamente ao vivo. Um costuma durar pelo menos 30 minutos, a outra pode durar até 30 dias, mas a sensação é de que tudo passa depressa demais, não foi? É bom quando é inesperado, tem seu valor quando é rapidinho, há quem goste quando não existe compromisso. Mas, assim como no sexo, nada faz tão bem a uma viagem como a combinação de três fatores:

- desejo;
- envolvimento;
- preparação.

A viagem acalentada, cortejada, paquerada (quanto mais difícil, melhor), carinhosamente pesquisada (uma espécie assim de namoro), com uma preparação dedicada e minuciosa (o equivalente das preliminares) sem dúvida dá muito mais satisfação – e uma satisfação mais duradoura – do que aquela viagem que você mal conheceu e já quis levar para o aeroporto.

A idéia deste livro é fazer sua viagem começar muito, mas muito antes do check-in. É trazer a 'viagem' da viagem para os trezentos e tantos dias do ano em que você não está viajando. Como? Mostrando como você pode acalentar, paquerar, pesquisar e preparar sua viagem, e tirando o máximo proveito de tudo isso. Rentabilizando sua extravagância. Evitando micos. Recompensando seu sacrifício. Ajudando você a ser mais 'viajado'. E, principalmente, aumentando seu prazer em viajar. (FREIRE, 2008, p. 15-17)

Deixemos claro que não estou aqui para julgar as expressões que escolho, e nem sustenta-las como uma referência teórica deste trabalho, afirmando que toda viagem é uma extravagância, por exemplo, mas sim, analisar em conjunto das demais representações da mesma pessoa e de outras interlocutoras desta dissertação, tentando mostrar alguns dos processos das experiências que querem, pretendem e conseguem representar. Como os quais que evidencia como sendo de proporcional relação com a intensidade e duração de sua satisfação com uma viagem; para ele: o desejo, o envolvimento, e a preparação.

Sobre a motivação de seu blog, novamente recorro a uma publicação externa a seu espaço virtual, mais precisamente, uma entrevista cedida ao blog da Cia. Aérea⁴⁰ com qual mantém vínculo comercial atualmente:

De onde veio a ideia de ter um blog de viagens? Há quanto tempo você tem o blog?

Em 1998 eu era publicitário e publiquei um livro chamado *Viaje na Viagem* (hoje esgotado), que vendeu cinco edições e me rendeu convites para trabalhar na imprensa de viagem. Ali eu comecei uma carreira paralela, fiz um guia de praias do Brasil (o *Freire's*, de 2001, também esgotado) e passei a observar a internet com atenção, porque via na rede uma oportunidade de ser um broadcaster, de ter um canal de comunicação próprio.

Sendo assim, em 2004, criei o meu blog, pelo qual os leitores dos meus livros e guia de praias puderam me reencontrar. Com o crescimento, resolvi largar a publicidade, depois de 22 anos, para me concentrar em viabilizar o blog.

No começo eu pensava no blog como o tal canal de comunicação só meu, em que eu poderia inventar a minha pauta e escrever do tamanho que quisesse, no prazo que bem entendesse. Aos poucos, no entanto, a interação foi ganhando força, e hoje é o que manda na dinâmica das postagens. Se na imprensa a minha pauta era criada pelo editor, no *Viaje na Viagem* eu vou atrás daquilo que o leitor está querendo saber.

Desde o início eu tenho procurado organizar o conteúdo já produzido para que não se perca e seja pesquisável. É por isso que hoje já não falo mais em blog, e sim em site.

Assim, entregando que um dos blogueiros que estudamos não fala mais “em blog, e sim em site”, começo a tentar buscar as suas representações do que o motiva a ter seu espaço numa rede de nós virtuais. Seu espaço até registra timidamente em alguns detalhes, a inscrição *site*, apesar de não se apresentar oficialmente⁴¹. Mas continua se relacionando com outros blogs e externando essa relação em seu próprio espaço (além da promoção destes e outros blogs). E atualmente oferece um atalho (intitulado: BLOG) dentro de seus nós virtuais, que ordena as postagens no formato de um blog, apesar de sua página inicial, realmente, ser mais elaborada e trameada por seções melhores organizadas do que boa parte dos blogs. Mas independente da sua dinâmica espacial, continua recebendo postagens com narrativas turísticas de Ricardo Freire.

Se respeitarmos a temporalidade de seu próprio espaço (ao não tratar o atual como um blog), e a dinâmica espacial que encontrou ao longo dessa história, para expressar suas experiências (pagas ou não por seus parceiros comerciais, viabilizadas ou não pela rentabilização de seu espaço), ainda assim podemos buscar o que o levou a iniciar com um blog,

⁴⁰ <http://blog.voegol.com.br/>

⁴¹ Não oferece uma seção em quem se apresenta ou em qual a proposta do *Viaje na Viagem*, deixando para sua seção em que explica alguns termos utilizados por ele ou seus interlocutores, apenas alguns fragmentos da história de seu espaço, que expliquem os próprios termos.

e para isso, é interessante notar (nesta mesma resposta da entrevista) a visão de Ricardo a respeito do blog como um espaço que poderia ser seu próprio canal de comunicação, em que estabeleceria sua própria pauta, escrevendo do tamanho que quisesse, e no prazo que bem entendesse. Ou seja, respeitando sua própria temporalidade e individualidade de escrita, de expressão.

Apesar de assumir uma mudança ao longo de sua experiência como blogueiro (que também reforçaria a questão da temporalidade da própria experiência, e não somente de sua expressão), ao ter se rendido à dinâmica das interações que esse espaço oferece/proporciona, pautando assim suas postagens, não desrespeita sua temporalidade e individualidade de escrita. Como notado em outra entrevista⁴² (reproduzida a seguir), cedida a um grupo da internet, Digestivo Cultural, dois anos antes da outra entrevista, em março de 2009. Ao responder sobre seu estilo de escrita (que ao ver do entrevistador não teria se alterado diante das diferentes plataformas em que se manifestava), Ricardo já equiparava as mídias mais clássicas, às mais dinâmicas, no sentido de que em ambas já se encarava como num papel, num personagem, bem parecido com ele, “mas um pouquinho melhorado” (uma vez que estaria sendo observado). Interessantemente revela que sua “‘persona blogueira’ é muito mais extrovertida” que ele jamais será na “vida real”, reforçando que a dinâmica de relações proporcionadas no ciberespaço, possibilita desamarras com convenções sociais e/ou diretrizes significativas que possua fora do espaço virtual. Não que isso represente uma “persona” fantasiosa, ou irreal, mas, possivelmente, como essa pessoa gostaria de se expressar, independente dessas amarras. No caso de Ricardo, ao menos, diz se sair “no lucro”, apesar de frutos do “calor da internet”:

E eu não poderia deixar que seu estilo escapasse de uma pergunta. Também te admiro porque — embora tenha passado por jornais, revistas e até portais — conseguiu manter seu estilo ileso, publicando sempre nele (independente do meio) e brigando muito (imagino) para ele não se perder pelo caminho... Claro, você tinha bons amigos desde o começo — como o Washington e a Pinky —, mas, mesmo assim, qual foi a receita para preservar sua "primeira pessoa" e poder depurar, ao mesmo tempo, esse estilo desde 1998? Afinal, a primeira pessoa está morrendo na imprensa-impressa (junto com a própria); e a primeira pessoa está perdendo a graça na internet (porque hoje os estudantes são praticamente alfabetizados nela)... Enfim, como ser "pessoal" no meio da "impessoalidade" (velha mídia) e como ser "pessoal" no meio da "falta de privacidade" (nova mídia)?

Rapaz, acho que, como eu caí de pára-quedas (vou resistir ao acordo do *Houaiss* até o último instante possível) no jornalismo, as pessoas me deixam ser do meu jeito mesmo. Se eu tivesse começado na imprensa pelas vias normais, certamente eu teria sido "reformatado". Mas, no geral — as exceções são tão raras que não dá nem para eu me queixar —, eu nunca precisei brigar para manter meu estilo no jornalismo, não.

⁴² <http://www.digestivocultural.com/entrevistas>

Pelo menos não como na publicidade, onde cada vírgula do que você produz é questionada por gente que não sabe nem o que é vírgula... :-)

Quanto à questão da personalidade/privacidade, eu acho que escrever na primeira pessoa na velha mídia ou blogar na nova mídia não é muito diferente de participar de um *Big Brother*: você cria um personagem, bem parecido com você, mas um pouquinho melhorado. De vez em quando — sobretudo no calor da internet —, você entrega um pouco mais do que gostaria. Mas, no fim das contas, eu acho que saio no lucro. Minha "*persona* blogueira" é muito mais extrovertida do que eu jamais serei na vida real.

Ricardo Freire, em uma postagem de 2006 (09/02) que 32 *passageiros* comentaram e mostrada na imagem ao lado⁴³, de certa forma, revela que seu personagem às vezes pode não ser tão informativo, mas dá um jeito de ser divertido, inclusive, se debochando, como no complemento da imagem que ilustra esta postagem. Pode estar viajando a trabalho, como neste caso em que a viagem seria encomendada por um periódico de viagens, mas tenta narrar seus deslocamentos no blog.



Imagem 10: Destino ignorado – VnV

Como mostrado nesses extratos, após anos no mercado publicitário, Ricardo Freire conseguiu editar um livro (1998) sobre viagens que se tornou best-seller e lhe abriu diversas portas no campo editorial, especialmente de viagens (como ele mesmo explica), e conseqüentemente, chega à blogosfera. Atualmente, assina uma coluna semanal no caderno de

⁴³ Postado por Ricardo Freire em 09/02/2006, extraído de http://viajenaviagem.zip.net/arch2006-02-01_2006-02-28.html, acessado em 31/05/2012.

Viagens, do jornal “O Estado de São Paulo”, e uma crônica quinzenal em outra seção (Divirta-se) deste mesmo periódico.

Encarando os narradores de experiências turísticas como personagens de seus próprios enredos que constroem para tentar externar suas representações mais significativas, positiva ou negativamente, da experiência em si, cabe respeitar que esse personagem encarará as regras de conduta que se estabelece dentro dos diferentes espaço em que se manifesta. Mas como Ricardo diz (na segunda entrevista), nunca precisou “brigar para manter” seu estilo no jornalismo, e, como se sabe, em seu blog é seu próprio editor. E trazendo uma reprodução de sua crônica neste jornal diário de grande circulação, que republica em seu blog⁴⁴, reforça-se a posição do personagem que diz encarar, do estilo dialogal em primeira pessoa, que diz imprimir em

ambos os espaços, da mídia tradicional, como na “nova mídia”.

E esse estilo, em 1ª pessoa e de forma dialogal, é percebido em suas postagens mais recentes, como no próprio nome de uma postagem em março de 2012: “Interior da Toscana: onde você se hospedou?”. Com esse título e sua narrativa convidativa à que as pessoas participassem da postagem, Ricardo comenta de sua hospedagem na região italiana quando buscava “entender as diferenças de localização”. Entre os três hotéis que relata, revela o convite de um deles para sua estada (que segundo o mesmo, ainda será postada detalhadamente). Mas

viaje na viagem ricardo freire

Destino: Pindaíba (minha crônica no Divirta-se do Estadão)
Ricardo Freire • 6 janeiro, 2012

Twitter +1 LinkedIn Email Share / Save

Ilustração | Daniel Kondo

Como você pode comprovar toda terça-feira no suplemento Viagem & Aventura, eu ganho a vida respondendo perguntas sobre viagem. A mais difícil delas – e, infelizmente, uma das mais comuns – é: “Quanto eu vou gastar lá?”.

A única resposta 100% exata e sincera a esta pergunta não costuma ser bem recebida: “Certamente mais do que você imagina”. Ainda bem que eu não tempo de fazer uma estimativa completa, porque nesse caso eu acabaria acrescentando: “Provavelmente mais do que você pode”.

As circunstâncias requerem que eu use o meu repertório politicamente escorregadio. Nas entrelinhas, o consultante entende que vai levar um susto, mas que logo se acostuma. Como já disse uma ex-ministra do turismo, relaxa e etcétera.

Quem já viajou três ou quatro vezes sabe que as dívidas são o único souvenir de viagem que você não precisa comprar: elas se incorporam automaticamente à bagagem da volta. De uma maneira instintiva, você passa então a melhorar a qualidade das extravagâncias. Se é para se lembrar da viagem pelos próximos seis extratos do cheque especial, que pelo menos sejam boas lembranças.

E para que servem então aqueles preços diligentemente coletados pelos colegas? Apenas para dar uma idéia de grandeza. Na vida real, nada garante que a tal Coca-Cola de 2,50 dinares se materialize na sua frente quando você precisar dela. Ou que o restaurante do prato feito de 35 quetzales esteja no seu caminho.

Aquelas caipiroskas na praia de 28 reais, porém, podem ser a diferença entre uma tarde comum e uma tarde que você lembre daqui a dez anos – quando a ressaca e o rombo já tiverem desaparecido sem deixar traço.

Imagem 11: Destino: Pindaíba – VnV

⁴⁴ Postado por Ricardo Freire em 06/01/2012, extraído de <http://www.viajenaviagem.com/2012/01/pindaiba-minha-chronica-no-divirta-se-do-estadao/>, acessado em 02/07/2012.

além de incluir outros dois hotéis na postagem, sendo um positivamente relatado, enquanto o outro, “duplamente” mal avaliado, termina a postagem convocando os comentários para uma “compilação de recomendações (ou desrecomendações!) dos trips⁴⁵ sobre hospedagem no interior da Toscana.” O extrato da postagem representado nessa imagem ao lado⁴⁶ não capta essa informação, mas atualmente, essa postagem acumula 70 comentários.

Seu site possui outras categorias de postagens além das narrativas de suas experiências turísticas, e das reproduções de suas crônicas quinzenais, como: notícias relacionadas às viagens; perguntas que desafiam seus leitores semanalmente (intituladas, “Charadas da 6a”), a respeito de destinos e viagens em geral; dicas mais diretas em que, talvez, ainda tente demonstrar como cada pessoa pode “acalantar, paquerar, pesquisar e preparar sua viagem, [...] tirando o máximo proveito de tudo isso, [...] ajudando [...] a ser mais ‘viajado’[, e] principalmente, aumentando seu

viaje na viagem ricardo freire

Interior da Toscana: onde você se hospedou?

Ricardo Freire • 17 março, 2012

Na temporada toscana do ano passado, me hospedei em três lugares diferentes (sem contar Florença). O motivo do pinga-pinga não era tanto experimentar lugares, e sim entender as diferenças de localização.

Passei uma noite nos arredores de Siena, no hotel *Villa Patrizia*, e adorei. O hotel tem um *aplomb* clássico e serviço eficientíssimo, mas naquele início de outubro oferecia tarifas camaradíssimas (talvez por ter mobiliário e equipamento antiquados). A posição também é excelente: na saída de Siena, perfeito para rolês de carro, e a oito minutos de ônibus do centro histórico.

Nosso segundo hotel foi o *Relais della Rovere*, na parte nova de Colle di Val d'Elsa. Aqui me decepcionei duplamente. O hotel (que também estava baratinho) se revelou bem menos charmoso do que o site prometia (apesar de funcionar num antigo mosteiro). E a localização Colle di Val d'Elsa, que eu achava perfeita no mapa, na vida real se mostrou pouco prática, porque Pisa e Lucca ficam mais distantes na prática do que na teoria (hoje acho mais interessante fazer esses lados de trem, a partir de Florença).

O terceiro hotel foi o *Laticastelli*, em Rapollano Terme, onde fiquei a convite do hotel. Devo ainda fazer um post sobre a estada, mas adianto que foi gostei mais do que esperava. Instalado num vilarejo medieval que passou décadas abandonado, o hotel é um ótimo meio-termo entre um *agriturismo* super-rústico e um hotel de luxo proibitivo. Mas o melhor ainda é a localização: dá para ir a Siena, San Gimignano, Chianti, Val d'Orcia, Cortona e Assis sem trocar de base. Sua vantagem competitiva é estar ao lado da auto-estrada Siena-Bettolle, que leva à boca das regiões para explorar pelas vicinias.

Mas a função deste post é servir de base para uma compilação de recomendações (ou desrecomendações!) dos trips sobre hospedagem no interior da Toscana. Onde você ficou quando foi? O que achou do hotel? A localização era interessante para quais passeios? (E desinteressante para outros quais?)

Grazie mille!

Leia também:

[Todas da Toscana no Viaje na Viagem](#)

Imagem 12: Onde você se hospedou? - VnV

⁴⁵ Segundo o *Dicionário da Bóia*: “Trips. Genial abreviação de “Tripulantes”, cunhada pelo Wander”. E, “Tripulação. Na fase [Zip.net](#) do blog, quando a interação ainda era muito pequena, eu costumava me dirigir aos leitores com um respeitooso “Senhores tripulantes”. Quando o blog migrou para a plataforma Wordpress e se tornou repentinamente interativo, eu promovi os passageiros a “Tripulação”. Não tardou para que alguns tripulantes passassem a me tratar por “Comandante”. Fora do contexto pode parecer meio ridículo, mas aqui no site é fofo, vai.”

⁴⁶ Postado por Ricardo Freire em 17/03/2012, extraído de <http://www.viajenaviagem.com/2012/03/interior-da-toscana-onde-voce-se-hospedou/>, acessado em 02/07/2012.

prazer em viajar” (FREIRE, p. 17, 1998); e de postagens publicadas (essas, geralmente, compiladas em temas menos cobertos/discutidos pelo próprio VnV, podendo ser reproduzidas ou linkadas) em outros blogs, da comunidade da “Viajosfera”, nome que serve como referência de armazenamento dessas postagens, TAG.

Com isso, a temporalidade do espaço de Ricardo Freire varia bastante, como é o caso de vários blogs, pois essas postagens respeitam a temporalidade dos fatos a serem noticiados, a periodicidade dos desafios e crônicas, ou a esporadicidade das referências a outros blogs e das dicas que lembram o estilo de seu primeiro livro, de como “fazer sua viagem começar muito, mas muito antes do check-in. [E] trazer a ‘viagem’ da viagem para os trezentos e tantos dias do ano em que você não está viajando.” (FREIRE, p. XX, 1998).

As narrativas de viagens, por sua vez, podem ser postadas em diferentes tempos. Essas postagens podem acontecer depois de um bom tempo de sua experiência de viagem, como na postagem das hospedagens do Interior da Toscana ele revela, ou, às vezes, tendo a mesma viagem, dividida em diferentes postagens, por temas e/ou cronologia da viagem; podem narrar os preparativos de uma viagem, já realizada ou não; como podem ser postadas ao longo da própria viagem. Na imagem 1, fragmentada e reproduzida na imagem a seguir⁴⁷, a proximidade temporal entre o vivido e o narrado é representada através de duas chamadas para postagens mais recentes à época (23/04/2011), que também lança uma evidência da relação que se estabeleceu entre as pessoas blogueiras fora do ciberespaço, como neste caso em que se reuniam em Nova York:



Imagem 13: Viaje na Viagem

⁴⁷ Extraído de <http://www.viajenaviagem.com>, acessado em 23/04/2011, destaques do autor.

Desde seu primeiro espaço, o blog viajenaviagem.zip.net, e primeiro mês de atividade, poderia se notar essas diferentes temporalidades, como os cenários que cria com seus personagens e detalhes de sua percepção, nas postagens que narrariam sua “volta-ao-mundo”. Além do porquê da viagem, ou mesmo do blog, naquele momento.

Em sua primeira narrativa⁴⁸ (30/12/2004), revela a ansiedade de familiares e amigos em querer saber se ainda iria para a Ásia, dado os acontecimentos (Tsunamis) que haviam acontecido na região, e além de demonstrar sua preocupação e respeito com os destinos afetados, afirma que ainda assim manteria a viagem, até mesmo por não passar nesses lugares, mas também por acreditar que encerrando as atividades turísticas nesses destinos (que já possuíssem estrutura e pessoas envolvidas com esse setor), a sua própria reconstrução seria prejudicada.

No dia seguinte, 31/12//2004, ainda antes da viagem, relata o porquê de ter inventado o blog naquele momento, que seria um “lugar para armazenar os insights, paralelos e bobagens que só se manifestam no calor da viagem”, além de nos destacar a temporalidade de construção de sua escrita em diferentes tempos. Nesta narrativa⁴⁹, cria cenários de suas situações, quando jovem e escrevia seus cartões-postais, a amigos e familiares, assumindo que os últimos eram os melhores, por virarem “um pout-pourri das tiradas mais felizes”; de quando migra suas narrativas para o ciberespaço (através dos e-mails ainda, em 1998), e num “cybercafé [lhe] dava 45 minutos para organizar as tiradas num texto legível”; ou de como fazia para chegar às tiradas e aos computadores, àquele tempo ainda não tão acessíveis, e que lhe rendeu algumas histórias; ou da ideia que levaria a seu segundo livro⁵⁰ (Postais por escrito, 1999), além de a seu blog.



Sexta-feira, 31 de Dezembro

Postais por escrito, o retorno

Quando eu era jovem e tinha letra boa, uma das minhas diversões de viagem era sentar num café, pedir um chope e escrever uma batelada de cartões postais a amigos e familiares. Acontecia sempre uma coisa curiosa: as frases que eu mais gostava de ter escrito num postal sempre arranjavam um jeito de invadir os postais seguintes. Os melhores postais da série, claro, eram os últimos, que viravam um pot-pourri das tiradas mais felizes.

⁴⁸ As postagens de Ricardo Freire, nesse primeiro espaço de seu blog, pareciam ter algum tipo de limitação de caracteres ou espaço de armazenamento, e por isso, uma mesma narrativa era dividida em diferentes postagens, curiosamente postadas em ordem inversa, para que, aparentemente, a narrativa fizesse sentido, uma vez que assim seriam expostas no blog, cronologicamente inversas. Revelando, também, que as narrativas eram escritas antes do início da postagem, digo, o momento de sua escrita não seria no momento da postagem.

⁴⁹ Extraída de http://viajenaviagem2.zip.net/arch2004-12-01_2004-12-31.html, acessado em 02/07/2012.

⁵⁰ Este livro resgatou alguns destes e-mails escritos no “calor da viagem” que Ricardo Freire.

Aos poucos, porém, eu fui ficando sem paciência pra passar tardes inteiras preenchendo postais. Daí inventaram a Internet, e eu tive um estalo. Em vez de garranchar uma pilha de cartões-postais quase idênticos, por que eu não parava num cybercafé e mandava um longo e-mail para minha lista de amigos? Hoje isso soa absolutamente banal, mas em 1998 os cybercafés ainda eram novidade. O próprio e-mail era um meio de comunicação que ainda engatinhava. (Não existia spam, acredita?) A idéia me pareceu tão original, que eu chamei o negócio todo de "projeto", e dei até um nome ao tal projeto: Postais por escrito.

A coisa funcionava assim: eu chegava numa cidade e ficava dois dias ruminando bobagens comigo mesmo. Sob uma condição -- auto-imposta: não podia anotar nada em papel. No terceiro dia eu entrava num cybercafé e me dava 45 minutos para organizar as tiradas num texto legível. A parte mais difícil era encontrar um cybercafé. Na Europa ocidental até que era relativamente simples -- mas vai descolar um cybercafé na Marrakech de 1998! Em Istambul usei o computador de uma loja de tapetes. Em Cracóvia, na Polônia, os "nativos" usavam computadores com tela preta e sistema DOS, enquanto a única máquina com Windows era reservada aos estrangeiros. Foi divertido. Peguei os postais que saíram mais bacaninhas, juntei com trechos de antigos diários de viagem, e lancei em livro (aí na foto). Tem uma seleçãozinha deles na coluna dos links da direita. O postal que eu gosto mais é esse aqui, de [Budapeste](#).

Pensando bem, o que eram esses Postais por escrito, senão um blog *avant la lettre*? (Tô chique, hoje.) Não, eu não inventei esse blog só pra arranjar mais uma sarna pra me coçar. Eu inventei esse blog para ter um lugar para armazenar os insights, paralelos e bobagens que só se manifestam no calor da viagem. Tá, eu podia fazer um diário. Mas quem tem saco de passar a limpo?

Escrito por Ricardo Freire às 18h34

[[\(2\) passageiros](#)]

No dia 01/01/2005, dia do embarque, além de uma postagem em que rechaça a escolha de um editorial impresso em dedicar uma de suas edições para mostrar Punta del Este para os paulistas, expõe outra narrativa (dividida em duas postagens), em que reflete sobre como nascem as viagens, e como havia chego a mais essa viagem, de volta ao mundo. Para isso, começa a refletir sobre diferentes formas de viagens, comparando novamente as viagens ao sexo, e brinca que a “maioria das viagens nasce por descuido, mesmo. [...] do jeito mais papai-mamãe que existe [...], sem preliminares nem nada”, mas que as melhores seriam as em que “você se apaixona por um livro, por um filme, por uma comida, por uma foto, por uma idéia e imediatamente começa a gestar uma viagem que algum dia, se tudo correr bem, verá a luz”. Como no caso da viagem que diz ter tirado a foto que ainda ilustra seu espaço, ou desta volta-ao-mundo que estava prestes a realizar, mas que havia nascido “há uns cinco anos”, e que ele havia passado “os últimos oito meses planejando tudo nos mínimos detalhes”, torcendo “para que os imprevistos [fossem] sensacionais”. E na sequência desse mês continua postando (20 narrativas, organizadas em 41 postagens), narrando a viagem enquanto é realizada.

Mas voltar a narrativa em que diz sobre a motivação desta viagem, pois pode levantar a questão de temporalidade da própria experiência, que como Ricardo coloca a respeito da

experiência turística, pode nascer tempos antes de ser vivida, ou como coloca TURNER, faz parte de um processo ritual em que o estímulo à experiência, e a consumação em si desta experiência como uma experiência vivida, e significativa, pode demorar o tempo que for necessário para esta (re)significação. Dependeria, para TURNER, do processo em si, mas da pessoa envolvida a tal, pois esta personagem de sua própria performance que interpretaria as relações que uma experiência tem para com seu mundo de significados, suas diretrizes significativas. A partir, sim, das relações que estabelece com as realidades e pessoas com quem convive, mas através de seu olhar e bagagem de vida (experiências anteriores) perante a tudo isso. De certa forma, Ricardo nos evidencia esse processo, nesta mesma narrativa⁵¹ que publicou antes de embarcar, podendo, inclusive suscitar pensar nas formas processuais de um ritual, segundo Turner, os quatro momentos de um drama social (a ruptura, a crise e intensificação da crise, a ação reparadora, e mesmo o desfecho), no caso de Ricardo, representando, aparentemente, mais harmonia, que cisão social:

Sábado, 01 de Janeiro

De como nascem as viagens

Viagens podem ser desejadas ou indesejadas. Podem ser arranjadas. Podem ser adotadas. (Podem ser abortadas, também.) Viagens podem ser prematuras. Viagens podem ser até gêmeas (junte duas viagens numa só, e *voilà*).

Poderia ser diferente, mas a verdade é que a maioria das viagens nasce por descuido, mesmo. Em cima da hora você se dá conta de que vem aí um feriadão ou o fim do ano ou as férias das crianças e precisa cumprir suas obrigações domésticas. (Viagens assim costumam ser geradas do jeito mais papai-mamãe que existe: indo direto ao anúncio da CVC no jornal de domingo, sem preliminares nem nada.)

As melhores viagens, no entanto, nascem (a) de aventuras irresponsáveis ou (b) de projetos maduros de longo prazo. Você se apaixona por um livro, por um filme, por uma comida, por uma foto, por uma idéia e imediatamente começa a gestar uma viagem que algum dia, se tudo correr bem, verá a luz.

Comigo já aconteceu de tudo quanto é jeito. Minha viagem mais esdrúxula e inesperada nasceu de um "Caraca!" que eu ouvi na mesa ao lado da minha, no trabalho. Um mês e meio depois eu poderia ser visto usando 20 mil milhas Smiles para voar até a Venezuela e passar o feriado de Corpus Christi no arquipélago caribenho de Los Roques, onde tirei a foto que ilustra este post. (Num dia que eu estiver sem assunto eu conto essa história inteira.)

A viagem para a qual estou embarcando hoje começou a nascer há uns cinco anos. A idéia era ir à Cidade do Cabo e a Sydney numa mesma empreitada, e na volta escrever alguma coisa como "Todos os Rios de Janeiro do mundo". (Não me venha com São Francisco, Hong Kong ou Vancouver – Rio de Janeiro que é Rio de Janeiro tem que estar no Hemisfério Sul e ter clima, no máximo, subtropical.)

A coisa voltou à tona em fevereiro de 2004, quando eu sentei para reescrever meu primeiro livro, o "Viaje na Viagem" (que vai sair em algum momento de 2005 – se eu conseguir terminar –, lotado de informações inéditas, com o título "*Almanaque Viaje na Viagem*"). Eu tinha passado os últimos quatro anos perambulando nas horas vagas pelo litoral brasileiro, por conta do meu guia de praias (www.freires.com.br). Nesse

⁵¹ Extraída de http://viajenaviagem2.zip.net/arch2005-01-01_2005-01-31.html, acessada em 02/07/2012.

tempo todo, as viagens para longe foram poucas, e todas vapt-vupt. Reescrever o livro provocou em mim a mesma comichão aeroportuária que o "Viage" costuma provocar nos leitores. Além do quê, em alguns momentos eu me senti um pouco enferrujado. Como reescrever um livro louvando as grandes viagens superplanejadas, se fazia anos que eu não empreendia nenhuma viagem assim?

Foi então que resolvi colocar o Japão no roteiro. Pronto. Eu já tinha uma grande viagem para ficar superplanejando até janeiro chegar.

(Continua no post abaixo)

Escrito por Ricardo Freire às 13h59

[**(3) passageiros**]

Tecnicamente, vou dar uma volta-ao-mundo. Mas não é uma viagem volta-ao-mundo como uma volta-ao-mundo deve ser feita – cheia de escalas que provoquem choques culturais. Não. Meu roteiro é razoavelmente tranquilo, com poucas escalas, numa seqüência que faz sentido. O que eu fiz foi aproveitar uma *tarifa* volta-ao-mundo para empreender uma viagem fora das rotas pré-existentes.

Para quem se interessa por detalhes técnicos: as alianças de companhias aéreas e os grandes consolidadores de passagens têm tarifas tentadoras para quem quer dar a volta ao mundo. Nos consolidadores você pode conseguir pechinchas tipo 1.000 e poucos dólares – só que, além de obrigatoriamente começar e terminar a viagem no Hemisfério Norte, você vai ter que encarar vôos em companhias engraçadas de países esquisitos. Para nós aqui embaixo a tarifa melhor é de 3.000 dólares na classe econômica, oferecida pelas alianças de grandes companhias aéreas (Star Alliance, da Varig, ou OneWorld, da American).

(Só entre nós: na verdade, a tarifa volta-ao-mundo mais barata que existe é a de 11.000 dólares viajando em primeira classe – que é mais ou menos o preço de um bilhetezinho do Brasil pra Europa ali na frente do avião. Meu amigo Gianfranco Panda Beting, que é muito mais chique que eu, já fez essa viagem umas três vezes – clique [aqui](#) pra ver o que ele conta.)

Para montar uma volta-ao-mundo você precisa, então, de duas coisas: escolher uma aliança de companhias e ter um agente de viagem experiente, que saiba lidar com os podes e os não-podes dessa tarifa. Eu escolhi a Star Alliance por ser a única que voava direto à África do Sul (e para coletar milhas Smiles em todos os trechos), e já tinha o Rubens, da *Aviotur*, meu super agente de viagem desde o milênio anterior. Apesar de o Panda recomendar ir na primeira classe e na direção oeste (duas decisões que ajudam você a driblar os efeitos do fuso horário), eu vou de econômica mesmo, por uma questão de pindaíba, e na direção leste, porque a seqüência de lugares fica mais interessante (em linhas gerais, vou do menos para o mais civilizado). Primeiro Cidade do Cabo, depois Cingapura, então Sydney, daí Japão e por fim Nova York. Prometo pelo menos um postal por escrito de cada escala (eu falei *pelo menos*).

Passei os últimos oito meses planejando tudo nos mínimos detalhes. Agora é torcer para que os imprevistos sejam sensacionais.

Escrito por Ricardo Freire às 13h57

[**(4) passageiros**]

Além desta questão de temporalidade da experiência pode-se também levantar o tema da temporalidade da expressão, que pode resgatar lembranças anteriores à experiência para fazer expressar o que foi significativo naquele momento, ou depois da experiência, mas antes da postagem, que como vimos pode ser antes, durante ou depois de se vivenciar e refletir a respeito do que experienciou ou experienciará.

O espaço de Ricardo Freire possui interface direta com outras plataformas do ciberespaço, como as redes de micro-blogs, Twitter, e de relacionamentos sociais, Facebook, ambos em nome de “Viaje na Viagem”, além de outras contas, como Ricardo Freire, que não são linkadas diretamente em seu site, mas encontráveis através dessas redes de relacionamentos. Também recorre a outra ferramenta, como a rede de compartilhamento de vídeos, YouTube, mas esta interface não possui um atalho logo na página inicial de seu site, e sim, nas próprias postagens em que tiverem a interface com narrativas audiovisuais. Inclusive, atualmente seu canal no YouTube (apesar de não linkado no blog) chama-se “viajenaviagem”, mas já teve outro (ainda acessível) em seu nome, “riqfreire”. Neste segundo, postou 33 vídeos, de maio de 2007 a janeiro de 2011, enquanto o primeiro canal, já possui 16 vídeos (postados entre 26/11/11 e 16/06/2012), mas estes são parte de uma campanha (intitulada, “Vai por Mim”) que realiza com uma marca de cartões de crédito, em que em vídeos de aproximadamente 2 minutos, dá dicas gerais a respeito da cidade em que está visitando, além de dicas específicas para os portadores do cartão da bandeira que o contratou.

E não é a primeira campanha que Ricardo realizou através de narrativas audiovisuais, pois de 01/10/09 a 20/07/10, através de 46 vídeos, encampou uma campanha (“Desempacotando”), para um site internacional de reservas de hotéis, em que comparava viagens de pacotes de viagens, com viagens programadas pela internet, através deste site de reserva. E ao “desempacotar” suas dicas das cidades que visita (divulga), destaca algumas facilidades que a internet proporcionaria para reservar sua hospedagem, dada a dinamicidade e variedade de ofertas, como de algumas desvantagens (para ele) da dinâmica de viagens “empacotadas”, em que, segundo ele, a pessoa estaria como num “cordão de isolamento”. Esta campanha foi hospedada no canal da própria rede de reservas, dentro do YouTube, e vale destacar que alguns destes vídeos foram legendados para o inglês.

Mas voltemos às apresentações, deixando outra postagem de 2006 (21/06), em que Ricardo dá outras pistas sobre a rede de pessoas que começam a se relacionar em torno de seu espaço, além da dinâmica àquela época. Tanto da dinâmica de seus comentários, que podem ser controlados ou mesmo excluídos, como da postagem, que pode incluir respostas e menções aos comentários de outras postagens ou personagens que por ali passavam, como quando apresenta nosso próximo blogueiro, o Arnaldo, em uma postagem⁵² de 2006:

⁵² Extraída de http://viajenaviagem.zip.net/arch2006-06-01_2006-06-30.html, acessado em 02/07/2012.

Quarta-feira , 21 de Junho

Obrigadíssimo

Ou, como diria aquele ex-BBB (qualquer um): valeu, galera ;-)

[...] Só mais duas coisinhas: pode deixar, **Marcos**, que eu não vou fechar a caixa de comentários, não. É tão raro o que aconteceu anteontem, que não vale a pena. O blog tem uma dinâmica quando estamos só entre “sócios”, e outra quando entram os passantes. Acho inclusive que, melhor do que limitar a participação dos de fora, eu tenho mais é que facilitar a contribuição dos de casa, arranjando um sistema de comentários externo ao Uol (mas preciso de instruções, porque sou cyberanalfa).

E olha só, **Arnaldo**: já deletei aquele comentário que te incomodava.

E vamos virar o disco...

Escrito por Ricardo Freire às 12h31

[(9) passageiros]

3.1.2. Fatos & Fotos de Viagens / Arnaldo “Interata” Affonso

Fatos & Fotos de viagens

Mantenedora	Arnaldo "Interata" Affonso	
Hospedeiro	Squarespace	
Criação	mar/06	

Auto-Denominação

VIAGENS são pessoais e intransferíveis, tal qual os bilhetes aéreos e as bagagens. Cada viagem deve ter a personalidade de quem as faz, reger-se sob as circunstâncias peculiares a cada indivíduo, da personalidade à cultura, da formação ao padrão sócio-econômico, da saúde ao condicionamento físico, mas sobretudo o gosto pessoal.

É por este motivo que torna-se inútil, banal, pretensioso e impositivo qualquer viajante (mesmo o mais experiente) definir o que outro

Interface



#	Seções	Proposta	Posição
1	Editorial	Apresentação	Lat. Esquerda
2	Tráfego no F&F	Qtd. de acessos	Lat. Esquerda
3	Comentários	Últimas contribuições	Lat. Esquerda
4	Viaje neste blog	Atalho p/ o blog aTA	Lat. Esquerda
5	Outros Blogs	Atalhos Externos (Blogroll)	Lat. Esquerda
6	Navegando no Blog	Interação	Lat. Esquerda
7	Para Inspirar	Nós auto-definidos	Lat. Esquerda
8	Fotografia em Viagens	Nós auto-definidos	Lat. Esquerda
9	Guia de Cruzeiros Marítimos	Nós auto-definidos	Lat. Esquerda
10	Todas as Viagens	Arquivo	Lat. Esquerda
11	Postagens	Integrais	3/4 Direita

Imagem 14: Fatos & Fotos - Apresentação

A história de Arnaldo “Interata” Affonso é curiosa, além de enigmática em alguns aspectos. Conforme nota-se na postagem do *VnV* apresentada anteriormente, quando o próprio *Fatos & Fotos de viagens* ainda tinha três meses, Arnaldo já seria tratado pelo Ricardo como um dos “sócios” que compunham àquela época a comunidade que se iniciava. Mas Arnaldo reserva-se a expor essa ativa relação com o antigo *VnV* apenas nos comentários de postagens do *F&F*, apesar de assumir a influência das narrativas de Ricardo Freire e outros escritores e autores sob sua própria narrativa, nas postagens. Em outro comentário⁵³ de Arnaldo no *VnV*, a um mês de inaugurar seu próprio espaço, ele se apresentava na blogosfera viajera, se declarando “fã-leitor” de Ricardo, desde seu primeiro livro, comentando, inclusive, sobre a “evolução na qualidade técnica e no estilo” de Ricardo Freire que Arnaldo notava dentre aqueles, aproximados, 14 meses de existência do *VnV*. Além de dar pistas de sua ocupação laboral, Arnaldo já diz sobre suas predileções às viagens e fotografias (dando até indícios de que pensava a respeito de seu blog?):

[Arnaldo Interata] [interatabr@yahoo.com.br] [www.promenade.com.br]
 Ricardo, sou seu fã-leitor desde MUITO antes de você tornar-se virtual, cibernético, desde que comprei seu primeiro livro. Desde também a primeira publicação deste fabuloso bog, venho acompanhando sua evolução e gostaria de registrar DUAS coisas: PRIMEIRA: agradeço as referências sempre elogiosas aos apart-hotéi da

⁵³ Extraído dos comentários da postagem “Paradeiro Desconhecido”, em http://navblog.uol.com.br/comment.html?postFileName=2006_02-13_11_54_11-10219467-0&idBlog=1176625, acessado em 02/07/2012.

Promenade, empresa da qual faço parte. Se quiser me escrever quando tiver tempo e falar sobre o assunto, talvez cadastramos vc. para ter uma conta-corrente, tarifas especiais, não hesite; SEGUNDA: você está fotografando cada vez melhos. A evolução na qualidade técnica e no estilo são notáveis. Parabéns. Parabéns por tudo mais. Seu blog é um espetáculo. Seu Guia de Praias um show. Além de trabalhar viajo bastante e fotografo muito, meu hobby predileto, por isso posso lhe assegurar que vc tem feito fotografias cada vez melhores e mais adequadas ao contexto do blog. Qualidade técnica associada a estilo. Bem, essa praia confesso que não sei onde fica! Abraço!

13/02/2006 14:39

O empresário do ramo hoteleiro, curiosa informação que também não encontrei em seu blog, Arnaldo, não relata exatamente como chegou à blogosfera, mas escreve que buscava auxiliar o leitor no planejamento de uma viagem, além de compartilhar algumas de suas “maravilhosas viagens”. Curioso que essa definição é extraída de uma postagem⁵⁴, com dois anos de *F&F*, em maio de 2008, em que revela a possibilidade do fim de seu blog, pela dificuldade em manter um espaço que considera um hobby⁵⁵, com a qualidade que impôs ao longo de sua existência. Mais exatamente nos comentários desta postagem, desabafa sobre o interesse em oferecer o que chama de um blog “guia de viagens”, em oposição aos blogs “diários de viagens”, ou mesmo, dos “pontos-de-encontro”, mas a dificuldade em conciliar seus desejos com sua realidade, em resposta a reação de outra blogueira sob seu comunicado:

COMUNICADO sobre a EVENTUAL possibilidade de ENCERRAMENTO do BLOG
05-17-2008

[...] Reader Comments (14)

Arnaldo, [...] O pedido dos seus leitores e a conclusão de que demora a carregar é natural de se ler e não acredito que baixar a qualidade das fotos fará do seu blog 'mais um', pois como você mesmo disse, os temas são pesquisados, lidos, escritos, com todo o cuidado.

[...] Quanto à falta de vontade ou de tempo, não há argumentos. Um blog, por mais profissional que ele se proponha a ser, já que não é 'trabalho' ou 'obrigação', deverá ser feito com prazer e vontade. Ou não faz mesmo nenhum sentido manter e dispor de tempo para isso.

Eu não vejo mal em um blog ser um local de bate-papo de viajantes, um lugar de encontro com pessoas que tem o mesmo interesse. Não vejo também porque isso seria ruim, mas cada um tem a sua opinião. Também não acho que o Fatos e Fotos tivesse este intuito e acho que ele jamais se tornou assim. E para que ele fosse uma 'revista/guia' eletrônico e assim você estivesse desobrigado a responder os comentários, era simples, só bloquear este recurso.

Bom, de qualquer forma, acho que sua decisão deve ter sido bem pensada e não precipitada.

Desejo boas viagens que não serão compartilhadas por nós, mas certamente serão bem vividas.

0:11 | Mô Gribel

MÔ GRIBEL:

⁵⁴ Extraída de <http://interata.squarespace.com/jornal-de-viagem/2008/5/18/comunicado-sobre-a-eventual-possibilidade-de-encerramento-do.html>, acessado em 02/07/2012.

⁵⁵ Intitular mesmo como hobby, o fará em outra postagem, já em 2010, conforme mostrada a seguir.

1) o "problema da qualidade das fotos", como você descreve, não é de fato O problema, mas UM deles, do CONJUNTO de "problemas".

Fazer um blog com fotos pequenas, de baixa qualidade (me refiro a COMPRESSÃO, dimensões, não ao talento dos fotógrafos ou ao padrão da imagem) NUNCA foi meu objetivo, pois quando me decidi por fazê-lo, eu pretendia algo DIFERENTE, e quando digo isso não me refiro a ser "melhor", tão somente "diferente";

2) tanto quanto a qualidade das fotos, outro diferencial era a qualidade do texto (NOVAMENTE me refiro ao TAMANHO, ao conteúdo);

3) em nenhum momento eu afirmei ou sequer sugeri ser um "mal" (e muito menos ser "ruim"!) haver blogs orientados como "diários de viagens", "bate-papos" e/ou "pontos-de-encontro". Ao contrário, eles são maioria, eu minoria.

NOVAMENTE eu me referi a meu desejo de fazer algo DIFERENTE, não mais um. Sobre essa questão do "ponto-de-encontro" da comunidade de viajantes, lembre-se de que eu era um dos ativos frequentadores dos primórdios do VnV, onde nas caixas de comentários havia uma grande alegria em conviver virtualmente, de "baterpapo" com outros comentaristas, coisa que foi pelo ralo com o advento do VnV comercial (Abril). E foi por esta razão que sugeri - ainda no antigo VnV - que a Sylvia ou qualquer OUTRO comentarista NÃO blogueiro fizesse um blog para MEDIAR justamente aquela convivência tão boa que havia.

Assim, fica claro que nada tenho contra "diários de viagens", "bate-papos" e/ou "pontos-de-encontro", até por coerência, uma vez que eu fui um ativo participante.

TODAVIA, reafirmo que o meu propósito com o FATOS & FOTOS de Viagens (de novo insisto) era fazer algo DIFERENTE dos demais, independentemente de EU gostar ou não dos demais.

O FATOS & FOTOS de Viagens jamais foi assim justamente porque foi planejado e orientado "profissionalmente", no sentido contrário a este perfil, até mesmo nas respostas e no NÃO incentivo a ser uma "comunidade" de bate-papos, encontros e tudo mais. Justamente para que ele NÃO se desviasse do seu "caminho", de sua "personalidade";

4) Ser mais um pode parecer atraente para muitos, mas não é pra mim. Nos primeiros comentários deste blog vc. poderá encontrar depoimentos de pessoas pedindo para que EU aparecesse, EU colocasse fotos, EU falasse de mim, EU me mostrasse. Eu fui e serei coerente em NÃO fazer isso porque esse NÃO é nem foi o objetivo do FATOS & FOTOS de Viagens. Este NÃO é um diário de viagens assim como NÃO é um blog pessoal. De fato EU não tenho NENHUMA importância, sim os destinos que pretendo mostrar de maneira a que aquilo que o leitor encontrar seja útil como um guia de viagens. Ao comprarmos a revista Viagem & Turismo nas bancas não estamos fazendo isso por causa da Rachel Verano, Adriana Setti ou tantos outros que nela escrevem ou escreveram (entre eles, eu). A motivação da compra é devido ao fato de que procuramos notícias, novidades, guias, informações, dicas sobre destinos, tudo com um formato bom no conteúdo e na forma.

O FATOS & FOTOS de Viagens pretendeu ser (e se um dia eu encontrar uma maneira de conciliar meu tempo com o desejo de fazer algo BOM com esta orientação (GUIA de VIAGEM ilustrado, continuar a ser). O Fatos & Fotos de Viagens é um GUIA de Viagens, não um blog pessoal.

Não encontro sentido em fazer diferente se não me agrada, isto é, ser mais um contador do MEU diário de viagem. Desde o início o blog NUNCA foi personalista e que sequer pudessem dar a entender que eu pretendia promover a mim mesmo. Portanto, nenhum sentido em fazer um diário de viagem do tipo "saí às 9 da manhã do meu quarto número tal do hotel tal na rua tal, peguei o carro alugado cor tal, marca tal placa tal, almocei no restaurante tal o prato aquele, etc, etc, etc, e a manhã conto o resto do que fiz no meu dia nesta viagem". Ao contrário, o FATOS & FOTOS de Viagens nasceu com uma proposta radicalmente oposta a este "nicho de mercado" justamente porque eu jamais havia encontrado um bom guia de viagens em formato de blog mas centenas de blogs diários de viagens [...]

A questão de blogs como “ponto-de-encontro” ainda será trabalhada mais à frente. Mas Arnaldo levanta outra questão importante para esse momento, nesta narrativa. O fato de, naquele momento, não querer *personalizar* seu espaço, priorizando a informação do destino, remete a algumas possíveis diferenças de propostas nos blogs. Diferentemente de Ricardo Freire, por exemplo, Arnaldo evitaria escrever suas primeiras postagens em 1ª pessoa, apesar de “chamar” seu leitor para o texto, por “você”⁵⁶. Também não apareceria em suas fotos, que objetivariam os detalhes do cenário que gostaria de retratar, ajudando a construir narrativas que já se complementavam (e continua sendo uma característica sua), entre suas palavras e imagens, enquanto outros blogs intercalam ambas as perspectivas, tanto do lugar em si, como da pessoa no lugar. E, por último, não menos importante, não detalharia suas experiências através de informações objetivas de seu roteiro, mas a partir delas (experiências), e suas expressões, ilustrar um “guia de viagens em formato de blog”.

Através dessas diferenças de perspectivas os blogs se constroem, menos ou mais pessoais (personalizados), mais informativos ou narrativos, em 1ª ou 3ª pessoa, com suas personagens mais ou menos aparentes; e mesmo, se reconstroem através do tempo, como o próprio Arnaldo, que apesar de continuar sem aparecer em suas fotografias (com raríssimas exceções), hoje utiliza da 1ª pessoa em sua narrativa, tanto no singular como no plural. Independente dessas possibilidades (e que não são conclusivas ou intransigíveis), as pessoas que blogam, quando narram experiências (mesmo carregada de informações objetivas), poderiam ser encaradas como qualquer pessoa que expressa uma experiência. Conforme BRUNER, somos seres sociais, e necessitamos externar às pessoas ao redor a(s) nossa(s) perspectiva(s) de uma experiência. Anseio que aumentaria, proporcionalmente à significância dessa própria experiência. Precisaríamos externar: “Vivi!”; e no caso de nossas personagens, de certa forma, buscam essa afirmação: “**Fui**, e vivi!”, ou suas variações, “**Vim**, e estou vivendo!” e/ou “**Trei**, mas já vivo!”.

Em uma postagem posterior⁵⁷ (em Agosto de 2010, portanto, depois do prazo que primeiramente havia estipulado como o fim de seu blog), que define realmente seu blog como um hobby, mas que novamente expressa a possibilidade do fim de seu blog, Arnaldo manifesta que seus princípios e fundamentos são pautados pelo respeito ao leitor. Sua ambição seria o de

⁵⁶ Esta característica foi levantada por outra blogueira, Sílvia Oliveira, do blog de viagens Matraqueando. Como cientista, analisou os discursos e as fotografias de quatro blogs, em 2007, e este universo blogueiro na construção criativa de destinos turísticos. Entre os sites que pesquisamos, dois aparecem neste trabalho de Sílvia, o F&F e o Turo, sob o título “**Fotografia e mídia digital: o universo blogueiro na construção criativa de destinos turísticos**” (OLIVEIRA, 2007, p.13)

⁵⁷ Extraído de <http://interata.squarespace.com/jomal-de-viagem/2010/8/19/este-blog-e-um-hobby-que-vai-chegando-ao-fim.html>, acessado em 02/07/2012.

propiciar o bem-estar de viajantes que pudessem aprender algo útil para suas viagens, através do Fatos & Fotos.

ESTE blog é um hobby, há quase cinco anos levado muito a sério. E para mantê-lo venho assumindo custos, muito trabalho e tempo inversamente proporcionais ao meu prazer e disponibilidade. Enquanto era um *hobby*, fazia sentido. Ao deixar de sê-lo, tornou-se um ônus, obrigação que levou-me a encarar seu fim como algo tão natural, corriqueiro quanto qualquer outro ciclo de vida. Mesmo levando em conta sua maturidade, sua utilidade, seu sucesso em franca expansão (passam de 100 mil os visitantes únicos por mês, chegam a 120) e o prazer que me proporcionou até então.

Para dispendir meu escasso tempo em todas as demais atividades que, ao contrário, tanto me motivam (trabalhar, viajar, conviver com minha mulher e nossas adoráveis famílias, fotografar, escrever e dedicar-me às aulas de contra-baixo acústico e elétrico, esta última a tentativa de alcançar o nível de conhecimento de minha doce Emília ao piano) é possível que eu tenha que dedicar-me muito menos ao blog e, inevitavelmente, ele marche para seu fim, encerrando um ciclo de vida aparentemente bem cumprido em seu propósito, cuja utilidade parece ter sido alcançada. Ao longo de sua vida os leitores perceberam um profundo compromisso com a qualidade dos textos e fotografias, uma evolução geral na qualidade à qual não posso mais me dedicar. [...]

Não há como não orgulhar-se, nem como não agradecer à audiência de mais de 100 mil frequentadores diferentes todos os meses, à fenomenal marca de 5 milhões de visitas em quase 5 anos, especialmente por não ser um blog comercial, feito não por profissionais e por ser um *hobby* desprezioso.

O autor é empresário, feliz e empolgado com suas atividades que crescem na proporção inversa à sua disponibilidade. A maior parte de seu tempo tem sido consumida pelo trabalho (afinal é ele que o remunera e possibilita a realização de todos os seus demais sonhos e compromissos), assim como por outros de seus enormes prazeres: **o delicioso convívio com sua família, especialmente com sua doce Emília**, à dedicação do casal aos seus hobbies: a música, o maior deles - ele no contra-baixo acústico, ela no piano -, a fotografia e as viagens.

É o que ambos mais gostam, nada mais nada menos do que a ponta do iceberg de seus planos de vida a dois. Ainda que a atividade bloguística seja uma diversão, seu conteúdo tem princípios e fundamentos muito profissionais: **respeito ao leitor** é o primeiro. Formalidade, maior qualidade possível dos textos e imagens, confiabilidade das informações e a promoção do bem-estar dos viajantes que aqui aprendem algo, na esperança de que possa lhes ser útil em suas próprias viagens, os seguintes.

Nos primeiros 26 meses, antes do primeiro comunicado de que seu blog chegaria ao fim, Arnaldo publicou a cada 3 dias e meio, em média, num total de 212 vezes. Nos 27 meses que seguiram, até a segunda manifestação de que seu hobby já não o encantava como anteriormente, publicou 95 vezes, derrubando sua média para 1 postagem a cada 8 dias e meio. Curiosamente, segue através de outro editorial⁵⁸ (Março/2011), expondo o porquê de seu blog beirar seu fim, apesar de demonstrar surpresa e agradecimento às dimensões que o blog tomou ao longo do

⁵⁸ Por Arnaldo Interata, em interata.squarespace.com, caixa alta e negrito pelo próprio autor, extraído em 28/04/2011

tempo, enquanto buscava “captar a essência dos lugares e inspirar viagens”, com “dedicação e carinho”:

EM 3 de Março de 2011 o Fatos & Fotos de Viagens completou 5 anos. O despretenhoso *hobby* do autor e meio de compartilhamento de suas viagens com amigos e parentes logo tornou-se um dos maiores em audiência: entre 3 e mil diferentes leitores por dia, mais de 1 milhão e 200 mil por ano. Os fundamentos do blog - **captar a essência** dos lugares e **inspirar viagens** - todavia parecem ter alcançado dimensões jamais imaginadas por seu autor, isto é, agrada a um público que excede em muito as pretensões do autor. É claro que a estes agradeço, e o fiz retribuindo com dedicação e capricho.

AINDA que fosse um passa-tempo, sua manutenção, administração, atualização, postagens e respostas aos leitores consulentes, exigia cada vez maior dedicação e tempo que entretanto seu autor não dispõe, devido às suas atividades profissionais.

Mas vai chegando ao fim. E por quê?

Sobretudo porque sua manutenção tornou-se tão mais onerosa quanto menor a disponibilidade de tempo do autor. Enquanto era um *hobby*, fazia sentido. E neste, cumpriu seu ciclo, que chega ao fim. O autor não abandonaria o capricho nos textos, o trabalhoso processo de seleção e produção das fotos, o aperfeiçoamento da diagramação das publicações e a melhoria do *layout* geral apenas para mantê-lo ativo. Ainda menos o tornaria mais uma fonte de divulgação de superficialidades, frivolidades e falta de conteúdo, como tem sido a moda do Twitter.

O fim do blog será precedido de publicações em intervalos cada vez maiores (originalmente eram semanais, agora serão mensais) com textos mais compactos e menos fotos. Serão apenas *flashes* e notícias de suas viagens aos amigos, familiares e leitores que ainda gostam de ler mais do que 140 caracteres.

O autor, por sua vez, permanecerá praticando seus demais *hobbies*: viajar com sua doce Emília, escrever, fotografar, tocar contra-baixos elétrico e acústico e tentar acompanhar o piano de sua doce mulher, maravilhosa companheira de viagens.

Continuaremos não twitando para curtirmos mais nossas viagens!

Obrigado a todos.

Cumprindo o que escreveu, diminuí o ritmo do blog, e quantidade de suas postagens, mas não perdendo a qualidade e o capricho demonstrado e pregado. Inclusive, a frequência de postagens não permaneceu semanal, mas tiveram ao menos 15 postagens, no espaço de um ano corrente. Incluindo uma atualização do editorial⁵⁹, em que segue prevendo o seu fim, que coloca como inevitável, uma vez que seu “vírus bloguístico” já foi extinto, mas continua a desenvolver seu raciocínio sobre as diretrizes que levaram o seu blog a alcançar tamanha admiração e respeito (impressões minhas) frente ao blogueiros, assíduos ou não, para alcançar leitores diferenciados, que além de saberem valorizar e reconhecer o trabalho de se estruturar, produzir e publicar textos “inspiracionais e bem cuidados, responsáveis, independentes, imparciais, não impositivos ou egocêntricos, não patrocinados ou envolvidos com qualquer propaganda que possa lhe retirar credibilidade e confiança”. Além dessas considerações, interessante sua

⁵⁹ Por Arnaldo Interata, em interata.squarespace.com, caixa alta e negrito pelo próprio autor, extraído em 28/04/2011

reflexão de que sendo as viagens pessoais e intransferíveis, seu blog não pretende guiar seus leitores, mas inspirar e estimular seus desejos de viajar, tentando transmitir a essências dos lugares que visita através de seus textos e imagens, conforme diz, não ensinando, mas sugerindo um olhar. Ou seja, penso daqui, não quer apenas guiar as pessoas que o leem a procurarem os lugares que relata, resignando possíveis significados que as próprias pessoas possam perceber, mas estimular seus repertórios vital-humanos (pensamento, vontade, desejo e sentimento) para que através das narrativas de suas experiências, inspire e “despertar seu legítimo e saudável desejo de viajar”.

VIAGENS são pessoais e intransferíveis, tal qual os bilhetes aéreos e as bagagens. Cada viagem deve ter a personalidade de quem as faz, reger-se sob as circunstâncias peculiares a cada indivíduo, da personalidade à cultura, da formação ao padrão sócio-econômico, da saúde ao condicionamento físico, mas sobretudo o gosto pessoal.

É por este motivo que torna-se inútil, banal, pretensioso e impositivo qualquer viajante (mesmo o mais experiente) definir o que **outro** deve ou não fazer, o que ver e visitar, como ir, onde comer e dormir. Se possível, despreze conselhos do tipo “**não vá!**”. Eles não resistem ao bom senso de quem o tem. Os que têm de valor apenas sugerem: “**vá se...!**”, isto é, aqueles que o que leitor encontrará no **Fatos & Fotos de Viagens**. Aqui, as sugestões e recomendações são baseadas na compreensão de que o são o **seu** desejo e a **sua** experiência que valem.

O que escrevo tem o propósito primário de inspirar e estimular, depois orientar e por fim motivar o **seu** desejo de viajar. Também há a pretensão de despertar no leitor o desejo de enfrentar seu eventual medo de sair do lugar-comum, de estimulá-lo a visitar lugares menos batidos e turísticos, ainda que sempre respeitando e reconhecendo que todo e qualquer destino e viagem são válidos, especialmente se o resultado for para o prazer de quem as faz. Não importa para onde você vá, nem de que o jeito você viaja. Mande um “dane-se” para os quem criticam a CVC, os *resorts all inclusive*, as atrações turísticas, os *tour*s, as excursões e os mais batidos dos batidos destinos turísticos - Buenos Aires e Disney encabeçando a lista. O que vale é o **seu** prazer. É incrível quando **você** descobre que a “aventura” foi **sua**.

O Fatos & Fotos de Viagens não é um "guia de viagens". Já existem muitos e ótimos guias impressos que exploram minuciosa e profissionalmente todo os destinos: os *Lonely Planet*, os Visuais DK, os *Frommer*, e os *Fodor's*, entre outros tantos que se encontram com facilidade. Aqui também o leitor não encontrará fotos do tipo "Eu no Taj Mahal", "Eu na Torre Eiffel", "Eu nas Pirâmides de Gisé", "Eu na Piscina do hotel" e relatos em que **eu** apareça mais do que o **destino**. No **Fatos & Fotos de Viagens** o importante é destino, e qualquer aparição pessoal deve estar estritamente inserida num contexto de não promoção pessoal. Tenho verdadeira aversão a relatos de viagens à moda do *Twiter*, isto é, curtos, superficiais e egocêntricos, nos quais o que o indivíduo está fazendo aparenta ser mais importante do que o que ele está vendo.

O blog não tem um perfil no *Twitter*, no *Facebook* ou em qualquer outro “site de relacionamento”. Seu autor tem aversão às repetições *ad nauseum* de matérias já publicadas na mídia, a chatíssima 'retuitagem' de textos relacionados ao turismo. O **F&F** é um *hobby*, seu autor não busca desesperadamente a audiência, tampouco patrocínios e propagandas. **OF&F** cometeu “twitcídio” ainda jovem e jamais teve um perfil no *Facebook*. Aqui se crê na leitura, na educação, na formação e na cultura como o único meio de se “chegar lá”. O **F&F** deplora e desaprova a cultura dos “140 caracteres” e de “curto prazo” do *Twitter*, sobretudo a irritante postagem de inutilidades, de superficialidades, de banalidades e de promoção pessoal de quem não têm a menor importância.

E para o quê, então, serve o Fatos & Fotos de Viagens?

Transmitir a essência dos lugares que visito, seja nos textos, seja nas fotos. Para inspirar o leitor, despertar seu legítimo e saudável desejo de viajar. Não tenho a pretensão de “ensinar”, apenas sugerir. Mantenho e administro este blog com grande esforço, há mais de seis anos. Hospedá-lo no *Squarespace* significa assumir custos financeiros, mas ainda assim o mantenho por motivação pessoal, almejando um leitor diferenciado, que aprecia textos inspiracionais e bem cuidados, responsáveis, independentes, imparciais, não impositivos ou egocêntricos, não patrocinados ou envolvidos com qualquer propaganda que possa lhe retirar credibilidade e confiança. É o leitor romântico que me interessa, aquele que sabe reconhecer o trabalho que dá processar, selecionar, produzir e publicar as fotos e os textos que aqui se encontra. E se este leitor deixar um comentário, terei sido régiamente pago pelo serviço que lhe prestei. Meu objetivo é leitor diferenciado, seletivo, que escolhe conscientemente o incomum, que navega para ler, que procura conteúdo, que não navega para ver figurinhas e ler banalidades.

Então, caro leitor, não estranhe postagens a intervalos cada vez mais longas: o fim do blog é inevitável. Eu e minha doce Emília permanecemos viajando, escrevendo e fotografando, todavia sem a disponibilidade. A motivação e o gosto por me dedicar ao blog já não existe mais, como quando o vírus bloguístico me pegou em 2006. Ele já foi extinto.

Enquanto ainda instisto nele, muito obrigado pela leitura. Viaje bem e leve as crianças!

E atualmente, em seu editorial⁶⁰ (seção que apresenta o blog), continua dizendo que seu blog pode acabar a qualquer momento, mas ainda dá sinais que seu gosto pela escrita possa mantê-lo na internet, como quando lança possibilidades de seu “vírus bloguístico” renascer, seja de outra forma ou com outra intensidade. E ultimamente, por exemplo, parece ter se “contagiado” novamente, pois após um ano (2011) com “apenas” 12 postagens⁶¹, já postou 13 vezes neste ano (até 22/06/2012)⁶²:

Leitores amigos, parentes, comentadores, consulentes, apoiadores, desconhecidos e anônimos: **o fim do Fatos & Fotos de Viagens** é um ciclo natural. Não estipulei uma data para o encerramento, tampouco solenidades de despedidas. O fim será tão natural quanto imperceptível: aos pouquinhos, com intervalos cada vez maiores entre as matérias, antes de 10 em 10 dias, agora a cada 30.

Não há um motivo especial para o fim, ou, melhor, há vários. Mas, saiba, a experiência foi ótima enquanto durou, tenho imenso carinho e gratidão pelos leitores, ainda mais pelos admiradores. Nos três primeiros dos seis anos de vida do blog foi mesmo puro prazer escrever, publicar e participar da blogosfera de viagens. E eu jamais pensei que um *hobby* desprezioso poderia ir tão longe. Tampouco jamais pensei que o trabalho que dá escrever, mantê-lo e publicar um dia acabaria corroendo o prazer.

⁶⁰ Por Arnaldo Interata, em interata.squarespace.com, **caixa alta e negrito pelo próprio autor**, acessado em 22/06/2012.

⁶¹ Alcançando um espaçamento temporal, máximo, de quase dois meses sem postagem. No caso, entre a postagem “Grand Canyon – Arizona”, de 26/05/2011, e a “Monument Valley. Deserto, sublime, deserto”, de 24/07/2011.

⁶² Nos primeiros 12 meses de existência do blog, Arnaldo fez 115 postagens, numa média de uma postagem a cada três dias. No segundo ano (corrido, desde a 1ª postagem), foram 87 postagens, uma a cada quatro dias, em média. No terceiro ano a média foi de uma postagem a cada 7 dias (e meio), num total de 49 delas. No quarto ano fez 44 postagens, com média de 1 a cada 8 dias. O quinto ano teve 22 postagens, ou seja, uma a cada 16 dias. E o sexto ano foi o de menor produção com 14 postagens. Sendo que nos últimos 3 meses e meio (até 26/06/2012), Arnaldo publicou 8 vezes, postando uma vez a cada duas semanas, em média.

Não vou desaparecer. Eu e minha doce esposa Emília permaneceremos viajando, escrevendo, fotografando, tocando nossos projetos de vida, nossas intensas atividades profissionais, nosso lazer, o convívio com a família e nossos outros *hobbies*. A caixa de comentários continuará aberta e, espero, também minha disponibilidade em responder às eventuais consultas. É possível que vez por outra eu publique matérias mais curtas de nossas viagens já feitas e por fazer. Há pelo menos seis matérias já escritas que aguardam na "fila".

Agradeço a todos os que passaram por aqui nesses seis anos, todos mesmo, aos que vieram com frequência, aos que de vez em quando apareceram e até ao incauto leitor que veio uma só vez. Afinal, foi com todos que chegamos aos 7 milhões de visitantes únicos. Todavia, **agradeço especialmente** aos leitores que registraram comentários, elogios e incentivos.

Quem sabe um dia o vírus bloguístico que me pegou em 2006 e já foi exterminado retorne a me pegue outra vez, em nova forma e potência? Quem sabe eu volte a escrever em novos moldes sobre os mesmos ou outros assuntos?

Muito obrigado, um beijo pra todos. Boas viagens, viajem bem e levem as crianças!

Seção EDITORIAL, do blog Fatos & Fotos de viagens, extraído em 22/06/2012.

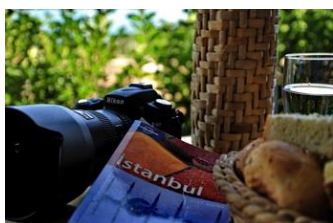
Apesar de não utilizar uma das interfaces que poderia dar maior dinamicidade entre a experiência e a expressão (no sentido temporal apenas), o Twitter (micro-blog), que para Arnaldo, além de efêmeros, estimula textos curtos, superficiais e egocêntricos (e que não suportaria, ou dificultaria, a profundidade de suas narrativas), ele nos fornece outras pistas sobre as possibilidades de redes pelo ciberespaço.

Essa discussão sobre a utilização desses micro-blogs remete ao problema, já levantado, que o ciberespaço em geral nos oferece, que é o espaçamento temporal que pode existir entre a experiência e suas expressões, mas ao mesmo tempo à uma facilidade que, especificamente, os blogs nos traz, que é o registro cronológico de suas expressões, seja das mesmas experiências ou não. No blog F&F, de Arnaldo, por exemplo, as postagens relacionadas às viagens, que é sua grande maioria, costumam ser divididas em partes, divulgadas semanalmente (apesar de atualmente esse espaçamento ser, normalmente, maior, como relata em sua apresentação, citada anteriormente), a respeito de experiências vividas ou a viver; narradas dias, meses ou mesmo anos após a experiência em si.

E dado a profundidade e consistência da narrativa de Arnaldo, e a qualidade de suas fotos, encontra-se diversas referências a seu espaço pelo ciberespaço, sejam em blogs que compõem esta rede de relacionamentos estudada, como em outros espaços, desde blogs relacionados a outros temas, como mesmo, um site de auxílio a estudantes (infoescola.com), em que utilizam de uma narrativa de Arnaldo, para explicar a ilha fiscal no Rio de Janeiro. Suas

narrativas, especialmente as mais reflexivas⁶³, são encontradas sendo (devidamente ou não) citadas em outros blogs; mas suas fotos são exaustivamente utilizadas através de outros espaços na rede de nós da internet. Normalmente, devidamente citadas, mas encontra-se até pedidos de Arnaldo para que se retirem as fotos extraídas de seu blog, devido a não devida citação e utilização, segundo as regras de *Creative Commons License*.

Como também fica evidente ao longo dessas narrativas destacadas, é a referência à Emília, “sua doce mulher [e] companheira de viagens”, que como adiantado, também é blogueira, envolta nessa comunidade de pessoas blogueiras, e nessa pesquisa. Mostrando um relacionamento nascido no ciberespaço, mas institucionalizado em suas vidas fora dele, Arnaldo dedica uma postagem para narrar como conheceram-se, que incitaria uma discussão de como um espaço público/privado pode expor sentimentos, desejos e pensamentos, representações, mais íntimas, explicando esse relacionamento que começou através de uma série de postagens⁶⁴ de Arnaldo sobre sua viagem a Praga, quando a Emília fez algumas perguntas na seção de comentários, em que percebe-se o início da relação, aprofundada por outras, seguidas, interações de um com o blog do outro, resultando no casamento deles. E depois, inclusive, retransmitindo os frutos dessa relação ao ciberespaço, na forma de narrativas da viagem de lua-de-mel deles, ou de declarações amorosas de um para com o outro em seus respectivos blogs⁶⁵. Conforme expresso por Arnaldo nessa postagem⁶⁶:



ISTAMBUL: Os acasos da vida e um grande amor

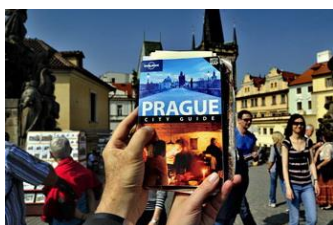
12-15-2009

[fotos à esquerda] Os guias Lonely Planet de Istambul e Praga

1 - A vida e seus acasos

[...] **Numa dessas "voltas que o mundo dá"**, sem saber que o fazia, minhas matérias sobre **Istambul** publicadas aqui no **Fatos & Fotos de Viagens** em Setembro de 2007 influenciaram a muito mais leitores do que eu poderia supor. Despejei desejos que nunca imaginei. Desta matéria em diante percebi que tinha a capacidade de "captar a essência" dos lugares e "**inspirar viagens**" aos meus leitores.

Na caixa de comentários do primeiro capítulo da série de matérias sobre Istambul havia um comentário, em especial, no qual notava-se que meu texto havia sido uma forte fonte de inspiração, uma semente plantada, aquela que mais tarde germinaria e se concretizaria. A curiosidade despertada numa leitora que eu jamais conhecera, o desejo de conhecer Istambul, uma das cidades que mais me encantaram e que eu



⁶³ “Por que viajamos? O valor de uma viagem” e “Somos turistas ou viajantes?”, e “Planeje bem, viaje melhor!”, por exemplo.

⁶⁴ Prática recorrente entre os blogueiros que pesquisei é a de relatar uma única viagem através de diferentes postagens, publicadas conforme sua própria periodicidade de publicação. Não respeitando, necessariamente, a lógica de tempo da própria viagem.

⁶⁵ Inclusive, essa relação é melhor relatada em uma postagem de Arnaldo, “Dia dos namorados”, onde comemora o que um comentário desprezioso de suas leitoras haveria deflagrado.

⁶⁶ Extraído de <http://interata.squarespace.com/jomal-de-viagem/2009/12/15/istambul-os-acasos-da-vida-e-um-grande-amor.html>, acessado em 02/07/2012.

achava uma das mais incríveis do mundo, que todavia até ali jamais habitara o inconsciente daquela leitora.

ANOS depois, muitas voltas depois que o Mundo deu, eu tive o privilégio de revisitar Istambul, desta vez ao lado de quem? Sim, leitor, justamente **daquela leitora** que as **circunstâncias** levaram ao meu blog e, mais tarde, em minha vida. Que fabuloso acaso aquele que tornou-se o maior dos maiores privilégios que a vida e o acaso já me proporcionaram: uma viagem com aquela que tornou-se minha doce, encantadora mulher, que seria minha futura esposa e que, espero, a vida me dê a sorte de tela para sempre como minha eterna companheira.

Obrigado, EMÍLIA, por ter sido o melhor dos melhores que a vida já me proporcionou, por termos vivido a experiência de inesquecíveis, maravilhosos, emocionantes momentos em Istambul e Praga. A Vida é fabulosa. Você, Praga e Istambul são inesquecíveis.

(Arnaldo “Interata” Affonso, em interata.squarespace.com, na postagem “ISTAMBUL: Os acasos da vida e um grande amor”, de 15/12/2009, caixa alta e negrito pelo próprio autor, acessado em 20/04/2011)

Para não ficar nos assuntos aleatórios às viagens (se é que essa relação deles não pode ser relacionada às tais, dado que foram seus interesses pela rede de blogs de viagens, e suas trocas de experiências turísticas que os aproximaram), poderíamos trazer aqui uma série de postagens sobre a viagem que fariam à Índia, que será abordada mais a frente, em maiores detalhes, e que também me atraía logo ao início da pesquisa pelo seu blog.

Na sua primeira postagem (24/06/2010), intitulada “Nossa primeira viagem à Índia – Novembro de 2010”, em que anunciava a viagem que fariam em novembro daquele ano, Arnaldo levanta uma série de questionamentos e preconceitos pessoais que ele teria a respeito desse destino, mas ao mesmo tempo um encantamento e fascínio que, mesmo não entendendo direito, percebe que o estimula a planejar essa viagem. E através dessa narrativa Arnaldo lança pistas para discutirmos sobre a experiência turística, seu processo ritual, e a possibilidade de vivenciar uma experiência significativa, ou como diria Dilthey, “a experiência”; como ao destacar que “viajar é sempre algo pessoal”, ou lembrar-se do processo de defrontar a realidade e o que experiência, com seus “valores pessoais e inerentes à educação, cultura, personalidade, experiências anteriores”, a partir da “capacidade de aceitação e grau de desejo de conhecer outros povos, culturas e tradições”, ou ainda, ao ressaltar que as “experiências em viagens são exclusivas, que não devem ser consideradas linearmente para todos os indivíduos”, reforçando a subjetividade de experienciar uma mesma realidade (destino). Neste pequeno trecho representado⁶⁷, pode se perceber sua narrativa reflexiva, que ao mesmo tempo em que bem reflete e detalha o seu próprio processo de experienciar, estimula para que seu “leitor se esforce para ver [...] com seus próprios olhos”, e obtenham “suas próprias opiniões”; além de outra

⁶⁷ Extraído de <http://interata.squarespace.com/jomal-de-viagem/2010/6/24/nossa-viagem-a-india-novembro-de-2010.html>, acessado em 02/07/2012.

característica de suas narrativas, que são as citações, em boa parte literária, mas também científicas ou mesmo de sua memória afetiva, oral; e uma característica particular desta postagem, que são as fotos de outras pessoas ilustrando sua narrativa, dado que nunca havia ido para Índia, e então não possui fotografias de antigas experiências.



[...]	
	<p>O SEGUNDO PASSO: como aprendi a olhar para a Índia</p> <p>O Mundo - e tudo o que há nele - pode ser tão bonito ou tão feio quanto nossa visão nos permita enxergar. Nosso olhar é uma intervenção pessoal naquilo que enxergamos, nos revela o que foi captado pela íris, mas também o que já estava pré-concebido na memória. O que vemos é resultado do que somos. <i>“Os olhos enxergam apenas o que a mente está preparada para compreender”,</i> disse o filósofo <i>Henri Bergson</i> (**), algo também brilhantemente definido por <i>Gary Zukav</i>, em “O Coração da Alma: Consciência Emocional”: <i>“Aquilo que acreditamos é baseado no que percebemos, o que percebemos depende do que buscamos, o que buscamos depende do que pensamos, o que pensamos depende do que percebemos, o que percebemos determina no que acreditamos, o que acreditamos determina o que fazemos para que se torne verdade, e o que fazemos para ser verdade é a nossa realidade.”</i></p> <p>Nota: (**), Henri Bergson, filósofo e diplomata francês.</p>
[...]	
	<p>MINHA VISÃO PESSOAL desta viagem: a teoria do “esquecimento de tudo”</p> <p>VIAJAR é sempre algo pessoal, cada destino é visto pelo indivíduo de maneira diferente. Nem todas as viagens são boas. E tudo o que é bom ou ruim resulta de valores pessoais e inerentes à educação, cultura, personalidade, experiências anteriores, capacidade de aceitação e grau de desejo de conhecer outros povos, culturas e tradições. Até mesmo a idade - esposa daquele senhor da razão - atua como um diferenciador. O que é bonito para uns pode ser feio para outros e na mesma proporção. Considerando que experiências em viagens são exclusivas, que não devem ser consideradas linearmente para todos os indivíduos e que experiências de outros servem apenas para orientar e despertar o interesse, o meu objetivo nesta série indiana sobre uma viagem ao Rajastão será exatamente desmistificar o país, transmitir ao leitor uma visão realista e apaixonada (como é própria do meu estilo), fazer justiça ao destino turístico e motivar o leitor a fazer sua própria viagem de conhecimento à Índia.</p> <p>TODAVIA, como uma viagem a Índia requer abstenção de olhares embaçados, alheios, viciados, nos chama a procurarmos nossa própria percepção, é necessário que o leitor se esforce para ver o país com seus próprios olhos, esqueça-se de todas as superficialidades já publicadas, selecione na blogosfera as ótimas fontes de consulta, leia o máximo que puder sobre o país e alcance o ponto da ingenuidade, chegue à meta da ignorância, construindo sua própria consciência e obtendo suas próprias opiniões acerca da Índia.</p>
[...]	

Imagem 15: Viagem à Índia (1) – Fatos & Fotos

Mas aqui adiantamos sua segunda postagem desta série (a primeira enquanto viajam, e quase cinco meses depois da primeira), quando chegam a Rajastão (maior estado da Índia), demonstrando que a viagem iniciou-se realmente “chocante”, mas não da forma como que imaginavam, mas sim, encantando. Fazendo-o repensar a respeito de suas diretrizes significativas anteriores diante da realidade presente, assim como que para conseguir narrar o que viveu (vivenciava àquele momento) ainda precisava compreender o que havia

experienciado, através do reflexo entre o que “já havia escrito sobre a Índia e o que tinha em mente contar”, do que carregava em sua bagagem, com o que o seu próprio olhar/entendimento captava a respeito da experiência. Para ter esse tempo de reflexão durante esse processo de cisão de suas diretrizes anteriores, pede um tempo as pessoas que o acompanham, para que possa ter “condições de mostrar [seus] mais sincero encantamento com esse país, através de [suas] impressões, de fatos e fotos”. E isso é basicamente o que traz a respeito da Índia, além de suas impressões iniciais (das mais positivas possíveis): e duas fotos, com sua qualidade padrão, em que mostra uma mulher e algumas crianças *rajastanis*⁶⁸.

Da Índia, com amor

Posted on 11-15-2010 by  Arnaldo Interata |  7 Comments



Mulher rajastani com seu filho. em algum lugar no pré-deserto do Thar - Jodhpur, Índia

No universo de sensações entre a timidez e a empolgação, ainda não encontrei um adjetivo que qualificasse com precisão minha hesitação em escrever sobre esta nossa viagem ao Rajastão. Vimos com as expectativas mais realistas, com um preparo intelectual de longa data e movidos pelo sentimento da aceitação. Nos preparamos para um primeiro contato rude e abalador, chocante e desafiador, em resumo, para o pior.

Entretanto tudo o que a Índia nos tem feito até agora é encantar. Estamos completamente apaixonados com sua gente receptiva, com sua comida rica e deliciosa (ainda que apimentada), com a dança feminina e emocionante, com a música delicada, com um patrimônio arquitetônico e uma opulência histórica sem comparação com o que eu já tenha visto em todos os outros países que já visitei.



Crianças rajastanis no pré-deserto de Thar, próximo a Jodhpur

Preciso de tempo, rever tudo o que já havia escrito sobre a Índia e o que tinha em mente contar. Para que esse nosso fabuloso encontro com a Índia seja descrito com o mais sincero reconhecimento, fidelidade ao encantamento, preciso de tempo (que afinal não sei se tenho disponível) e dedicação que jamais destinei a nenhum texto até então aqui publicado.

Esta é a viagem de nossas vidas. A melhor viagem que eu já fiz. A Índia é um destino incomparável e que em termos de exotismo e opulência deixa qualquer outro acanhado.

Obrigado, leitor, por sua visita, especialmente àquele que esperava encontrar algo que contasse sobre nossa viagem ao Rajastão, os primeiros capítulos desta viagem inesquecível e encantadora. Por favor, aguarde. Eu preciso de condições de mostrar nosso mais sincero encantamento com esse país, através de nossas impressões, de fatos e fotos.

Imagem 16: Da Índia, com amor – Fatos & Fotos

⁶⁸ Extraído de <http://interata.squarespace.com/jomal-de-viagem/2010/11/15/da-india-com-amor.html>, acessado em 02/07/2012.

3.1.3. Turomaquia / Patrícia de Camargo

Turomaquia

Mantenedora	Patrícia de Camargo
Hospedeiro	Domínio próprio
Criação	jun/06

Auto-Denominação
Ué, por quê turomaquia?

O nome do blog muitas vezes confunde o navegante. Muita gente pensa que na verdade é tauromaquia. Tem a ver e não, com este termo.

Turomaquia = arte de lidar com o touro; e também se chamam assim as obras de arte que tratam do mundo do touro (melhor, das

#	Seções	Proposta	Posição
1	Início	Atalho interno	Barra Superior
2	Sobre o Blog	Apresentação	Barra Superior
3	Destinos	Nós auto-definidos	Barra Superior
4	Dicas Gerais	Nós auto-definidos	Barra Superior
5	Guias Viajando na Arte	Comercialização	Barra Superior
6	Contato	Interface direta	Barra Superior
7	Artetropia	Atalho externo	Barra Superior
8	Pesquisar	Busca no site	Barra Superior
9	Chamadas Fotográficas	Últimas contribuições	Destaque
10	E-mail	Interface direta	Lat. Direita
11	Twitter	Interface direta	Lat. Direita
12	Facebook	Interface direta	Lat. Direita
13	YouTube	Interface direta	Lat. Direita
14	RSS	Interface direta	Lat. Direita
15	Categorias	Nós auto-definidos	Lat. Direita
16	Arquivo	Histórico	Lat. Direita
17	Últimas Postagens	Chamadas	Barra Inferior
18	Últimos Comentários	Chamadas	Barra Inferior
19	Postagens +Comentadas	Chamadas	Barra Inferior
20	Postagens	Chamadas	2/3 Esquerda

Interface

Imagem 17: Turomaquia - Apresentação

Iniciado em junho de 2006 por Patrícia de Camargo, o blog *Turomaquia* possui algumas características que me atraíram (e depois também percebi esse olhar na pesquisa de Silvia do Matraqueando). A curiosidade pelo seu nome (Turomaquia) me atraiu de início; e ao acessar e conhecer, me interessei pela formação da blogueira e proposta do espaço, que além de um diário de viagens, carregado de observações pessoais e imagens das pessoas envolvidas, também oferece informações objetivas, informacionais, assim como serviços de consultoria turística e publicações editoriais, ambos realizados pela própria Patrícia. Apesar de morar nas Ilhas Canárias, participa ativamente na rede de relacionamentos formada pelas pessoas que blogam e/ou acompanham esses blogs de viagens, demonstrando a desterritorialidade do espaço virtual dos blogs e ciberespaço.

Formada em Direito e Artes Plásticas, Patrícia de Camargo possui os títulos de Mestrado e Doutorado em Turismo pela Universidade de Las Palmas de Gran Canaria, Espanha. Onde lecionou até obter sua tese, e mora ainda, junto de seu marido, Tom, conforme se apresenta no blog. Interessante notar que possuía três páginas de apresentação: “Sobre a autora – Perfil rapidinho”, em que se apresenta rapidamente aos seus leitores, “Sobre a autora – Lato sensu”,

em que não apresenta seu currículo Lattes, mas o referencia, demonstrando sua familiaridade com a ferramenta, por fazer uma apresentação bastante detalhada de sua vida, e o “Ué, por quê turomaquia?”⁶⁹, em que explica o porque do blog, e de seu nome. Sua segunda página de apresentação, Lato sensu, não está disponível atualmente.

Turomaquia seria um jogo de palavras, proposto por Tom, seu marido, entre turismo e maquia. Da palavra tauromaquia (arte de lidar com o touro; ou obras de arte que tratam do mundo do touro), pensaram em a “arte de lidar com o turismo ou a arte de planejar viagens”, para eles, *Turomaquia*. Ainda nessa seção, explica seu logotipo, em que um rosto estampando felicidade ocupa a letra “o”, de *Turomaquia*. Novamente sugerido por Tom, diz ter gostado em colocar essa foto dela com 5 anos, pois assim se sente ao viajar: “Livre, feliz, como se ainda fosse aquela menininha”.



Imagem 18: Origem Logotipo – *Turomaquia*

Suas postagens e comentários não são datados, mas arquivados de forma cronológica inversa, e ordenados por categorias, marcações, conforme a maioria dos demais blogs. Patrícia destaca em sua página inicial algumas destas categorias, como dos destinos, em que ordena geograficamente e por séries, sequências de postagens, de algumas viagens que realizou; assim como de algumas dicas que ordena em três categorias: “Vida na Espanha”, “Livros e guia de turismo”, e “Botando a Boca no Trombone”, em que posta sobre roubadas e/ou problemas ocorridos com ela ou outra pessoa, ao longo de uma viagem, enquanto as outras duas categorias, TAGs, (como seus nomes propõem) comentam sobre detalhes, informações, curiosidades e o que achar significativo de ser contado, sobre obras literário-editoriais a respeito do turismo, ou sobre se viver na Espanha, especialmente sob o olhar e posicionamento de uma estrangeira, brasileira, mas também de quem possui a cidadania europeia, como ela.

⁶⁹ Extraída de <http://turomaquia.com/category/turomaquia/nome-turomaquia/>, acessado em 02/07/2012.

Patrícia, em seu blog, utiliza as interfaces com outras redes (Twitter, Facebook e RSS), como outros blogueiros. No entanto produz conteúdos em outra plataforma, menos utilizada pelos demais, que é um canal próprio na rede compartilhadora de vídeos, o YouTube. Neste canal, já inseriu mais de 300 vídeos, dos mais diversos temas (como a arte, que tematiza seu outro blog, artetropia.blogspot.com.br), mas em sua maioria, envolvidos às viagens. Entre os analisados, apenas os blogs Turo, o VnV e o SdCk possuem canal de interação no *YouTube* dedicados ao suporte e complemento dos próprios espaços. Sendo que o *Sundaycooks*, em seu início, postou alguns vídeos, mas não atualiza seu canal há mais de dois anos. Os demais blogs, às vezes, utilizam da interface com o *YouTube*, ou outros portais de vídeos, como o *Vimeo.com*, mas postando vídeos de outras pessoas.

Sua narrativa se aproxima de um diário de viagens, com imagens em que ela e seu marido aparecem constantemente, e relatos que as situam (fotos e pessoas) dentro da experiência turística que a Patrícia quer e consegue representar; ao mesmo tempo em que complementam a expressão textual. Como foi notado por Silvia Oliveira, do Matraqueando, em sua pesquisa de 2007:

O blog Turomaquia [...] nasceu para falar do turismo de uma maneira geral. Há meses, a autora persevera em um único tema: o Caminho de Santiago de Compostela. Promove uma viagem – no sentido mais amplo da palavra – pelo universo dos peregrinos. Seus posts são recheados de informações detalhadas, dicas indispensáveis e fotos em que ela – na maioria das vezes – aparece. É o blog – entre os analisados – que mais se aproxima dos antigos álbuns de viagem: o viajante se destaca nos pontos altos e baixos do destino. Foi o único em que a autora aparece nas imagens com frequência. Quando trata de paisagens e ambientes, as fotos revelam o olhar construtor do cenário que ela quer representar.

Sem a preocupação de publicar fotos extraordinárias, o *Turomaquia* mescla todos os ingredientes necessários para a aproximação do leitor à viagem em questão. Fotos pessoais, de paisagem, de detalhes e de monumentos se intercalam. O que pode prejudicar na interatividade do álbum é o tamanho dos textos, sempre extensos e detalhados. Já que as visitas a um *blog* costumam ser rápidas, o leitor pode optar em passar rapidamente pelo *post*, evitando o comentário. Como a comunicação através dos *blogs* de viagem assume um papel de mediadora das mensagens pertinentes do universo turístico, as referências feitas pelo blogueiro podem consagrar ou rechaçar destinos.

O mercado turístico busca sempre dar ao produto comercializado (destino) uma imagem atrativa e que satisfaça os desejos do consumidor (GOLDBERG, 1994). No caso do *Turomaquia*, a importância da imagem ganha uma dimensão mais significativa uma vez que a autora detalha minuciosamente a rota (Caminho de Santiago) e o leitor não tem como avaliar fisicamente o destino no ato da “compra”. Vale ressaltar que a decisão de ir ou não a determinado lugar não é aleatória, mas também é influenciada pelo conjunto de atributos do destino na mídia e nos valores destacados nos discursos históricos. (OLIVEIRA, p. 24-25, 2007)

Suas narrativas de experiências que vivenciou ao longo de seus deslocamentos continuam seguindo esta dinâmica descrita por Silvia, mas mescla com outras postagens de diferentes naturezas. Como as dicas já comentadas, que não necessariamente são oriundas de situações vivenciadas por Patrícia, e notícias que possam interessar ao universo de viagens, como do metrô sendo inaugurado no aeroporto de Lisboa (Julho, 2012), por exemplo. Mas para este trabalho, de maior relevância, são as postagens em que compartilha informações e/ou narrativas de experiências turísticas de outras pessoas, blogueiras ou “apenas” (simplesmente) leitoras de seu espaço.

Algumas formas, modalidades, de colaboração editorial foram encontradas ao longo do tempo de existência do blog (sem pensar nos comentários das postagens em que as pessoas colaboram com o conteúdo do blog, alimentando a obra, como ocorre na maioria deles, blogs), mas, ao menos, três delas merecem destaque. São organizadas pelas TAGs: *Dica Insider*, *Hora do Leitor* e *Correspondentes Tuomaquia*. Esta última TAG reúne postagens de alguns correspondentes que escrevem suas postagens com as próprias narrativas textuais e imagéticas, basicamente, a respeito dos locais e/ou regiões em que vivem ou vivenciaram. Como o caso de Betina Abrão que postou algumas vezes sobre o Canadá, em que vivia à época; de Malu Poli, sobre diversos lugares que conheceu, como uma série sobre os Lençóis Maranhenses; ou ainda, de Daniel Portella, também turismólogo, que morou na Nova Zelândia por oito meses e depois de retornar já escreveu ao menos 6 postagens a respeito de suas experiências por lá.

Através das postagens que Patrícia intitula como *Hora do Leitor*, ela disponibiliza seu espaço para contribuições esporádicas das pessoas que a acompanham, como no caso de Rosana Freitas⁷⁰ que ao explicar o porquê de escrever para o blog, revela que a viagem em si, como sua hospedagem em Atins, teria sido inspirado pelo Tuomaquia, (possivelmente, pela postagem de Malu Poli, correspondente):



Roteiro pelos Lençóis Maranhenses – Hora do Leitor – Rosana Freitas

Patrícia, como me inspirei muito nos seus relatos para programar minha viagem aos Lençóis e fiquei em Atins graças ao que descobri aqui, resolvi deixar meu roteiro como fonte de consulta.

Estive nos Lençóis Maranhenses de 13/06 a 21/06 e pude constatar que as principais lagoas como a Bonita, Azul e Gaivota estão realmente secas, mas ainda tem lagoas com água na altura dos joelhos. Com exceção da Lagoa do Peixe que está bem cheia. [...]

⁷⁰ Extraída de <http://tuomaquia.com/roteiro-pelos-lencois-maranhenses-hora-do-leitor-rosana-freitas/>, acessado em 02/07/2012.

Por sua vez, o espaço (e marcação) *Dica Insider* é proposto para destacar “aquelas recomendações do pessoal de dentro. O que faz na sua cidade, teu bairro, tua tchurma [sic]”, como mesmo define a Patrícia na postagem⁷¹ que antecederia e explicaria a primeira colaboração neste formato.



Dica Insider – Nova Seção Turomaquia

Olha aí uma nova seção pintando no Turomaquia. Mas que não será nada sem você 😊

Como assim? A seção leva o nome de “**Dica Insider**”. As dicas insider são aquelas recomendações do pessoal de dentro. O que você faz na sua cidade, no seu dia-a-dia, e que realmente reflete tua cidade, teu bairro, tua tchurma.

Como faço para participar? É bem simples, escreva em um ou + parágrafos porque você recomenda aquele restaurante, aquele passeio, aquele cantinho, ou o que quer que seja. Envie uma foto para ilustrar teu post. Também aceitamos dicas em formato de desenho, videos ou outra forma de expressão que saia da sua mente criativa! Envie teu material para o e-mail: turomaquia@gmail.com

Ainda hoje a primeira dica insider, e é de Madri!

Imagem: <http://www.blogsperu.com/blog/4806/>

Além desta primeira em que inaugura a seção, até hoje foram 11 postagens com essa marcação. Dentre estas, sete postagens foram escritas por pessoas (seis, pois uma se repete) que possuem seus próprios espaços, blogs, relacionados, com exceção de uma, às viagens. Outras três postagens foram escritas por pessoas que não possuem blog, sendo que uma destas postagens foi escrita pela própria Patrícia, de uma dica que pode conferir junto ao *insider*, como explica no trecho extraído desta postagem⁷²:



Wine Bar em Londres – Dica Insider do André Moll

da emocionante exposição do Da encontrei com a Carol e o André. que não via desde 2002 ou 2003.

O André que vive em Londres faculdade, foi nosso mentor



desde que terminou a gastronômico. Não podia ser mais interessante o lugar que nos levou: um dos mais antigos “wine bars” de Londres. Bem pertinho da Trafalgar Square, tanto que fomos caminhando.

O lugar fica acomodado num sótão repleto de velas. No almoço você escolhe entre as ofertas do dia descritas no quadro de giz, e você mesmo monta o prato no buffet. Assim pode colocar mais verde, mais carne, como achar melhor!

Agora a carta de vinhos é enorme, aliás é o que dá nome à casa aberta desde 1890! O André como bom gentleman escolheu nossa garrafa. Que aliás foi aprovadíssima por mim e pela Carol. Dica insider das mais gostosas 😊 by Andre Moll de Andrade.


[...]

⁷¹ Extraída de <http://turomaquia.com/dica-insider-nova-secao-turomaquia/>, acessado em 02/07/2012.

⁷² Extraída de <http://turomaquia.com/wine-bar-em-londres-dica-insider-do-andre-moll/>, acessado em 02/07/2012.



Você também quer dar uma dica para o pessoal que vai visitar sua cidade ou sua região?
 Manda prá gente no turomaquia@gmail.com.
 Não precisa ter blog, Facebook, Twitter, nada disso. Basta com ser
 um apaixonado pelo lugar que você mora!

DICA INSIDER 

[...]

Outra peculiaridade do Turomaquia a se destacar, são suas publicações editoriais em suporte eletrônico, *e-books*. Um deles é o guia Turomaquia Museu do Prado, primeiro, segundo ela, de uma série chamada “Viajando na arte”. Como Patrícia descreve em parte da apresentação⁷³ deste guia, mostrada ao lado, apesar de sua paixão por museus não qualificá-la para escrever tal guia, foi essa paixão que a levou a se capacitar para tal feito, com a formação em Artes Plásticas, os trabalhos em diferentes museus, sua licenciatura em história da arte, ou mesmo sua tese sobre “Turismo Cultural e Museus”. Em que busca, justamente, contagiar outras pessoas com sua loucura por museus. Esse guia é disponibilizado virtualmente (sob o custo de €4,00), seja na versão para impressão, ou numa versão para e-book, como visto na imagem ao lado.



Imagem 19: Viajando na Arte - Turomaquia



⁷³ Extraída de <http://turomaquia.com/category/produtos-turomaquia/guias-viajando-na-arte/>, acessado em 02/07/2012.

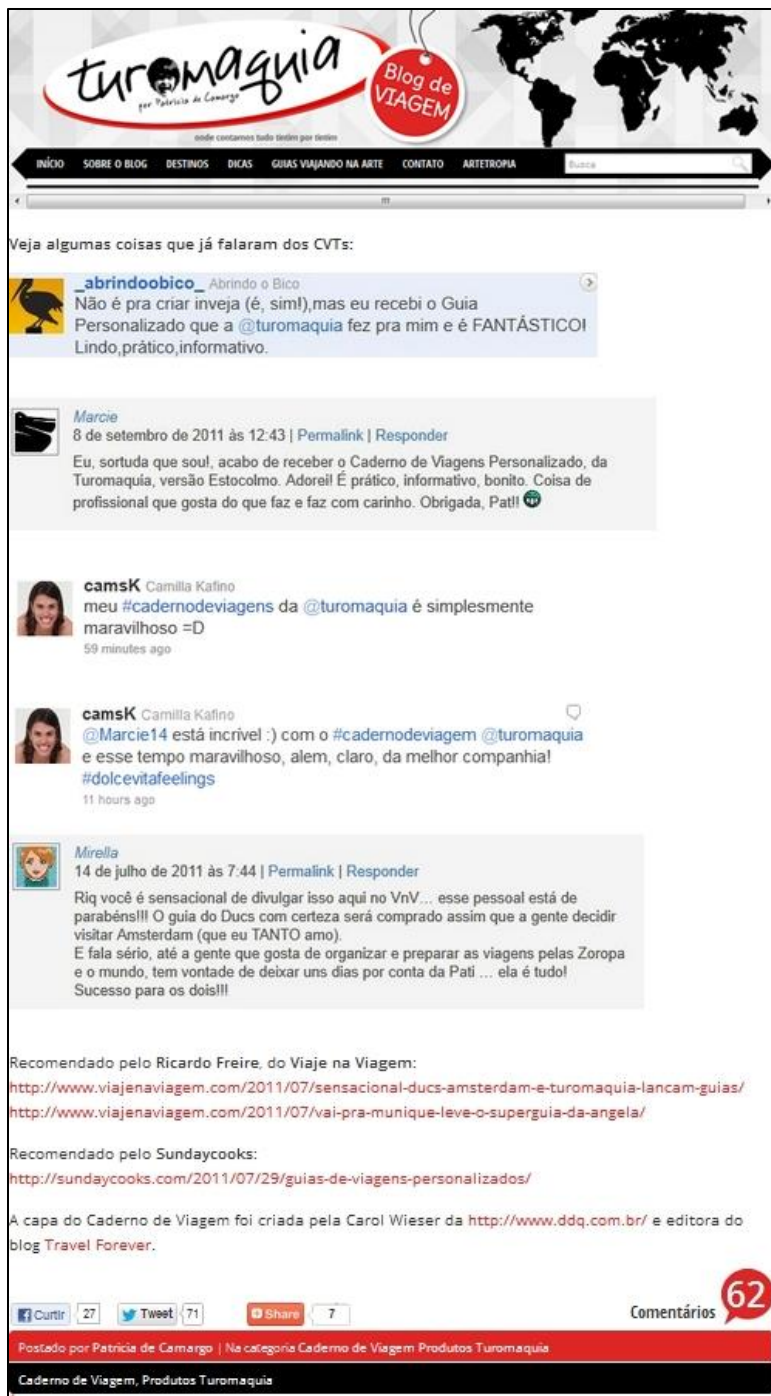


Imagem 20: Apresentação Caderno de Viagens - Turomaquia

A outra publicação dela, já é diferente, pois trata-se de um trabalho personalizado, a cada solicitação das pessoas interessadas. Como define, “é um caderno com um roteiro feito à sua medida”, o “Caderno de Viagens Turomaquia”, em que ela prepara um roteiro onde caibam todos os desejos de quem encomenda, com recomendações do que visitar, o que e onde comer e a forma de se locomover. Também de forma remunerada (a partir de R\$27,00 por dia de roteiro), disponibiliza o caderno virtualmente, como no caso do guia. E conforme se lê nos comentários, disponibilizados, e expostos ao lado⁷⁴, recebeu a aprovação de quem o encomendou e comentou.

Além dessa rentabilização de seu espaço e de sua atividade, Patrícia possui, ou já possuiu, alguns acordos comerciais com alguns facilitadores de viagens, como parcerias para impressão de seus textos e edições periódicas, como mesmo explica⁷⁵:

Navegar é preciso ...

Comecei o blog porque recebia muitos e-mails perguntando o que estava fazendo durante minha estância do doutorado. Achei que a melhor solução seria criar um espaço onde pudesse contar todas as novidades para todo mundo junto. E melhor ainda que fosse um canal de comunicação aberto, onde o pessoal pudesse deixar seus recados, dar sugestões, etc.

Mas acho que como acontece com a maioria dos blogueiros, minha maior audiência desde o começo foram pessoas que não conhecia. Interessante! Estas pessoas

⁷⁴ Extraído de <http://turomaquia.com/cadernos-de-viagem-roteiros-personalizados/>, acessado em 02/07/2012.

⁷⁵ Extraído de <http://turomaquia.com/navegar-e-preciso-%E2%80%A6/>, acessado em 02/07/2012.

começaram a me motivar a enredar por caminhos que eu nem de longe pensava em trilhar quando comecei esta aventura.

A vida não para.

Acho que na verdade eram caminhos que eu pensava que não se podiam trilhar por “n” razões, mas esta gente que entrava por aqui e compartilhava seu tempo comigo, sem saber, alterou o panorama.

(...)

No meio deste ano nasceu uma primeira parceria com o jornal de Indaiatuba – Semana em Destaque. Escrevo quinzenalmente uma coluna, e acabou de sair do forno uma revista especial de Natal que eu mostro para vocês assim que chegar meu exemplar!

Agora é a vez da parceria com a empresa e-dreams. Através do site da e-dreams o viajante pode comprar suas passagens aéreas, reservar carro e hotel. E sabe o melhor? Que recentemente isto pode ser feito também em reais! E uma outra vantagem é que eles trabalham com as companhias low-cost.

Assim, o ano 2009 vai chegando ao fim. Estas parcerias enriquecem e muitas vezes possibilitam que o Turomaquia possa navegar em mares nunca antes navegados, mas sempre sem perder o rumo, e o mais importante: a liberdade de expressão! Porque afinal como já disse naqueles idos de 146 a.c. o general romano Pompeu a seus soldados amedrontados: *Navegar é preciso ...*

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

“Navegar é preciso; viver não é preciso”.

**Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:**

**Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.**

**Só quero torná-la de toda a humanidade;
ainda que para isso tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso.**

**Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue
o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
para a evolução da humanidade.**

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

Poesia de Fernando Pessoa e nota sobre a origem da frase de SOARES FEITOSA, Francisco José:

“Navigare necesse; vivere non est necesse” – latim, frase de Pompeu, general romano, 106-48 a.C., dita aos marinheiros, amedrontados, que recusavam viajar durante a guerra, cf. Plutarco, in Vida de Pompeu]

3.1.4. A Janela Laranja / Márcio Nel Cimatti

A Janela Laranja

Detalhes	Mantenedora	Marcio Nel Cimatti
	Hospedeiro	Domínio próprio
	Criação	dez/06

Auto-Denominação

Sou apaixonado por viagem e fotografia. Visitei muitos países, morei em Sydney, em Amsterdam e há 5 anos troco dicas de viagem aqui no blog.

Marcio Nel Cimatti é fotógrafo, viciado em viagem, blogueiro profissional e pai babão.

#	Seções	Proposta	Posição
1	Quem Sou	Apresentação	Lat. Direita
2	Chamadas fotográficas	Últimas contribuições	Destaque
3	Home	Atalho interno	Barra Superior
4	Anuncie Aqui	Comercialização	Barra Superior
5	Compre minhas fotos	Comercialização	Barra Superior
6	Contato	Interface direta	Barra Superior
7	Destinos	Nós auto-definidos	Barra Superior
8	Viage com as Crianças	Nós auto-definidos	Barra Superior
9	Resort	Nós auto-definidos	Barra Superior
10	Fotografia	Nós auto-definidos	Barra Superior
11	Mídia	Nós auto-definidos	Barra Superior
12	Anúncio	Rentabilização	Laterais
13	Dicas Gerais	Nós auto-definidos	Lat. Direita
14	Pesquisar	Busca no site	Barra Superior
15	Twitter	Busca no site	Barra Superior
16	RSS	Interface direta	Lat. Direita
17	Facebook	Interface direta	Lat. Direita
18	Flickr	Interface direta	Lat. Direita
19	E-mail	Interface direta	Lat. Direita
20	Postagens	Chamadas	3/5 Esquerda

Interface

Imagem 21: A Janela Laranja - Apresentação

O blog “A Janela Laranja”, idealizado por Marcio Nel Cimatti, além de possuir (aos meus olhos) uma interface simpática, limpa e, mesmo, bonita, fato importante para a socialização de seus materiais, postagens e conteúdo, demonstra uma preocupação e zelo pelo conteúdo em si. E carregando seu olhar fotográfico para suas experiências turísticas, busca relatar por meio de fotos e textos, que algumas vezes se explicam ou complementam-se. Devo assumir que no primeiro momento em que entrei no blog, achei curiosamente sugestivo para quem lida com um tema relacionado ao bem-estar, que seu sobrenome me soasse parecido a um suplício de vida (Márcio Não SeMate). Após acompanhar seu blog por algum tempo, não encontrei nenhum trocadilho ou brincadeira sendo feita com essa possibilidade, portanto, descartei essa minha primeira impressão (e, inclusive, peço desculpas a ele, caso leia isso), mas compartilho, pois foi essa pretensão que me fez permanecer por mais tempo e conhecer o blog, e aí então perceber a relevância de seu espaço por outras características, como essas já ditas e outras a serem reveladas, como sobre a rentabilização dos blogs, também, de viagens.

Conversamos um pouco via internet, através de e-mails, mensagens instantâneas, e uma entrevista pré-roteirizada. Esta conversa foi feita através do Skype, um programa que possibilita

conversas telefônicas e videoconferências, além de troca de mensagens instantâneas, através da internet⁷⁶. Nessa conversa, em que o áudio foi registrado, mas perdido, falamos um pouco de sua história. Publicitário de formação, disse que passava por uma fase de reposicionamento pessoal, querendo dar espaço para uma de suas paixões, a fotografia, e embarcou numa viagem à Europa, atrás de alguns cursos. Enquanto estava na Holanda, teve a idéia de montar um blog mostrando para as agências de notícia e publicidade aqui do Brasil, que poderiam ter o trabalho de um brasileiro em solo europeu.

Mas segundo seu entendimento à época, os blogs de fotógrafos (destinados a apenas divulgar fotos) tinham baixa repercussão, e com isso pouca divulgação dentro do ciberespaço. Foi então que, percebendo o crescimento de blogs voltados a descrever experiências turísticas, decidiu conciliar essas duas finalidades; estando em território estrangeiro, postaria sobre suas experiências por lá, ilustradas por fotos tiradas de sua janela. Daí as referências para o nome de seu blog, que se torna laranja, pela associação com a Holanda. Se voltarmos a sua primeira postagem, podemos reparar que se posiciona como um fotógrafo brasileiro em Amsterdam, desejando contar seu dia-a-dia, através de textos e fotografias clicadas de sua sala/escritório. E assim, como na imagem ao lado⁷⁷, inaugurou seu blog:

Nem exploraremos a relação entre a viagem (à Europa) e a vontade de



O INÍCIO

Publicado em 15-12-2006 - Categoria: A Janela Laranja - 2 comentários

Tweet 0 +1 0 Curtir 0

Criei esse blog para contar o dia-a-dia do fotógrafo brasileiro em Amsterdam com muitas imagens. Com ênfase nas diferenças culturais entre a **Holanda** e o Brasil e com muitas dicas e curiosidade para quem deseja conhecer ou morar por aqui. Vou fazer tudo isso da mesa da sala ou posso dizer do meu escritório localizado no canal Singel no centro de Amsterdam.

Da janela que dá nome ao blog serão clicadas algumas imagens que ilustrarão o blog.

Espero que gostem!!



2 Comentários para O início

waguinho
17 de dezembro de 2006 às 10:07
Marcio,
Sensacional a sacada, apesar de não ter sacada... Pelo visto teremos boas estórias para matar a saudade. Abraços do amigo e parabéns pelo trabalho.

paulon
17 de dezembro de 2006 às 23:05
Marcio de Fiel,
Faça dessa janela a nossa porta para Amsterdam (boa essa, hein?). Abraços do amigo e fiquem com Deus.

Imagem 22: Início – A Janela Laranja

⁷⁶ Por problemas técnicos, possíveis nesse mundo informatizado, perdeu-se todo o material de campo que havia registrado até o final do segundo ano de pesquisa. Dos que havia extraído do ciberespaço, retomei, mas os arquivos que estavam não estavam na rede, mas no meu computador, foram perdidos.

⁷⁷ Extraído de <http://www.ajanelalaranja.com/2006/12/o-inicio.html>, acessado em 02/07/2012.

reposicionamento pessoal, a partir desta história do Márcio (já que esta não está no espaço público que analisamos), mas parece ter surtido efeito neste caso. O seu blog cresceu, fortaleceu-se e parece bem **estabelecido**. Com pouco mais de cinco anos de existência, o blog já publicou mais de 800 postagens, utilizando-se de diferentes dinâmicas. Por vezes opta em publicar postagens curtas e diretas, acompanhadas de alguma imagem, às vezes até mais de uma postagem por dia, mas em outros momentos recorre a narrativas mais extensas, descritivas, e mesmo, como Arnaldo define, “inspiracionais”, mas entre essas postagens o espaço de tempo entre a exposição inicial costuma aumentar.

No início, Márcio optou por hospedar seu blog em um sítio que facilita sua operação, uma plataforma de hospedagem, no caso, o *Blogspot*. Caminhando para essa profissionalização do blog, em setembro de 2010, depois de quase quatro anos hospedado na plataforma de blogs (blogspot.com.br), e de volta a São Paulo, o Márcio deixa esse serviço de hospedagem para se lançar em seu próprio espaço e domínio, como a postagem na representada na imagem⁷⁸ ao lado informa e direciona, apesar de ainda não detalhar as diferenças e vantagens entre essas formas de sustentar um blog.



Imagem 23: Alteração de plataforma - A Janela Laranja

Com isso, além de abrir espaços para publicidade, o blog ganha nova aparência e instrumentos, mas com postagens e dinâmica de blog. Porém uma das vantagens que as plataformas de blogs oferecem é a aproximação de um desenvolvedor leigo em linguagens operacionais, com as ferramentas que oferece, de forma intuitiva e (quase) didática. E, como o Marcio, não tem tanta familiaridade com a operação destes recursos, conta com o auxílio de um programador que mora em outra região do país (e por isso não se vêem), para lidar com as alterações e novidades que fujam do funcionamento padrão, rotineiro do blog. Segundo o próprio, depois de cinco anos de história, o blog seria seu principal chamariz de recursos financeiros, seja pelas propagandas veiculadas em seu espaço, ou por oportunidades de trabalho. Sejam através de postagens patrocinadas, “comercializadas”, ou mesmo, de

⁷⁸ Extraída de <http://ajanelalaranja.blogspot.com.br/>, acessado em 02/07/2012.

publicações, campanhas e trabalhos divulgados fora de seu espaço, mas em que se posicionava como o blogueiro de “A Janela Laranja”.

Entre estes trabalhos fora do blog, tiveram participações em revistas especializadas, cadernos de jornais, e, mesmo, de campanha publicitária, no caso, de uma conhecida empresa automobilística (Ford), que para se aproveitar da utilização mercadológica da(s) experiência(s), recrutou uma série de profissionais da comunicação e consumidores, para experienciarem, cada qual, diferentes situações. uma espécie de viagem off-road. Desta ação da Ford, além de sua participação na plataforma da própria campanha, Márcio fez algumas postagens em seu próprio blog, narrando essa experiência, como acontece em outras postagens em que a(s) viagem(ns) que a(s) inspira(m), como outros gastos, são arcados por um patrocinador, como uma espécie de merchandising, ou, propaganda (in)voluntária. Em documento oferecido em seu próprio blog, destinado a possíveis patrocinadores, Marcio traz um portfolio dos trabalhos e repercussões que envolvem seu espaço.

Demonstrando, e reforçando, que encaramos todas as formas de expressões como possíveis narrativas, inclusive imagéticas, que além de, muitas vezes já carregarem uma fração do olhar e do que a pessoa quis destacar dentre tudo que vivenciava, uma vez selecionada para compor uma narrativa, declaradamente midiática, ali está por alguma significância, seja para a construção da narrativa em si, seja para reaproximar-se daquela vivência, por algum motivo que lhe faça sentido. Como quando retorna a Amsterdam, após uma viagem a Londres, ainda em 2007 e oferece uma foto de seu olhar sobre a dica que escrevia⁷⁹:

Dica de Amsterdam, de volta para casa

Publicado em 10-01-2007 – Categoria: [Amsterdam](#) » [Europa e Demais](#) » [Fotografia](#) » [Holanda - 1 comentário](#)

Nada mais justo do que uma foto da janela que dá nome ao Blog nessa volta. Já estava sendo cobrado pelas dicas aqui de Amsterdam.

Apesar do tempo nublado predominar nessa época do ano, Amsterdam reserva surpresas que unem a arquitetura, a luz do amanhecer e a lua.

Caminhar observando a arquitetura da cidade é a simples dica de hoje.



⁷⁹ Extraído de <http://www.ajanelalaranja.com/2007/01/dica-de-amsterdam-de-volta-para-casa.html>, acessado em 02/07/2012.

Outro sinal da profissionalização que Márcio comentou na conversa, é o de ter percebido a demanda por blogueiros que viajassem com seus filhos, que narrassem essas experiências, e sendo pai (babão, como se define), decidiu debruçar-se diante dessa possibilidade, o que lhe trouxe novos bons retornos. Conforme se nota, dado o destaque que o tema recebe em sua atual página inicial⁸⁰, com uma seção especial na barra superior, imagens alusivas em seu banner comemorativo de 5 anos do blog, e, mesmo, uma chamada para compras infantis, na Flórida, EUA.



Imagem 24: Pagina Inicial – A Janela Laranja

⁸⁰ Extraído de <http://www.ajanelalaranja.com/>, acessado em 31/05/2012.

3.1.5. Idas e Vindas – Viagens e Aventuras / Carla Portilho

Idas e Vindas

	Mantenedora	Carla Portilho	
	Hospedeiro	Domínio próprio	
	Criação	fev/07	
Detalhes	Auto-Denominação		
	Professora de literatura, doutora em literatura comparada, viajante compulsiva, fotógrafa hiper-amadora, chocolatra bem conhecida e tia-coruja... =)		
#	Seções	Proposta	Posição
1	Sobre a Carla...	Apresentação	Barra Superior
2	Busca	Últimas contribuições	Destaque
3	Destinos	Atalho interno	Barra Superior
4	Anúncios	Comercialização	Barra Superior
5	Twitter	Busca no site	Barra Superior
6	Facebook	Interface direta	Lat. Direita
7	PinInterest	Interface direta	Lat. Direita
8	RSS	Interface direta	Lat. Direita
9	E-mail	Interface direta	Lat. Direita
10	Postagens	Chamadas	2/3 Esquerda

Interface



Imagem 25: Idas e Vindas - Apresentação

O blog *Idas e Vindas – Viagens e Aventuras* é assinado por Carla Portilho. Como não seria de se espantar nesse momento de pesquisa, Carla também se diz influenciada pelo blog *Viaje na Viagem*, de Ricardo Freire, para a criação de seu próprio blog, mas também assume a influência do blog *Aquela Passagem*, de Rodrigo, além do blog *Fatos & Fotos* de viagens, de Arnaldo Affonso. Conforme narra em sua postagem⁸¹ que comemora vinte mil acessos, após seis meses de existência do blog:

**07Aug 2007 - Desvios de rota
Vinte mil!!!**

Neste exato momento em que escrevo esse post, o *Idas e Vindas* conta 20.440 acessos desde o início de fevereiro. Humm, sério mesmo? Eu não esperava isso, não... Comecei o blog inspirada no Riq, no Arnaldo e no Rodrigo, achava que seria uma grande diversão contar as minhas viagens, mostrar minhas fotos, e imaginava que as pessoas mais próximas iriam gostar de ler os meus relatos... Mas 20.000 acessos em tão pouco tempo? Puxa, gente, sinceramente eu não esperava tanto, não... 😊

Mas o que realmente me chamou a atenção para o blog de Carla, e que poderia refletir em suas narrativas, foi por ela se apresentar como “professora de literatura, doutora em literatura comparada, viajante compulsiva, fotógrafa hiper-amadora, chocolatra bem conhecida

⁸¹ Extraída de <http://www.idasevindas.com.br/2007/08/07/vinte-mil/>, acessado em 02/07/2012.

e tia-coruja”. Como percebido na imagem extraída desta seção⁸², em que também se nota as interfaces de seu blog com o Twitter, Facebook e o sistema de RSS:

Idas e Vindas – Viagens e Aventuras Sobre a Carla...

Sobre a Carla...

Bariloche Casas Aluguel
Luxuosos Viviendas No Lago e Apartamentos Com Internet Wi-Fi.
www.ApartmentBariloche.com Anúncios Google

Professora de literatura, doutora em literatura comparada, viajante compulsiva, fotógrafa hiper-amadora, chocólatra bem conhecida e tia-coruja... 😊

Faça sua reserva online no Formule 1 e pague menos! Hotéis modernos, práticos e econômicos.

Encontre as melhores ofertas! Passagens, hotéis, pousadas, pacotes com descontos exclusivos.

Compartilhar: [f](#) [T](#) [+](#) [S](#)

70 comentários

Agosto em Buenos Aires
Apartamento equipado para Turistas Perto do Obelisco, desde 120 R\$/dia
www.ObeliscoStudio.com.ar

Mapa Turístico Colonia
Todos os lugares importantes em um só dia com o Ônibus Turístico
www.BusTuristico.com.uy/Colonia

Passeios no Uruguai R\$60
Passeios Montevideo y Colonia (598)22005176 10Años em Uruguai
www.AbsTransportes.com.uy

Oferta em Excursões
Até 70% de Desconto em Excursões. Confira a Promoção Groupon de hotel
www.groupon.com.br/Excursao Anúncios Google

Faça sua reserva online no Formule 1 e pague menos! Hotéis modernos, práticos e econômicos.

Encontre as melhores ofertas! Passagens, hotéis, pousadas, pacotes com descontos exclusivos.

Promoção IMPERDÍVEL
CURTA SUAS FÉRIAS DE JULHO

Shopping

Imagem 26: Sobre a Carla... Idas e Vindas

O espaço virtual de Carla não é tão rentabilizado, sem parecer participar de viagens propostas, pagas e/ou rentabilizadas pelo próprio trade turístico, mas possui alguns espaços de anunciantes, como para a ferramenta Google AdSense, que alimenta o espaço com anúncios de seus parceiros, relacionados ao tema do espaço em questão, como se percebe nesta imagem acima em que Carla se apresenta, com oferta de passagens aéreas promocionais e hospedagens, ou seguros de viagem e passeios logo ao lado direito, abaixo dos atalhos às interfaces de seu blog em outras plataformas.

⁸² Extraída de <http://www.idasevindas.com.br/sobre/>, acessado em 02/07/2012.

Sobre o processo de profissionalização, Carla nos lança algumas pistas quando narra um pouco de sua história na postagem⁸³ que anuncia sua “casa própria”, ou domínio próprio, dois anos após a existência do blog. Nesta postagem, narra a história de mudança do blog, quando migrou para seu domínio próprio, apesar de sustentado pela plataforma Wordpress, fala do apoio de Ricardo Freire, seu “mentor-mor”, quando pensou em ganhar um “dinheirinho” através de propagandas, e, entre outras coisas, sobre o suporte técnico (de Claudia Catherine) que passou a ter depois dessa mudança. Além de assumir ser muito interessante e de grande felicidade (mas igual responsabilidade) manter um espaço que já teria ajudado tantas pessoas a planejarem suas viagens.

Nesta imagem extraída recentemente (Junho/2012), demonstra também novos espaços de publicidade que a Carla abriu em seu blog, intercalando-se com as postagens, seja através das imagens conectadas aos anunciantes, como em algumas palavras que aparecem sublinhadas, e que na verdade também servem de atalho para anunciantes que, possivelmente, se relacionem com as tais

Idas e Vindas – Viagens e Aventuras Sobre a Carla...

10 **Desvios de rota**
Mar 2009 **Casa própria!**

 [Clique e veja onde encontrar o pré-pago MasterCard Travel Card.](#)



Queridos,

Faz já algum tempo que eu estava ansiosa por inaugurar mais uma nova fase no Idas & Vindas... 😊



Sempre acho engraçado pensar que comecei a escrever o I&V por puro prazer e acabei criando um “monstro” – no bom sentido, claro... É bem interessante notar o quanto as informações reunidas aqui já ajudaram muitos a planejar suas viagens, o que me deixa bastante feliz, mas também me dá uma noção da responsabilidade que isso representa.

Há cerca de 6 meses, quando recebi o convite para transferir o I&V para a Área VIP da Abril Digital, eu sabia que isso seria um desafio, principalmente por conta da reta final do doutorado – acreditem, não é nada fácil usar o pouco tempo de lazer que sobra fazendo justamente o que se faz praticamente o tempo todo, ou seja, escrever... Mas, sendo super hiper sincera, não foi apenas isso o que segurou o I&V nos últimos meses – a realidade é que eu senti falta da praticidade do WordPress, das adoradas carinhas, dos comentários listados na coluna da direita... e acabei relegando o blogueto a um abandono nada merecido.



Foi então que um dia o I&V ganhou uma fada-madrinha... 😊 Eu tenho uma grande amiga, a Cláudia, que é diretora de marketing de um site bem importante – e ela me deu a idéia de investir em um domínio próprio para o I&V, onde eu pudesse usar a plataforma do WordPress como antes, e também abrir um certo espaço para anunciantes. Troquei idéias com o Rig, o mentor-mor da minha aventura blogueira, que me disse que achava muito justo que o Idas & Vindas começasse a me render um dinheirinho... Claro que o objetivo principal do I&V não é render dinheiro, e sim unir uma atividade prazerosa que faço no meu tempo livre com a ajuda que posso proporcionar a quem aporta por aqui – mas se daqui a alguns meses pudermos bancar um sorvete para cada uma vamos comemorar e muito! 😊

De agora em diante, a Cláudia e eu temos um *hobby* comunitário – eu vou cuidar do conteúdo como sempre, mas passei a ela a parte técnica do novo Idas & Vindas. Em 17 anos de amizade já nos metemos juntas em várias roubadas, mas também em um montão de acertos – e tenho muitos motivos pra acreditar que esse vai ser um acerto e tanto!!! Resta apenas, então, abrir as portas de mais essa casa nova a todos vocês, e dizer que eu espero, de coração, que vocês se sintam mesmo em casa... 😊

Imagem 27: Casa própria! – Idas e Vindas

⁸³ Extraído de <http://www.idasevindas.com.br/2009/03/10/casa-propria/>, acessado em 30/06/2012.

palavras, através de um sistema chamado *Hotword*⁸⁴.

Carla não oferece uma seção exclusiva para apresentar seu blog, mas faz isso em sua primeira postagem⁸⁵, reproduzida aqui:

10 Feb 2007 - Argentina • Uruguai

Olá, pessoal!

Sejam todos muito bem-vindos! Espero que vocês se divirtam acompanhando a minha viagem de férias ao Uruguai e à Argentina agora em fevereiro.

Vários amigos me cobram que, depois do advento da câmera digital, eu nunca mais organizei álbuns de fotos – um pretexto para contar as histórias malucas e engraçadas que invariavelmente acompanhavam as tais fotos... Talvez as histórias de agora não sejam mais tão malucas - afinal, o tempo passa, e ainda bem que a gente aprende com a experiência!!!

Mas a idéia é, sim, compartilhar o meu eterno e imenso prazer (ou vício?) de viajar... Às vezes a coisa fica tão compulsiva que, como eu disse outro dia, ainda vão acabar internando essa doida... 😊

Espero contribuir com algumas dicas para quem quiser se aventurar por esse mundão afora... Não sou rica (Deus não dá mesmo asa a cobra...), mas também nunca fui mochileira – até porque a minha coluna não deixa... 😊 Gosto de conforto, de comer bem, de fazer umas comprinhas, enfim, de aproveitar as férias sempre um degrauzinho acima do que tenho em casa. Com o tempo, fui aprendendo alguns truques pra esticar o dinheiro – e multiplicar as viagens, claro!

Montei essa viagem de 12 dias com um orçamento de cerca de US\$ 1000 entre passagens aéreas, hospedagem e transporte local. As operadoras de turismo estavam cotando no mínimo US\$ 1500, então fiquei bem contente com o meu feito – nada que um pouco de paciência e muita informação não consigam!

Beijos a todos e divirtam-se!

Além de assumir seu “eterno e imenso prazer (ou vício?)” por viajar, que espera contribuir para que outras pessoas se aventurem por “esse mundão afora”, e que quando viaja costuma aproveitar suas viagens um “degrauzinho acima” do que tem em casa (o que me lembra as “extravagâncias” de Ricardo Freire), alerta seus amigos para não esperarem histórias tão malucas como as do tempo antes da máquina digital, afinal, “o tempo passa, e ainda bem que a gente aprende com a experiência”. Que demonstra também a temporalidade única de cada experiência, afinal, as pessoas que experienciam tem sua própria temporalidade, que pode alterar as percepções de próximas experiências, como mesmo, das experiências já vivenciadas.

As postagens de Carla são tratadas pela própria como “novelinhas”, pois divide uma viagem (como muitos costumam fazer) em diferentes postagens, deixando as vezes algumas

⁸⁴ Essa ferramenta de rentabilização, Hotwords, apresenta seu sistema da seguinte forma em seu blog: “Baseado em inteligência artificial, o HOT Words combina interpretação semântica, análises estatísticas e infraestrutura de alta performance, que tem como produto final a entrega rápida de anúncios e informações extremamente relevantes para seu público e para o conteúdo de seu site.

O sistema contextual utiliza o corpo do texto para a exibição dos anúncios. Ao passar o mouse sobre a palavra com o duplo sublinhado, um anúncio relevante é exibido. Com o HOTWords você irá expandir o inventário de seu site e aumentar o seu faturamento com publicidade.”

⁸⁵ Extraído de <http://www.idasevindas.com.br/2007/02/10/ola-pessoal/>, acessado em 02/07/2012.

pistas do que seguirá. E numa dessas “novelas”, a primeira, para ser exato, algo bem interessante acontece. Após 15 postagens diárias, em que parecia contar a sua viagem em tempo real, com a programação do que faria no dia-a-dia, ela posta uma mensagem confessando que havia deixado as postagens previamente prontas e agendadas para serem publicadas, dando essa impressão de dinamicidade às pessoas que lessem. E então, na sequência, deu outros detalhes da novela toda, agora realizada e não somente planejada. Conforme explica nessa passagem⁸⁶:

**25 Feb 2007 - Argentina • Uruguai
Eu confesso!!!**

Pessoal, acabei de chegar em casa e, embora pareça o contrário, não acessei a Internet uma única vez sequer desde a 3a.f., 13/02!!! Deixei os posts preparados com a programação da viagem, e fiquei feliz agora ao ver que eles entraram no ar direitinho conforme eu tinha programado – ou seja, não paguei micos cibernéticos!!! A partir de amanhã vou responder a todos os comentários e, agora sim, contar a viagem detalhadamente, com direito a muitas fotos... 😊

Por hoje, vou fazer o meu comentário cri-cri... Meu vô estava programado para sair de Buenos Aires às 11:10. Decolou às 12:40 por um motivo no mínimo absurdo: a tripulação teve que recolher e despachar umas 3 ou 4 malas ENORMES levadas a bordo como bagagem de mão!!! [...]

Viajar não tem nada a ver com a cultura do “se dar bem” e “levar vantagem”... Tem a ver com civilidade, respeito e boa convivência – e tenho dito!!!

Que pode levantar a questão da experiência turística envolver muito mais do que somente o momento de consumação de fato. Antes mesmo de estar viajando, já viajamos elaborando roteiros, imaginando e criando expectativas do que vivenciaremos. Assim como quando voltamos, revivemos as experiências, ao tentar expressar nossas percepções, sentimentos, observações ou qualquer coisa que nos remeta àquela experiência. Além de sua última observação, sobre turismo envolver “civilidade, respeito e boa convivência”, e não a “cultura do ‘se dar bem’ e ‘levar vantagem’”, que além de se comparar aos turistas “informados” e “educados” de Ricardo Freire, vai de frente com uma ideia de que o turista seria um desalmado, pronto para se aproveitar das pessoas com que se encontra.

Suas narrativas em 1ª pessoa (singular e/ou plural) podem ser encaradas como relatos de suas experiências, enquanto destaca situações (pessoas, lugares, momentos) para ajudar a guiar as pessoas que a acompanha, utilizando bastante a interação com essas pessoas. Notei, por exemplo, que algumas postagens foram atualizadas posteriormente a postagem, com algum destaque que teria surgido nas conversas através das caixas de comentários, devidamente referenciado. Mas dessa forma servindo como um guia de viagem, através de suas expressões,

⁸⁶ Extraído de <http://www.idasevindas.com.br/2007/02/25/eu-confesso/>, acessado em 02/07/2012.

bastante pessoais, e de seus interlocutores, sobre as experiências que tiveram, ou que pretendem buscar, durante seus deslocamentos.

Como na postagem “Esquina Carlos Gardel” (09/05/2010)⁸⁷, em que narra a experiência de voltar a um espetáculo de tango, mas em outro lugar do que quando teve “a experiência mais apaixonante que poderia imaginar”, única, e que postou dizendo “que não frequentaria outro lugar”. Essa primeira postagem que Carla menciona foi publicada no dia 14/09/2008, quase 20 meses antes dessa segunda postagem em que relata sua experiência no Esquina Carlos Gardel, acompanhada de seus pais. Em 2008, literalmente, escreveu: “Lá mesmo eu decidi: não quero mais experimentar outro show. Provavelmente vou virar frequentadora assídua do Bar Sur, vou voltar todas as vezes em que for a Buenos Aires.”. Mas como revela através dessa segunda narrativa, as condições e proposta de viagem eram outras dessa vez, especialmente pela companhia de seus pais e pela curta duração da viagem, e com isso aceitou procurar outro lugar (indicado, diga-se de passagem, por outra blogueira), que acabou gostando muito, apesar de todas as diferenças entre as duas experiências, e alguns percalços que essa segunda lhe proporcionou, como o lugar/bar em que ficaram.



09May 2010 - Argentina • Buenos Aires
Esquina Carlos Gardel

O ser humano é mesmo contraditório – vive dizendo que nunca mais vai fazer determinada coisa mas, quando vê, pronto, já fez... 😊 Não que isso seja de todo ruim – afinal, muitas vezes uma decisão tomada no calor do momento não deveria mesmo ser levada ao pé da letra!

No inverno de 2008 eu tive a experiência mais apaixonante que poderia imaginar em termos de tango em Buenos Aires: passei uma noite no Bar Sur. Fiquei tão encantada com a atmosfera mágica do lugar que escrevi no post que não queria mais frequentar outro lugar... De certa forma, isso continua valendo: o Bar Sur é imbatível pra mim, ainda não caiu do primeiro lugar no meu “ranking tanguero”. Mas a questão é que nem todas as pessoas estão interessadas em um espetáculo interativo – e, diga-se de passagem, o Bar Sur é mais interativo do que espetáculo... 😞 A produção é bastante modesta, o bar em si é bem acanhado, e nem todo mundo acha divertido deixar de ser platéia para virar dançarino ao longo do show...

O tempo em Buenos Aires dessa vez era bem curto – uma tarde no dia da chegada, um dia inteiro e a manhã do dia do embarque no cruzeiro. Mas meus pais, que não iam à cidade desde o início de 2007 (não estou contando a viagem com o Jonas, porque não fizemos programas de adultos...), tinham vontade de ir assistir a um tango. Sondei um pouco e logo vi que não iam curtir o Bar Sur... Nem tentei convencer, e fui logo procurando alternativas mais apropriadas. (Aliás, eu continuo me devendo até hoje experimentar o tango no Café Tortoni – achei que seria dessa vez, mas ainda não vingou...)

[foto à esquerda]



⁸⁷ Extraída de <http://www.idasevindas.com.br/2010/05/09/esquina-carlos-gardel/>, acessado em 02/07/2012.

A questão é que eu tinha lido / ouvido elogios ao Esquina Carlos Gardel, vindos de pessoas em cujo gosto eu confio (obrigada, Tatiana!) 😊 E resolvemos ir experimentar.

[foto à esquerda]

O Esquina está situado no bairro de Abasto, bem em frente ao Abasto Shopping. A casa é linda, e muito bem localizada – é fácil chegar por conta própria, de táxi ou de metrô (linha B). Mas, como fizemos nossa reserva pela recepção do hotel, aproveitamos e pedimos o transporte gratuito oferecido – prático e confortável, mas nem tão rápido, já que acabamos fazendo um tour por vários hotéis para buscar outras pessoas...



[foto à esquerda]

Como de costume, eu reservei o show sem jantar. Em janeiro, pagamos Ar\$ 245 por pessoa, ou cerca de R\$ 125. Acabo de verificar no site que o preço já subiu para Ar\$ 295 – a inflação argentina está mesmo à solta... (O show com jantar, que custava Ar\$ 350, já bateu nos Ar\$ 420...)

Dessa vez, entretanto, acho que não foi uma boa decisão dispensar o jantar... Nem tanto pelo jantar em si, já que eu nunca boto muita fé que esses jantares serão memoráveis, mas porque os espectadores que dispensam o jantar ficam acomodados no bar – e eu achei não apenas desconfortável como também mal situado, muito longe do palco... 😊 Ou seja, o jantar se transforma, de certo modo, em um passe para uma boa localização...

[foto à esquerda]

Quanto ao show em si, foi literalmente um espetáculo!!! Apesar da distância, eu grudei os olhos no palco, de tão hipnotizada... 😊 E amei a idéia de plantar a orquestra na parte de cima do palco, bem à vista dos espectadores, ao invés de naquele fosso abaixo do palco, como é de praxe na maioria dos teatros...



[foto à esquerda]

Saldo da noite? Super positivo! Bons cantores, ótimos dançarinos, tangos conhecidos, uma orquestra excelente. Ah, sim, e vinho à vontade (hic!), não apenas uma tacinha de cortesia... 😊 Fica apenas a dica: no Esquina Carlos Gardel, investir no jantar é quase sinônimo de conseguir um lugar melhor para assistir ao show...

Dessa forma, consegue enredar sua(s) experiência(s) através de uma narrativa cheia de informações bem detalhadas a respeito do(s) lugar(es) que narra, mas carregado, também, de expressões bem (mais) pessoais da(s) experiência(s) que vivenciou, com as percepções que carrega dessa vivência, sejam positivas ou negativas. Assim como outras pessoas analisadas, utilizando de uma linguagem dialogal, em que “chama” seu leitor para o texto.

Através dessa mesma postagem, pode se perceber a outra forma de acumular informações de experiências relacionadas às viagens: caixa de comentários; que Carla, inclusive, em seu primeiro comentário ao agradecer a contribuição de uma interlocutora, ressalta a importância desse espaço de relacionamento, dizendo que “boa parte da riqueza informativa de um blog está mesmo nos comentários”.

Nesses trechos de conversas desta postagem, aqui representados, destaca-se a conversa estabelecida com Patrícia, pelo interesse dela em algumas informações a respeito de hospedagem na cidade de Buenos Aires, especificamente, sobre alguns apartamentos para locação que a Carla já havia postado a respeito em outra oportunidade.

E como se percebe a Carla embarca na conversa, retornando a respeito das específicas perguntas de Patrícia (que não é a mesma do Turomaquia), como o depósito de reserva-



Patricia
09/05/2010 at 16:38

Obrigada pela resposta, Carla 😊 Acabei de enviar um e-mail perguntando isso e outras coisinhas. Vou torcer para que seja split, porque tá difícil achar um apto. baratinho para 5 adultos... hehehe

[Reply](#)

Vyvianni Pedrosa
10/05/2010 at 00:08

Patricia, vi que vc está indo pra B.A. em julho e uma outra opção de tango é tb o Rojo Tango. É pequeno, mais caro, não sei como está seu orçamento, mas vale a visita e o jantar!!! Os instrumentistas são ótimos, os cantores maravilhosos, e o ambiente super diferente. Adorei! Carla gostei da dica do Bar Sur! Não deixarei de visitar da próxima vez. Grande abraço

[Reply](#)



Carla
10/05/2010 at 10:26

Patricia, eu tenho a maior vontade de ir ao Rojo Tango, mas realmente ele é bem mais caro do que a média. Se estiver dentro do seu orçamento, vale seguir a dica da Vyvianni! 😊

[Reply](#)



Patricia
10/05/2010 at 19:21

Carla e Vyvianni, agora com a dica de vocês tenho mais um pra minha listinha. Organizei aqui por ordem de preferência, irei escolher um deles para ir: 1. Rojo Tango (não achei os preços no site, vou mandar um email perguntando, dependendo do preço iremos neste); 2. Esquina Carlos Gardel (sem jantar, achei caro quase R\$ 220 por pessoa); 3. Bar Sur (pelo seu post parece ser pequeno, mas agradável); 4. Tortoni e 5. Señor Tango (mas acho que vou fugir destes por serem muito enfeitados e turísticos).

Ah Carla, sobre o apartamento no chat da ByT fui informada que é frio/calor o sistema de ar condicionado. Então agora, posso ser mais uma a ter um endereço em Buenos Aires e postar aqui depois como tudo ocorreu 😊

[Reply](#)

Imagem 28: Comentários (2) – Idas e Vindas

bernardette amaral
09/05/2010 at 09:41

Carla, ja tive experiência de vários shows em buenos Aires, o primeiro foi o Michelângelo, casa lindíssima, e a primeira vez em BsAs, foi inesquecível. A segunda foi o Sr. Tango, que considero muito turístico demais para o meu gosto. Em outubro resolvi experimentar o Esquina Gardel com jantar, Reservei com o Pablo que me deu a sugestão, um guia que conheci na internet e que faz roteiros interessantes por BsAs. Ele reservou show com jantar, a comida me surpreendeu e o vinho também. O atendimento da casa foi excelente e os lugares muito bons. O show também é bem superior ao Sr.Tango e a casa é bem elegante. Na ultima visita a BsAs, experimentei o Tortoni, ando meio implicante porque acho que a confeitaria virou point turístico, mas o show me surpreendeu. Resolvi reservar a sala menor porque não havia lugar nas outras. O show é comvente, só os meus tangos prediletos, por ser pequeno não há grandes exibições de dança. Mas as músicas..Quando o cantor atacou de UNO, o meu tango predileto eu fiquei emocionada, na hora de Balada por un Loco, cantei junto. Saí do show feito uma doida, cantando pelas ruas de Buenos Aires. Só não recomendo para quem não gosta de tango, porque é basicamente música, nada de show folclórico ou exibições de tango ou mesmo cavalos no palco, é para ouvir música e se emocionar.

O bar Sur eu ja coloquei na minha agenda para a próxima viagem. A gente sempre tem um motivo para voltar.

[Reply](#)



Patricia
09/05/2010 at 15:39

Obrigada pela dica de tango, Carla. Estou indo em julho com a família e estávamos atrás de uma casa de tango para visitar 😊 Ah, andei lendo os relatos por aqui e vamos ficar em um apto. na Recoleta (Pueyrredón and Av. Las Heras I) que achei no ByT que você recomenda... só uma coisa, na descrição não diz que tem sistema de calefação, só ar condicionado, será que vamos sentir muito frio? E a devolução do "depósito" em dólares é seguro mesmo? Sabe como é, primeira vez... mas pelos relatos que li por aqui é tudo tranquilo com a ByT, né?! Parabéns pelo blog

[Reply](#)



Carla
09/05/2010 at 16:06

Bernardette, obrigada por registrar por escrito o que você já tinha me contado pessoalmente! Boa parte da riqueza informativa de um blog está mesmo nos comentários... 😊

Patricia, eu aluguei apê duas vezes com a Byt e não tive problemas. Não me lembro de ninguém ter relatado qualquer coisa negativa nesse aspecto entre as pessoas que também alugaram, e deixaram comentários aqui no blog. O que eu costumo fazer é pedir que os dólares devolvidos sejam os mesmos que eu entreguei no depósito – e anoto o número de série das notas. Sobre a calefação, vale você enviar um email para se certificar, mas normalmente os aparelhos são splits, que tanto refrigeram quanto aquecem – é roubada ficar sem calefação em julho, faz frio de verdade!

[Reply](#)

Imagem 29: Comentários (1) – Idas e Vindas

seguro, ou mesmo, da calefação e temperatura. Recebendo, também, a participação de outra leitora na conversa, que sugere outro espaço para espetáculos de Tango; que Carla aprova e recomenda, apesar de não conhecer pessoalmente. E assim faz Patrícia, ao menos em seu planejamento, ao elencar a dica da leitora de Carla como sua primeira opção para conhecer o tango. A sequência dos

acontecimentos, e concretização dessa viagem de Patrícia não foi exposta no blog, então não se sabe se ela seguiu essas dicas, mas nota-se o interesse em desprender seu tempo para interagir através do blog, para conversar a respeito de (ou planejar) viagens, demonstrando o potencial de explorá-lo como um canal de conteúdos e comunicação dentro das dinâmicas de novas mídias.

Algo interessante que também surge das caixas de comentários dessa postagem, pode demonstrar que suas conversas e discussões não se limitam a informações objetivas e precisas, mas também bem subjetivas, podendo ajudar a complexificar as impressões e representações que cada pessoa experienciará através das “mesmas” realidades. Nesse caso, é uma conversa que Carla trava com outro leitor, Marco Cavalheiro. Ao assumir sua implicação com show de tango por achá-los “muito caro e muito pouco autêntico”, Marco desperta uma reflexão de Carla a respeito da “idéia de ‘autenticidade’”, a qual implica “horrores”. Ao refletir, revela uma pista para se pensar, ao escrever que apesar de hoje não se importar em assumir um show como turístico, desde que bem executado, já teria sido “implicante à beça!”, demonstrando que sua própria temporalidade de vida poderá modificar sua percepção sobre as dinâmicas envolvidas às viagens e suas estruturas; assim como qualquer outro enfrentamento em diferentes épocas com a “mesma” realidade superior. Outra pista (esta destacada pelo Marco ao lembrar a profissão de Carla), é a de que a bagagem de vida de cada pessoa estabelece as suas diretrizes significativas, que guiam não só a forma de se expressar, como de compreender as outras expressões e manifestações.

Marco Cavalheiro - Buenos Aires Dreams
11/05/2010 at 17:42

Oii! Muito interessante este post. Sempre achei que o lugar fosse mais museu do que casa de shows. Sabe que eu implico um pouco com show de tango, acho muito caro e muito pouco autêntico. Talvez pelo fato de eu realmente ser apaixonado por tango a estilização e "turistificação" do tango não me atrai muito. Mas esse me interessou. Principalmente pela orquestra. Eu prefiro ver o tango sendo tocado do que dançado... Vamos ver, quem sabe muda de idéia... Abraço!!

[Reply](#)

Carla
11/05/2010 at 21:03

Marco, eu implico horrores com a idéia de "autenticidade"... 😊 Os shows são turísticos mesmo, mas não vejo mal nenhum nisso (hoje em dia, claro - já fui implicante à beça!) A verdade é que eu questiono muito se um lugar seria verdadeiramente "autêntico" ou se ele apenas pareceria autêntico ao nosso olhar estrangeiro... O que me incomoda é quando os shows são de má qualidade - músicos e/ou bailarinos ruins, coreografia mal feita, coisas absurdas acontecendo no palco (como os tais cavalos do Señor Tango...) De resto, eu vou porque curto de verdade, pra mim não é obrigação turística, não...

Eduardo, acho difícil escolher entre o Esquina Carlos Gardel e o Piazzolla Tango... 😊 Gostei muito dos dois! Talvez eu tenha dado a impressão de gostar mais do Esquina porque fui agora, e a memória está bem recente. Aliás, quando fui ao Piazzolla eu ainda nem tinha o blog, então registrava as coisas de modo diferente...

[Reply](#)

Marco Cavalheiro - Buenos Aires Dreams
12/05/2010 at 09:42

pois é, autêntico não é bem o termo (preciso me cuidar com essas professoras de literatura, 😊); Como diria Baudrillard, nada é mais autêntico hoje em dia do que o simulacro... mas você tem razão, é um novo tipo de espetáculo... preciso ser mais flexível e menos chato! 😊

[Reply](#)

Carla
12/05/2010 at 10:39

Jussara, a foto do brinde ficou sem foco... 😊 Uma pena, porque já é um clássico!

Marco: 😊 E olha que eu tento me policiari!!! Mas citar Baudrillard foi golpe baixo, hein?!? 😊

[Reply](#)

Imagem 30: Comentários (3) – Idas e Vindas

3.1.6. Filigrana / Majô (Maria José)

Detalhes			
Mantenedora	Majô (Maria José)		
Hospedeiro	Wordpress		
Criação	jul/07		
Auto-Denominação			
#	Seções	Proposta	Posição
1	Comentários recentes	Últimos comentários	Lat. Direita
2	Categorias	Nós auto-definidos	Destaque
3	RSS	Interface direta	Barra Superior
4	Últimas postagens	Últimas contribuições	Barra Superior
5	Seu e-mail	Interface direta	Barra Superior
6	Blog Stats	Contagem de visitas	Barra Superior
7	Os mais lidos	Chamadas	Barra Superior
8	Top Clicks	Atalhos externos	Barra Superior
9	Pesquisar	Busca no site	Barra Superior
10	Blogroll	Atalhos externos	Barra Superior
11	Arquivos	Histórico	Barra Superior
12	Visitantes deste blog	Origem das visitas	Lat. Direita
13	Fotos VnV	Atalho externo	Barra Superior
14	Live Traffic Feed	Últimos visitantes	Barra Superior
15	Postagens	Integrais	2/3 Esquerda

Imagem 31: Filigrana - Apresentação

Majô (assim assina suas postagens e comentários) possui seu blog desde julho de 2007, hospedado em outro provedor, o Wordpress.org, tendo publicado 202 postagens (até maio/2012), sendo 36 (18%) dessas sob a categoria (marcação para agrupar postagens por temas) VnV, em que repercute a relação que mantém com o blog VnV ou a rede formada através dele, como em sua postagem “Tão longe, tão perto”, publicada em 31/12/2010, em que faz um retrospecto de sua história como blogueira, até 2010, e consequentemente dessa mesma rede.

Nessa narrativa, antes de refletir sobre como o blog mudou sua vida, pensa como os avanços tecnológicos, especialmente a internet, podem trazer benefícios, se bem utilizados. Depois de exaltar a amizade com Riq Freire (como o chama), e outros tantos amigos blogueiros, que conheceu ao perder a vergonha e diariamente conversar com eles através do blog VnV, ainda deseja a todos (como desejos oferendas de ano novo) que sigam “compartilhando alegrias, experiências e os melhores momentos que a verdadeira amizade nos traz”. Ou nessa postagem⁸⁸ que segue, em que narra a recepção de um casal de amigos, que teria conhecido através da rede, e que após conversarem e rirem muito, teriam compreendido que essa convivência nos blogs, em seus “dia a dia VnVético”, havia extrapolado o mundo virtual, e que se sentiam “amigos do peito”.

⁸⁸ Extraída de <http://majots.wordpress.com/2007/11/30/o-rio-recebe-a-familia-giramundo/>, acessada em 02/07/2012.

O Rio recebe a família Giramundo

November 30, 2007

[...] O Rio recebeu a visita de Tati, Jorge Gira e a doce Clara, a família cariologista Giramundo, no fim de semana do feriado de 2 de novembro.

[...] Foi uma festa !!! Sorrisos de orelha a orelha e, claro incluindo nossa querida mascote.

Sim, com a blogalização no blog do nosso querido Riq, nos tornamos de fato amigos e “íntimos” em nosso dia a dia vnvético. Percebemos se alguém está num bom ou mau dia, apesar de que o bom humor do Riq acaba contagiando todo mundo mesmo.

[...] Rimos muito, e compreendemos neste encontro que nossa convivência diária no VNV extrapolou o mundo virtual, nos sentíamos amigos do peito. O papo fluiu tão gostoso com muita risada, mas chegou a hora de sairmos pelo Bar 20, para caminhar um pouco até a praia com Clara em seu Cadillac, claro que ela queria dar uma paquerada nos cariocas.

[...] Tags: Blogroll, Rio de Janeiro, VNV

Posted in Blogroll, Rio de Janeiro, VNV | 10 Comments >

O blog é bastante reservado, para quem inicialmente chega nele, pois não possui identificação de sua desenvolvedora ou do blog em si, como de costume acontece com os demais, e também não oferece interação direta com outras plataformas, com exceção do Flickr, que inclusive, direciona para uma sessão de fotos de um dos encontros dos blogueiros, que foi intitulado de VnV Rio, 2010, por ter sido realizado na cidade do Rio de Janeiro, em junho daquele ano, além da referência ao VnV, como se percebe na foto retirada



Imagem 32: Con VnVenção Rio 2010 - Filigrana

deste álbum⁸⁹. Através de pesquisas pelas redes de relacionamentos das outras pessoas investigadas, percebeu-se que a Majô possui contas em outras redes sociais, como o *Twitter* e o *Facebook*, mas apesar de citar seu blog nessas diferentes plataformas, ela não os conecta através do blog, e nota-se que (assim como no blog) em ambas as plataformas ela mantém bastante(s) vínculo(s) com pessoas envolvidas com narrativas de viagem, seja no *Facebook*, como no *Twitter*.

Mas ao aprofundar nas narrativas e comentários de postagens no espaço de Majô, muda-se essa percepção, afinal conversa bastante com seus interlocutores, oferece espaços para que

⁸⁹ Extraída de <http://www.flickr.com/photos/51453994@N02/5860962838/>, acessado em 02/07/2012.

outras pessoas escrevam, e assinem suas postagens (como comentado em sua retrospectiva, acima), além de, como Diretora Social da comunidade VnV, postar programações e repercussões de seus encontros, geralmente, com uma linguagem bem intimista. Como, por exemplo, percebe-se ao repercutir um dos encontros nesta postagem⁹⁰, que após situar seus leitores de que se tratava de um reencontro que alvoroçou pessoas de várias cidades, de apresentar os homenageados e, envolvidos e presentes, tenta construir (demonstrar) uma intimidade entre ela, os apresentados e os próprios leitores, explicando como se conhecem e se gostam, mas utilizando de terminologia que exigiria (demonstraria) convívio com o blog ou a rede em si, como a palavra ConVnVenções:



A festa pro Zé

August 16, 2009

O queridíssimo **ZéJet** ou Zézinho das carinhas 🇧🇷 😊 🙄 frequentador assíduo do Viaje na Viagem, blog do Riq, comentou no mês passado que sairia de sua querida Vermont para o Brasil com a **Débora** e os Jet-sons, **Matheus** e **Pedro**, mais precisamente à Ribeirão Preto, em agosto, e o 1o. fim de semana passaria em Sampa.



Pronto, muita gente se alvoroçou e amigos do Rio de Janeiro, Vitória, Santos, Ferraz de Vasconcelos, States, e claro Sampa se mobilizaram para estar com ele ao vivo e a cores o que culminou numa festa, cuja *sommelier* foi a **Liciana** com homologação do **EduLuz**, e comilanças divinas by **Nick**.

[1 foto] Todo mundo queria abraçar o **Zé** e a **Débora**, homenageadíssimos. Como o **Guru**, [1 foto] o **Beto** e a **Teté** que vieram de Santos, [1 foto] a queridíssima **Mô**. Reparem o olhar de superioridade do Zé 😊 Os dois vivem brigando 🇧🇷, [1 foto] como o **Bruno Superviagem** veio de Vitória e saiu direto para o aeroporto embarcando para Dubai, e o **Fabio Nitschke**.



[foto à esquerda] Daí me puxaram também pra foto ;)

[1 foto] O **JorgeGira** e **Tati** que finalmente apareceram para alegria de todos nós e a **Meilin** que voou do Rio. [1 foto] (foto do Riq)

[foto à esquerda] **Emíla**, **Flávia Penido** ou **RastaFlávia** e **Mel**.

[foto à esquerda] **Carla Portillho**, **Arthur** e **Meilin**.

[foto à esquerda] Foto do Riq - **ArnaldoFatos&Fotos** e o casal capixaba.

[1 foto] A linda família **Luz**, **Dé**, **Rê** e **Edu**, direto de Ferraz de Vasconcelos.

[1 foto] **Lena** e **Soraya**, lembram da viagem delas à **Jeri**?

[1 foto] **Nick**, num dos raros momentos que sentou, **Ângela Bruno** que voou do Rio e **Maryanne** da Califórnia.

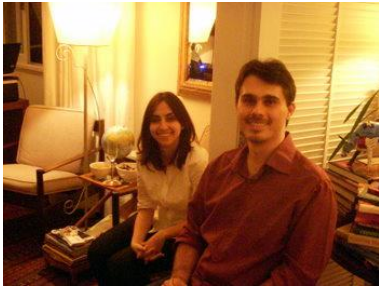
[foto à esquerda] **Fred** e **Natalie**.

[foto à esquerda] **Paula*** com **Fred** e **filhotas** voaram do Rio, **Marcio Nel Cimatti** e **Karine**.



Nos conhecemos no **VNV**, blog do **Riq**, batemos ponto lá todos os dias. Como diz o **JorgeGira** já somos íntimos. Uma grande parte já se conhecia de conVnVenções anteriores. Rever amigos queridos é sempre muito bom e adicionar novos é tão bom quanto.

⁹⁰ Extraída de <http://majots.wordpress.com/2009/08/16/a-festa-pro-ze/>, acessada em 02/07/2012.



[2 fotos] A mesa das mais bonitas que já vi, um verdadeiro quadro de Cézanne, obra do queridíssimo **Nick**.

[1 foto] Tudo estava divino. Pudins de camarão e beringela. Saladas thai e uma sopa que arrancou suspiros de todos.

[1 foto] Tentaram escapar, mas consegui clicar **Nick** e **Liciana** 😊

[1 foto] Depois veio a torta de chocolate com damasco da **Mô**, sem farinha, que arrancou mais suspiros. E também 2 pudins de pão, sobremesa bem brasileira.

[3 fotos] O **Nick** implorando à **Mô** uma fatia um pouco maior do bolo 😊

[1 foto] O bolo já nos finalmente e o vinho que a **Marcie** mandou.

[1 foto] Os donos da casa nos deixaram tão à vontade que Malu e eu fomos bater papo na cozinha 😊

[1 foto] O astral maravilhoso como sempre.

[7 fotos] Confraternização total, ninguém ia embora.

[3 fotos] [foto à esquerda] Daí, o **Riq** subiu no banquinho e pediu a palavra para ler as mensagens das ausentes mais presentes, as queridíssimas **Sylvia** e **Marcie**. [3 fotos e 1 vídeo]

As fotos da Teté. Obrigada querida 😊 [11 fotos]

Abaixo, os streamings que a Flávia Penido fez, depois acerto os direitos autorais com ela 😊 Uhuu, a Flávia ralou e conseguiu embeber os streamings, curtam porque tá bárbaro !!! [2 vídeos]

Pessoal, aguardo fotos 😊

Posted in [Blogroll](#), [VNV](#) | [48 Comments](#) »



Outra característica presente no Filigrana, e que também demonstra como seu espaço é construído coletivamente (a partir, principalmente, especialmente, das relações construídas pela Viajofera em torno VnV), são as postagens de colaboradores externos ao blog, mas presentes na blogosfera viajera. Essas postagens são classificadas pela TAG “Condomínio Filigrana”, e somam, atualmente, 25 postagens, assinadas por CarlaZ, Malu, Lena, Cristina, Eduluz, e os casais, Paula e Fred, e Sylvia e Mario. Por conta dessa característica, o Filigrana chega a ser tratado pelas pessoas que colaboram ou acompanham o blog, como um blog *hospedeiro*, como notado nesta imagem ao lado⁹¹, que representa alguns trechos (especialmente o final) de uma das postagens do

Paris por Paula* e Fred

Encerrando a série de posts da linda viagem da **Paula*** e do **Fred**, nada menos que **Paris** para o *grand finale*.


[...]

Não posso deixar de agradecer ao **Riq** e a **Sylvia** por terem convencido o marido aqui de casa a desistir da Eurodyssey! Nada contra parques! Mas, dois dias é muito pouco tempo em Paris para passar um dia inteiro no parque! Thank y guys!

Terminando, juro, obrigadíssima **Riq** por todas as dicas compartilhadas, pelo seu trabalho impecável e por ter permitido o encontro entre essas pessoas queridas que já têm lugar no meu coração, os Trips!

Majô querida, adoro seu *blog* hospedeiro! É muito bom poder compartilhar um pouco com todos os amigos aquilo que aprendemos juntos! Obrigada pelo carinho!

A todos os trips, muitíssimo obrigada pela troca de informações fundamentais que faz toda diferença nas nossas viagens! Quem quiser ou precisar de informações mais detalhadas sobre essas cidades, no que eu puder e souber, estou à disposição!



Nós dois

Obrigada eu querida por nos levar nessa viagem linda com vocês 😊 Inté a próxima.

This entry was posted on August 29, 2009 at 10:30 pm and is filed under [Blogroll](#), [CONDOMÍNIO FILIGRANA](#), [Paris](#). You can follow any responses to this entry through the [RSS 2.0](#) feed. You can [leave a response](#), or [trackback](#) from your own site.

15 Responses to “Paris por Paula* e Fred”

Imagem 33: Condomínio Filigrana

⁹¹ Extraído de <http://majots.wordpress.com/2009/08/29/paris-por-paula-e-fred/>, acessado em 02/07/2012.

casal Paula e Fred. Além dessa relação com Majô, interessante destacar as referências que faz ao Comandante (Riq) e aos *Trips*, expondo que já possuem uma relação de afeto, e agradecendo “muitíssimo [...] pela troca de informações fundamentais que faz toda diferença nas [suas] viagens”. E nos revelando, novamente, pistas de quão antiga e bem estabelecida que seja essa rede de relacionamentos que se formou em torno do VnV, como da forma que essas relações, com as expressões das diferentes personagens envolvidas, podem influenciar as experiências turísticas de outras pessoas.

Outra narrativa⁹² no blog de Majô que pode reforçar essas características levantadas, nem foi escrita por ela, mas sim por Ricardo Freire, na caixa de comentários da postagem anterior (“A Serra bombando”, de 16/07/09), nove minutos antes da publicação (exposição) como postagem, em 04/08/09 às 16h20min. Abrindo seu espaço (palco principal) para uma expressão (manifestação) do comandante (nesse pequeno espaço de tempo), sob o título de quem noticiava (destacava) à tripulação a respeito da tormenta por qual passavam, em que a *bóia* parecia à deriva. Rapidez, talvez, esperada pelo posicionamento que o Filigrana representa para a comunidade (como destaca o próprio Riq, em seu comentário que suscita a postagem), como pelo título que recebe a própria Majô, de *Diretora Social*. E atualiza a postagem nos dois dias seguintes, com comentários da própria publicação, que complementam a informação que noticia. Fortalecendo a caixa de comentários como um espaço de construção e riqueza informativa, que somada a postagem, completa a obra que sua editora, Majô, quer (pretende) expressar.

Notícias VNV

 **Ricardo Freire Says:**
 August 4, 2009 at 4:11 pm |

Majô querida! Vim aqui à sede social da comunidade para explicar aos chegados o que está acontecendo lá no Viaje na Viagem. Meu hospedeiro, o Bluehost, endoidou. O servidor ficou lento e ele está botando a culpa no VnV. Suspendeu a conta duas vezes.

Neste momento estou tentando, com a ajuda do Marvila e do Zé, fazer o back-up do conteúdo e levar o blog para outro hospedeiro.

Isso tudo pode levar algum tempo, então peço paciência, compreensão e energia positiva a todos. Desculpas e obrigado!

Riq

A gambiarra está aberta, temporariamente o Riq atenderá aqui 😊

 **Ricardo Freire Says:**
 August 5, 2009 at 4:26 pm | Reply edit

BLOG NO AR! EEEBAAA!

Obrigadíssimo pelas boas vibrações!

Pode demorar um pouquinho para você conseguir acessar, porque — segundo me explicaram — a rede inteira demora um pouco para entender o novo servidor. Mas já tem bastante gente conseguindo entrar.

Majozita, thank you arigatô merci gracias grazie efkharistô arigatô!

Riq

Ueeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeba, as ordi

Aqui vai o passo a passo do super Marvila para quem não consegue ainda acessar a página do VNV:

Fred Marvila Says:
 August 6, 2009 at 10:37 am | Reply edit

[...]

This entry was posted on August 4, 2009 at 4:20 pm and is filed under **Blogroll**. You can follow any responses to this entry through the **RSS 2.0** feed. You can [leave a response](#), or [trackback](#) from your own site.

62 Responses to “Notícias VNV”

Imagem 34: Comentários (1) - Filigrana

⁹² Extraída de <http://majots.wordpress.com/2009/08/04/vnv-rellowww/>, acessada em 02/07/2012.

Marcio Nel Cimatti Says:
August 4, 2009 at 4:55 pm | Reply

Estamos na torcida e por aqui no Filigrana!!

Abração!

[...]

Majô Says:
August 4, 2009 at 5:24 pm | Reply

People, a chave desta casa está com o Riq até ele voltar ao ar 😊
Sintam-se em casa 😊

Estamos todos fazendo aqueeeela MEGA ULTRA vibração positiva pro VnV voltar rapidinho 😊

Smack pra Carlinha e Marcie 😊

[...]

eduluz Says:
August 4, 2009 at 8:20 pm | Reply

Majô, isto é que é um verdadeiro condomínio/coração de mãe. Tá sempre cabendo mais. E imagine se não teria lugar pro grande chefe !! rs
Abs e tomara que o treco se resolva !!

[...]

Emília Says:
August 5, 2009 at 8:54 am | Reply

Riq, apesar de não poder ajudar tecnicamente (eu também preciso de personal nerds...), segue aqui a minha torcida. Vc está em ótimas mãos e com todos botando a mão na massa...logo, logo o VnV estará de volta e em melhor forma do que nunca 😊

Majô, você como sempre acolhendo aqui no Filigrana...e dessa vez por uma ótima causa!

[...]

Carla Says:
August 5, 2009 at 11:55 am | Reply

Passei o dia offline ontem e quando tentei acessar o VnV hoje tomei um susto daqueles... Aí vi o email da Super Sylvia, e corri aqui pro condomínio da Majô! 😊 Riq, estou na torcida para que tudo se resolva da melhor forma possível!!!

[...]

Arnaldo - FATOS & FOTOS de Viagens Says:
August 5, 2009 at 2:19 pm | Reply

Apoio nunca é demais, força e bons pensamentos também (ainda que tardios).

Estou aqui contando que tudo o que é ruim tem sempre seu lado bom. Quem sabe não seja a oportunidade pra melhorar ainda mais o que já é bom?

Grande abraço e boa sorte.

Imagem 35: Comentários (2) - Filigrana

Dessas duas atualizações, a segunda nos traz outra pessoa investigada, Fred Marvila, que ajuda Ricardo Freire a resgatar os *trips* que ainda não teriam alcançado a *bóia* (em seu novo servidor hospedeiro, dado sua formação em Ciências da computação e Análise de sistemas). Mas entre os outros comentários (62), outras personagens se apresentam, como Eduluz (colaborador do Filigrana), ressaltando a característica de hospedagem do blog (“condomínio/coração de mãe”), e a relevância de Ricardo, o “grande chefe”, para a comunidade; como da própria Majô, que além de responder outros comentários, demonstra que seu espaço, ao menos, temporariamente, também é do Riq, e, conseqüentemente, de seus *trips*. Sentimento que, aparentemente (ao menos, parcialmente), é compartilhado por algumas personagens investigadas por este trabalho, também nessa mesma postagem, como nas manifestações: de Arnaldo, que expressa desejos e pensamentos de melhoras; de Marcio, que além de demonstrar sua torcida pelo VnV e Fili, reconhece o espaço de Majô, como de Riq, naquele momento; ou de Emília e Carla, que além de tudo isso, ainda destacam a

relevância e posição de ambos os espaços e personagens (VnV e Fili, de Ricardo e Majô, respectivamente) para a comunidade em si, como Eduluz, e lamentarem a impossibilidade de ajudá-los, como Arnaldo também relata. Mas sigamos com as apresentações, agora da Emília.

3.1.7. A Turista Acidental / Emilia Fernandes

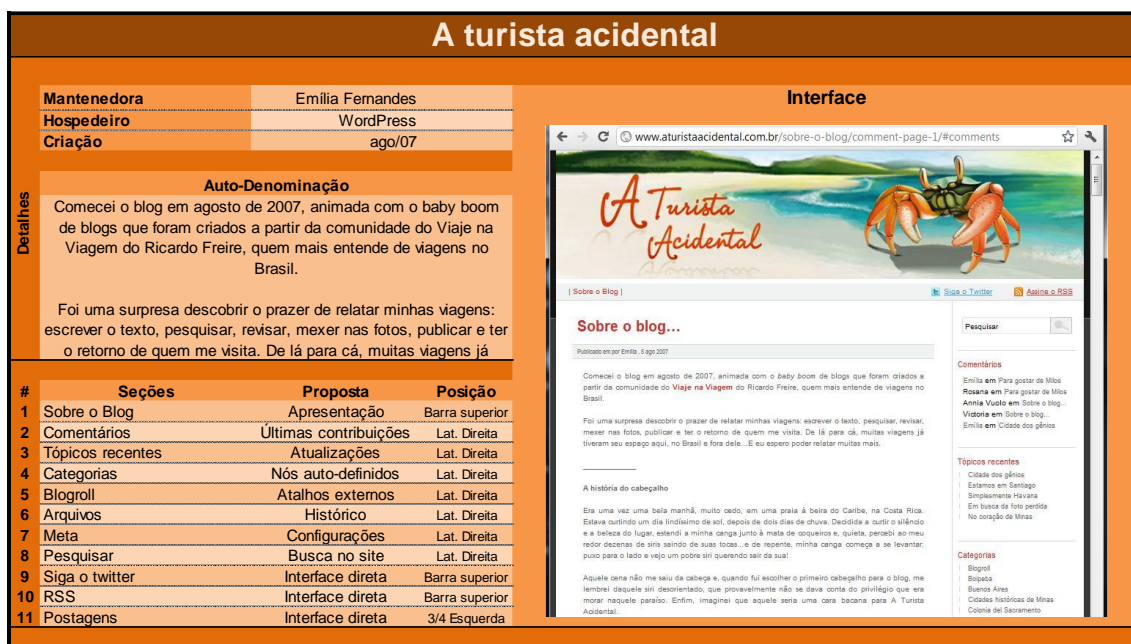


Imagem 36: A Turista Acidental - Apresentação

Este blog, de Emília Fernandes⁹³, como pode ser visto acima e na imagem 35, possui uma interface limpa que oferece os recursos recorrentes num blog: postagens dispostas em ordem cronológica reversa, conjugando textos verbais e não-verbais com links a outras referências utilizadas; o blogroll, com suas indicações de sites interessantes; categorias, onde ordena suas postagens por assuntos de interesse; comentários, onde reúne os comentários de seus leitores a respeito de suas postagens; o arquivo, que ordena suas postagens por mês e ano de publicação; e a seção sobre o blog, onde se auto-define e, nesse caso, relata a importância de Ricardo Freire para sua inspiração, também reforçada pelos comentários nessa mesma postagem.

Assim como Emília, outros blogueiros que formam a rede social relatada colocam, o Ricardo Freire como seu “Guru” e inspirador na forma como relatar suas viagens através de um blog. O blog Viagem na Viagem (VnV), de Ricardo Freire, agora mais profissional que pessoal, teria inspirado novos blogs, como da própria Emília e de outras pessoas, como de alguns dos participantes da ConVnVenção (nome do encontro que reúne partes de uma rede de relacionamentos estabelecida a partir do blog VnV). Essa forte influência do VnV fica mais explícita, conforme a rede se desenrola, mas as influências entre outros blogs também

⁹³ Nome utilizado em outra interface, Twitter, mas não expresso neste canal, intimamente simplificado por Emília.

acontecem. Como a própria Emília, que ressalta a importância do espaço de Carla Portilho, em seu próprio blog. Como ela mesma ressalta, nos comentários de sua primeira postagem⁹⁴, em agosto de 2007, respondendo as felicitações e demonstração de solicitude de Carla Portilho, o blog Idas e Vindas seria um de seus blogs-modelo.

1. *Carla* disse:

agosto 8, 2007 às 9:16 pm

Emília, parabéns!!! Te desejo muitas e muitas viagens, que rendam muitos e muitos posts maravilhosos!

No início o blog dá um pouco de trabalho até dominarmos bem as ferramentas – isso é natural, não desanime, não... Depois tudo fica mais fácil! E, se precisar de alguma ajuda, pode pedir, Ok? 😊

2. *Emília* disse:

agosto 8, 2007 às 10:00 pm

Aê, olha a Carla aí! Dona de um dos meus blogs-modelo 😊
Pode deixar que eu ainda vou precisar de ajuda...hoje mesmo já aluguei o Beto: os comentários ainda estavam moderados, mas agora está tudo livre 😊

Mas o que logo me interessou, no blog da Emília (aTA), quando acessava seu blog pela primeira vez, através do “A Janela Laranja”, foi sua postagem mais recente à época⁹⁵, em que ela descrevera sua viagem a Minas Gerais, acompanhada de sua mãe, e que definiria como uma “dívida” consigo mesma e com seu passado, uma vez que possuía tantas memórias boas, oriundas de suas experiências de criança, como descendente de mineiros, mas radicada em São Paulo, demonstrando como a narrativa pode auxiliar a captar e expressar a temporalidade (única) de uma experiência, como a turística. Enquanto desloca-se através do tempo e do espaço, uma pessoa carrega consigo as experiências que já vivenciou e vivencia em seu cotidiano, e fora dele, em um momento que papéis (e suas pressões, responsabilidades) socioculturais são (mesmo que parcialmente) suspensos, enquanto assume outra personagem, como que outros rituais de passagem, ou momentos de liminariedade, podem sugerir.

E como experiências significativas, adquirem uma temporalidade única; pois em meio ao que carrega e o que vivencia, podem surgir questionamentos na(s) pessoa(s), ou mesmo cisões às percepções anteriores e/ou alheias, enquanto vivencia seus dramas pessoais (e sociais), estará revivendo aquele momento, aquela significância, que reforçou, questionou ou superou alguma significância pessoal anterior, sem inícios ou fins arbitrários. Possuem apenas uma iniciação e uma consumação. E nessa narrativa da Emília, está expressando o que ainda

⁹⁴ Extraído de <http://www.aturistaacidental.com.br/2007/08/02/ola/>, acessado em 02/07/2012.

⁹⁵ Extraído de <http://www.aturistaacidental.com.br/2010/05/26/no-coracao-de-minas/>, acessado em 02/07/2012.

consoma daquela experiência, somada as experiências que vivenciou antes e depois da viagem (porém antes da publicação da postagem); como quando diz que suas memórias infantis são “registros totalmente pessoais, praticamente indescritíveis”; como quando compara a chegada a Tiradentes a sua representação de conto de fadas; quando diz que Ouro Preto só lhe conquistou a noite, percorrendo as vielas cheias de bruma; ou ainda, quando inicia sua postagem dizendo que apesar de já terem passado cinco anos entre a viagem e a postagem, a viagem “estava fresca na [sua] cabeça”:



No coração de Minas

Publicado em [Cidades históricas de Minas](#) por Emília , maio 26, 2010

[foto à esquerda]

Estava com vontade de escrever este post há muito tempo e, apesar de já terem se passado cinco anos dessa viagem, ela estava fresca na minha cabeça. A oportunidade veio com um convite para escrever um post: o Estado de Minas está lançando um portal de turismo novo, o [Wikiminas](#), que tem uma proposta muito bacana. Além das informações básicas sobre os destinos, a idéia é ter usuários e visitantes acrescentando informações e criando um banco de dados cada vez mais completo e do ponto de vista de quem já foi e conferiu. Como um dos meus destinos queridos no Brasil, eu só posso ficar feliz e participar da iniciativa. Dêem um pulo [lá](#) e confirmem o projeto!



Mesmo tendo nascido e vivido toda minha vida em São Paulo, sou uma entusiasta de Minas Gerais, em boa parte por conta da origem de meus pais. Minhas visitas quando criança a um certo canto do sul de Minas me levaram a gostar de cada pequeno indício de que eu estava do outro lado da divisa: as casas antigas de colonos, os coqueiros no meio dos pastos, as cerquinhas tortas, os riachos com [taboas](#)... até mesmo as placas enferrujadas e asfalto esburacado me faziam sentir em outro território. [foto à esquerda]



Outras imagens queridas retornam, de quando chegávamos à cidade com a visão dos casarões de estilo eclético, o carro tremendo sobre o piso de paralelepípedo, o som das vozes que me cumprimentavam naquele sotaque mineiro delicioso: “Emilinha!” Poderia continuar aqui com tantos outros detalhes, mas, apesar de talvez deixar alguns lembrando suas próprias memórias infantis, esses são registros totalmente pessoais, praticamente indescritíveis. Melhor ficar aqui com o outro motivo que me leva sempre a voltar para Minas e que está ao alcance de todos: o seu conjunto de atrações naturais, históricas, culturais e humanas que não se parece com nada do que temos em outras regiões do país. [foto à esquerda]



Talvez o melhor lugar para sentir a originalidade de Minas seja o circuito das cidades históricas: é irresistível a combinação do patrimônio colonial com todas aquelas particularidades mineiras. Como não se sentir acolhido pelo relevo montanhoso e a gentileza e discrição de quem você encontra pelo caminho? Eu costumo brincar que essa região é o equivalente brasileiro do interior francês, quando você sai no seu carro explorando as pequenas cidades antigas, curtindo a paisagem de campo, comendo bem. [foto à esquerda]



Essa é a oportunidade de mergulhar em uma parte fundamental da história brasileira, o Ciclo do Ouro, quando Minas foi o centro da exploração deste metal e de pedras preciosas, especialmente no século XVIII. A riqueza material permitiu um desenvolvimento cultural nunca visto antes na história e é esse reflexo na educação, arquitetura, música, literatura e artes plásticas que é possível ainda sentir nas cidades históricas. Sobre esse assunto fantástico,



especialmente o surgimento do barroco mineiro, sugiro fazer uma visita ao [Fatos & Fotos](#), que tem [posts](#) detalhados e com muita pesquisa. **[foto à esquerda]**

Sortudos os próprios mineiros e também os que estão pertinho, como paulistas e cariocas, que podem sair, como eu, numa bela manhã em direção a [Tiradentes](#), minha primeira parada ao percorrer o caminho, na companhia sempre fantástica da minha mãe: brincava que era uma vergonha uma mineira não conhecer as maravilhas do seu próprio estado e que iríamos resolver essa falha de currículo 😊 **[foto à esquerda]**



Chegar à cidade foi como entrar em um cenário de conto de fadas: como podia existir um chuchuzinho de cidade assim? Preservada, pequena, atmosférica. Os detalhes das casas e das primaveras debruçadas sobre os muros atraem os fotógrafos, que têm aqui inspiração de sobra para vários cliques. **[2 fotos à esquerda]**

E todos conferem os antiquários e as lojas, já que esta é uma região tradicional de artesanato de qualidade – fica em [Bichinho](#), distrito a alguns quilômetros da cidade, a sede da [Oficina de Agosto](#), famosa dentro do Brasil e fora. A vila foi bem retratada [aqui](#), neste post do Fatos & Fotos. [...]



Difícil se despedir de Tiradentes (quem quiser continuar a viagem, sugiro uma visita [aqui](#)), mas seguir é preciso – próxima parada: [Congonhas](#), para uma visita aos doze profetas de pedra-sabão esculpidos por Aleijadinho. A cidade não tem atrativos, mas o complexo da Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos compensa totalmente a parada. O complexo, que ocupa o topo de uma colina e uma boa parte de sua encosta, inclui o adro e escadaria da igreja com os magníficos profetas, a própria e sua curiosa sala de ex-votos e também as Capelas dos Passos com esculturas em madeira, na maior parte feitas por Aleijadinho. A Unesco reconheceu em 1985 a importância da basílica e a transformou em Patrimônio Mundial. **[foto à esquerda]**



Daqui segue-se por mais um trecho de estrada até a grande estrela das cidades históricas de Minas – [Ouro Preto](#). A minha primeira impressão não foi muito positiva: tendo saído da encantadora Tiradentes, foi um choque ver o centro histórico perdido no meio de morros cheios de casas de construção recente e sem nenhuma relevância arquitetônica (além da frustração de tentar me encontrar nas ladeiras estreitas e sem sinalização). Ouro Preto só me conquistou mesmo à noite, quando saímos pela cidade quieta em direção à praça Tiradentes, percorrendo as vielas cheias de bruma. **[foto à esquerda]**



Ela tem razão em sua fama: o conjunto dos seus casarões históricos, igrejas e museus é simplesmente precioso. As suas ladeiras diminuem o ritmo da visita, o que é perfeito para manter o equilíbrio entre olhar para o alto, para observar os detalhes das construções, e para baixo, para não tropeçar no calçamento irregular. Não há mesmo porque ter pressa...no meio do caminho para a Casa dos Contos tinha um chafariz, e dali para a Matriz Nossa Sra. do Pilar tinha um café com broa de milho e de volta ao Museu da Inconfidência tinha um buffet mineiro no restaurante Chafariz. **[2 fotos à esquerda] [...]**



Mais um bocadinho de estrada e chegamos a [Belo Horizonte](#), as suas ruas enfeitadas com ipês rosas cheios de bolas de flores. A cidade para mim é muito querida, já que na minha primeira vez nela, a trabalho, tive uma das melhores recepções: pessoas gentis, abertas, preocupadas, que marcaram positivamente o lugar, em definitivo. **[foto à esquerda]** (foto de Emília)

Um pato delicioso no Taste Vin, uma parada na Pampulha, outra no Mercado Municipal (muitas comprinhas de doce de leite e queijo canastra) e estávamos voltando para São Paulo. Até hoje nos lembramos com carinho e saudades de uma viagem divertida, tranquila, bela. Completa, enfim.



Deixo um super agradecimento ao [Arnaldo](#) pelo empréstimo da maioria das maravilhosas fotos deste post (aquelas que não tem indicação de crédito). Se eu pudesse colocar todas... Não dá para colocar todas, mas aqui estão os álbuns do Arnaldo no Flickr:[...]

Através desta postagem que comecei a me interessar pela interface que tinha com o Arnaldo Affonso, do F&F, pela curiosidade de se comunicarem mesmo através das postagens, além da seção de comentários (fato que pra mim ainda era desconhecida, mas realmente, bastante utilizado (ocorrido) entre os blogueiros, e, também, entre pessoas que os acompanham, mas não possuem seus espaços próprios, seus blogs). Que como já dito, esse relacionamento revelou-se uma relação estável e institucionalizada (pelo casamento, aparentemente) fora do ciberespaço, apesar de iniciada e representada neste espaço virtual.

Mas diferente de Arnaldo, que deixa mais evidente essa relação nas próprias postagens, Emília normalmente deixa para os comentários suas expressões mais privadas e íntimas a respeito dos dois, apesar de citá-lo em postagens, algumas vezes de forma bem carinhosa, como no caso de quando apresenta sua “casa nova”⁹⁶, seu próprio domínio, em que agradece “seu amor e seu incentivo”, como mostrado aqui:

[De casa nova](#)

Publicado em [Blogroll](#) por Emília , abril 29, 2010

Há um certo tempo eu queria deixar **A Turista Acidental** com uma cara nova:

afinal, o blog já está quase completando três anos e ele merecia um *upgrade*.

Durante esse período muitas coisas aconteceram e a mudança no blog reflete

também essa nova fase na minha vida. Além das mudanças estéticas, decidi também

criar o meu domínio e dar ao [siri](#), além do visual diferente, também uma casa nova.

Aos que já são freqüentadores da pequena sala de visitas que é este blog, continuem

sendo bem-vindos: o prazer de manter o blog aumenta com as visitas e comentários

de vocês. Aos novos visitantes, sintam-se em casa.

Agradeço muito ao pessoal da [INCOM](#), em especial ao Marcelo Völker e ao Caio

Vita, que entraram com todo o conhecimento técnico e dedicação para colocar o site

no ar.

E fica aqui um agradecimento mais que especial a você, [Arnaldo](#): o seu amor e seu

incentivo multiplicaram a minha empolgação com esse projeto. Obrigada, meu

querido!

Deixo vocês aqui com um post sobre Nova York, o primeiro desta nova fase. Um

beijo para todos!

O que poderia levantar questões sobre como um espaço público como o blog pode ser encarado de formas diferentes em relação ao quão íntimo e privado serão as expressões, manifestações e representações, que o espaço abrigará. Pois como diria Bruner, as pessoas (sociais, por excelência) urgem por expressar/manifestar suas representações/ percepções daquilo que lhe é, ou foi, mais significativo, mas a própria personagem a expressar que ditará o quanto se expor.

⁹⁶ Extraído de <http://www.aturistaacidental.com.br/2010/04/29/de-casa-nova/>, acessado em 02/07/2012.

Nas imagens seguintes⁹⁷, que demonstram a organização do espaço de Emília, também se percebe as plataformas com que ela possui interface, que são o Twitter e o sistema RSS.

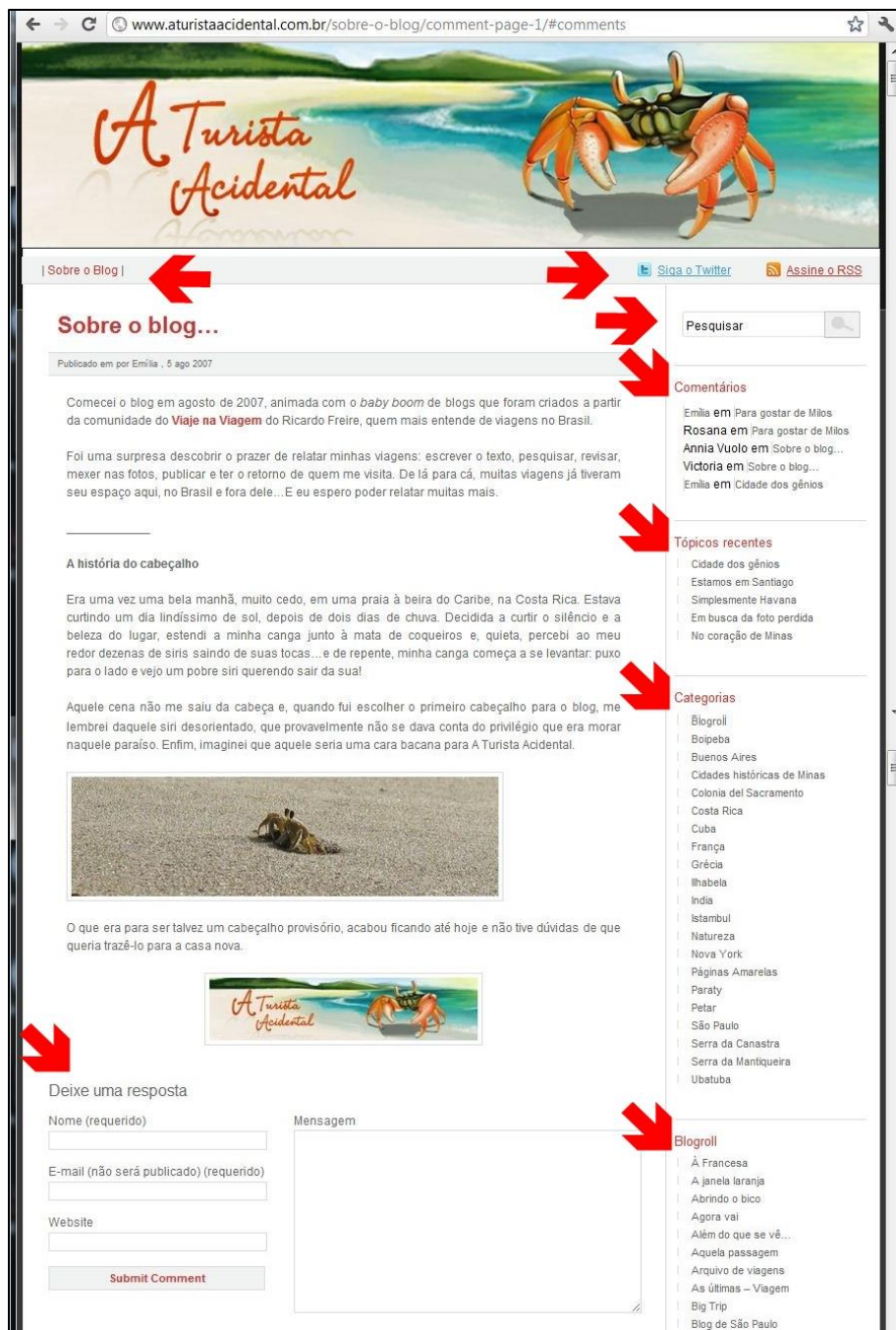




Imagem 37: Seções e Organização (1) – A Turista Acidental


⁹⁷ Extraídas de <http://www.aturistaacidental.com.br/sobre-o-blog/>, acessado em 02/07/2012.

117 Respostas para "Sobre o blog..." 


Comentários mais recentes »

 **GiraMundo com Jorge Bernardes** disse:
agosto 8, 2007 às 5:23 pm


POis é, o comandante está fazendo história.

 **Tony** disse:
agosto 8, 2007 às 5:30 pm

Prezada Emilia, bem-vinda à blogosfera viajera da qual você já participava ativamente há um tempo. Você vai ver como blogar sobre viagens é uma aventura fascinante. Muita muita sorte no seu empreendimento!

 **Arthur** disse:
agosto 8, 2007 às 7:41 pm


Um dia ainda iremos fazer uma árvore genealógica dos blogs que se originaram do Viaje na Viagem 😊

 **Emilia** disse:
agosto 8, 2007 às 8:20 pm


Pois é, Jorge e Artur, será que ele imaginava no começo os 'filhotes' que iriam nascer? A minha lista de favoritas está imensa... é uma beleza 😊

Tony, que bacana que você apareceu!

Estou sempre lá no 'de viaje' e no 'blog de São Paulo'... como sempre as fotos são lindas e é muito interessante ter o ponto de vista de quem está olhando à uma certa distância. Venha sempre!

 **Lician** disse:
agosto 8, 2007 às 10:07 pm


Emilia, parabéns!
Fui um "Bonito" início para um blog viajero.
Bjs

 **Eduardo Dubó** disse:
setembro 10, 2007 às 12:52 am

Prazer, Emilia! Muito bom seu Turismo Acidental... Um dia também quero fazer essa descida no abismo. Incrível! Parabéns pela matéria de Bonito! Sucesso para o blog!

Depois, quando tiver um tempinho, te convido para conhecer o meu Idéia Guia, um guia de "viagens" pelo mundo das idéias!

Um grande abraço,
Eduardo Dubó

 **Emilia** disse:
setembro 10, 2007 às 10:35 am

Eduardo, obrigada pela visita!
O seu blog está muito bacana, vou voltar com mais tempo para ler as matérias com calma.
Um abraço!

- | Brasil Below Zero
- | Brincando de chef
- | Cadernos de Viagem
- | Carrossel de sonhos
- | Conexão Paris
- | Da Cachaça pro Vinho
- | De lá pra cá
- | De viaje a Brasil
- | Destemperados
- | Direto da Alemanha
- | Dividindo a bagagem
- | En busca de la cuadratura...
- | Fatos & Fotos de Viagem
- | Filgrana
- | From Lady Rasta
- | Giramundo
- | Goitacá
- | Guia Grécia
- | Hospedagem no Brasil
- | Hotel California
- | Idas e Vindas
- | Idéia Guia
- | Inquietos
- | Karinhosima
- | Made in Carla
- | Matraqueando
- | Mauoscar em Delaware
- | MKix
- | Mundo de Pensamentos
- | O descobrimento da América
- | O meu lugar
- | O que se faz
- | Pedalando em Paris
- | Pelo mundo
- | Pergaminho Eletrônico
- | Por onde andei...
- | Travel and Trips
- | Travel Forever
- | Trilhas e Aventuras
- | Turomaquia
- | Um outro modo de viajar
- | Uma Malla pelo mundo
- | Vambora!
- | Vem comigo...
- | Viagem a fora
- | Viaggiando...
- | Viaggio Mondo
- | Viajar pelo Mundo
- | Viaje na Viagem
- | Wazari

Arquivos

Selecionar o mês ▾

Meta

- | Login
- | Posts RSS
- | RSS dos comentários
- | WordPress.org

Imagem 38: Seções e Organização (2) – A Turista Acidental

3.1.8. Jeguiando / Janaína Calaça e Erik “P.Zado” Araújo

Jeguiando

Mantenedora	Janaína Calaça Erik 'P.Zado' Araujo
Hospedeiro	Domínio próprio
Criação	jan/08

Auto-Denominação

O que é o Jeguiando e como surgiu?

O Jeguiando é um blog de turismo voltado para dicas de viagem, hospedagem e gastronomia, cujo conteúdo é produzido a partir das experiências vivenciadas por nós, Janaína Calaça e Erik Araújo, em companhia do nosso mascote Jegueton. O Jeguiando foi criado em 13 de janeiro de 2008 e, no mesmo ano, venceu o Prêmio Best Blogs Brazil 2008 na categoria Turismo (por votação popular). Em 2010, ficou entre os 100 melhores blogs do Top Blog 2010 na categoria Cultura (entre 15400

Interface



#	Seções	Proposta	Posição
1	Lojinha do Jeguiando	Comercialização	Barra Superior
2	Jeguiando no Portal Bus Tv	Nós auto-definidos	Barra Superior
3	Cinema no Rio São Francisco	Nós auto-definidos	Barra Superior
4	Filmes que te fazem querer viajar	Comercialização	Barra Superior
5	Home	Atalho interno	Barra Superior
6	Destinos Turísticos	Nós auto-definidos	Barra Superior
7	Sobre o Jeguiando	Apresentação	Barra Superior
8	Jeguiando nas Redes Sociais	Interface direta	Barra Superior
9	Jegues Crônicas	Nós auto-definidos	Barra Superior
10	Jegue Dicas	Nós auto-definidos	Barra Superior
11	Contato	Interface direta	Barra Superior
12	Assine	Interface direta	Barra Superior
13	Chamadas fotográficas	Chamadas	Destaque
14	Pesquisar	Busca no site	Lat. Direita
15	Anúncios	Rentabilização	Lat. Direita
16	Posts mais Populares	Nós auto-definidos	Lat. Direita
17	Jegue Vídeos	Interface direta	Lat. Direita
18	Arquivo	Histórico	Lat. Direita
19	Categorias	Nós auto-definidos	Lat. Direita
20	Páginas	Nós auto-definidos	Lat. Direita
21	Albergues / Hostels	Atalhos externos	Lat. Direita
22	Hotéis	Atalhos externos	Lat. Direita
23	Portais de Turismo	Atalhos externos	Lat. Direita
24	Pousadas	Atalhos externos	Lat. Direita
25	Resorts	Atalhos externos	Lat. Direita
26	Utilidades	Nós auto-definidos	Lat. Direita
27	Postagens	Interface direta	2/3 Esquerda

Imagem 39: Jeguiando - Apresentação

O blog *Jeguiando* ganhou o prêmio Best Blogs Brazil 2008, na categoria Turismo por votação popular, além de figurar entre os top 100 de outra premiação pelos anos de 2010 e 2011. Em um editorial que já saiu de seu blog, propunham relatar as experiências de seus idealizadores enquanto deslocassem a turismo ou a negócios (como mesmo segmentavam) e deparassem com lugares especiais; definidos por eles como os lugares que sejam realmente bons e tenham algo interessante a oferecer, além do simples fato de poderem estar na moda. O que de certa forma é representado em sua primeira postagem⁹⁸, quando comentam que pretendem ajudar a mostrar-lhes lugares antecipadamente, fugindo do senso comum, estando a “trabalho ou em nome do bom e velho turismo ‘econômico’”, para que a própria pessoa decida se gostaria de amarrar, ou não, seu jegue naquele lugar:

⁹⁸ Extraído de <http://jeguiando.com/2008/01/13/amarre-seu-jegue/>, acessado em 02/07/2012.

[Amarre seu jegue](#)

Postado por admin em jan - 13 - 2008

[foto a esquerda] (Imagem: Fábio Brito)

Esse é o primeiro post do **Jeguiando**, um blog que pretende ser um **guia** de lugares seguros para “**amarrar o seu jegue**”. Se você está cansado de se perguntar “onde fui amarrar meu jegue???”, quando acaba indo parar em algum lugar que simplesmente não tem nada haver com você, então este é seu espaço. Aqui você conhece os lugares antecipadamente e decide se este é certo para amarrar seu jeguinho.

A idéia surgiu da vontade de **compartilhar dicas e informações** sobre os lugares que conhecíamos, sempre fugindo do senso comum.

Pretendemos dar dicas de como conseguir **bons preços, bons lugares para se hospedar** e de fácil acesso a pé ou utilizando o transporte público.

Não vamos nos restringir a apenas a cidade onde moramos, atualmente São Paulo, e tentaremos trazer informações de lugares por onde viajamos, seja a trabalho ou em nome do bom e velho turismo “econômico”.

Abraços,

Fábio e Jana.

Atualmente, Janaína Calaça divide a edição de Jeguiando com seu marido, Erik ‘P.Zado’ Araújo; e Fabio Brito, que assina a primeira postagem junto de Janaina Calaça, não é mais colaborador do blog. Ela explica essa relação ao postar sobre os 4 anos de existência de seu blog (13/01/2012), em que relata sobre essa trajetória e algumas mudanças e conseqüências que sofreram ao longo do percurso. Inclusive, logo no início desta narrativa, além de referenciar a influência e ajuda de Fábio no início desta história, comenta sobre a origem do nome Jeguiando, e revela a influência de sua própria ascendência (e de Fábio), nordestina, para buscarem por “algo que fosse comum a esta região do Brasil e que tivesse haver com o universo de viagens”, nisso chegando à imagem do jegue, que unida ao “ato contínuo de guiar as pessoas”, formaria a palavra, o nome, a expressão, *Jeguiando*. Revelando assim que, desde o nome, seu palco e as



The image is a screenshot of a blog post on the 'Jeguiando' website. At the top, there is a navigation bar with links for 'Lojinha do Jeguiando', 'Jeguiando no Portal Bus Tv', 'Cinema no Rio São Francisco', and 'Filmes que te fazem querer viajar'. Below this is a banner for 'Jeguiando' with the tagline 'Seu guia de viagens, hospedagens e gastronomia desde 2008 - Ano 4'. The main heading of the post is 'Jeguiando completa 4 anos de trajetória!' followed by 'Postado por Janaina Calaça em jan - 13 - 2012 36 Comentários'. There are social media sharing buttons for Facebook (14), Twitter (20), and LinkedIn (1). Below the text is a promotional banner for 'Ofertas de Ingressos' with a '70% de desconto' and a 'Confirma a' button. The main body of the post contains text celebrating the 4th anniversary of the blog, mentioning its founding on January 13, 2008, and its focus on travel tips for the Northeast region of Brazil. At the bottom of the post is a photo of a person in a 'Jeguiando' mascot costume holding a glass of wine. The caption below the photo reads 'Um brinde e longa vida ao nosso Jeguiando! Imagem: Janaina Calaça'.

Imagem 40: Aniversário (1) - Jeguiando

expressões que nele se manifestam, carregam a influência do passado das próprias personagens, e de suas bagagens de experiências por outros palcos, em especial, nesse caso, de sua origem. Mas também o que fora passado durante suas movimentações e deslocamentos, como quando explica (nessa mesma postagem) a história de sua mascote, e companheiro de viagens, o *Jegueton*, que teria sido “encontrado” em Buenos Aires, apesar de já pensado como uma personagem que permearia as fotos de viagens desde a nomeação do blog, e procurado por ele em terras brasileiras antes dessa viagem.



[...] O mascote do Jeguiando, nosso querido Jegueton

Depois que nomeamos o blog de **Jeguiando**, demos início à busca por um mascote que nos acompanhasse nas viagens e que, no melhor estilo *Amélie Poulain*, figurasse nas fotos. Para nossa surpresa (e desespero), encontrar um jegue de pelúcia no Brasil é mais difícil que achar agulha em palheiro. Mas, para nossa surpresa também, nosso mascote estava nos esperando em uma cidade de que, particularmente, gosto muito: [Buenos Aires](#). Estávamos passando por uma das ruas da capital argentina, quando, de repente, demos de cara com um ser sorridente, cheio de dentes, olhando para nós! Sim, o Jegue mais fofo do planeta (hehehe) estava nos aguardando!

[foto à esquerda] *Jegueton nasceu na Argentina, mas se sente também brasileiro. Imagem: Fábio Brito*

[foto à esquerda] *Jana e Jegueton em Rosário, Argentina. Imagem: Arquivo Jeguiando*

O nome do nosso mascote então ficou **Jegueton**, inspirado no ritmo Reggaeton, que tem muito haver com a alma festeira e metida a sensual deste rapazinho. Depois de nomeado, Jegueton, a partir de dezembro de 2008, passou a fazer parte de todas as nossas viagens e, por sua simpatia, fez amigos e conquistou o coração de muita gente. Ele é, sem dúvidas, a porção mais lúdica do nosso site e não há quem resista ao sorriso contagiante desse jegue!

[foto à esquerda] *Jegueton curtindo a neve em Bariloche, Argentina. Imagem: Janaína Calaça*

A trupe do Jeguiando

A trupe Jeguiando é composta por Erik, Jegueton e Jana (eu!) e formamos uma família. Sempre viajamos juntos e nos ajudamos. Nenhum projeto se sustenta sem que haja colaboração e objetivos em comum. Durante todos esses anos, a união sempre fez a força! Seja animando as pessoas (o Jegueton faz isso muito bem!), seja registrando todas as imagens das viagens (Erik trabalha com toda a parte de fotografia do site) ou tentando traduzir em palavras nossas experiências (meu papel por aqui), o certo é que nada disso existiria se não fôssemos uma família! 😊

[foto à esquerda] *Jana, Jegueton e Erik, a trupe do Jeguiando. Imagem: Erik Pzado*

As mudanças que aconteceram no Jeguiando em 4 anos de trajetória

Fundado em 2008, o Jeguiando passou por 3 grandes reformulações. O blog teve três layouts diferentes e três logomarcas também. O primeiro jeguinho foi desenhado por mim, mas, depois de muita gente achar que se tratava de um canguru e não de um jegue, achamos que era hora de investir em uma mudança!

[foto à esquerda] *1º logo do Jeguiando*

Foi então que, com a ajuda do Marcelo Santos, ou simplesmente Celso, que o Jegueton foi transformado, definitivamente, no personagem principal dessa história. Jegueton foi vetorizado e agora faz parte da identidade visual do novo Jeguiando, reforçando a imagem do mascote de quatro patas, que teve seu sorriso imortalizado! [...]

Como visto nessa mesma postagem, ainda fala sobre a dinâmica da “trupe do Jeguiando”, que como uma família tenta animar as pessoas (papel do Jegueton), registrando as imagens (a cargo de Erik), e “tentando traduzir em palavras [as suas] experiências” (papel esse da Janaína); e os diferentes leiautes que o blog teve ao longo desses quatro anos de existência, apresenta uma versão antiga de sua mascote (desenhado, e caçoado, pela própria Janaína), e referencia algumas contribuições que tiveram ao longo desse caminho, revelando a temporalidade do próprio blog, como quando agradece a seu amigo, pelo novo (e atual) desenho do Jegueton que segundo ela “teve seu sorriso imortalizado”, aos leitores dos quais buscam a confiança, ou mesmo das empresas que apostaram neles e deram oportunidades para seu crescimento; esses últimos agradecimentos, representados nessa imagem ao lado, de alguns outros fragmentos da mesma postagem. E ainda nessa última representação da postagem, destaco os atalhos de antigas postagens que Janaína coloca como representativas na trajetória do blog, e que nos servem de pistas para seguir entendendo as relações que suas narrativas de viagens estabeleceram com as pessoas que leem e o trade turístico, que os apoiam e rentabilizam sua atividade.

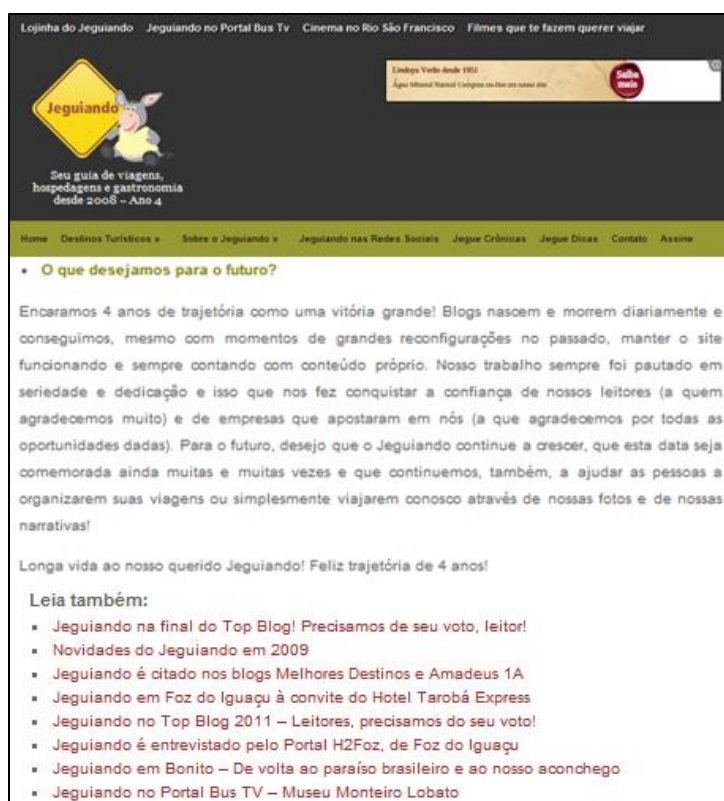


Imagem 41: Aniversário (2) - Jeguiando

Mas antes de prosseguir, apenas apresentar uma imagem do cabeçalho em abril de 2011, com outro leiaute e o primeiro desenho do Jegueton, pois essa questão de rentabilização do blog pode ser percebida nos dois modelos de cabeçalhos apresentados, em que se notam espaços de propaganda. Tanto no anterior, representado em algumas imagens anteriores, como no representado pela imagem a seguir:



Imagem 42: Antigo cabeçalho - Jeguiando

Mas conforme se apresentam, atualmente, se colocam como “um blog de turismo voltado para dicas de viagem, hospedagem e gastronomia, cujo conteúdo é produzido a partir das experiências vividas” por eles. E para sustentar isso, ao mesmo tempo em que buscam rentabilizar o espaço, levantam questões sobre a relação de suas narrativas com suas vivências, seguindo uma relação de confiança com sua plateia, mas abrindo caminhos para a publicação de material publicitário, como a repercussão de seus conteúdos e mesmo suas participações em fam trips e press trips, que são viagens, experiências, proporcionadas, geralmente, pelo trade turístico interessado em se promover, para que os envolvidos lancem conteúdos a respeito de seus produtos/locias. Conforme reproduzido aqui⁹⁹:

O que é o Jeguiando e como surgiu?

O **Jeguiando** é um blog de **turismo** voltado para dicas de **viagem, hospedagem e gastronomia**, cujo conteúdo é produzido a partir das experiências vivenciadas por nós, **Janaína Calaça** e **Erik Araújo**, em companhia do nosso mascote **Jegueton**. O Jeguiando foi criado em 13 de janeiro de 2008 e, no mesmo ano, venceu o [Prêmio Best Blogs Brazil 2008](#) na categoria Turismo (por votação popular). Em 2010, ficou entre os 100 melhores blogs do Top Blog 2010 na categoria Cultura (entre 15400 inscritos) e, em 2011, ficou entre os 100 melhores blogs de turismo no Prêmio Top Blog 2011. Já participamos, ao todo, de 13 fam trips, sendo 3 internacionais e 10 nacionais, tendo, entre nossos anfitriões, nomes como a **Comissão de Turismo Canadense (CTC)**, o **COMTUR de Bonito** e o Clube de Férias **Royal Holiday**. Já participamos também de ações em parceria com a **Gol Linhas Aéreas** e a **Ford**. Para saber um pouco mais sobre as fam trips/press trips que participamos, acesse o link abaixo:

- Fam Trips que o Jeguiando participou: <http://jeguiando.com/anuncie/>

Nossas regras de conduta:

Como foi citado, **todas as matérias publicadas no Jeguiando**, que envolvem dicas de viagens, gastronomia e hospedagem, **são produzidas a partir de nossas vivências**, reiterando a relação de confiança com os nossos leitores. Por essa razão, evitamos publicar releases sem que estes estejam relacionados a destinos que conhecemos ou produtos que nunca testamos e atestamos a qualidade. Em caso de contratos de publicidades, todos são sinalizados, através de um banner no post, que trata-se de material publicitário. Hoje, as mídias sociais estão cada vez mais presentes no cotidiano e o seu diferencial é promover a proximidade e a interação com as pessoas, que, no nosso caso, buscam na experiência e no relato pessoal presentes em um blog as dicas para estruturarem as suas viagens. Nossa prioridade é o leitor, que confia em nosso trabalho e em nossas dicas. 😊

Conteúdo Jeguiando em outras mídias:

Além do Jeguiando, eu, Janaína Calaça, sou redatora de dicas de turismo para o blog ligado ao site [Zarpo](#) (o Zarpo trabalha com promoções de hotéis e resorts de luxo e fui convidada a escrever dicas de turismo para o blog associado – o [Eu Zarpo](#) -); somos colaboradores do [Portal Fantástico](#), na coluna **Tripz** (escrevemos sobre viagens); já produzimos matérias rápidas sobre **dicas de turismo** para o [Portal Bus TV](#) (a “Rede BusTV é uma rede de TV que transmite sua programação para o interior de transportes coletivos urbanos de diversas cidades do Brasil. (...) Com 1.800 monitores de TV, instalados em 920 ônibus urbanos das principais cidades e capitais brasileiras, a Rede BusTV impacta cerca de 750 mil pessoas por dia em São Paulo, Rio de Janeiro,

⁹⁹ Extraído de <http://jeguiando.com/sobre/>, acessado em 02/07/2012.

Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Brasília e Fortaleza (...)” e nossos posts também podem ser encontrados no [Portal iTrip](#).

Conforme coloca, a partir da exposição e cumprimento de uma regra de conduta que transparece para seus leitores as relações que o casal constrói com o trade turístico ao longo das diferentes experiências, prioriza as pessoas que confiam em seus trabalhos e suas dicas, enquanto “buscam na experiência e no relato pessoal presentes em um blog as dicas para estruturarem as suas viagens”, por acreditar que “as mídias sociais estão cada vez mais presentes no cotidiano e o seu diferencial é promover a proximidade e a interação com as pessoas”. Essa discussão traz em pauta a tensão que pode (e deve) ocorrer na relação de forças entre essas personagens envolvidas nessas narrativas de viagem: as que expressam suas experiências e representações que formularam sobre o que vivenciaram; as visitadas e representadas, que recebem as que narram, seja sob uma dinâmica comercial ou não; e as que leem, interpretam, avaliam, julgam e, podem até, serem influenciadas por tais narrativas. E foi por esse posicionamento (apesar de não nessa postagem, primeiramente) de encarar esse, provável, difícil, jogo de forças e tensão, que comecei a debruçar em suas narrativas.

O reconhecimento alcançado por votação aberta, o fato de ser um blog coletivo, e a interessante troca de palavras que forma seu nome, haviam me despertado curiosidade. Mas o que chamou minha atenção, foi um manifesto-postagem¹⁰⁰, em março de 2012, assinado por Janaína Calaça (em conjunto com Elisa Araújo, colaboradora do VnV), e repercutido em outros blogs (como o VnV, aJL e Turo), intitulado: **“Relacionamento entre blogs e empresas: algumas diretrizes importantes para estabelecer parcerias consistentes”**. Neste documento pleiteiam (como o título sugere) uma forma de relacionamento íntegra e consistente entre as pessoas que blogam e o trade turístico, que se interessa em seus espaços como canais de distribuição e opiniões a respeito de seus empreendimentos e/ou destinos. O conteúdo desse documento será melhor discutido no capítulo sobre a Associação Brasileira de Blogueiros de Viagem (ABBV), mas através desta narrativa que colhi as primeiras pistas sobre esse movimento que acontecia através de outras plataformas do ciberespaço, como um grupo restrito a convidados dentro da rede social do *Facebook*, ou através de conversas no *Twitter*.

¹⁰⁰ Postado em <http://jeguiando.com/2012/03/12/manifesto-blogs/>, acessado em 02/07/2012.

3.1.9. Sundaycooks / Fred Marvila e Natalie Soares Ruano

Sundaycooks

Mantenedora	Fred Marvila Natalie Ruano Soares
Hospedeiro	Domínio próprio
Criação	abr/08

Detalhes

Auto-Denominação

Por que Sundaycooks?

Sundaycooks. Sunday what? Por que Sundaycooks?

O Sundaycooks começou de forma despretenhiosa, querendo apenas narrar nossas aventuras na cozinha. Eram muitas tentativas de aprender a cozinhar e montar o cardápio para o almoço de domingo.

Cozinhar talvez ainda não seja um dos nossos melhores talentos e assim chegamos à conclusão de que gostamos mais de saborear



#	Seções	Proposta	Posição
1	Home	Atalho interno	Barra Superior
2	All about us	Apresentação	Barra Superior
3	Blogs Recomendados	Atalhos Externos	Barra Superior
4	Todos os Posts	Histórico	Barra Superior
5	On The Press	Apresentação	Barra Superior
6	Contato	Interface direta	Barra Superior
7	Destinos	Nós auto-definidos	Barra Superior
8	Dicas de Viagem	Nós auto-definidos	Barra Superior
9	Gastronomia	Nós auto-definidos	Barra Superior
10	Tecnologia e Viagens	Nós auto-definidos	Barra Superior
11	Pesquisar	Busca no site	Barra Superior
12	Chamadas fotográficas	Chamadas	Destaque
13	Twitter	Busca no site	Central
14	Facebook	Busca no site	Central
15	Google+	Interface direta	Central
16	Flickr	Interface direta	Central
17	RSS	Interface direta	Central
18	Outros Posts	Chamadas	Barra Inferior
19	Comentários	Últimos comentários	Barra Inferior
20	Postagens	Chamadas	1/3 Horizontal

Imagem 43: Sundaycooks - Apresentação

Antes de seguir falando do Sundaycooks, refletir (observar) um pouco sobre as narrativas em que se apresentam. O blog sustentado por um casal de Valinhos/SP, Fred e Natalie Marvila, carrega este nome desde sua criação, quando seu propósito era o de narrar suas aventuras tentando cozinhar (*cook*), especialmente, aos domingos (*Sunday*). Como escrevem, hoje em dia preferem sentar a mesa para saborear e conversar que para cozinhar, mas com uma boa porção de influência dos blogs de viagens que acompanhavam, e outra porção de uma paixão de Fred pela tecnologia, conseguem preparar postagens recheadas por suas experiências de viagens e cobertas de dicas em que a tecnologia auxilie a se viajar melhor, alimentando assim o blog e seus leitores. Como segue, na íntegra¹⁰¹:

¹⁰¹ Extraído de <http://sundaycooks.com/about-2/>, acessado em 02/07/2012.

Por que Sundaycooks?

Sundaycooks. Sunday what? Por que Sundaycooks?

O Sundaycooks começou de forma despretensiosa, querendo apenas narrar nossas aventuras na cozinha. Eram muitas tentativas de aprender a cozinhar e montar o cardápio para o almoço de domingo.

Cozinhar talvez ainda não seja um dos nossos melhores talentos e assim chegamos à conclusão de que gostamos mais de saborear um bom almoço do que quebrar a cabeça para elaborá-lo, uma coisa bem a lá Destemperados.

Domingo ou outro ainda nos aventuramos na cozinha, afinal, todo mundo adora um almoço de domingo, ainda mais se ele vier acompanhado de uma mesa rodeada de amigos queridos e ótimas histórias para contar.

E quem é que não tem uma boa história de viagem para contar?

Influenciados pelos ótimos blogs de viagens que costumávamos acompanhar e que acompanhamos até hoje, começamos a contar um pouco das nossas viagens e de falar sobre tecnologia, que é a segunda paixão do Fred. Temas como: ligações internacionais mais baratas; roteiros de viagens planejados usando o Google Maps; comparativos de GPS e reviews de apps se tornaram assuntos cotidianos aos nossos posts.

Essa é a grande idéia do Sundaycooks, um lugar onde você encontra relatos de viagens, idéias de roteiros, dicas de economia que facilitam o planejamento das férias e muitas informações sobre tecnologia que lhe ajudam a viajar melhor.

E já que a mesa está posta e o bolo está quase saindo do forno, por que você não entra e fica à vontade para saborear nossos posts?

Você será sempre muito bem vindo 😊

Além dessa seção de apresentação do blog, disponibilizam uma página para a apresentação de cada um deles. A apresentação de Natalie poderia levantar ao menos dois questionamentos: 1) de (como) que diferentes experiências, mesmo opostas aparentemente, poderiam construir as diretrizes significativas que a norteiam em outras situações, experiências, (como) quando menciona que do ballet aprendeu a ter disciplina e perseverança, mas que com a desconstrução da dança contemporânea que encontrou sua paixão, ou quando diz comer “cachorro quente da esquina”, assistindo a um programa de alta gastronomia, com receitas de um grande chef, que ainda tenta reproduzir, apesar de não ter sucesso; 2) o outro é de como ao construir uma narrativa para tentar contar sua própria experiência, a revivencia, assim como a repensa, mostrando que a experiência e seus significados, continuam a ser repensados e reformulados após o momento em si da experiência, como quando diz escrever no blog “na tentativa de compreender um mundão cheio de culturas riquíssimas e diferentes”. Como pode ser observado nesse texto¹⁰²:



Natalie Soares, 26 primaveras. Formada em Publicidade e Propaganda e pós-graduada em Mídias Sociais pela FAAP de São Paulo.

Heavy user de redes sociais, hoje trabalha como editora de conteúdo online e vive sonhando com o seu próximo destino.

Mora na roça desde que nasceu.

¹⁰² Extraído de <http://sundaycooks.com/about-2/>, acessado em 02/07/2012.

Talvez venha daí o seu fascínio por metrópoles. Aprendeu a ter disciplina e perseverança com as aulas de ballet clássico, mas é na desconstrução da dança contemporânea que ela encontra sua grande paixão.

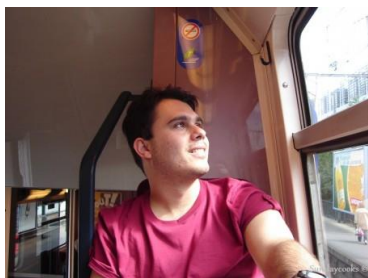
Curiosa e teimosa.

Entende menos de história da arte do que gostaria, mas nem por isso perde a visita a nenhum museu.

Escreve este blog na tentativa de compreender um mundão cheio de culturas riquíssimas e diferentes que existe lá fora.

Wannabe Gourmet. Assiste ao Top Chef e ao programa do Anthony Bourdain comendo o cachorro quente da esquina e não consegue seguir uma receita direito. Dicas, relatos, micos e furadas – tudo em um blog que nunca perde o encanto de viajar e sempre se surpreende como se fosse a primeira vez.

Na apresentação de Fred¹⁰³, ele se posiciona como um “pesado” usuário de tecnologias, que estudam e trabalha com isso, e que tenta otimizar sua vida com o auxílio da tecnologia, além de fazer perguntas nerds (complexas?) até mesmo quando o assunto é fútil, simples, e assumir sua mania por copos, que pede pelos bares que conhece. Mas tem uma passagem que me levanta outra questão muito pertinente, 3) do quanto os fixos (lugares com suas estruturas) se sobrepõem aos fluxos (sentimentos, percepções, desejos, emoções, questionamentos e, mesmo, diretrizes significativas das pessoas envolvidas) na significância de uma experiência turística, como quando diz não importar quantos diferentes lugares haveria conhecido, mas sim, com as lembranças das emoções que viveram.



Fred Marvila, 29 anos. Formado em Ciências da Computação, é Analista de Sistemas e vive fazendo perguntas nerds até mesmo quando o assunto é pão de forma.

Geek – Nerd.

Nerd – Geek.

Heavy user de tecnologias. Esquece a cabeça em casa, mas não desgruda do seu Android.

Versão capixaba do Garfield, não resiste a uma lasanha e se pudesse viveria para tomar Montain Dew. Tem mania de pedir copos usados nos bares legais que conhece pelo mundo.

Passa a maior parte do seu tempo tentando otimizar a vida ou, pelo menos, encontrar um desconto para ela. Sempre busca uma maneira de fazer com que as novas tecnologias melhorem suas viagens. E por que não dividir suas idéias com quem lê seu blog?

Tecnologia para viajar melhor.

Nerdisses e aplicativos – tudo analisado de maneira bem prática e útil em um blog só.

Quantos países e cidades já visitamos? Who cares?

O importante são as lembranças das emoções que vivemos por lá 😊

Já, já o cafezinho ficará pronto.

Sinta-se em casa e divirta-se conosco.

O blog Sundaycooks (como outros blogs já comentados), começou suas atividades hospedado no Wordpress.com, e depois de algum tempo buscaram seu endereço e domínio

¹⁰³ Extraído de <http://sundaycooks.com/about-2/>, acessado em 02/07/2012.

próprio, que assim como nos outros espaços, essa mudança é anunciada através de uma postagem. Nesse caso, assinada por Fred, dois anos após sua primeira postagem, e intitulada “Novidades na casa”, percebe-se, que assim como Carla e Emília, tratam seus respectivos espaços como casa, mas entregam outras duas pistas, ao menos: 1) sobre a relação deles com a Viajoserfer; e a relação do blog do casal, com o tempo, espaço e pessoas que se relacionou durante sua existência. Como mostrado aqui¹⁰⁴:



Novidades na casa

Postado por [Fred Marvila](#) em 17 abril, 2010 em [Geral](#) / [4 comentários](#)

“Home is not where you live, but where they understand you” -Christian Morganstem
Ainda em clima Rio 2010, acho que a frase acima define muito bem o que sentimos na [ConVnVção do Rio 2010](#). Nos sentimos realmente em casa com os amigos que revimos e os novos que fizemos. Foi um final de semana maravilhoso como o próprio Rio.

Agora vamos ao que interessa.

A partir de hoje nosso blog tem um endereço próprio. É uma pequena mudança, mas que achamos que já estava na hora de acontecer já que o blog amadureceu bastante nos últimos meses.

Por favor atualizem seus bookmarks 😊

<http://sundaycooks.com>

Outra mudança ocorrida na casa virtual do casal foi narrada por Natalie, quando alteraram o modelo de leiaute (*template*), dando maior dinamicidade ao espaço, e aproveita para refletir a respeito da história do blog até aquele, respectivo, momento, com pouco mais de três anos de existência. Nesta postagem¹⁰⁵, Natalie relembra a proposta inicial do Sundaycooks, para então agradecer a pessoa que a lê, e que possibilitou o crescimento do blog para que dividissem nele as suas “dicas e relatos de viagem”, revelando essa característica de mesclarem as informações mais objetivas com suas percepções mais subjetivas a respeito das experiências relatadas.



Sundaycooks está de casa nova

Postado por [Natalie Marvila](#) em 18 dezembro, 2011 em [Geral](#) / [18 comentários](#)

Há muito tempo nós estávamos namorando a idéia de mudar o template do Sundaycooks, pois além de apresentar probleminhas técnicos como infiltração e vazamentos, sabíamos a dificuldade que era procurar um conteúdo antigo naquele template que nos serviu por mais de três anos.

Dá pra acreditar que o Sundaycooks surgiu em 2008 como uma forma simpática de dividir nossas tentativas de preparar o almoço de domingo?

¹⁰⁴ Extraído de <http://sundaycooks.com/2010/04/17/novidades-na-casa/>, acessado em 02/07/2012.

¹⁰⁵ Extraído de <http://sundaycooks.com/2011/12/18/sundaycooks-est-a-de-casa-nova/>, acessado em 02/07/2012.

Graças a você, querido leitor, o blog cresceu e hoje ele é um espaço onde dividimos com vocês nossas dicas e relatos de viagem tudo o que descobrimos sobre tecnologia voltada para esse nosso universo.

Pra ser bem sincera, não imaginávamos que isso fosse acontecer um dia, mas estamos muito felizes e ao mesmo tempo ansiosos para acompanhar a reação de todos vocês. Mas como toda boa mudança, ainda precisamos ajustar alguns detalhes... uma lâmpada que não acende direito aqui, um azulejo empoeirado ali... arrastar um sofá pra cá... pendurar um quadro na parede de lá... então peço só mais um pouquinho de paciência enquanto terminamos esses retoques finais.

Mas fiquem a vontade, a casa é de vocês!

Aproveitem cada novo espaço, vocês são muito bem-vindos por aqui 😊

Nesta postagem, Natalie também relata a felicidade e ansiedade que sentem em poder receber as pessoas que os visitam nesta “casa nova”, em que ainda precisariam “ajustar alguns detalhes”. E estimulando as visitas e participações das pessoas, logo no início do SdCk em seu novo *template*, lançaram uma promoção em que distribuiriam dois *Moleskines* entre as pessoas que respondessem sobre a viagem ou destino que mais lhes marcou, postada em 21/12/2011, conforme explica nestes trechos da postagem¹⁰⁶:



Promoção Sundaycooks – Nossas histórias num almoço de Domingo

Postado por [Natalie Marvila](#) em 21 dezembro, 2011 em [Dicas de Viagem](#) / [143 comentários](#)

Confira o [resultado da promoção aqui](#) 😊

Como uma simples forma de agradecê-los pela companhia nessas últimos anos, bolamos a promoção “**Nossas histórias num almoço de Domingo**”. Afinal, todo mundo adora um almoço de domingo, ainda mais se ele vier acompanhado de uma mesa rodeada de amigos queridos e ótimas história para contar 😊

E quem é que não tem uma boa história de viagem para contar? Por isso perguntamos: **Qual foi a viagem ou destino que mais lhe marcou?**

Como presente, vamos sortear dois simpáticos **Moleskines** e para participar é super fácil: basta postar um comentário NESTE POST dizendo apenas qual foi a viagem ou destino que mais lhe marcou. Por favor, não esqueça de postar o comentário com seu nome verdadeiro e com seu email, pois vamos entrar em contato com os ganhadores apenas por email.

(Vou contar um segredinho: os Moleskines são de edições especiais – um do **Star Wars** e outro do **Pequeno Príncipe**. Coisa mais fofa desse BrasiU e que tem tudo a ver com a história do Sundaycooks também.)

[foto à esquerda] O sapinho guardião dos presentes 😊

Na postagem em que Natalie anuncia o resultado do concurso, talvez deixe essa possibilidade mais evidente, ao relatar e agradecer pelo retorno que tiveram durante aqueles “42 dias de muitas alegrias”, depois de inaugurar a casa nova, ou assumir de que a promoção seria uma singela maneira de agradecerem pela companhia. Mas o que se mostra relevante para essa pesquisa, é a análise que fazem sobre as 68 respostas que teriam recebido; relatando que

¹⁰⁶ Extraído de <http://sundaycooks.com/2011/12/21/promocao-sundaycooks-nossas-historias-num-almoco-de-domingo/>, acessado em 02/07/2012.

além de serem muito criativas e verdadeiras, estariam, geralmente, “associadas a alguma memória da infância, o retorno para algum lugar especial, aquele intercâmbio na adolescência e principalmente associadas à qualidade de companhia da viagem”, ou seja, alguma memória ou conhecimento que julgue significativo dentro de sua própria história; destacando a bagagem de vida e a percepção de que se tem da realidade a partir da bagagem, em detrimento da idéia de que um lugar, com suas estruturas (fixos), simplesmente ou por si só, determinaria a significância da experiência para a reflexão sobre as próprias diretrizes significativa da pessoa envolvida naquela realidade (fluxos). Representada aqui¹⁰⁷:



Resultado da Promoção Sundaycooks – Nossas histórias num almoço de Domingo

Postado por [Natalie Marvila](#) em 30 janeiro, 2012 em [Dicas de Viagem](#) / [1 comentário](#)

42 dias que o novo Sundaycooks entrou no ar, 42 dias de muitas alegrias.

Os feedbacks foram muito positivos e o blog não pára de receber novos leitores e novos comentários e tudo isso nos deixa muito felizes, afinal o principal objetivo desse blog é dividir nossas dicas, furadas e aventuras com vocês que passam diariamente por aqui.

A promoção foi apenas uma maneira singela de dizermos “obrigado pela companhia”. Recebemos 68 respostas com as mais diversas histórias, de colocar qualquer capítulo do Chegadas e Partidas da Astrid no chinelo. Se fosse possível, eu não faria um simples sorteio, mas entregaria um Moleskine para cada leitor do Sundaycooks.

As respostas foram super criativas e sinceras e geralmente estavam associadas a alguma memória da infância, o retorno para algum lugar especial, aquele intercâmbio na adolescência e principalmente associadas à qualidade da companhia da viagem. Portanto, cheguei a conclusão de que se bem acompanhado, até uma viagem para Valinhos pode ser inesquecível 😊

[foto à esquerda] E as vencedoras da promoção foram a **Silvia Oliveira – Matraqueando (número 63)** e a **Cláudia del Nery (número 68)**. Parabéns!

As leitoras Livia Ganiko (número 15) e Martinha (número 49) são as suplentes caso a Silvia ou Cláudia não entrem em contato em uma semana 😊

Muita obrigado mais uma vez!

Turma do Sundaycooks

Sobre a profissionalização da atividade blogueira, e rentabilização do blog, atualmente, a posição do SdCk é curiosa. Enquanto possuem um domínio próprio e um leiaute muito rico de interligações que dinamizam a navegação por todos os conteúdos publicados, o SdCk não oferece espaços para publicidade visual. Utilizam o palco e seus personagens para repercutirem seus conteúdos em outras plataformas de comunicação, inclusive, fora do ciberespaço, apesar de, aparentemente, manterem seus vínculos empregatícios, não

¹⁰⁷ Extraída de <http://sundaycooks.com/2012/01/30/resultado-da-promocao-sundaycooks-nossas-historias-num-almoco-de-domingo/>, acessado em 02/07/2012.

relacionados ao blog. Possuem o único aplicativo para a plataforma dos *smart-phones tablets* e similares, dentre os blogs de viagem, que apesar do notório conhecimento de Fred sobre os recursos tecnológicos, o que demanda esforço e energia, apesar de também não cobrarem ou rentabilizarem essa ferramenta. E, apesar de tudo isso, o casal participa da Associação Brasileira de Blogs de Viagem, que, especialmente, busca estabelecer uma relação digna e íntegra entre as pessoas que blogam sobre viagens, e as pessoas envolvidas comercialmente com essas viagens, o trade turístico, que pode ser afetado positiva ou negativamente pela repercussão de suas expressões de experiências turísticas. Como pode se notar nessa imagem¹⁰⁸:

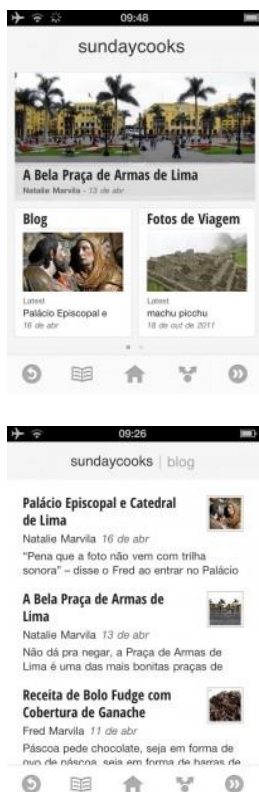


Imagem 44: Página Inicial - Sundaycooks

Sobre o aplicativo que desenvolveram, trata-se da **Revista Sundaycooks**, que “é basicamente um leitor de feed”, com uma série de vantagens, conforme explica nesta postagem¹⁰⁹ em que Fred lança o aplicativo e pede para que as pessoas os ajudem a melhorá-lo, com pautas e ideias para diferenciar seu conteúdo do blog, ou com sugestões de como, “quem sabe”, tornar a Revista Sundaycooks “uma revista mais colaborativa”, mas buscando, independente, “melhorá-la cada vez mais”.

¹⁰⁸ Extraída de www.sundaycooks.com, acessado em 30/05/2012.

¹⁰⁹ Extraída de <http://sundaycooks.com/2012/04/30/revista-sundaycooks-google-currents/>, acessada em 02/07/2012.



Revista Sundaycooks é lançada!

Postado por [Fred Marvila](#) em 30 abril, 2012 em [Android](#), [Dicas de Viagem](#), [Google](#), [iPad](#), [iPhone](#) / [4 comentários](#)

Aproveitando os [últimos dias antes da viagem à Europa](#), resolvemos criar a [Revista Sundaycooks](#) no Google Currents para melhorar a experiência dos nossos leitores em seus Tablets e Smartphones 😊

A **Revista Sundaycooks** é uma maneira mais legal de ler nossos posts, ver nossas fotos e nossos vídeos em seu tablet ou smartphone. Claro que você poderá continuar acessando nosso site pelo navegador do seu dispositivo móvel, mas se você quiser uma experiência diferente, a Revista Sundaycooks está aí para isso 😊 **[fotos]**

O **Google Currents** é basicamente um leitor de feed, mas ele possui mais opções e sua interface é bem mais amigável. Nós resolvemos usá-lo, também, porque a maneira com que ele mostra o conteúdo torna a leitura bastante agradável e fácil, sem contar que é possível mostrar nossas fotos e vídeos, tudo em um só lugar 😊



Para acessar a Revista Sundaycooks, basta acessar o link abaixo no navegador do seu tablet ou smartphone e clicar no botão **“Read in Google Currents”**.

[Clique para ler a Revista Sundaycooks](#)

Se você ainda não tiver o Google Currents instalado, baixe-o pelo link que aparece ao abrir a página acima ou procure-o diretamente na [App Store](#) ou [Google Play](#).

A única desvantagem do Currents, é que ele está disponível apenas para dispositivos Android e Apple :/

Gostariam de ver alguma informação extra na Revista Sundaycooks? Diga-nos o que achou para que possamos melhorá-la cada vez mais e quem sabe torná-la uma revista mais colaborativa 😊

3.2. RELACIONAMENTOS / MANIFESTAÇÕES CULTURAIS COLETIVAS

A relação entre nossas personagens se desenvolve através das formas já expostas, como nos comentários de postagens, ou propriamente nas postagens, sendo citadas ou como a principal personagem da narrativa, assinando-a. Além das manifestações coletivas fora do ciberespaço, que expõem através dos mesmos canais, postagens e comentários, e que é discutido neste capítulo. Mas antes de debruçar nesses relacionamentos, tentemos ilustrar um pouco da relação de nossas personagens em outras interfaces do ciberespaço, em que elas se posicionam. Como se pode notar nas apresentações, nem todas as pessoas envolvidas neste recorte do ciberespaço, utilizam as outras ferramentas, além de seu próprio espaço, da mesma forma. De forma ilustrativa, pela dificuldade de se investigar todas essas relações, mas por serem espaços em que a exposição é controlada de outra forma, através de permissões de acessos as informações que sejam mais privadas, estabelecendo um vínculo de relacionamento controlado por níveis de intimidade. Logo, se não debruçar totalmente, apenas ilustremos, partindo das informações públicas.

Resumindo, seis blogs pesquisados (atualmente) possuem um canal no *Facebook* de seu próprio blog, apesar de todas as pessoas terem seu espaço pessoal nesta rede social. As páginas pessoais são interligadas através de solicitações de amizades, que uma vez aceitas, as conectam mutuamente. E nenhuma dessas pessoas oferece atalhos para suas páginas pessoais da rede social em seus espaços, apesar de alguns se posicionarem de alguma forma como relacionados com seus respectivos blogs. Entre as nossas personagens, a Emília é a única que não deixa visível, pública, a informação de quantas amizades possui nessa rede social, *Facebook*. O Arnaldo e a Majô, se mantém de forma mais reservada, enquanto as outras personagens cultivam uma rede maior de relacionamentos. Inclusive, essas três pessoas são as que não divulgam seus blogs em suas páginas do *Facebook*. A Carla oferece um atalho de seu blog como um site recomendado entre suas informações, enquanto os demais colocam seus blogs como seus respectivos empregadores, além dos atalhos.

Entre as páginas pessoais, como se pode notar no quadro abaixo¹¹⁰, Márcio se destaca por se relacionar com todas as outras pessoas analisadas, inclusive o Arnaldo, que, nesta rede, só se conecta com o próprio Márcio e com a Emília. Que juntamente com a Majô, conecta-se

¹¹⁰ Atualizado em 01/07/2012.

com seis de nossas personagens, alterando apenas um entre estas, pois se Majô não se conecta com Arnaldo, conecta-se com a Patrícia, que apenas não se conecta justamente com o casal.

	Riq	Arnaldo	Patrícia	Marcio	Carla	Majô	Emilia	Janaína	Erik	Natalie	Fred	Amigos
Riq	-		X	X	X	X	X	X	X	X	X	3355
Arnaldo		-		X			X					159
Patrícia	X		-	X	X	X		X	X	X	X	532
Marcio	X	X	X	-	X	X	X	X	X	X	X	1337
Carla	X		X	X	-	X	X			X	X	357
Majô	X		X	X	X	-				X	X	161
Emilia	X	X		X	X		-			X	X	-
Janaína	X		X	X				-	X	X	X	635
Erik	X		X	X				X	-	X	X	697
Natalie	X		X	X	X	X	X	X	X	-	X	649
Fred	X		X	X	X	X	X	X	X	X	-	629

Quadro 4: Contas Pessoais - Facebook

Mas mais importante que tentar entender o porquê de algumas de nossas personagens não se relacionar através dessa rede social, serve para ilustrar a relação bem estabelecida entre as pessoas através dessa interface. Além de algumas possíveis pistas: como para sustentar a versão de Arnaldo, sobre sua desafeição com a super-exposição, ao se relacionar com tão poucos (assim, também, dificultando com que as pessoas o encontrem por associação às pessoas já pesquisadas ou mesmo conectadas, relacionadas); como, também, complexificar a relação da personagem de Majô com o ciberespaço. Como apresentado (mostrado), a Majô não se apresenta em seu blog deixando as pistas de quem, ou de onde vem a personagem que escreve para suas narrativas, e assim, (de forma invertida, se aceitarmos as diferentes formas de expressarmos nossos diferentes personagens), parece dinamizar sua página no *Facebook*. Apesar de mostrar seu nome, além do apelido, a Majô se relaciona com esse universo das viagens, mas não se posiciona, além das narrativas eventuais; como a blogueira do *Filigrana*. Assim como isso dificultou que a encontrasse nesse universo para a pesquisa, também deve a facilitar (ajudar) para manter esse espaço mais privado, entre as concessões de amizades que a convir, que a interessar compartilhar.

Essa rede oferece que as pessoas possam “curtir” os canais que lhes interessar, e o retorno dos blogs representados no *Facebook* não é pequeno. O *VnV* lidera, isoladamente, com mais de 22 mil “curtidas”, contra cerca de 11 mil pessoas que curtem o blog *aJL* nesta rede. O blog *Jegui* e o *I&V* receberam cerca de mil posicionamentos positivos a respeito, cada, enquanto o *Turo* possui quase 800 e o *SdCk*, cerca de 300 pessoas que curtiram seu canal no *Facebook*. A título de comparação, revistas de grande circulação, como *Viagem & Turismo* e

Go Outside, possuem cerca de 11 e 13 mil “curtidores”, respectivamente, dentro dessa mesma rede social, enquanto uma outra revista, de menor circulação (Revista Viaje Mais), tem cerca de 200 curtidores, e os cadernos de turismo e viagens dos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora, possuem pouco menos de 4 mil e 2 mil, respectivamente. Interessante notar nesse universo, que as páginas que oferecem dicas de promoções, ou mesmo descontos, possuem um maior número de curtidores, como é o exemplo do blog Melhores Destinos (site de promoções de passagens aéreas mais visitado do Brasil, segundo o próprio espaço), que em seu canal no Facebook agrega mais de 1 milhão de curtidores. Ou ainda, dos canais do Groupon Viagens (site de compra coletiva, especializado em viagens) e do Submarino Viagens (agência on-line de viagens), que possuem cerca de 300 mil curtidores, cada. Mas a relação entre os canais de blogs e as pessoas analisadas é representada nesse quadro¹¹¹:

	VnV	F&F	Turo	aJL	I&V	Fili	aTA	Jegui	SdCk
Riq	X		X	X					
Arnaldo	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Patricia	X		X		X				
Marcio	X			X					X
Carla	X				X				X
Majô	X				X				X
Emilia	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Janaína	X			X				X	X
Erik	X		X	X				X	
Natalie	X		X	X	X			X	X
Fred	X								X
Curtir	22468	-	736	11165	1039	-	-	1062	356
Falando	529	-	179	307	869	-	-	77	30
Início	1/11/10	-	9/6/11	8/6/10	30/5/12	-	-	24/10/10	5/1/11

Quadro 5: Relação Contas Pessoais e Canais dos Blogs - Facebook

Com exceção de Arnaldo e Emilia que não deixam as informações dos canais que curtem acessíveis, esse quadro acima tenta ilustrar os canais que as pessoas investigadas curtem, demonstrando que apesar de se relacionarem entre suas páginas pessoais do Facebook, não necessariamente curtem os canais de blogs das respectivas pessoas, como, por exemplo, o caso de Márcio, que apesar de se relacionar com todas as pessoas, só curte dois canais de blogs, além de seu próprio.

¹¹¹ Atualizado em 01/07/2012.

Além do índice de pessoas que curtiram cada página dos blogs no *Facebook*, essa rede social oferece, publicamente, outro índice a respeito desses canais, que se refere às pessoas que falaram sobre sua página nos últimos sete dias. Com isso, esse número pode ser bastante volátil, mas foi colocado nesse quadro para ilustrar essa outra ferramenta que o Facebook oferece, para o controle de retorno das pessoas que curtem as páginas. Sendo mais um número que demonstra a influência (e força) do I&V dentro da blogosfera viajera, que além do maior número de pessoas falando a respeito (nessa primeira semana de julho/2012), alcançou (e praticamente) ultrapassou o número de fãs dos outros blogs (com exceção do VnV e aJL), isso com apenas poucos meses de interação com essa interface.

Outra ferramenta que merece ilustração é o Twitter (micro-blog), pois de alguma forma serve como uma extensão de espaço do palco da personagem, ou próprio blog; com exceção de Arnaldo, que não possui nenhuma conta nesta interface, nem em nome do F&F, como em seu nome. Como notado, existem as pessoas que mantêm um canal próprio de seu blog, apesar de não manterem um pessoal, como no caso de Márcio e Patrícia, como as pessoas que ao contrário, possuem contas pessoais, mas não em nome de seus respectivos blogs, como a Natalie, o Fred, a Emília e a Majô. Sendo que com exceção da Majô, Carla e Ricardo Freire (!), que mantêm suas contas pessoais do Twitter sem grande exposição em seus blogs, apesar de conectarem seus blogs às apresentações de suas contas na rede de micro-blogs; as demais pessoas mantêm suas contas pessoais de *Twitter* (assim como as contas de blogs, de quem tem) devidamente (facilmente, visivelmente) interconectadas com seus blogs, com atalhos em suas páginas iniciais, como em seus leiautes fixos.

Nessa rede, as pessoas podem se acompanhar, através da opção de “seguir” as pessoas, canais, que lhe interessar, mas diferente do *Facebook*, em que as relações se controem mutuamente, nessa rede a pessoa ou canal pode ser seguido por uma pessoa (ou canal) que não siga. Ou seja, quem escolhe seguir, não será seguido, necessariamente, pela pessoa seguida. E, portanto, se vê diferenças entre quem segue e é seguido neste próximo quadro, mas que novamente, serve mais a ilustrar a força das relações estabelecidas por nossas personagens, e interlocutores deste trabalho, do que para tentar entender o porquê da dinâmica desse micro-blog. Esse quadro, além de destacar novamente a forte relação de relacionamentos formada pelas personagens investigadas através das diferentes plataformas de conexão que o ciberespaço oferece, ilustra uma curiosa ocorrência dado a dinâmica das contas pessoais e dos blogs. A conta pessoal de Ricardo, por exemplo, segue a todos, assim como é seguido, enquanto a conta

do VnV não é seguida por três contas, que curiosamente também não as segue. Conforme mostrado neste quadro¹¹²:

		Seguidos													
		Riq	Carla	Majô	Emilia	Janaina	Erik	Natalie	Fred	VnV	Turo	aJL	I&V	Jegui	ABBV
Seguidores	Riq	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Carla	X	-	X	X			X	X	X	X	X	X		
	Majô	X	X	-	X			X	X	X	X	X			
	Emilia	X	X	X	-			X					X		
	Janaina	X				-	X	X		X	X	X		X	X
	Erik	X			X	X	-				X	X		X	X
	Natalie	X	X	X	X	X		-	X	X	X	X	X	X	X
	Fred	X	X	X	X			X	-	X	X	X	X		X
	VnV	X	X	X		X		X	X	-	X	X			X
	Turo	X	X	X	X		X	X	X	X	-	X	X	X	X
	aJL	X		X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X
	I&V	X			X									-	
	Jegui	X				X	X	X		X	X	X			-
	ABBV	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Quadro 6: Seguidos e seguidores, Pessoais e de Blogs - *Twitter*

A intensidade de frequência das postagens também pode variar bastante de acordo com cada blog. Até maio de 2012, entre os três espaços criados em 2006, por exemplo, há quem tenha postado mais de 1300 vezes (Turo), como quem postou cerca de 830 (aJL) (contabilizando cerca de uma postagem a cada dois dias para ambos), ou ainda menos de 340 (F&F), mas ainda assegurando uma média acumulada de pelo menos uma postagem por semana de existência. Já com os blogs criados em 2007, curiosamente, a quantidade de postagens é reduzida, aumentando essa média (aproximada) de uma postagem para cada 8, 9, ou ainda 17 dias (I&V, Fili e aTA, 252, 202 e 102 postagens, respectivamente). Relação essa que é novamente invertida, com os blogs criados em 2008, que (também até maio de 2012), postam em média a cada 4 ou 5 dias, com aproximadamente 430 ou 330 postagens, Jeguiando e Sundaycooks. Essas contas, obviamente, são apenas ilustrativas, pois as postagens podem ocorrer em espaçamentos bem maiores como menores que esses, apenas servindo para demonstrar a diferença temporal de frequência/utilização dos palcos por suas respectivas personagens. Assim como cada personagem tem seu próprio tempo/espaço para atuação, para se expressar, essas pessoas utilizam de seus espaços conforme suas próprias temporalidades de expressão (de seus próprios tempos de se expressar). Também que a não publicação de novas postagens, não, necessariamente, corresponde a uma não participação da pessoa que comanda o blog, pois a pessoa/personagem pode estar participando através de comentários e seu próprio espaço, como em outros palcos.

¹¹² Atualizado em 01/07/2012.

Outra manifestação que ocorre similarmente entre eles, apesar de forma particular e individual, são as mensagens de agradecimentos e/ou retorno aos leitores, usualmente postado quando se alcança alguma marca representativa, seja ela social, como uma comemoração de ano novo, ou pessoal, de aniversário do blog ou alcance de alguma marca significativa, de visitantes ou comentários, por exemplo.

3.2.1. Blogosfera Viajera / Viajosfera

Através desse mapeamento, reconhecimento do ciberespaço que estudaríamos, constatei, como evidenciado nas postagens inseridas até aqui, uma rede de relacionamentos que se formou, e constantemente se reformula, nessa blogosfera *viajera* que, como não só Emília mas outros escrevem, tem grande influência de um de seus primeiros blogueiros, Ricardo Freire.

Para ilustrar a relação criada através desses, e outros, blogs especializados em viagens, em narrar suas próprias experiências de deslocamento criativo, destaco alguns dos comentários deixados na postagem de apresentação do blog “A Turista Acidental”, mostrada anteriormente e reproduzida ao lado¹¹³. Como o de Tony Gálvez (blog de São Paulo), que além de apresentar um nome a essa comunidade, *blogosfera viajera*, ressalta a ativa participação de Emília, antes mesmo de blogar, nessa mesma rede de interações. Ou como a mensagem de Arthur “Hirigóez” (blog Agora Vai), que sugere a necessidade de uma árvore genealógica dos blogs que se originaram do blog Viaje na Viagem. Como a Emília respondendo, que se auto refere como um



Imagem 45: Comentários sobre o blog – A Turista Acidental

¹¹³ Extraída de <http://www.aturistaacidental.com.br/sobre-o-blog/>, acessada em 02/07/2012.

dos ‘filhotes’ do VnV, assim como os que ocupam sua lista de blogs favoritos, blogroll. Ou ainda, como no primeiro comentário, de Jorge Bernardes (blog Gira Mundo), quando diz: “Pois é, o comandante fazendo história”. Este título de comandante que Ricardo recebe, o próprio honorário explica em um trecho que ressalta a comunicação que ocorre entre ele e seus leitores, interlocutores, retirado da curiosa seção de seu blog, o “dicionário da bóia”¹¹⁴:

Tripulação. Na fase [Zip.net](#) do blog, quando a interação ainda era muito pequena, eu costumava me dirigir aos leitores com um respeitoso “Senhores tripulantes”. Quando o blog migrou para a plataforma Wordpress e se tornou repentinamente interativo, eu promovi os passageiros a “Tripulação”. Não tardou para que alguns tripulantes passassem a me tratar por “Comandante”. Fora do contexto pode parecer meio ridículo, mas aqui no site é fofo, vai.

Na imagem extraída do espaço do “guru” (como chega a ser chamado, Ricardo Freire), das duas diferentes postagens que são anunciadas, já ressaltadas anteriormente por outro motivo, e que narram uma viagem à Nova York de blogueiros que se relacionam através do ciberespaço, interagindo através dos comentários de postagens de cada um, como em outras interfaces. E como o próprio Ricardo afirma, na mesma seção de seu blog, viraram uma comunidade espalhada por vários blogs, alguns inspirados pelo seu próprio blog. E dada a grande referência que é o blog “Viaje na Viagem” (VnV), de Ricardo Freire, fazem, inclusive, uma menção no nome do encontro, “ConVnVenção”, como também explica em seu “dicionário da bóia”:

ConVnVenções. Encontros do povo da Bóia. O primeiro foi em março de 2006, entre o blogueiro e o **Alessandro Hirata**, o Doktor Alê, em Munique. De lá pra cá já aconteceram ConVnVenções de todos os formatos e tamanhos, em vários locais do Brasil e do mundo. Normalmente são relatadas nos blogs e nos twitters dos envolvidos. Muitas delas você encontra [aqui](#) e [aqui](#). Algumas das ConVnVenções maiores são anunciadas previamente aqui; outras, no [Filigrana](#), da [Majô](#).

Com exceção desta última, que mora nas Ilhas Canárias (mas é citada na postagem “Tão longe, tão perto”, por exemplo), todos os nossos interlocutores aparecem em, pelo menos, alguma foto do blog da Majô. Mas não é somente a Majô que repercute esses encontros. A

¹¹⁴ Extraído de <http://www.viajenaviagem.com/sobre-o-site/dicionario-da-boia/>, acessado em 02/07/2012.

Natalie, do blog *Sundaycooks*, por exemplo, tem uma postagem¹¹⁵ que nos relata o encontro em Belo Horizonte (ConVnVenção BH 2010) realizado em setembro de 2010, em que nos apresenta a Patrícia, do blog Turomaquia:



ConVnVenção Mineira

Postado por [Natalie Marvila](#) em 20 setembro, 2010 em [Belo Horizonte](#) / [19 comentários](#)

“Minas é o estado brasileiro de ser.” -Silvia Oliveira – [Matraqueando](#)

Há muito tempo eu queria escrever sobre BH aqui no blog e contar como essa cidade é especial para nós.

Os *folders*, folhetos e afins sempre fizeram parte da pilha de assuntos que esperam ser resgatados e transformados em *post*, mas esse dia nunca chegava. Até que o [Riq](#) resolveu organizar um mega encontro bacana com o povo mineiro da bóia contando com a participação internacionalmente especial da querida [Patrícia](#).

[foto à esquerda] O pin da Bóia

Oportunidade única de matar vários coelhos com uma cajadada só. (Pobres coelhinhos!).

Aproveitamos para rever nossos amigos, passear pelos nossos lugares favoritos, nos esbaldar na fartura da comida mineira (e adquirir alguns quilinhos extras nessa brincadeira) e encontrar um pessoal que é tão fascinado por viagens quanto nós.

[foto à esquerda] Patrícia, Riq, Nick, Nati e Fred

Câmera fotográfica e pin da bóia a postos seguimos viagem. Nosso primeiro encontro foi muito especial e importante para nós. Conseguimos jantar com a Patrícia e saímos de lá completamente encantados por sua simpatia e suas histórias repletas de conhecimento.

[foto à esquerda] Teletransporte para as Ilhas Canárias já 😊

Sexta foi o dia do grande encontro na Merceria do Lili. Infelizmente não consegui conversar com todo mundo, pois estávamos em mais de 50 pessoas. Mas valeu muito a pena, cada segundo, cada rodinha de bate-papo, cada rostinho novo que conhecemos.

Fiquei feliz por saber que o Rodrigo – [Aquela Passagem](#) existe de verdade 😊, por conhecer pessoalmente figurinhas carimbadas da minha *timeline* como o Sr. [Magrineli](#) e por rever amigas cariocas com a [Meilin](#) e a Virgínia. Mais contente ainda eu fiquei quando a [Camila](#) chegou e, de cara, nos reconhecemos e conversamos muito. Foi só alegria.

1 foto

Camila e seu sotaque mineirinho

No sábado participamos apenas de duas partes da maratona dos botecos e o pessoal estava super animado!

É sempre muito bom poder participar das ConVnVenções e encontrar pessoas tão bacanas, animadas e viciadas em viagem como nós. E tudo isso regado a muitos petiscos mineiros, ficando melhor ainda 😊

1 foto

ConVnVenção BH

P.S.: Pausa nos *posts* da Espanha de novo. Prometo que eles vão voltar em breve, porque eu pretendo escrever uma série bem completa sobre a nossa viagem às terras do Picasso e Dalí. Vou aproveitar para escrever um pouco mais sobre Belo Horizonte e dividir com vocês nossos lugares favoritos na cidade. Mas aguarde um segundinho enquanto eu pego o pão de queijo que acabou de sair do forno 😊

Tags: [Aquela Passagem](#), [bar](#), [belo horizonte](#), [bh](#), [boteco](#), [Brasil](#), [brazil](#), [ConVnVenção](#), [Dalí](#), [españa](#), [espanha](#), [ilhas](#)

¹¹⁵ Extraída de <http://sundaycooks.com/2010/09/20/convnvencao-mineira/>, acessada em 02/07/2012.

[canárias](#), [maratona](#), [Matraqueando, mg](#), [Minas Gerais](#), [pao de queijo](#), [Picasso](#), [queijo minas](#), [ricardo freire](#), [spain](#), [Turomaquia](#), [viagem](#), [Viaggando](#), [viaje na viagem](#), [VnV](#)

Essas influências de um blog, e as experiências de viagens descritas pelos seus desenvolvedores, em viagens de outras pessoas que os acompanham, também são relatadas em diversas outras passagens, especialmente nos comentários, mas também nas próprias postagens, de quem também tem blog. Como em uma postagem no blog da Patrícia (mas elaborado por uma colaboradora eventual, Neyara Andrade), em que relata que uma dica da Carla Portilho a levou conhecer um restaurante em sua passagem por Montevidéu, Uruguai. Ou em outra passagem do Turomaquia, em que a Patricia complementa uma vídeo-postagem sua com um atalho para um comentário da Emilia Fernandes, no blog Idas e Vindas, da Carla Portilho, sobre o mesmo lugar que estava postando, no caso, as ilhas flutuantes do lago Titicaca. Através dos comentários, outras pessoas que têm interesse em conhecer esse lugar também entram na conversa, questionando tanto a Carla como a própria Emília, sobre algumas questões pontuais, ou mesmo felicitando a qualidade do blog, das postagens, e desses comentários.

3.2.2. Blogagem coletiva

Uma outra forma de manifestação coletiva, é através das blogagens coletivas. Comum em outras comunidades de blogs, trata-se de um período em que todos os convidados podem escrever sobre o mesmo tema/assunto, sugerido por alguém ou grupo. Durante certo tempo, as pessoas devem postar em seus respectivos espaços ou enviar para o palco em que foi proposto, ambos aspectos definidos pela(s) pessoa(s) que propõe(m) a blogagem coletiva. Além de representar a interação entre essas pessoas, essa manifestação oferece expressões que demonstram a dificuldade de se compreender uma experiência a partir de uma previsibilidade generalista ou estrutural, diante das diferentes expressões apresentadas sobre o mesmo assunto, no caso da Viajosfera, relacionados as suas experiências turísticas.

A visão de que cada um experienciará o mesmo lugar e, mesmo, realidade, conforme a sua própria bagagem que carrega de experiências e significações anteriores é reforçada por uma mobilização que aconteceu entre alguns blogueiros (de viagem ou não). Após uma

conversa que algumas blogueiras¹¹⁶ mantinham através do Twitter, mobilizaram diferentes pessoas para que num prazo de uma semana, postassem uma narrativa (em seus respectivos espaços) com o mesmo tema, no caso, “Umás com tanto, outras com nada”, em que elencariam cidades que mereceriam retornos e outras que bastariam uma única visita. Somando alguns “atrasados”, esta iniciativa rendeu, pelo menos, 48 postagens diferentes, em mais de 40 blogs distintos (o blog da Majô, por exemplo, abrigou a postagem dela e de outras duas contribuidoras esporádicas, a Sylvia e a CarlaZ), conforme relata Fred Marvila, do blog Sundaycooks, em uma compilação que faz dos resultados desta blogagem coletiva. Nesta mesma compilação, faz considerações sobre alguns cuidados a se tomar com tal compilação, e informações. Como quando tenta justificar que uma cidade sem voto a favor, pode merecer visitas, como que uma cidade com muitos votos a favor pode não merecer tantas, ou alguma, visita, ou quando sugere que uma mesma cidade pode lhe propiciar uma maravilhosa experiência numa vez, e uma horrível numa segunda vez, ou vice-versa. Mas resgatar diretamente a postagem¹¹⁷ da Natalie, em 19/07/11, que Fred referencia para suas argumentações.

Blogagem coletiva: umas com tanto, outras com nada. Versão: Natalie
Postado por [Natalie Marvila](#) em 19 julho, 2011 em [Blogagem Coletiva / 24 comentários](#)

Sobre a Blogagem coletiva

Semanas atrás, numa tweeting conversation entre a [Cláudia](#), [Natalie](#), [Carina](#), [Patricia](#), [Carmem](#) e [Marcie](#), surgiu a ideia de listar os lugares que cada uma considerava “viu-tá-visto”. Aí a conversa evoluiu e decidiram fazer também uma segunda lista – com cidades ou países para onde voltariam sempre. Como a idéia parecia boa, uma comentou aqui, outra comentou ali... no fim, a notícia se espalhou e conquistou dezenas de adeptos. Diante disso, decidi-se fazer uma blogagem coletiva. [...]

É muito interessante a maneira como interpretamos uma cidade. A cidade dos meus sonhos pode ser apenas uma cidade OK pra você que lê o Sundaycooks e essa magia da diferença de olhares também me encanta. Se apaixonar por uma cidade envolve muitos fatores que não se resumem apenas em visitar os “lerês”, mas sim como suas características emocionais e sua bagagem de vida se envolvem com aquele lugar.

Por exemplo: pra mim que sou apaixonada por ballet, nada mais lindo do que conhecer, em Londres, [a escola que criou a metodologia](#) que eu estudo há anos. E pra você, isso pode soar um programa super sem graça.

Assim, eu criei a minha lista baseada nas cidades que me tocaram de uma maneira muito especial. Foram lugares onde eu fui muito feliz e me apaixonei pelo o que eu vi e pelo o que eu vivi, por isso voltaria sempre que possível dispensam apresentações.

Cidades que eu voltaria hoje, agora mesmo se você me convidasse: [...]

¹¹⁶ Segundo a Majô em sua postagem na blogagem coletiva, diz que a conversa se iniciou no twitter, entre 6 blogueiras. E entre elas, também, a Natalie do blog Sundaycooks e a Patrícia de Camargo, do Turomaquia.

¹¹⁷ Extraída de <http://sundaycooks.com/2011/07/19/blogagem-coletiva-umas-com-tanto-outras-com-nada-versao-natalie/>, acessada em 02/07/2012.

Nesta postagem durante esta blogagem coletiva, Natalie defende que a paixão por uma cidade, depende de suas características emocionais e bagagem de vida (fluxos), do que somente os “lerês”¹¹⁸ a visitar (fixos), dizendo se encantar com a “magia de diferença de olhares”, que permite que a cidade dos sonhos dela, seja apenas uma cidade “OK” para quem a lê, ou como quando exemplifica mencionando outra vez sua paixão pelo ballet, que para outras pessoas pode “soar um programa super sem graça”. E então justifica sua lista, dizendo que se baseia nas cidades que a “tocaram de uma maneira muito especial”, em que foi muito feliz e se apaixonou pelo o que viu e o que viveu, (reforçaria, pelas experiências significativas que vivenciou). Vale ressaltar que esta narrativa, que revela o pensamento de Natalie, foi expressa antes de qualquer contato das pessoas pesquisadas com a pesquisa em si, o que aconteceria só alguns meses depois, podendo assim afirmar que essa expressão não carrega uma influência minha, como pesquisador, sob o olhar dela, cognoscente e cognoscível.

A outra blogueira que participou da blogagem coletiva, “Umás com tanto, outras com nada”, e que eu acompanhava suas postagens, foi a Patricia de Camargo, do blog *Turomaquia*, e também constrói uma narrativa que ressalta a dificuldade de se elencar os destinos que ela não voltaria, sendo estes “associados a estados de ansiedade” e certos sacrifícios que dificilmente a levaria retornar ao destino, apesar de, para ela, ainda terem sido compensados pela experiência da primeira visita. Fazendo uma analogia com as pessoas, diz que todas as cidades merecem uma segunda chance. E utilizando de duas passagens da escritora Clarice Lispector, diz gostar de cidades sinceras (como pessoas) e que são decifráveis, mas surpreendentes. Como afirma na postagem¹¹⁹, não curte a expressão: “Tá visto!”:



[Umás com tanto, outras com nada – Blogagem Coletiva](#)

Postado em 19.julho.2011

[...]

Umás com tanto, outras com nada

por Patricia Camargo



Os destinos são como as pessoas, com algumas você tem este “feeling”. Este sentimento estranho e ao mesmo tempo agradável de conhecer a tanto tempo, mesmo quando acabou de ser apresentado. Este feeling inicial pode gerar uma onda energética tão boa, que todo o universo conspira para aumentar ainda mais esta proximidade. Ou seja, é aquela viagem em que tudo sai tão bem, que na despedida você quase chora. Caso você seja do tipo durão, ao menos pensa: “Oxalá, eu volte aqui!”

¹¹⁸ Como este termo é utilizado por Ricardo Freire e sua tripulação, deixo que o “dicionário da bóia” esclareça o que significa: “**Lerê**. Tudo o que é obrigatório — entre aspas, claro — numa viagem, e que nem sempre é agradável de cumprir. Quando o tempo é curto e é preciso juntar muitos lerês num mesmo dia, você se sente escravo do lugar que está visitando”.

¹¹⁹ Extraída de <http://turomaquia.com/umas-com-tanto-outras-com-nada-blogagem-coletiva/>, acessada em 02/07/2012.



Tive este “feeling” desde a primeira visita com **Madri**. Eu vivo a 2 horas e meia voando da cidade, mas saber que estou no avião a caminho, já é meio orgasmo garantido. Madri não é burocrática. Come-se de maravilha, e por que digo isso? Prá mim é difícil a paixão se o estômago não se satisfaz durante a viagem. Não precisa ser um banquete. Um suco, um pão, afinal no simples mora o prazer. Se é complicado, ai ai ... Ai o prazer tem que ser dobrado, senão não vale o sacrifício.



[foto à esquerda]

Os **destinos que eu não voltaria**, geralmente estão **associados a estados de ansiedade** e certos sacrifícios que (para mim!) compensaram a primeira visita, mas dificilmente me levariam à repetição. Eu tenho trauma de sapo. É bem feio culpar os outros, mas meu problema é culpa de uma professora de biologia que me expôs ao ridículo numa aula prática. Tinha a ver com sapo, com segurá-lo, com matá-lo, etc. Fui a lugares que tinham muitos sapos, experiências delirantes, mas voltaria? Difícil!



Não vou dar nomes aos burros. Eu ficaria um pouco decepcionada, e isto é perigoso dizer, se alguém apontasse Curitiba como cidade de uma vez só! Ou Madri! Não curto a expressão: “**Tá visto!**”

[foto à esquerda]

Por outro lado, há cidades tão intensas que voltar é perigoso. **Lanzarote** é destas cidades. A ilha de Manrique, a ilha de Saramago, a ilha do vento constante, a ilha das casinhas brancas, a ilha que mais parece uma lua, a ilha que te leva o pensamento lá prá longe ... daí o perigo!

[foto à esquerda]

Há lugares que são feios. Não feinhos, feios de doer, mas que cativam. Pela companhia? Pode ser. Porque de tão feios chegam a ser super fotogênicos? Pode ser. Como **Juliaca**. Bem pertinho de Puno, no Peru. Pertinho da cidade do Lago Titicaca. Um caos e um redemoinho de gente que hipnotiza. Uma cidade sincera com o viajante, e já dizia Clarice Lispector. “**O que é bonito me encanta, mas o que é sincero me fascina**”.



[3 fotos à esquerda]

Cidades certinhas demais me irritam. Tal como as pessoas que parecem perfeitas e estão sempre rindo. Rindo à toa. Tenho uma queda pelas cidades que o “inconsciente coletivo” tacha como cidades de uma vez só. Um exemplo: **Bruxelas**. Como você pode riscar da tua vida uma cidade que cheira a chocolate?



[foto à esquerda]

Para terminar, reafirmo que as cidades são como pessoas. Merecem uma segunda chance. Quem sabe deveríamos utilizar as palavras da Lispector tanto para uns como para as outras: “**Decifra-me, mas não me conclua, eu posso te surpreender**”.

Em um dos vídeos que a Patrícia produziu para seu espaço, faz o mapeamento de uma blogagem coletiva que propôs aos blogueiros para elencarem suas listas de “desejos viajeiros”. Diferentemente da outra blogagem coletiva, “Umas com tanto, outras com nada”, em que postavam suas listas em seus próprios espaços, sem uma centralização, nessa blogagem, “Bucket lists”, a proposta era para que as pessoas convidadas e interessadas em participar mandassem à Patrícia, para que ela postasse em seu blog as listas de cada um, conforme aconteceu, e envolveu 46 pessoas. Na imagem a seguir¹²⁰ pode se ver o convite feito por Patrícia para que as pessoas interessadas participassem:

¹²⁰ Extraída de <http://turomaquia.com/mapeando-os-sonhos-dando-uma-geral-nas-bucket-lists/>, acessada em 02/07/2012.



Imagem 46: Blogagem Coletiva – Bucket lists

Na postagem em que Patrícia chama as pessoas para participarem, me chamou a atenção por um comentário da Clarissa Donda, desenvolvedora do blog *Dondeando por aí*, onde levantou que além dos lugares, elencaria os tipos de experiências que gostaria de viver nesses lugares (apesar de considerar difícil reduzir a quatro ou cinco desejos), inclusive, com a Patrícia respondendo que com as experiências, os desejos se tornariam mais concretos. Visto esse comentário, busquei a lista proposta pela Clarissa, e deparo com essa narrativa¹²¹, em que destaca a ligação entre suas interpretações, os sentidos e paixões envolvidas, com seus desejos viajados de experiências:

[Bucket List da Clarissa do “Dondeando por aí”](#)

Postado em 22.julho.2011

Índia, Itália, Filipinas, Yellowstone, Tailândia

Escolhi os meus **top-five dreaming destinations** – e por um acaso, vi que a maioria delas são da **Ásia**. Acredito que é mais pelo exotismo do continente, a beleza das cores e das pessoas (acho a Ásia toda com uma beleza toda especial, diferente do convencional), pela espiritualidade com que eles vêem e interpretam as coisas da vida... Acho, sobretudo, que é um continente com muitas coisas a ensinar...

¹²¹ Extraída de <http://turomaquia.com/bucket-list-da-clarissa-do-dondeando-por-ai/>, acessada em 02/07/2012.

E **Itália** entra na lista pelo prazer dos sentidos que ela suscita (lindas paisagens, gastronomia excelente, idioma delicioso de se ouvir, aromas, sabores, texturas...) e **Yellowstone pela minha paixão aventureira por trekking** em paisagens instigantes..

Lista da Clarissa do...



Esse detalhe, dos desejos, vontades, pensamentos e sentimentos próprios (e anteriores a expressão e experiência) das pessoas, não passaria despercebido nas listas de desejos das pessoas que acompanhávamos e também participaram dessa blogagem coletiva, no caso, o Fred e Natalie Marvila, do Sundaycooks. Na lista de Natalie¹²², sua paixão pela gastronomia reaparece, ao desejar uma viagem para a Itália com curso de gastronomia, assim como o seu interesse por artes, ao desejar um curso rápido sobre os artistas espanhóis, na Espanha. Na lista de Fred, reforça sua paixão pela tecnologia, desejando uma viagem espacial; demonstra curiosidade pela cidade que abriga uma destilaria de vodka que provavelmente aprecie, na Suécia; assim como o desejo de conhecer a cidade de seus antepassados na Itália, e as belezas impressionantes da Polinésia Francesa, apesar de não ser fã de praias. Conforme lê-se abaixo, no trecho de sua postagem¹²³:

Bucket List do Fred do Sundaycooks

Postado em 31.julho.2011

- **Viagem espacial com a Virgin Galactic.** Tem viagem mais nerd que essa? 😊
- **Åhus na Suécia.** Onde fica a destilaria da Absolut.
- **Irlanda.** Tenho vontade de conhecer suas cidadezinhas medievais.
- **Polcenigo na Itália.** Esta é a cidade de onde meus antepassados vieram.
- **Polinésia Francesa.** Não sou fã de praias, mas as belezas de lá são impressionantes.

¹²² Extraída de <http://tuomaquia.com/bucket-list-da-natalie-do-sundaycooks/>, acessado em 02/07/2012.

¹²³ Extraída de <http://tuomaquia.com/bucket-list-do-fred-do-sundaycooks/>, acessado em 02/07/2012.

3.2.3. Associação Brasileira de Blogueiros de Viagens (ABBV)

Conforme já foi comentado anteriormente, alguns blogueiros se uniram para defender seus posicionamentos frente aos seus leitores e o mercado publicitário do Turismo, dos destinos e/ou empresas envolvidas às movimentações de pessoas. Pioneiro, talvez, na profissionalização de seu blog de viagens, Ricardo Freire, hoje, conta com duas ajudantes, sendo uma para responder as dúvidas e questões que surjam nas postagens, e outra para organização do blog, conforme explica o próprio Ricardo, em seu dicionário:

As Bóias. Desde janeiro de 2011, A Bóia também é o codinome das assistentes do Ricardo Freire. A Bóia mais antiga da equipe atua na resposta a perguntas, enquanto uma nova Bóia compila comentários de leitores, organiza mapas e páginas do menu.

Mas sobre a profissionalização dos blogs de viagens, um fato bem atual me chamou a atenção nessa reta final de pesquisas, e que ainda precisaremos acompanhar para saber que resultados implicarão. Pois algumas pessoas, blogueiras de viagem (entre estas, algumas das que acompanhamos), se uniram para formatar um documento de apresentação do que seria uma Rede Brasileira de Blogueiros de Viagem (RBBV), em que pleiteiam algumas diretrizes sobre o relacionamento entre blogueiros e empresas, de forma a garantir a integridade dos profissionais independentes. Conforme se lê no manifesto¹²⁴ escrito por Janaína Calaça e Erica Araújo, umas das bóias do VnV:

[Relacionamento entre blogs e empresas: algumas diretrizes importantes para estabelecer parcerias consistentes](#)

Postado por Janaína Calaça em mar - 12 - 2012 [2 Comentários](#)

* Gostaria de pontuar que o manifesto não foi criado para distanciar as empresas dos blogueiros, mas sim para abrir um canal de diálogo e pontuar questões sensíveis de um mercado novo, que aos poucos se estrutura.

(Texto escrito por **Janaína Calaça, editora do blog de viagem **Jeguiando** - <http://jeguiando.com> -, com colaboração e revisão de **Elisa Araujo**, sócia e diretora comercial do **Viaje na Viagem** - <http://www.viajenaviagem.com>)

Com a crescente ampliação do alcance das mídias sociais e da validação da experiência pessoal, cada vez mais indivíduos comuns buscam nos blogs, nos relatos pessoais, informações diversas que fazem parte do seu cotidiano: de tecnologia à arte, de beleza à saúde, de alimentação ao turismo. O certo é que há uma grande variedade

¹²⁴ Extraído de <http://jeguiando.com/2012/03/12/manifesto-blogs/>, acessado em 02/07/2012.

de assuntos e experiências sendo discutidos e uma grande variedade também de perfis no que diz respeito a blogs.

O que, originalmente, teve início como um espaço que se assemelhava a um diário pessoal tomou outro rumo: o da profissionalização, sem contanto perder a personalidade do discurso. Eis que surge, então, um novo perfil no mercado, o de **ProBlogger**.

O **ProBlogger**, ou blogueiro profissional, trabalha, tira seu sustento ou parte do seu sustento do seu espaço. Muitas pessoas abriram mão de seus empregos tradicionais, muitos de estabilidade, para investir em um projeto independente, cuja credibilidade é construída ao longo do tempo e, principalmente, pela fidelidade de seu leitor.

Diante da ampliação do alcance das mídias sociais e de sua credibilidade, as empresas também passaram a enxergar nos blogs e nos demais representantes desse perfil de mídia um espaço promissor. As empresas veem a possibilidade de utilizar a credibilidade destes meios, construída gradativamente, para divulgar seus produtos. Assim, o relacionamento entre empresas e blogs começou a ser delineado. Diante de algo novo, de uma configuração nova, o estranhamento sempre é presente. Como lidar com este novo tipo de mídia (que também não é tão novo assim)?

Neste processo de profissionalização de blogs e de construção de relacionamento entre blogueiros e empresas, os parâmetros ainda estão sendo construídos. Há, no entanto, pontos que são sensíveis a esta nova configuração e que algumas empresas devem levar em conta desde o primeiro contato. Dessa forma, poderão conquistar parceiros constantes, que contam com credibilidade e que têm uma trajetória que precisa ser respeitada. Com isso, o respeito será também para com os leitores.

O mercado de blogs é profundamente heterogêneo: há blogs dedicados a assuntos distintos e de trajetórias distintas. Há blogs novos, recém-criados e cheios de potencial – que devem ser levados em conta – e há blogs antigos, que já têm uma história e trajetória tecidas ao longo do tempo. Todos podem conquistar seu espaço e estabelecer parcerias sérias e consistentes.

Ao procurar os blogs, as empresas devem considerar alguns fatores:

- Estudar cada blog selecionado para possíveis parcerias para compor propostas distintas.

Nenhum blog é igual. Talvez o primeiro grande erro de uma empresa, ao entrar em contato com um blog, seja o de não levar em conta essas diferenças. Cada nicho é um nicho, cada blog é um blog. Quando uma empresa faz uma proposta comercial, por exemplo, única para todos os espaços, ela está esquecendo de levar em conta a heterogeneidade destes blogs.

Para uma empresa começar com pé direito o relacionamento com um espaço, é preciso estudá-lo antes: analisar a consistência do seu conteúdo, ver há quanto tempo está no mercado, seus parceiros anteriores, ações, postura. Não basta pedir o número de acessos, de visitantes únicos, de seguidores no Twitter ou na Fanpage. Até porque alguns, infelizmente, usam de meios tortos para fabricar estes mesmos números.

Obviamente, estudar todos estes pontos em consonância exige um pouco mais de tempo e de dedicação. Talvez seja isso o que vai ajudar uma empresa a ser bem vista pelos seus possíveis parceiros e impedir que ela fique “queimada” entre eles. No final das contas, os blogueiros acabam trocando informações, entre outras razões, para avaliar se esta empresa é confiável, se a parceria é consistente. Um diálogo existe entre os blogueiros, por mais que não exista uma associação. Afinal somos independentes.

Então, repetindo, vale a pena gastar um pouco mais de tempo para delinear uma proposta para cada blog que esteja no radar, levando em conta todos os parâmetros citados acima, para que seja feita uma proposta justa e coerente.

- Consulte as opções que o blogueiro tem a oferecer nas propostas. Trate-o como um profissional.

Outro ponto importante: se uma empresa nos enxerga como um meio relevante e profissional de produção e compartilhamento de conteúdo, nos trate dessa forma. Muitas empresas acham absurda a ideia de pagar um blogueiro pelo seu trabalho, mas pagam milhares de reais em anúncios em meios tradicionais, que já não são mais tão eficientes quanto foram no passado. Investir em blogs é certeza de atingir um público segmentado e de qualidade. Exatamente por isso é que as empresas querem relacionamentos com os blogs – para alcançar o público consumidor de uma maneira mais pessoal, mais eficiente, direta e com o respaldo do blogueiro. Por que então, muitas vezes, as negociações comerciais envolvendo dinheiro ficam limitadas à mídia tradicional e as propostas para os blogs não incluem remuneração real?

Lembrem-se, um blogueiro profissional tira toda a sua renda ou parte dela de seu espaço; trabalha, muitas vezes, horas para por um post no ar; faz e edita fotos etc. Investe tempo, dinheiro, esforço e emoção no seu trabalho.

Empresas: não percam de vista que as negociações estão sempre abertas. Façam suas propostas, ouçam a proposta do profissional que foi contactado e, sobretudo, **não envolva parâmetros, valores e nomes de outros blogs na sua negociação**. Não traga para a negociação frases do tipo “blog tal cobra tanto, então por que você cobra este valor?”. Isso fere a ética e o profissionalismo de uma empresa.

Como foi citado no item anterior, cada blog é um blog, cada um possui uma trajetória, fidelidade de leitores e formas de trabalhar: com publicidades (sempre sinalizados como publicidades), banners, ações de marketing, fam trips, permutas... Há várias formas de montar parcerias. Ouça, negocie, saiba o que ele tem a oferecer.

- Sobre propostas nebulosas de ceder conteúdo a um blog e embutir links de clientes nos textos, sem comunicar aos blogueiros.

Há empresas que, infelizmente, adotam esta prática. Neste caso, esta se compromete a ser uma espécie de “colaboradora” do seu blog, enviando textos com links embutidos em palavras-chave, promovendo um cliente, sem custo algum, lesando o blogueiro. Esta “colaboração” na verdade é uma forma de promover o cliente da empresa sem repassar nada ao blogueiro.

- Sobre premiações

Algumas empresas encontraram em concursos um meio de se promover. Criam uma premiação, alegando que vão eleger o melhor blog na categoria x, mas exigem que os participantes coloquem selos em seus blogs (banners com links diretos para o site que promove a premiação) e que façam campanhas nas redes. No fim das contas, a ideia não é homenagear um blog, mas divulgar vastamente o nome da empresa, atrair tráfego para seu site e reforçar seus links junto às ferramentas de busca.

Há casos ainda em que a empresa diz que elegeu os melhores blogs para participar e, à medida que os “indicados” declinam do convite, convocam outros, os transformando em meros “tapa-buracos”. É um desrespeito ao trabalho dos blogueiros. Clareza e ética são pontos cruciais!

- Sobre propostas para escrever posts em troca de remuneração irrisória ou indigna.

Produzir conteúdo – textos, fotos, vídeos – é o trabalho do blogueiro. É no que ele investe seu tempo e esforço. O bom conteúdo atrai os visitantes para o blog e é a base para que o blogueiro construa sua credibilidade e conquiste a fidelidade dos leitores. Há empresas que desconsideram isso e que fazem propostas indignas. Existem casos de ofertas de “parceria” em que o blogueiro é convidado a escrever em troca de um cupom da empresa ou em troca de um valor tão pequeno que não compra nem um hambúrguer. Não há “parceria” que possa ser construída nessas bases.

Tendo em vista a crescente consolidação de blogs profissionais no mercado e da relevância do alcance das mídias sociais no contexto atual, é preciso que muitas empresas que nos contactam, visando estabelecer parcerias, trabalhem seu olhar com relação a este novo mercado, já que faz uso do mesmo para ampliar o seu alcance. Que as relações não sejam unilaterais e extorsivas e que todos tenham possibilidade

de crescer juntos e não apenas de servir de “escada” para muitos. Se uma empresa busca consolidar sua credibilidade e profissionalismo diante do mercado, que este processo comece desde a construção de relacionamento com os seus possíveis parceiros.

*** Este texto foi motivado e elaborado a partir de pautas e discussões levantadas pelos membros da **Rede Brasileira de Blogueiros de Viagem (RBBV)** acerca do relacionamento entre empresas e blogueiros. Este material é uma síntese dos principais pontos levantados durante as discussões entre os representantes dos blogs e integrantes do grupo citado.

Essa rede acabou sendo institucionalizada como uma associação, tornando-se assim a Associação Brasileira de Blogs de Viagem, que segundo eles “busca o fortalecimento dos blogs de viagem como principal fonte de informação para quem quer viajar”, de forma que um caminho comercial não interfira na independência editorial dos blogueiros. E uma Rede Brasileira de Blogs de Viagem (RBBV) foi constituída também, porém com outra configuração, por enquanto, mais voltada a compilação e divulgação de postagens de seus membros, cerca de 140 atualmente. Dentre os que estudamos, somente o Turomaquia, da Patricia de Camargo, participa desta rede.

Conforme postou Marcio Nel Cimatti, Diretor de Imagem e Fotografia Digital da ABBV, a Associação nasce com um código de ética a ser seguido pelos seus afiliados, e que somando a audiência dos nove blogs envolvidos nesse início, já teriam 2,5 milhões de pageviews/mês. Nessa postagem¹²⁵ de Marcio, nota-se que dos que nos concentramos neste trabalho, três blogs (4 pessoas) já participam dessa Associação, como fundadores, sendo estes: Janela Laranja, SundayCooks e Viaje na Viagem.

[ABBV – CONHEÇA A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BLOGS DE VIAGEM](#)

Publicado em 29-05-2012 -Categoria: [A Janela Laranja](#) » [ABBV](#) - [5 comentários](#)

Hoje é um dia muito importante! É com orgulho que conto aqui no blog sobre o nascimento da **ABBV** [Associação Brasileira de Blogs de Viagem](#).

A Associação busca o fortalecimento dos blogs de viagem como principal fonte de informação para quem quer viajar. O estatuto defende a necessidade de estabelecer princípios que determinem a conduta ética e profissional destes sites. Com o aumento significativo do número de blogs de viagem e sua influência na tomada de decisão do leitor, a **ABBV** ajuda a construir parâmetros de profissionalização.

A iniciativa partiu de 9 dos mais respeitados blogs de viagem da blogosfera, incluindo o [ajanelalaranja.com](#). Esses blogs fazem a diferença quando o assunto é viajar e no volume enorme de audiência (juntos, geram mais de **2.5 milhões de pageviews/mês!**).

A ABBV nasce com um **Código de Ética** que orienta, entre outros temas, que os blogueiros devem indicar com clareza ao leitor quando as informações publicadas em

¹²⁵ Extraída de <http://www.ajanelalaranja.com/2012/05/abbv.html>, acessada em 02/07/2012.

um post ou em uma matéria têm vínculo com alguma empresa, seja através de uma ação de blog marketing, seja através de uma viagem patrocinada.

Os blogs que integram a ABBV poderão ser identificados por leitores e empresas através de um selo exibido obrigatoriamente na home e na página de expediente ou contato do blog. “O selo é uma garantia de que o blog faz parte da associação e atua de acordo com os parâmetros fixados no Código de Ética”, afirma Silvia Oliveira, Presidente da ABBV.

Além do ajanelalaranja, que você já conhece, não deixe de visitar cada um dos blogs que fundaram a ABBV clicando nos links abaixo:

[Abrindo o Bico](#), [Conexão Paris](#), [Jeguiando](#), [Matraqueando](#), [Sundaycooks](#), [Viajando com Pimpolhos](#) e [Viaje na Viagem](#).

Integram a diretoria da ABBV, no biênio 2012/2014:

Presidente – Silvia Oliveira (Matraqueando)

Vice-presidente – Lucia Malla (Uma Malla Pelo Mundo)

Assuntos internacionais – Marcie Grynblat Pellicano (Abrindo o Bico)

Fotografia e Imagem Digital – Marcio Nel Cimatti (A Janela Laranja)

Planejamento e Relações com o Mercado – Elisa Araujo (Viaje na Viagem)

Tecnologia – Frederico Marvila (Sundaycooks)

Comunicação e Mídias Digitais - Ricardo Freire (Viaje na Viagem) e Natalie Soares Ruano (Sundaycooks)

Informação e Pesquisa – Mariana Berutto (Conexão Paris)

Mobilização e Integração – Janaína Calaça (Jeguiando) e Sut-Mie Guibert (Viajando com Pimpolhos)

Para mais informações:

ABBV – Associação Brasileira dos Blogs de Viagem

Tel.: (41) 3022.0708 Fax: (41) 3014.6558

Site: www.abbv.net.br

E-mail: contato@abbv.com.br

Twitter: [@abbv_brasil](https://twitter.com/abbv_brasil)

Facebook: facebook.com/abbv.brasil

No código de ética da ABBV, segundo os próprios membros, a primeira associação de blogs de viagem da América Latina, pode se entender melhor a preocupação em construir uma relação digna entre os blogs e o mercado de anunciantes, além de manter e fortalecer suas relações com os próprios leitores. Como expresso nesse documento¹²⁶, em que tratam da transparência para com o mercado anunciante e leitores, do respeito ao direito autoral, e ao nome da própria Associação:

Proposições gerais:

- Não se utilizar do nome da ABBV nem de sua condição de associado para obter vantagens ou privilégios pessoais.

Transparência para com o mercado anunciante:

1) Informar com clareza e honestidade os números de audiência do blog, respeitando as métricas usadas no mercado e apresentando sempre a fonte dos dados informados;

¹²⁶ Extraído de <http://abbv.net.br/codigo-de-etica/>, acessado em 02/07/2012.

- 2) Não usar recursos ilícitos ou mal vistos no mercado (como scripts) para aumentar audiência seja do blog ou dos canais do blog e do blogueiro nas mídias sociais;
- 3) Praticar preços justos em relação ao mercado, não oferecendo a anunciantes e patrocinadores valores tão baixos que desvalorizem a categoria e prejudiquem os concorrentes.

Transparência para com os leitores:

- 1) Em caso de contrato de publiteditorial, o blogueiro deve sinalizar para o seu leitor que trata-se de um texto publicitário, seja através de um banner ou de sinalização no início ou no final da postagem;
- 2) Em caso de viagens patrocinadas (fam trips/ press trips), o blogueiro deve pontuar no texto (no início ou no final), assim como no caso de um publiteditorial, que trata-se de uma ação de marketing e sinalizar a empresa envolvida;
- 3) Em caso de viagens patrocinadas, o blogueiro deve pontuar, antes do início da ação, que a publicação de material deverá respeitar o comprometimento com a veracidade das informações, ou seja, que a postura crítica do blog deverá ser respeitada. O blogueiro não poderá ser tolhido de criticar pontos de atenção, que precisam ser revistos;
- 4) Em caso de publicação de releases enviados por assessorias de imprensa, o blogueiro deve sinalizar a fonte do material e não se apropriar do texto como se fosse seu;
- 5) Em caso de recebimento de comissão de empresas indicadas no blog, o blogueiro deverá deixar claro para o leitor quais são as empresas que lhe remuneram.

Respeito ao direito autoral:

- 6) Em caso de utilização de fotografias que não sejam de sua autoria, o blogueiro deve entrar em contato com o autor do material e pedir autorização para o uso da imagem;
- 7) Em caso de utilização de textos que não sejam de sua autoria, o blogueiro deve utilizar apenas um trecho do material, citar sua fonte e direcionar a leitura para a página original através de um link.

Atualmente, a ABBV conta com 44 associados, sendo destes: 9 fundadores, 31 efetivos e colaboradores, e 4 honorários. Estes últimos (atualmente, Leonardo Marques, Augusto Rocha, Paulo Gustavo Gomes e Jeanine Pires), não precisam falar sobre viagens no espaço virtual, mas destacarem-se em prol da Associação, conforme se percebe no trecho extraído de seu Estatuto, em que apresenta as diferentes categorias de associados¹²⁷:

Artigo 9º – A ABBV possui as seguintes categorias de associados:

I – **Associado Efetivo:** associado pessoa física representante de *blogs* atuando no mercado de divulgação e relatos de viagens, no mínimo, há 1 (um) ano, cujo último *post* tenha sido publicado há no mínimo 90 dias.

II- **Associado Colaborador:** associado pessoa física de *blogs* atuando no mercado de divulgação e relatos de viagens há menos de um ano, cujo último *post* tenha sido publicado há no mínimo 90 dias.

III- **Associado Fundador:** associado pessoa física representante de *blogs* presentes à Assembleia de fundação da ABBV;

IV- **Associado Honorário:** associado pessoa física representante de *blogs* reconhecidos ou pessoas físicas que tenham tido uma ação de reconhecido destaque em prol do desenvolvimento das atividades da ABBV.

¹²⁷ Extraído de <http://abbv.net.br/sample-page/sala-de-imprensa/constituicao-social/>, acessado em 02/07/2012.

Parágrafo Primeiro: Os associados efetivos só serão admitidos ao quadro geral social após a proposta ser aprovada pela Diretoria, que verificará o enquadramento do *blog* aos ideais da ABBV;

Parágrafo Segundo: Semestralmente em Assembleia Geral, os associados efetivos ratificarão as aprovações de associados efetuadas pela Diretoria.

Reforçando a importância das informações passadas por blogueiros, Ricardo Freire, lançou recentemente uma primeira postagem, do que promete ser uma série sobre a importância do “viajante independente” (VI), e sua relação com esses espaços virtuais, de blogs de viagens. Neste texto, assinado por Tony Galvez, de outro blog, afirma que seguindo um modelo de marketing dos anos 90, anterior ao sucesso da internet, o trade turístico temeria, infundadamente, que o VI atrapalharia seus negócios. E estando focada no suporte de agências de viagens e jornalistas estrangeiros, a Embratur estaria perdendo grande oportunidade de apoiar os “blogueiros de viagem ou mídias sociais, espaços aos quais os VI’s recorrem para o planejamento de suas viagens”. Conforme analisa em sua postagem¹²⁸:

[O viajante independente também existe | Tony Galvez](#)

[Viaje na Viagem](#) • 8 junho, 2012

Este é o primeiro post de uma série que vai mostrar a importância do viajante independente para o turismo brasileiro e o que deveríamos fazer para que este viajante viesse em maior número. Começamos com Tony Galvez, espanhol apaixonado pelo Brasil, autor do [De Viaje a Brasil](#), o melhor blog sobre viagens ao Brasil em língua espanhola.

Texto | Tony Galvez

O esquecimento do viajante independente (VI) está relacionado com a persistência em modelos de marketing turístico dos anos 90, quando a internet ainda nem engatinhava. O receio do trade turístico, que teme que um apoio ao VI possa resultar em uma perda de negócios, também colabora com esse esquecimento. Temores infundados, uma vez que o VI continua sendo consumidor de serviços turísticos e muitos não dispensamos serviços de um bom agente de viagens. No destino, o VI gasta seu orçamento em hospedagem, restaurantes e passeios como qualquer outro turista e até se poderia argumentar que ninguém redistribui renda melhor do que ele.

O viajante independente é maioria

Uma pesquisa realizada no Rio revelou que 70% dos estrangeiros que visitavam a cidade eram VI’s. No 1º Salão Baiano de Turismo foi divulgado que os VI’s estrangeiros na Bahia também significam 70% do total.

Esse esquecimento causa espanto

A Embratur declarou recentemente que sua missão é “colocar o Brasil nas prateleiras das operadoras”. Suas ações estão focadas no suporte às agências de viagens e aos jornalistas estrangeiros. Não há apoio para blogueiros ou mídias sociais, espaços aos quais os VI’s recorrem para o planejamento de suas viagens.

¹²⁸ Extraído de <http://www.viajenaviagem.com/2012/06/o-viajante-independente-tambem-existe-tony-galvez/>, acessado em 02/07/2012

A Embratur gasta seu orçamento gerando interesse pelo Brasil. É necessário motivar os estrangeiros para que conheçam o país. Um vídeo, uma foto, uma música podem motivar, mas não resolvem as necessidades de informação do VI, que não são atendidas pelas instituições e sim por pessoas que trabalham para explicar o Brasil para estrangeiros, sem nenhum apoio institucional.

Com o apoio ao VI quem ganha é o Brasil

Nem o trade turístico, nem as agências de viagens precisam olhar para o VI com receio. Ele é a maior força de marketing turístico que existe. Volta para casa e bloga sobre suas viagens, sobe suas fotos, compartilha no Facebook, é ativo no Twitter. O VI é multiplicador. Seus esforços não têm vida curta como um artigo no jornal de domingo. Quanto maior a divulgação do Brasil, maior será o interesse por ele, beneficiando também as agências e os pacotes fechados.

Como é possível dar apoio para o VI?

Três passos fundamentais:

- 1. Reconhecimento** da existência do VI. Uma reformulação das estratégias de marketing para refletir a realidade das viagens fora dos pacotes fechados e eventos.
- 2. Investimento** em ferramentas na internet que atendam as necessidades reais de informação do VI.
- 3. Apoiar** quem trabalha dando suporte ao VI. Países como a Nova Zelândia, a Noruega ou a vizinha Colômbia desenvolvem estratégias para dar apoio aos blogueiros de viagens. A Embratur nunca estendeu a mão para apoiar os blogueiros (vale a pena salientar que o apoio aos blogueiros de viagens requer uma pequena fração do orçamento hoje gasto para trazer jornalistas e agentes de viagens para o Brasil). Os blogs de viagens são hoje a fonte de apoio usada pelos VI's que querem desbravar o Brasil.

O VI não é necessariamente o salvador do turismo no Brasil. Mas esquecê-lo só limita o crescimento do setor.

Os associados fundadores já foram apresentados, mas para facilitar a leitura, reforço aqui, antes de também apresentar os Efetivos e Colaboradores, que conforme o trecho anterior coloca, distinguem-se apenas pelo tempo de vida de seus blogs.

	Blog	Desenvolvedor(a)(es)
Fundadores	1 A Janela Laranja	Marcio Nel Cimatti
	2 Abrindo o Bico	Marcie Grynblat Pellicano
	3 Conexão Paris	Mariana Berutto
	4 Jeguiando	Janaína Calaça e Erik “P.Zado” Araujo
	5 Matraqueando	Silvia Oliveira
	6 Sundaycooks	Natalie Soares Ruano e Frederico Marvila
	7 Uma Malla pelo Mundo	Lucia Malla
	8 Viajando com Pimpolhos	Sut-Mie Guibert
	9 Viaje na Viagem	Ricardo Freire

Quadro 7: Associados Fundadores – ABBV

	Blog	Desenvolvedor(a)(es)
Efetivos e Colaboradores	1 Aventura Mango	Jodrian Freitas
	2 Bistrôs	Alex Herzog
	3 Crônicas de Viagem	Claudio Motta
	4 Da Cachaça pro Vinho	Edu Luz
	5 De Garfos e de Quartos	Pati Venturini
	6 De uns tempos para cá	Carmem Silvia
	7 Delícias e Paisagens	Tanya Volpe
	8 Destino de Viagem	Nívea Atallah
	9 Dondeando Por Aí	Clarissa Donda
	10 Fast Pass Viagem	Maria do Carmo Veras
	11 Férias de Mochila	Beta Rodrigues e Déa Salles
	12 Gabriel Quer Viajar	Gabriel Prehn Britto
	13 Hotel California	Maryanne Mc Darby
	14 Ke Viagem	Dameres Paim
	15 Os Caminhantes	Márcia Tanikawa
	16 Outros Ares	Érika Marques
	17 PhotoTravel360°	Edson Maiero
	18 Rapha no Mundo	Rapha Aretakis
	19 Rosmarino e Outros Temperos	Luciana Betenson
	20 Rotas Capixabas	Tiago dos Reis
	21 Sem Destino	Pedro Serra
	22 Sol de Barcelona	Cristina Rosa
	23 Travel Forever	Carol Wieser Kaufmann
	24 Vambora	Guta Cunha
	25 Viagem a Dois	Rachel e Luciano
	26 Viagem e Viagens	Clarissa Comim
	27 Viaja e Pensar	Gustavo Belli
	28 Viaje Sim!	Jackeline e Rômulo
	29 Vou Contigo	Átila Ximenes
	30 Wazari	Alessandro Ayres
	31 Zica da Zuca	Natália Gastao

Quadro 8: Associados Efetivos e Colaboradores – ABBV

4. LEITURAS DE (EM) MOVIMENTOS

A questão é o movimento. Seja de pensamentos, vontades, desejos, sentimentos, social, temporal ou espacial – geográfico ou não. O movimento de indivíduos – seja através dos suportes *ciberespaciais*, seja pelos deslocamentos representados pelas viagens, *espaciais*, ao longo de seus próprios tempos, diacrônicos e/ou sincrônicos – e suas experiências, expressões e performances frente a todas essas diferentes (próprias e coletivas) vivências, experiências ou histórias delas. O movimento.

4.1. MAPEAMENTO DO CAMPO E OS INTERLOCUTORES EM SEUS PALCOS

Como se percebeu, os blogs nasceram quase que como diários pessoais, e sendo os diários de viagens, um destes, não demoraria a termos narrativas de experiências turísticas expostas na rede do ciberespaço. No entanto, ao se analisar as diferentes manifestações a respeito do assunto, nota-se divergências que não sustentariam essa simples dedução inicial. Assim como percebido por Komesu (2004) em sua própria pesquisa, que destaca os eixos do tempo, espaço e interatividade como diferenciadores.

Enquanto um espaço nasce do desejo de seu idealizador em possuir seu próprio canal de comunicação em que pudesse continuar a escrever sobre viagens, mas respeitando suas próprias temporalidades (VnV); outro blogueiro, para respeitar sua temporalidade, reduziu a frequência de postagens, e pensa até em desativar seu espaço (F&F). À medida que uma blogueira potencializa seu espaço através de seu conhecimento acadêmico do turismo e paixão pela arte (Turo); outro blogueiro utiliza seu espaço, apoiado pelo seu conhecimento na área publicitária, no processo de assumir sua paixão pela fotografia, que, inclusive, o fez largar da publicidade, dada a bem sucedida escolha (aJL). Apesar de três blogueiras, no mesmo ano, criarem seus próprios espaços na blogosfera viajera, em que tanto atuavam como interlocutoras, uma delas, após algum tempo, busca alguma rentabilização de seu espaço através de comercialização de espaços para publicidade (IeV), enquanto as outras duas, no máximo, promovem alguns eventos de seus próprios interesses, sem retorno financeiro (Fili e aTA). E ao passo que dois blogs deste trabalho são obras coletivas (de dois diferentes casais, cada), ambos trabalham pelo fortalecimento de representatividade dos blogs de viagens, rentabilizando seus respectivos espaços, com postagens que intercalam narrativas mais íntimas

com outras informações mais objetivas, e mesmo, patrocinadas, porém um destes já nasce com o propósito de relatar suas viagens e experiências de deslocamento (Jegui), enquanto o outro percebeu a possibilidade dessas narrativas algum tempo depois de seu início, quando serviria (basicamente) para escreverem as aventuras do casal em seus almoços de domingo (SdCk).

Importante, mais que discutir as diferenças entre as motivações que levaram essas pessoas a blogar, é reforçar esses processos como legítimos a suas respectivas histórias e ambições. Como levantado anteriormente, não nos importa se o espaço em que as narrativas estão sendo expostas, são rentabilizados ou não, se são mais “diários” ou “guias”, se são mais objetivos ou reflexivos, mas sim, tentar compreender suas narrativas a partir do entendimento da proposta de cada um desses espaços. Acreditando que possam se apresentar representações das experiências significativas, dentro desses diversos, e possíveis, contextos; dentro de suas próprias limitações e possibilidades.

O próprio Arnaldo, apesar de seu posicionamento contrário a respeito da rentabilização de seu espaço, comenta a respeito desse processo que a blogosfera viajera vivencia, através da caixa de comentários de outro blog (Uma Malla pelo Mundo, da Lucia Malla, também associada fundadora da ABBV), não analisado aqui, defendendo as individualidades de cada pessoa que se propõem a editar um espaço na internet, como das pessoas que procuram tais espaços como fonte de leitura e/ou interação. E após uma construtiva discussão através dos comentários dessa nova postagem, por diversas pessoas, blogueiras ou apenas leitoras, Arnaldo nos brinda com essa colocação em 02/04/2012¹²⁹:

IGUAL a qualquer pessoa, discordo de muitas opiniões, concordo com algumas e admiro umas poucas. Entretanto, nenhuma delas me agrada mais do que a da própria autora do blog, Lucia Malla: ao dar sua opinião, sobretudo apoiar democraticamente o direito de todos expressarem as suas, ainda abre seu espaço virtual para que se discuta aqui um tema bastante relevante: o direito de cada blog ser o que quiser, de buscar o que almejar, de exercer seu direito de ganhar dinheiro e de toda essa questão do “relacionamento entre empresas e blogs”. Nada é mais importante do que isso: almejar um mercado de blogs de viagens melhor em todos os sentidos. Todos sairão ganhando com isso. Por isso desejo primeiro transmitir aqui de longe meus parabéns, Lucia Malla e, claro, à sua leitora Patricia, que motivou com seu pertinente e ótimo comentário todo o debate e de lambija criou duas classificações bem divertidas para os blogs de viagens: “blog-pousada” e “blog-resort”. [...]

Motivada por um comentário contrário a sua posição, Lucia Malla o republica numa postagem posterior, em que, democraticamente, dá voz a sua plateia, para reforçar a sua

¹²⁹ Extraída de <http://www.luciamalla.com/blog/2012/03/discordar-e-viver.html>, acessada em 02/07/2012.

posição, como personagem e editora, além de interlocutora. Neste comentário que incitou a postagem de Lúcia, Patrícia (que não tem blog, portanto, não é a do Turomaquia) demonstra sua preocupação com a profissionalização dos blogs de viagem, fazendo uma analogia com as pousadas e os resorts, como se os blogs que perdessem o toque pessoal, se tornariam os blogs-resorts. Conforme Patrícia reflete, em trecho que abriu a postagem de Lucia¹³⁰:

20/03/2012

Discordar é viver

A Patrícia (*que não tem blog**) deixou [um comentário](#) interessante no post em que [divago sobre a profissionalização dos blogs de viagem](#). Coloco aqui para a reflexão geral (sem uma conclusão, o papo é aberto) de quem passar por essas bandas mallas:

"Cara Malla, posso ser do contra?! Eu acho que os blogueiros, exceto você, com essa ânsia de profissionalismo perderam personalidade, feeling, estilo, aquele toque pessoal. Um pouco como pousada e resort. Virou resort. Hoje prefiro ler Trip Advisor à um blog de viagem conhecido e citado na reportagem, blog que lia todos os dias e era referência para minhas viagens. E não só ele, 90% dos citados são "resorts", plastificados, perderam o toque pessoal. Nós, viajantes que não gostamos de escrever, mas viajamos sempre, usávamos estes blogs como referência. Hoje não encontro nestes blogs a informação que busco e muitas vezes, leio o óbvio. Prefiro ler review de Hotéis e passar noites procurando novas referências. Infelizmente." [...]

Essa irônica auto-categorização de blogs-pousada e blogs-resort é desdobrada, pelas pessoas que comentam, sugerindo que dentro dessa divertida lógica, poderiam encaixar outros tipos de blogs, como: o blog-que já nasce se achando-resort, o blog-pousada que passa a blog-pousada de charme (CarlaZ), o B&B (Bed & Breakfast) (Carmen), o eco-resort (Lúcia Malla), o blog-albergue, e o blog-camping (Thiago de Rose), por exemplo. Mas apesar das demonstrações de admiração, gratidão, e/ou preocupação das pessoas, quanto seus respectivos espaços, próprios e/ou preferidos, de forma geral, demonstram esperança, confiança e desejo que dentro da lógica dessa nova mídia, em que as relações são de um-a-um, e não de um-para-todos, cada editor pode encontrar sua plateia, e ainda assim consolidarem um território em comum, dos blogs de viagem. Como Lúcia coloca neste trecho da mesma postagem, que além de destacar essa possibilidade de complementaridade, apesar de concorrente (em detrimento da incongruência), parece estimular o desdobramento da categorização proposta por Patrícia, ao metaforizar os “vilarejos Blogosféricos”:

[...] É aí que eu ~~divijo~~ divago: acho é que há espaço - e público - para ambos os tipos de estadia blogosférica. Gosto, aliás, que as duas existam, porque se aprende muito

¹³⁰ Extraída de <http://www.luciamalla.com/blog/2012/03/discordar-e-viver.html>, acessada em 02/07/2012.

com as duas - são experiências diferentes, e há ocasiões diversas nas viagens da vida em que você prefere um ou outro. Por exemplo, resorts podem ser ótimos para viagens de negócio, pousadas para aventuras mais descompromissadas. Há vantagens e desvantagens em ambos, e decide-se o que é mais válido como experiência naquela circunstância específica.

Então, para mim, há uma questão filosófica-prática, entranhada no futuro dos blogs de viagem, para quem os escreve e na interação com os amigos que os lêem. Uma questão que pode ser metaforizada assim:

Em qual vilarejo Blogosférico queremos passar as férias, Porto Seguro ou Caraíva? [...]

Retornando ao comentário de Arnaldo, nessa postagem, ele faz uma releitura de suas últimas expressões em que explica a respeito do destino de seu blog, para complementar a idéia que cada pessoa deve ter ciência da linha editorial que deseja (e consegue desenvolver) para seu espaço, para tentar alcançar a plateia que espera se interessar pelo conteúdo disponível, mas sua dificuldade em conciliar tudo isso com sua própria exigência de qualidade; a falta de tempo, devido a sua ocupação laboral (empresarial), que continua lhe ocupando; e mesmo, como destaca, a mudança de prioridades e estímulos. E apesar de se reconhecer como minoria “neste mundo dos blogs”, em questão de construção de seu espaço e personagem, demonstra o reconhecimento da plateia pelo seu trabalho, ao receber um grande número de visitas diárias e acumulada, torcendo pela capacidade de inteligência da pessoa que o acompanha em encontrar suas narrativas, perceber essa dedicação, reconhecer seu trabalho, e, se possível, participar.

[...] QUEM me lê, sabe: sou minoria. Ao menos neste mundo dos blogs: detesto sites de relacionamento, odeio exposição pessoal no meu blog, fujo da excessiva dedicação à Internet, jamais busquei desesperadamente audiência e reconhecimento, acho deplorável a “cultura do curto prazo” dos 140 caracteres do Twitter e nunca sucumbi à prática de postar superficialidades, banalidades e futilidades apenas para mantê-lo ativo. Da fase “mordido-pelo-vírus-bloguístico” há seis anos e meio, hoje passeia ser mais um “saturado digital”. De blogs e afins, especialmente do meu próprio! E como jamais tive sequer a pretensão de chegar onde cheguei (3 mil visitantes únicos por dia, 6 milhões e meio de visitantes únicos até hoje), que dirá pensar em viver dele, considerando o trabalho que dá tentar produzir alguma coisa boa, útil séria e confiável, o Fatos & Fotos de Viagens já me encheu as medidas, que dirá pensar em trabalhar ainda mais pra ganhar os trocadinhos com ele! Sempre foi um hobby, nada mais. E nisso nasceu bem nascido, com vocação e meta: um passatempo que pudesse inspirar, motivar viagens, captar a essência dos lugares e transmiti-la ao leitor despertando-lhe o “desejo de viajar”.

ADMITO que almejo o leitor romântico, que se sente tocado com textos inspiracionais e bem cuidados, que encontra afinidades com os objetivos do F&F, que faz escolha consciente por algo diferente, mais especialmente o leitor que navega na Internet para ler, não para ver figurinhas, e que na Internet espera bem mais do que a deplorável “cultura dos 140 caracteres” e do “curto prazo” do Twitter, que vai ao F&F e percebe que eu viajo para ver, para experimentar, para conhecer e aprender, não para “ensinar” o leitor, apenas para inspirá-lo. E este leitor não alimenta blogs que buscam apenas remuneração.

Foi um grande trabalho fazê-lo e tem sido um grande esforço mantê-lo. Por que digo “grande esforço”? Porque tenho a virtude falta a muitos: humildade de reconhecer que sou mediano. No que escrevo e no que fotografo. E como ambos são as matérias-primas do blog, ainda que os faça com grande entusiasmo, sabendo lá que agrada a alguns, imaginar ganhar dinheiro com ele é algo impensável, ainda que já tenha “faturado” uns trocados. Se ainda mantenho o F&F é mais pela minoria que se agrada dele: me sinto régiamente recompensado por tantos elogios recebidos, especialmente por vir aqui e ainda ler menções tão elogiosas como a do Rodrigo “Aquela Passagem” Purish e da Mirella “Mikix”. Obrigado a eles é pouco. Mesmo assim, a tendência do Fatos & Fotos de Viagens é acabar. Multiplicam-se os esforços para produzir algo com qualidade, independente, opinativo, com conteúdo e sobretudo que respeite a inteligência do leitor. E minha disponibilidade para dedicar-me ao blog caminha no sentido inverso ao desejo de fazer isso, ao meu tempo, seja em razão de minhas atividades profissionais (sou empresário), de minha dedicação à família, da tentativa de tirar prazeres de seus outros hobbies que também me agradam, sobretudo de me dedicar a uma vida mais presencial do que virtual, tão desconectada quanto possível.

Sempre acreditei que viagens são para o deleite. E que obrigações são as que se fazem profissionalmente ou a trabalho. Viagens devem ser um prazer, suave e demorado para quem as faz. Para mim, portanto, nada justifica permanecer o dia postando os passos de uma viagem num microblog. Mas todas as viagens podem e devem ser compartilhadas, especialmente num blog. E se os blogs ao tornarem-se rentáveis melhorarem a qualidade e o conteúdo, bingo! Caso contrário, twitter!

Grande abraço a todos. E continuem a viajar e escrever. E levem seus filhos!
Posted by: [Arnaldo - FATOS e FOTOS de Viagens](#) | 02/04/2012 at 08:22 AM

4.2. EXPRESSÕES DE EXPERIÊNCIAS E FLUXOS DE SENTIDOS

A curiosidade da narrativa do comentário parecer uma releitura daquelas mensagens e editoriais a respeito do F&F, com alguns trechos bem parecidos, como se numa bricolagem de suas melhores trechos/idéias, ao invés de desqualificá-la ao nosso olhar, reforça a idéia da expressão ser construída através da experiência, ao mesmo tempo em que a própria experiência estrutura a expressão. Pois ao se expressar (falar, escrever, pintar...) a respeito de sua percepção a respeito de uma realidade, sua experiência, a própria expressão pode o fazer repensar, ao revivenciar aquele momento, e a partir da reflexão sobre essa expressão, repensar a própria experiência em si, e nas próximas oportunidades de se expressar a respeito, reconstrua seu próprio entendimento, revisando-o, ou reforçando-o. Como parece acontecer com o Arnaldo nesse caso, ou com o Ricardo Freire, quando contava a respeito da produção de seus cartões-postais, muito antes que as narrativas turísticas encontrassem espaço dentro da rede de nós do ciberespaço.

Essa dinâmica temporal de (re)construção das expressões, também é percebida em algumas sequências de postagens do Arnaldo, como costuma realizar em algumas de suas

narrativas de viagens. Antes de uma viagem que realizaria a Bangkok, anuncia a viagem através de uma postagem, em que além de apresentar um pouco de Tailândia e Bangkok, anuncia a ordem do que seriam as próximas postagens a respeito da viagem que seria postado enquanto acontecesse, revelando através dos comentários a extensa pesquisa que realizara como preparação de viagem, e até a pré-produção de algumas narrativas que seriam retrabalhadas após sua experiência *in loco*, conforme o confronto entre o que havia “estudado” e imaginado, com o que sentiria, perceberia, vivenciaria, durante a consumação daquela experiência tão aguardada, e vivida antecipadamente. E, no caso dessa sequência, inclusive alterando o nome de alguns dos previstos “capítulos”, ou mesmo não publicação de outros. E esse processo não desvalorizaria as narrativas analisadas, ao percebê-lo como a busca pela melhor forma que expresse as complexas e subjetivas relações da pessoa com a(s) realidade(s) em si, a(s) experiência(s). Para que consiga externar o que tão lhe foi significativo, da forma mais fiel possível, apesar de nunca que consiga expressar o que realmente sentiu, mas como interpretou.

Pensando a experiência turística em sua forma processual, e dramática, o personagem/ator/autor envolvido tem autonomia e capacidade de discernir o grau de significância de cada experiência para si, conforme o momento espaço-temporal que a pessoa se encontra, sua bagagem de conhecimentos, costumes, e modos culturais, em geral, que carrega consigo, e a relação (o conflito dramático) de tudo isso com a vivência de um lugar que tem sua própria história, valores e costumes, desenvolvidos, também, temporalmente. Portanto, não predizível sem a presença e vivência da pessoa, de cada uma.

Como sugere naquela narrativa apresentada anteriormente (cap. 3.1.2; pag. 91), em que apesar de chegarem (Arnaldo e Emília) à Índia após “um preparo intelectual de longa data”, “movidos pelo sentimento de aceitação”, e preparados “para o pior”, tudo que a Índia havia lhes feito até àquela postagem era encantar; e então, apesar de todo o preparo prévio de conteúdos para postagem a respeito da viagem (como parece ser teu costume), pede para que as pessoas, gentilmente, aguardem até a próxima postagem (que leva 11 dias), para que o “fabuloso encontro com a Índia seja descrito com o mais sincero reconhecimento”, e “fidelidade ao encantamento”, através de suas “impressões, fatos e fotos”.

Demonstrando que apesar de todo o ritual preparatório, em que já vivencia a experiência através da imaginação, alimentada pela bagagem de conhecimentos e experiências passadas; quando suspensa das relações cotidianas, como numa experiência de *communitas*, de Victor Turner, as pessoas se sentiriam despojadas “dos sinais diacríticos que as diferenciam e as contrapõem no tecido social”, e “sem mediações”, sentindo-se “como havendo sido feitas do

mesmo barro do qual o universo social e simbólico, como se movido pela ação de alguma oleira oculta recria-se” (DAWSEY, 2005, p. 166). Podendo produzir efeitos de estranhamento, durante esses momentos de interrupção do teatro da vida cotidiana. E apesar da primeira performance (a narrativa em que dissecava a preparação de sua viagem) completar a sua experiência com a Índia até então, e parecer estar pronto para o choque de realidades (momentos de estranhamento), quando estimula sua percepção distante de seus papéis cotidianos, “a dor ou o prazer podem ser sentidos de forma mais intensa do que os comportamentos repetitivos ou de rotina”. E, aparentemente, o faz novamente buscar uma “relação musical” entre o que vivencia e seu passado, em busca da descoberta e construção de significado, para que então, possa novamente performatizar, narrar, sua nova *Erlebnis*, ou experiência vivida.

Interessante notar que até aqui não se falou em uma (busca de) fuga do cotidiano, ou da rotina, como por alguns é apregoado, como um dos (grandes) motivadores do turismo, mas apenas que a experiência turística pode ser encarada como um momento de experiência em que se distancia (em maior ou menor grau) do sistema de produção social cotidiano. Para compreender melhor esse processo, e sua estrutura processual, voltemos atenção para a postagem¹³¹ em que anuncia a viagem que faria dentro de cinco meses, mas que já mexia com seus pensamentos e percepções. Nesta postagem do blog “Fatos e Fotos de Viagens” (uma das mais extensas encontradas, com quase 7600 palavras, em parte representada aqui), por exemplo, o Arnaldo relata o processo, como mesmo define, de “desembaçar a vista” que tem vivenciado desde experiências passadas a decisão de ser turista na Índia, aos preparativos da viagem até então não realizada. Reforçando a posição de Turner, revisitando Dilthey, a respeito da subjetividade do tempo referente a experiência e que descreve como uma “estrutura da experiência”:

“Em outras palavras, ela não tem um início ou fim arbitrários, recortados do fluxo da temporalidade cronológica, mas tem o que Dewey chamou de “uma iniciação e uma consumação”. Ao longo da vida, cada um de nós já teve certas “experiências” que foram formativas e transformativas, isto é, (...) o envolvimento naquilo que Emile Durkheim chamou de “efervescência social”¹³²

¹³¹ Extraída de , acesso em 02/07/2012.




¹³² TURNER, Victor. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência. P.178-179.

Estas experiências formativas podem ser muito pessoais, como podem ser compartilhadas com os grupos aos quais pertencemos, como no caso deste post que inicia a série de postagens sobre a viagem à Índia (comentado na apresentação do F&F e representada pelas próximas imagens, como essa ao lado), onde Arnaldo torna público (dentro da rede social que auto-denomina como Blogosfera) uma experiência altamente íntima. Dilthey¹³³, ainda comentado por Turner, diria que por sermos seres sociais, somos incitados a expressar, comunicar aos outros, o que aprendemos com a experiência, pois “os significados obtidos às duras penas devem ser ditos, pintados, dançados, dramatizados, enfim, colocados em circulação”. Por meio da narrativa que faz sobre seu “desembaçamento da vista”, sugirirei encontrar alguns discursos que demonstram parte das fases da forma processual deste drama social, oriundo deste confronto dos modos culturais cultivados pelas experiências prévias com o tempo presente (mesmo que no discurso este “presente” já seja passado), sugerido por Turner; que seriam as fases de: 1) Ruptura; 2) Crise; 3) Reparação; e 4) Reintegração, ou 5) Cisão.

[...]

Nossa viagem à Índia - Novembro de 2010

Posted on 06-24-2010 by [Arnaldo Interata](#) | [26 Comments](#)

Rajastanis - Fotos de Pedro Solti -pedrosolti no Flickr

[...]

3 **O COMEÇO DE TUDO: a Índia me chamava**

ERA uma fronteira invisível, uma linha imaginária que separava fantasia da realidade. Do lado de cá, Índia, um país estranho e incompreensível, mas com grande influência na minha imaginação. O meu olhar para o país revelava sentimentos desorientados e antagônicos, de tal maneira que ao longo da vida fui construindo no pensamento uma forma tão bizarra quanto fantástica de classificação da Índia: na melhor das hipóteses uma versão do Inferno na Terra, o fim do mundo ou, ainda, o que eu imaginava ser o mundo perto de seu fim. Aquela aversão impunha-se asquerosa, fedorenta, como se o pensamento não viesse da mente. A Índia figurava como um lugar tão obscuro na minha mente que qualquer pensamento jamais aproximara-se de torná-la um desejo, mesmo quando ocasionalmente despertava-me certa curiosidade na transposição daquela fronteira imaginária. Todavia permanecia uma Índia particular, a minha Índia, tão miserável e contaminada que eu temia até mesmo imaginar, quanto mais desejar.

[...]

A dura realidade de uma viagem àquele país tão complexo representava uma experiência indesejável, insana, quase uma irresponsabilidade não construtiva, um desatino! A Índia resumia-se nalgó inteiramente dispensável, ainda que vez por outra me provocasse, que a curiosidade traisse a aversão. Todavia todos aqueles sentimentos não passavam de um misto complexo, quase incompreensível, um “desejo-repulsão”, um “amor-desamor”, uma “hostilidade-atração” ou “amor que aniquila”.


[...]

Imagem 47: Viagem à Índia (2) – Fatos & Fotos

¹³³ Idem, ibidem. P. 180.

A própria organização desta postagem, poderia sugerir, ao ser dividida em nove partes, em que relata um momento que teria incitado uma ruptura, mas ressaltando o tempo como grande responsável, para que conseguisse começar a repensar suas experiências e diretrizes significativas anteriores, e futuras, a partir de uma nova perspectiva, de um novo posicionamento; alguns dramas por quais se viu, e desafiou, até conseguir reconhecer a vontade e o desejo de

[...]

 **ÍNDIA. Como passei a desejá-la**

DESDE então, a Índia passou a ocupar meu pensamento, magnetizando-o e dominando-o, tornando um destino até então insuportável em desejado, o quase-amor num amor a explorar, da repulsa ao amor que extenua, uma obsessão. Com frequência, o desejo de cruzar a linha foi tomando forma e desencadeando uma tempestade cerebral. Ainda havia repulsa, mas a afluência do desejo. Eu estava sendo apresentado a um sentimento até então desconhecido: o amor-desamor. Tendo a desinformação como ponto de partida e o preconceito como barreira a transpor, passei a compreender que uma viagem à Índia não poderia ser encarada com ingenuidade, definida com superficialidades e programada com facilidade, a compreender que até mesmo viajantes experientes encaram-na como um destino complexo, que exaure, e que por isso mesmo exige preparo intelectual e esforço emocional em doses equiparáveis aos de uma grande empreitada. E que tal preparo deveria ser precedido de reflexões em busca de complacência e compreensão a fim de que a meta fosse alcançada: a **aceitação**.

"Envelhecer é obrigatório, amadurecer, uma opção."

A partir de então comecei a olhar para a Índia com a vista **desembaçada**, a ver o que jamais vira, ainda que sempre a tivesse olhado de algum jeito. Era como ver pela primeira vez, como vêm as crianças, não como enxergam os adultos e suas vistas cansadas, não vendo o que viram durante toda a vida.

[...]

FOI nesta fase que lembrei-me do Otto Lara Resende e sua crônica "Vista Cansada", publicada no jornal Folha de São Paulo em 23 de fevereiro de 1992: "...de tanto ver, a gente banaliza o olhar. Vê não-vendo. Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio." William Blake - o também poeta, inglês - disse que "Se as portas da percepção estiverem limpas, tudo aparecerá para o homem como de fato é: infinito." Este foi o mote para que eu pensasse em programar uma viagem à Índia: a visão **desembaçada**.

CHEGARA a hora de conhecer a Índia, eu percebia estar pronto e maduro para encarar o país, vê-la tornar-se um destino desejado. E foi do antigo conflito entre a Índia de sonho e a realidade de uma viagem ao país que resultou esta longa reflexão sobre nossa profunda preparação para esta viagem que resultarão os longos capítulos a serem publicados durante nossa estada na Índia. A partir deste texto pretendo transmitir com fidelidade e imparcialidade - todavia com personalidade e a minha visão apaixonada sobre a vida e o planeta - as mais dolorosas experiências de nossa passagem pelo país e suas melhores recompensas.

[...]

Imagem 48: Viagem à Índia (3) – Fatos & Fotos

conhecer a Índia e sua complexidade; até o planejamento para a consumação dessa experiência, durante a viagem, mas que já estaria sendo vivenciada por, ao menos, um ano de estudos, e ainda demoraria cinco meses para acontecer. Sob os subtítulos: "O COMEÇO DE TUDO: a Índia me chamava"; "ÍNDIA. Como passei a desejá-la"; "O SEGUNDO PASSO: como aprendi a olhar para a Índia"; "MINHA VISÃO PESSOAL desta viagem: a teoria do 'esquecimento de tudo'"; "TERCEIRA ETAPA: aceitação, a chave de tudo"; "A POEIRA SOB OS PÉS de BRAHMA (*)"; "É DIFÍCIL AMAR A ÍNDIA?"; "POR ONDE COMEÇAR UMA VIAGEM À ÍNDIA?"; "COMO SERÁ a NOSSA VIAGEM?"

Por naquele momento ainda não ter consumado sua viagem, somente nos dá pistas da forma com que espera que aconteça, e como se prepara para tal momento, mas de grande valia, e profundidade, como ao pensar sobre a forma de não pensar em todas as contradições que a realidade indiana possa trazer ao seu próprio entendimento e percepção de um local desejável, e cunha a “teoria do esquecimento de tudo”, que poderia lembrar o momento de efervescência social, ou mesmo o momento de communitas, ou ainda, o momento liminóide, em que distante dos seus posicionamentos sociais cotidianos, a pessoa se encontraria num momento sublime, de reflexão sobre as próprias diretrizes, ou como destacado por DAWSEY, acontecendo “às margens dos processos centrais de produção social (nesse sentido elas são menos ‘sérias’); [...] [podendo] ser mais criativas (e, até mesmo, subversivas)”. Ou como Arnaldo

[...]
<p>AO contrário da Índia da novela, a “minha” Índia não era tão exuberante, não tinha palácios nem templos, não era colorida, nem cheia de sons, não era exótica, tampouco atraente. A <u>minha</u> Índia resumia-se em miséria e fome, contida no desprezível sistema de castas, mostrada nas vacas sagradas a vaguearem nas ruas disputando o lixo com todo o outro universo gigantesco de toda a sorte de indivíduos igualmente miseráveis e desassistidos: de homens a ratos. Era o país dos loucos <i>sadhús</i>, dos corpos putrefatos boiando no Ganges, de bem maior feiura que beleza, dos casamentos arranjados, da desvalorização da mulher, dos rituais religiosos pra lá de esquisitos, de tão numerosas quanto estranhas divindades.</p> <p>DIZEM que odiar é também uma forma de amar, ainda que diferente. Definem os espertos que é assim, porque o coração nem sempre consegue identificar e classificar todos os sentimentos com a mesma precisão. <i>Friedrich Nietzsche</i> definiu tal reação escrevendo que “odiamos apenas o que está a nossa altura ou é superior a nós”. Foi lendo tal definição que compreendi que a Índia era muito superior a mim. Talvez tenha sido essa a semente para que o tempo - o tal senhor da razão, que amadurece o corpo e atenua a mente - transformasse o desprezo em sonho. Foi assim, sem perceber, que sucumbi ao “canto da sereia”, ainda que soubesse de seus perigos.</p>
<p>A Índia me chamava como as ninfas do mar, cujas vozes tão mágicas e sedutoras atraíam os marinheiros que navegavam junto aos rochedos de Capri. Tão lindas elas eram, tão doces os seus cantos, tão trágicas suas consequências: a colisão dos navios com os rochedos e seu aprisionamento para o serviço eterno às ninfas do mar.</p>
[...]
<p>DA aversão ao sonho, para nascer o desejo de cruzar aquela fronteira foram necessários muitos anos. Da fantasia à realidade, uma viagem à Índia foi surgindo timidamente, como num processo de ampliação fotográfica em preto e branco, aquele em que as imagens vão surgindo aos poucos no papel fotográfico mergulhado na solução química reveladora. Como fantasmas a se materializarem, o que fora gravado no papel vai aparecendo lentamente até atingir a plenitude da definição. Da ausência de tudo representada pela alvura do papel ao contraste pleno de pretos, barnços e cinzas, daquele jeito bem mágico e romântico que só os apaixonados pela ampliação fotográfica conseguem definir, assim foi-se revelando aquele país tão obscuro, como num processo fotográfico em preto e branco. (*)</p>
[...]
<p>AO mesmo tempo encantadora e assustadora, a Índia poderá surpreender seus visitantes logo ao primeiro olhar. E é muito provável isto ocorra, na mesma proporção em que maior for a intervenção pessoal do olhar. Quanto mais ingênuo, maior será o choque: “O amor pode ser aniquilado ao primeiro contato, o que é capaz de fazer com que as malas sejam refeitas e seja retomado o caminho de volta. A Índia arranca de nós mesmos, seja por repulsa ou por atração, pela mais forte das curiosidades, aquela que não sabe o que busca nem o que pode esperar e temer: uma surpresa a cada piscar de olhos, uma interessante provocação ao olhar e ao pensamento” <i>Jean-Claude Carrière</i>, em “Índia - Um Olhar Amoroso, de <i>Jean-Claude Carrière</i> - Ed. Ediouro”, uma das leituras mais recomendáveis a quem pretende viajar ao país. Neste livro aprendemos que quanto mais deixarmos de ser nós, mais nos afastamos de nossa lógica ocidental e de nossos métodos de avaliação, mais próximos estaremos da aceitação. Tal condição - aquela a que chamo de “a teoria do esquecimento de tudo”, a <u>aceitação plena</u> - nos deixará muito próximos de enxergarmos a Índia como ela é e obtermos dela todas as recompensas.</p>
[...]
<p>COM uma visão cruel mas romântica da duríssima e chocante realidade do país, a Índia será mostrada como um destino fundamental na vida de um viajante contumaz. Sem hostilidades e com imparcialidade, todavia sem deixar de alertar o leitor do quão severos poderão ser seus desgastes físicos e intelectuais, do quanto é fundamental preparar-se para uma viagem ao país, do quanto é importante trilhar um caminho que o leve a ter a Índia revelada para além da sujeira e da miséria, a encontrar-se com as fortes vibrações e as profundas influências pessoais, obter as melhores e mais marcantes experiências sensoriais e emocionais que uma viagem ao país poderá lhe proporcionar. Com a serenidade que jamais consegui alcançar enquanto olhava para a Índia com desprezo, tentarei mostrar - em fatos e fotos - as perdas e os danos, mas igualmente avivar as cores do encantamento, levar o leitor a compreender que <u>se o desgaste é a barreira, o encantamento será a recompensa.</u></p>
[...]

Imagem 49: Viagem à Índia (4) – Fatos & Fotos

coloca (utilizando de uma citação), “quanto mais deixarmos de sermos nós, mais nos afastarmos de nossa lógica ocidental e de nossos métodos de avaliação, mais próximos estaremos da aceitação [...], a aceitação plena”, que nos deixaria “próximos de enxergarmos a Índia como ela é e obtermos dela todas as recompensas”, tentando levar seu (sua) leitor(a) a “compreender que se o desgaste é a barreira, o encantamento será a recompensa”.

Este primeiro trecho, no entanto, que é o início do relato, ele se relata o tempo em que ainda não pensava em ressignificar seus pré-conceitos e percepções a respeito daquela sociedade, segundo ele, “tão miserável e contaminada que [...] temia até mesmo imaginar, quanto mais desejar”. Para Dilthey, a própria emoção seria o sinal consciente de uma ruptura, atual ou iminente. E o desejo de restauração da união, como vemos em outro trecho da postagem, converteria a mera emoção em interesse por objetos como condição de realizar a harmonia. Neste trecho em destaque, como mencionado, Arnaldo parece ter percebido a necessidade pessoal e subjetiva de se harmonizar perante esta situação de conflito, e aparentemente começa seu processo de

[...]
<p>A POEIRA SOB OS PÉS de BRAHMA (*)</p> <p>ॐ NADA neste mundo nos parecerá tão chocante quanto as dimensões a miséria na Índia. Ela é bem mais aguda do que a que conhecemos no Brasil, daquilo que já nos acostumamos a chamar de “diferença de classes” ou “desigualdade social”. No caso da Índia a desigualdade ganha uma dimensão ainda mais fabulosa: entre indigentes e miseráveis, são 700 milhões de indivíduos, número ainda mais assustador quando o comparamos com a população do Brasil, 180 milhões de indivíduos. Sempre acreditei que nada, nada poderia me parecer tão chocante, até conhecer a realidade das castas na Índia.</p> <p>ESCREVER sobre a Índia por si já é um desafio bastante para poucos e uma pretensão além das medidas para muitos. Preparar-me para uma viagem ao país fez surgir um atração natural por tentar vencer esta pretensão, desafio ao qual me permiti submeter. Todavia, compreender a cultura indiana é algo que não posso enfrentar, extremamente superior ao que classifiquei como “pretensioso desafio”, algo muito além dos meus limites, como querer colocar o mundo numa caixa, um bilhão de indianos numa só foto, todos os palácios e monumentos do país num mesmo postal e todas as cores dos saris de seda numa mesma paleta. A diversidade cultural na Índia tem uma dimensão que ultrapassa qualquer entendimento, compreensão que creio inatingível até mesmo aos indivíduos cujas mentes a natureza dotou de muito mais brilho. É aquilo que não se compreende, não se consegue explicar. É assim com o sistema de castas e com todas as crenças religiosas dos indianos.</p> <p>NESTA minha fase de descoberta da Índia jamais consegui compreender como algumas pessoas conseguiram amar tanto um país como tal dimensão de pobreza, o que me levou a crer que alguma coisa devia estar errada comigo mesmo, não com as pessoas. Mesmo assim, como seria possível tanta gente encantar-se com tamanha miséria, com tal nível de poluição e degradação, com as gigantescas cidades-favelas, com a horrorosa e deprimente deparação com a gente que defeca nas ruas e cozinha no mesmo chão onde o fazem? Como gostar e adaptar-se a um trânsito tão absurdamente caótico, tão voraz e desregrado e com o buzinaço insano? Não me parecia possível que apenas eu estivesse certo, que tudo o que li e todos os que ouvi amarem a Índia encontrarem-se errados. Ainda que eu tenha deites, a pretensão não é um deles. Mas ainda assim, seria possível para mim aceitar algo ainda mais terrível do que toda a miséria indiana, o sistema de castas?</p>
[...]
<p>É DIFÍCIL AMAR A ÍNDIA?</p> <p>ॐ “A Índia não é um país charmoso, a começar pela paisagem, logo esquecida por causa da presença humana que tanto se impõe em todos os lugares. Quem não gosta dos homens não deve ir à Índia. A multidão é aqui a principal paisagem. Ela é o ator de todas as coisas. Sem dúvida, é por isso que, na literatura indiana de todos os tempos, os personagens são frequentemente atraídos para o exílio e a solidão, a renúncia, a partida. Que o viajante estrangeiro não se engane nessa via de isolamento seria meu primeiro conselho. Que aceite a multidão, que se misture com ela, que nela se perca. Primeira condição do amor: o contato.” <i>Jean-Claude Carrière, em Índia - Um Olhar Amoroso - Ed. Ediouro</i></p>
[...]
<p>POR ONDE COMEÇAR UMA VIAGEM À ÍNDIA?</p> <p>ॐ A Índia não é um país bonito, ao contrário, tem um território desértico e pobre em belezas naturais, quase todo de um monocromatismo ocre e verde, desprovido de montanhas imponentes, com excesso do extremo norte do país, nas proximidades do Himalaia. É um território mal cuidado, ocupado sem planejamento, em cuja monótona paisagem o que se impõe é a presença humana em escalas jamais imaginadas por um ocidental. Isso provoca estranheza e certo desconforto. De acordo com <i>Jean-Claude Carrière</i>, “quem não gosta de gente não deve ir à Índia”. Tal afirmação provocou-me forte impacto, e em consequência disso, meu preparo intelectual e emocional antes da viagem, diante desta realidade (assim como meu esforço durante ela) foi algo a conquistar, quase um permanente desafio. Aceitar tal condição numa viagem à Índia é fundamental para quem quer conhecer o país e seu povo. Ir à Índia sem misturar-se com sua gente, observá-lo apenas do ponto de vista das janelas dos ônibus e dos carros, equivale a fechar os olhos ao que a Índia tem de melhor: precisamente sua gente. Para além de seus monumentos, nada é mais imponente e impactante na Índia do que a união desses dois elementos. Precisamos saber, antes de nos aventurarmos numa viagem ao país, que gente é onipresente, que destaca-se sobre todas as outras coisas, e que não se pode afirmar ter conhecido satisfatoriamente o país, tendo-se optado pelo isolamento do povo e das ruas.</p>
[...]
<p>COMO SERÁ a NOSSA VIAGEM?</p> <p>ॐ SERÁ possível a suavidade contrapor-se à dureza, a miséria ao esplendor? Do confronto entre meus sonhos de outrora e a realidade de hoje, resultarão boas recompensas a nossa estada na Índia? Serão suficientes nossas boas doses de resignação e complacência? Conseguiremos evitar a prevenção para não desprezarmos atitudes genuínas e desinteressadas de curiosa simpatia indiana? Olharemos com carinho ou repulsa os mendigos grudentos? Aceitaremos a mendicância infantil ou ela nos derrotará? A Índia conseguirá brilhar para nós como almejamos, ou sua poluição e miséria nos abaterão? Sairemos recompensados ou derrotados da Índia?</p>
[...]

Imagem 50: Viagem à Índia (5) – Fatos & Fotos

ruptura com antigas diretrizes significativas que compunham seus modos culturais, sua noção de pertencimento.

Descrevendo, na sequência, o tempo (“o tal senhor da razão, que amadurece o corpo e atenua a mente”) e o modo com que foi se colocando nesta crise de identidade em que buscava uma visão desembaçada, como o processo que o levaria a planejar uma ida à Índia, que por ainda não ter se concretizado, até aquele momento, ainda não poderíamos definir se realmente se encaminharia para uma cisão de seus prévios conhecimentos, ou se o conduziria a uma reintegração com estas percepções passadas. Mas realmente, como já demonstrara nessa narrativa anterior à viagem “estar pronto e maduro” para essa hora que chegara, depois da viagem volta a postar, e confirma a relevância positiva de sua experiência turística dentro desse processo de ressignificações por qual passava/enfrentava, com isso quebrando diretrizes significativas anteriores àquelas experiências de viagem, ou mesmo de preparação.

Esse termo de vista desembaçada é utilizada por Arnaldo em pelo menos outras quatro ocasiões, além dessa 1) primeira viagem à Índia (06/2010), sendo: 2) na série de Tailândia Bangkok (11/2011); 3) no retorno daquela mesma viagem à Índia, especificamente, em Delhi (12/2010); e, 4) em uma série sobre Dubai (08/2007). E desde essa primeira utilização, aparenta ter o mesmo entendimento desse processo de desembaçar a vista, que estaria ligado ao processo de planejar ou consumir a viagem, apesar da distância temporal entre estas e a pequena diferença na utilização, conforme a temporalidade da própria narrativa. Na primeira delas, coloca que “por si só, viajar enriquece o espírito e aprimora a cultura. Além disso, desembaça nossa visão, acentua nossa educação em como ‘ver’ e ‘perceber’, povos, culturas e costumes.” Destacando, assim, que o “viajar *deslimita* nossos próprios e limitados horizontes”, que o processo de desembaçamento, poderia ser resultado, ou fruto, das viagens, em si só, e, portanto, (em seu modo de pensar) “não há nada melhor do que viajar ‘conhecendo’ antes a cultura, a história, os costumes dos lugares que visitaremos”, ou, como costuma dizer: “programar uma viagem é quase tão bom quanto vivenciá-la”. Já nas duas postagens sobre a viagem à Índia (uma antes e outra depois da viagem), parece destacar o desembaçamento da vista, como necessário para o processo preparatório desta viagem (experiência turística), destacando (antes da viagem) “que tal preparo deveria ser precedido de reflexões em busca da complacência e compreensão a fim de que a meta fosse alcançada: a aceitação”, e (depois da viagem), que “precisamos mergulhar em sua cultura a fim que cheguemos ao país com a visão desembaçada e a percepção desentupida”. E em sua última utilização, na postagem em que anuncia a série de sua viagem a Tailândia e Camboja, mas mais que isso, reflete sobre o “prazer de ser turista (ou serei

viajante?), [e] a alegria de rever um destino”, já destaca que “viajar é fácil, não requer prática ou habilidade, nem talento ou competência”, e que não precisaríamos “de nada mais que desejo e disposição, [...] além de algum recurso é claro”, para sair de casa e viajar. Mas que precisaríamos “de algum aprendizado e dedicação”, “para viajarmos com o olhar desembaçado para o que vemos, e com a mente aberta para o que percebemos”. Como percebido na imagem ao lado.

A série sobre essa viagem à Índia que realizou com Emília ainda rendeu mais sete episódios, totalizando nove, num espaço de quarenta dias (entre a segunda e última postagem, portanto, desconsiderando os quase cinco meses passados

entre as duas primeiras narrativas). Na terceira postagem dessa série, escreve duas narrativas distintas, que representariam o primeiro e último dia, mas na ordem invertida, como expressa no título: “ÍNDIA, Rajastão. Tristeza na partida, alegria na chegada”. Postada no dia 26/11/2010, começa narrando seu último desjejum da viagem, junto à Emília, enquanto contemplavam “aquele arrebatador panorama consternados com o fim de uma viagem que ainda em seu curso já fora tão fascinante que [lhes] marcara para o resto de [suas] vidas”. E entre algumas reflexões sobre o lhes causara tamanha admiração e encantamento, Arnaldo faz

Dubai: Blogando ao vivo

Posted on 08-9-2007 by  Arnaldo Interata |  24 Comments

[...]


Bem, por si só, viajar enriquece o espírito e aprimora a cultura. Além disso, desembaça nossa visão, acentua nossa educação em como "ver" e "perceber" povos, culturas e costumes.

Conhecer outros países, cidades e povos amplia para o bem a nossa maneira de enxergar e compreender o mundo. Viajando e observando, assimilando com sensibilidade o que vemos, nos tornamos seres mais receptivos, mais complacentes, compreensivos e despretentiosos.

Viajar deslimita nossos próprios e limitados horizontes, atenua nossa tendência natural à pretensão e ao preconceito que (quase) todo ser humano carrega consigo.

[...]

ÍNDIA. Delhi, um caso de amor

Posted on 12-8-2010 by  Arnaldo Interata |  22 Comments

[...]

ACEITAR a infinita complexidade do país, seus contrastes tão chocantes e sua cultura tão exótica é a chave para que nos apaixonemos por ele e o caminho para sermos correspondidos. Precisamos mergulhar em sua cultura a fim de que cheguemos ao país com a visão desembaçada e a percepção desentupida. Numa viagem à Índia quanto mais olharmos para o país, menos para nós mesmos, maior será a recompensa. Assim o fizemos e a Índia revelou-se arrasadora, incomparável, magnífica. Nossa experiência no país foi muito marcante em nossas vidas e extremamente proveitosa, positiva, encantadora e admirável.

[...]

Tailândia e Camboja - Bangkok, Chiang Mai, Siem Reap e Angkor Wat

Posted on 11-3-2011 by  Arnaldo Interata |  6 Comments

O prazer de ser turista (ou serei viajante?), a alegria de rever um destino

Viajar é fácil, não requer prática ou habilidade, nem talento ou competência. Para sair de casa e viajar não precisamos de nada mais que desejo e disposição, e algum recurso é claro. Já para viajarmos com o olhar **desembaçado** para o que vemos, e com a mente aberta para o que percebemos, precisamos de algum aprendizado e dedicação. Os que fazem assim voltam sempre melhores do que foram. e tornam-se prontos para reverem um destino ainda melhor do que quando o visitaram pela primeira vez.

Sou turista enquanto viajo [1]. Conheço lugares por desejo, especialmente os que ainda não conheço. Mas há algo de curioso e novo na emoção de **rever** lugares como turista. O primeiro encontro difere do segundo, assim como penso deva ser com o terceiro. E **Bangkok** é um desses lugares que eu visitaria uma dezena de vezes e ainda sobriaria vontade de rever. Quando a visitei pela primeira vez muito ficou por conhecer, e mais ainda com o desejo de rever. Agora ao revisita-la deverá ser a consagração de mais uma maravilhosa experiência em viagem, aquela que acaba sendo ainda melhor que a primeira.

[...]

Imagem 51: Vista desembaçada – Fatos & Fotos

questão também de ressaltar a importância de Emília para que aquela viagem fosse “ainda mais espetacular, ainda mais encantadora, ainda mais marcante e inesquecível”, ainda mais singular. Como expresse aqui¹³⁴:



[ÍNDIA, Rajastão. Tristeza na partida, alegria na chegada.](#)

Posted on 11-26-2010 by [Arnaldo Interata](#) | [15 Comments](#)

21 de Novembro, 2010. Oito horas da manhã, Udaipur

[foto à esquerda] Oberoi Udaivilas, Udaipur - Índia

Terraço do Oberoi Udaivilas, último dia de viagem. *O Sol pairava sobre o Lago Pichola com intensidade especial. Aquela luz do Sol e o azul do Céu fundiam-se acentuando os tons amarelos do hotel Oberoi Udaivilas e rosas de suas buganvílias. O conjunto ficava ainda mais exuberante naquela manhã. Era como se a natureza reafirmasse a impressionante grandiosidade do hotel, como se retribuísse nossa admiração por ele, como se tentasse amenizar nossa tristeza por deixar a Índia.*



[foto à esquerda] O Taj Lake Palace visto do City Palace, Udaipur, Índia

Entretanto, ainda que a opulência do hotel fosse grande, parecia conformar-se com a incomparável monumentalidade diante de si: os dourados do City Palace - apenas mais um dos fabulosos monumentos do Rajastão, um complexo construído pelo Maharana Udai Mirza Singh em 1559 - e a alvura do Lake Palace - o Jag Niwas, ou Palácio do Lago, de verão, construído no século XVIII pelo maharana Jagat Singh e rodeado de água do Lago Pichola. Ambos, todavia, não precisavam sequer daquela luz maravilhosa para acentuar-lhes a exuberância. E tornavam o Oberoi um mero coadjuvante naquela incrível manhã, naquela inesquecível paisagem.



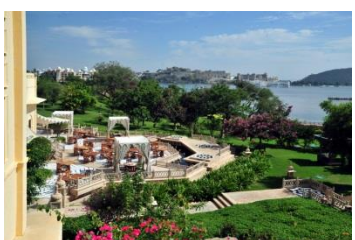
[1 foto] Piscinas privativas dos apartamentos do Oberoi Udaivilas, Udaipur, Índia
[2 fotos à esquerda]



Sentados à mesa do terraço eu e minha encantadora (*) Emília fazíamos em silêncio nosso último desjejum na Índia. A falta de palavras confirmava nosso pesar, a troca de olhares a percepção da simultaneidade e coincidência do que sentíamos com o fim daquela viagem: um estranho misto de alegria do encontro com a tristeza da partida.

[foto à esquerda] Terraço do Oberoi Udaivilas, Udaipur, Índia

(*) Dedico este post à minha encantadora Emília. Não bastasse sua fabulosa companhia e ser meu grande amor cujas incríveis afinidades me surpreendema cada dia, ainda é uma excelente companheira de viagens, cujas fabulosas sugestões de *side-trips* e sua inseparável companhia dos guias *Lonely Planet* tornaram nossa viagem ainda mais espetacular, ainda mais encantadora, ainda mais marcante e inesquecível.



[2 fotos à esquerda] Lembrávamos já saudosos, da comida, das incursões aos lugares mais escondidos e não turísticos mas também das mais conhecidas e encantadoras atrações, dos encontros fabulosos com pessoas... *[foto]*... com sua curiosidade, com as situações mais curiosas e inusitadas, com os cheiros, os sons, as cores, as roupas, as paisagens que sucediam-se cada vez mais impressionantes... *[foto]*... com nossa estada em alguns dos hotéis mais famosos do mundo, com os templos mais emocionantes, com o trânsito mais insano, com a dança e a música mais encantadoras.



[foto] Contemplávamos aquele arrebatador panorama consternados com o fim de uma viagem que ainda em seu curso já fora tão fascinante que nos marcara para o resto de nossas vidas. Nem mesmo o fato de estarmos no quarto melhor hotel do mundo, e primeiro da Ásia, diante de tão monumental paisagem, conseguiu evitar nossa consternação. O silêncio tão incomum naqueles dias parecia querer parar o

¹³⁴ Extraído de <http://interata.squarespace.com/jomal-de-viagem/2010/11/26/india-rajast-tristeza-na-partida-alegria-na-chegada.html>, acesso em 02/07/2012.



tempo, eternizar a viagem na lembrança, extrair as últimas gotas de prazer dos quinze dias de nossa estada na incrível Índia. Nosso primeiro encontro com o país fora um inesperado fabuloso, o último, uma tristeza incontornável.

*[...] **Jamais poderíamos supor que aquela seria** uma viagem com tal sucessão de intermináveis encantos, de tão ricas experiências, de tão magníficos encontros. Estávamos marcados pelo país e por uma viagem que nos proporcionou os momentos mais inesquecíveis de nossas viagens e por certo de nossas vidas. Naquele momento compreendi que minha 70ª viagem internacional revelara-se um marco: todas seriam antes e depois da Índia.*

[foto à esquerda] Os jardins do Oberoi Udaivilas e o Lago Pichola, Udaipur, Índia

[...]

Algo que não pode passar despercebido é a forma com que complementa sua narrativa textual com a imagética (ou vice-versa). Logo no primeiro parágrafo, por exemplo, Arnaldo “praticamente pinta” através de palavras sua foto que abre a postagem, ou melhor(?), complementa com a imagem, aquele cenário que nossos personagens experienciavam, e que tentavam representar textualmente. Além de nos apresentar o lugar (hotel) onde estavam, nos apresenta algumas das paisagens avistáveis desse ponto, e os “inseparáveis” guias da Emília (e ela), tudo sob o olhar de Arnaldo, seja captado pela câmera ou pelas palavras. Mas assim demonstrando às pessoas que leem essa postagem, que lá estiveram, e lá vivenciaram o que agora (cinco dias depois do desjejum) expressam.

Essa característica também é percebida na sequência da postagem, enquanto narra a chegada à Índia, do aeroporto à “noite bem dormida” no primeiro hotel. Nessa segunda narrativa, os cenários que Arnaldo tenta descrever são mais detalhados através de suas palavras, por vezes minuciosas, mas publica algumas imagens que representariam esse trajeto, e em uma delas, registra um elefante que teria sido apresentado pelo taxista que os levava ao hotel. Inclusive, taxista que se torna um dos personagens de sua narrativa, como acontece com o Sr. Varun, responsável da agência receptiva contratada. O taxista não foi tão detalhado, mas uma característica levantada (a voz de um personagem conhecido dos cinemas) apresenta um personagem caracterizado, para dizer a tal inesperada frase: “Look at the elephant!”. Sr. Varun, o segundo personagem fora menos detalhado por Arnaldo, apesar de ter sido sua atenção, simpatia, formalidade profissional e “sorriso que encerrou de vez aquilo que [Arnaldo] imaginava ser o impacto da chegada, afinal, o preparo fora para ‘enfrentamento’, não para ‘encontro’”. E além da descrição bem detalhada dessa chegada, do trajeto e da hospedagem, é esse impacto da chegada que é trabalhado durante a narrativa. Chegando a escrever que ria de si mesmo e de seus “excessos de preocupação e do que [...] arquitetara como ‘Plano B’ para o

caso de um eventual desencontro” (sugerindo alegria, mas disfarçando a vergonha de si mesmo), pelo choque de enfrentamento que imaginava ter ruído “como um castelo de cartas” logo no início da viagem, com o Sr. Varun. Fazendo-os “pensar que toda a viagem poderia ser muito mais prazerosa” do que supunham. E demonstrando que aquela desconhecimento/curiosidade/repulsa de Arnaldo à Índia, que se transformara em desejo de conhecer para entender o porquê do sentimento negativo poderia estar em fim o fazendo repensar a respeito das impressões e opiniões a respeito daquele país e habitantes.



[...] 5 de Novembro, 2010. Meia noite, Nova Delhi

Aeroporto Internacional Indira Gandhi, primeiro dia de viagem. “Namaste!” (*), disse o Sr. Varun, nosso receptivo em Delhi, assim que lhe acenamos de longe, identificando nossos nomes na enorme placa da Luxe India segurada à altura de seu peito. Encontrar nosso receptivo e ler nossos nomes assim que saímos da área de desembarque do Aeroporto Internacional Indira Ghandi exterminou de vez minha ansiedade, um certo medo de que ele não estivesse ali para nos receber e nos conduzir ao nosso hotel, ainda que tivéssemos um "Plano B". Acompanhando-nos de longe com olhar atento o nosso trajeto até ele, recebeu-nos com simpatia, com formalidade profissional e um sorriso que encerrou de vez aquele que eu imaginava ser o impacto da chegada, afinal, o prepararo fora para "enfrentamento", não para "encontro" no primeiro contato com a Índia. O novíssimo, bonito, luxuoso e funcional aeroporto, a eficiente imigração e a rápida recuperação de nossas malas foram cruciais para que eu achasse a chegada tranquila e amistosa, mesmo com o adiantado da noite.

[foto à esquerda] Aeroporto Internacional Indira Gandhi - Nova Delhi

Já fora do aeroporto, percebi uma inesperada organizada fila de taxis comuns e especiais, outra de ônibus, uma de riquixás e de carros particulares, tudo extrema e completamente civilizado, tão diferente do que eu havia lido acerca do antigo e tenebroso aeroporto de Nova Delhi. Uma moderna, iluminada, clara e refrigerada passarela conduziu os carrinhos de malas, nós e o receptivo ao estacionamento com capacidade para 4 mil carros de um aeroporto que causaria inveja e vergonha mortal a Galeões e Cumbicas brasileiros!

[foto à esquerda] Um típico rajastani com um dos inúmeros tipos de turbante, em Ranakpur

Chegava à Índia rindo de mim mesmo, de meus excessos de preocupação e do que eu arquitetara como "Plano B" para o caso de um eventual desencontro com o receptivo: o desvio de centenas de mendigos, ser disputado por um milhar de taxistas tentando me convencer a escolher o que me levasse ao hotel (mas que só Krishna poderia saber se eu chegaria), me desvencilhar de homens oferecendo o carregamento de nossas malas e cruzar o caminho sagrado de vacas idem pastando solenemente entre carros e riquixás. O sorriso renitente sugeria alegria mas disfarçava a vergonha de mim mesmo.

[foto à esquerda]...quem nos levasse ao hotel (mas que só Krishna poderia saber se chegaríamos)...

O choque do enfrentamento ao primeiro encontro, tudo aquilo que de pior imaginei, a singela amostra do que nos esperava dali por diante, não aconteceu. O que eu imaginara ruiu como um castelo de cartas. Nada poderia ser mais tranquilizador. Ter alguém confiável e amável esperando por nós à meia noite no aeroporto de Delhi foi perfeito, e desde que saímos do avião e entramos no carro nos fez pensar que toda a viagem poderia ser muito mais prazerosa do que supunhamos.

Chegamos a Índia - Que Lakshmi, Ganesh, Krishna e Parvati nos acompanhem ()**

“*Look at the elephant!*”, disse *Anil*, nosso motorista com aquele sotaque de *Peter Selers* interpretando em “Um convidado bem trapalhão” o indiano mais doido que Hollywood já viu (**). Parados num sinal de trânsito numa das largas, modernas ruas de Nova Delhi - a imponente Capital da Índia, porta de entrada para o Triângulo Dourado e o Rajastão - o solene paquiderme conduzido por um homenzinho passava a um dedo de distância da lataria do carro, quase raspando minha janela.

[foto à esquerda] “*Look at the elephant!*”. Delhi - Índia

Em Delhi - cidade de mais de 15 milhões de habitantes e o mesmo número de motos e riquixás - elefantes, camelos, porcos, gatos, cães, pombos, macacos, esquilos e vacas trafegam tão livres quanto carros, motos, bicicletas, carroças e gente, sem receio qualquer. Estávamos sendo apresentados à fascinante Capital da Índia no nosso primeiro dia na cidade.

O percurso noturno do aeroporto até o hotel, por vias suburbanas escuras ou parcialmente iluminadas, foi igualmente surpreendente, através da Nova Delhi, com suas avenidas largas e imponentes, não com o que eu imaginara ser um percurso do inferno ao paraíso.

[foto à esquerda] Nova Delhi: avenidas largas e imponentes. mas o bom mesmo é a Velha Delhi!

Todavia, diante do adiantado da noite e do cansaço da viagem, tudo o que queríamos era chegar ao hotel, tomarmos um banho, dormirmos pensarmos no dia seguinte para estarmos fisicamente preparados para conhecer Delhi, e que ela se revele tão digna de seu título: uma das mais antigas cidades do mundo.

[...]

The Imperial Hotel, Delhi, onde "Atithi Devo Bhava" (Hóspede é Deus)

Chegar à Índia e ir diretamente ao *The Imperial Hotel* é um prêmio, quase uma conquista. Alí já pressentíamos que as forças seriam renovadas com uma noite bem dormida, que a preparação para a manhã seguinte, a que inaugurava nosso primeiro passeio por Delhi.

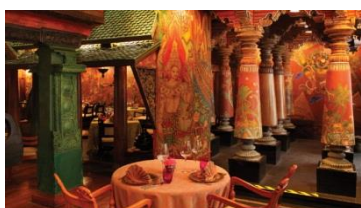
[foto à esquerda] *The Imperial Hotel, Nova Delhi - Heritage Room*

O *Imperial* não é apenas um dos melhores hotéis de luxo de Nova Delhi, mas também da Ásia, que detém uma seqüência impressionante de prêmios e de destaques. O que o define e o diferencia é o seu ambiente - nobre e antigo - cujo charme colonial e a maravilhosa ambientação o tornam não apenas um espetáculo de se estar, mas também de se ver. Um belíssimo edifício em estilo vitoriano construído em 1930, justamente a época da renovação da parte nova da cidade. Além de acomodações efetivamente luxuosas e equipadas, a riqueza e o patrimônio do hotel fazem dele um verdadeiro museu, cujo impressionante acervo de obras de arte e objetos históricos da Índia britânicificam espalhados pelo hotel, complementando sua decoração. O hotel fica a cerca de 40 minutos do aeroporto internacional, na área central de Nova Deli, próximo a Janpath e adjacente ao centro de artesanato do governo.

[...]

[foto à esquerda] **Em resumo, varandas com colunatas, gramados e palmeiras, pisos de mármore, móveis de jacarandá, confortos modernos, produtos de banho Fragonard, suítes bonitas e elegantes, obras de arte penduradas nas paredes, restaurantes fabulosos, comida asiática incrível, comida francesa, piscina incrível, lojas (a primeira Chanel da Índia) e tudo a poucos passos da Connaught Place.**

O *The Imperial* é uma verdadeira lenda que possibilita aos seus hóspedes terem uma experiência notável. Para além de um maravilhosa experiência, é um ensaio prático do conhecimento de alguns aspectos da história do país, seja pelo próprio edifício e sua arquitetura, seja pelo seu patrimônio, decoração, objetos históricos e artísticos, tudo emoldurado por uma sofisticada combinação de arquitetura vitoriana colonial e de elementos Art Deco. Os funcionários seguem uma premissa extremamente atraente: "Atithi Devo Bhava" (Hóspede é Deus). Segundo o *Lonely Planet INDIA* ([on line](#)), visitar o *The Imperial* é uma das "20 great things to do in Delhi" (*)



(*) "5. A trip through the doors of the [Imperial hotel](#) is like a voyage back into the days of the Raj, with polished hallways hung with chandeliers and works of art. Drink a G&T in its 1911 bar."

[...]

Essa característica de ambientar os cenários e personagens que narra, construindo uma trama que parece envolver as pessoas que leem, é encontrada nas narrativas de Ricardo Freire, que ainda coloca seu personagem ainda mais à vista do que de Arnaldo, apesar das mudanças percebidas em ambos os espaços. Desde os tempos em que o VnV era menos rentabilizado, com postagens apenas (ou quase que exclusivamente) de Ricardo Freire, e que Arnaldo (quase) nem se apresentava em suas narrativas, mantendo uma construção (praticamente) impessoal; aos tempos atuais em que o Ricardo conta com uma equipe para manutenção de seu espaço, com postagens de colaboradores e/ou outras patrocinadas, rentabilizadas, e que Arnaldo não somente se posiciona, como compartilha sentimentos, percepções das mais íntimas, e revela-se (em minha percepção) um grande inquisidor de sua própria performance sociocultural (cotidiana), no ciberespaço ou fora dele, no dia-a-dia ou afastado de seus relacionamentos cotidianos (de produção social), durante seus deslocamentos.

Conforme destacado na apresentação do VnV (cap. 3.1.1, p.57), a primeira série que Ricardo publica em seu espaço pessoal, ainda como blog, era sobre as reflexões anteriores e durante a consumação de sua viagem de volta ao mundo, em 2005; e nessas postagens já seria possível perceber essa característica (não desconsiderando que esse estilo de escrita já era utilizado em seus livros, como destacado na mesma apresentação), como na sequência de oito postagens em que narra sua chegada a Tóquio. Logo após se perguntar por onde começar (já se introduzindo na narrativa), apresenta uma outra personagem (a “velhinha japonesa”), dando pistas e detalhes a respeito dela e da situação, para que quem o leia, consiga imaginar (“vivenciar”, se aproximar) a cena que narra, como que romanceasse (enredasse, dramatizasse) sua própria experiência, valorizando alguns elementos da história que facilitem a exposição daquilo que lhe é significativo de exteriorizar, expressar. Que no caso era a dificuldade de entendimento entre duas línguas tão distintas, como da inglesa/francesa para a japonesa, como da portuguesa para a japonesa, que ela estava prestes a vivenciar. E assim segue na segunda postagem, refletindo sobre como estabelece relações com as cidades que visita, como se prepara para esses encontros, mas como “Tóquio [lhe] humilhou, [lhe] torturou, [lhe] espezinhou”. Apresentando mais algumas personagens (como sua sobrinha, Aninha, e o concierge), segue

informando a respeito das diferenças de linguagens e representações, no caso, de logística espacial, sem perder a conversa com a pessoa que lê, nem com a personagem ou situação que é narrada. A veia cômica de Ricardo Freire também pode ser evidenciada através dessa mesma narrativa¹³⁵, que fora dividida em oito postagens, em 2005.

Quarta-feira , 26 de Janeiro

Le dernier métôrô

(Ou: Cinderela japonesa à meia-noite vira cápsula)

TÓQUIO -- Por onde é que eu começo? Talvez pela velhinha japonesa que passou por mim para ir ao banheiro, antes do avião começar os procedimentos de aterrissagem em Tóquio. Eu estava de boabeira no fundo do avião, esticando as pernas, e ela veio, toda senhorinha e completamente japonesa, "Hai!", reverência, risinho envergonhado, enfim, um clichê ambulante a 11 mil metros de altitude. A velhinha passou por mim e então se pôs a analisar a porta do banheiro. Ela olhou, olhou, olhou para aquela rodinha em torno da maçaneta onde estava escrito VACANT, e não teve coragem de tentar abrir. E com razão. Se você analisar a palavra VACANT com os olhos de quem tenta decifrar um ideograma, você vai chegar à conclusão de que boa coisa aquilo não deve dizer. Esse V colocado ao lado de um V invertido e cortado por um tracinho; esse C vazio de tudo; esse T áspero e seco no final -- é lógico que o ideograma VACANT significa algo como tente mais tarde, minha senhora. Então ela se virou e olhou para mim -- e veja bem: ela olhou para mim não como quem pede ajuda, mas como quem pede desculpas por ter sido tão tola e ter chegado até ali perto, quando de longe dava para ver que estava escrito VACANT, e que VACANT quer dizer tente mais tarde minha senhora --, ela olhou para mim, envergonhadíssima, e já estava voltando resoluto para o seu lugar, quando eu gesticulei em japonês: "Hai!". (É muito fácil gesticular em japonês. Basta você fazer cara de japonês de comercial, emendar uma pequena reverência com a cabeça e dizer "Hai!". Gesticular em francês também é bico. Você faz cara de nojo, dá de ombros e solta um "Pffff!".) Eu gesticulei "Hai" e ela entendeu pelo ideograma do meu gesto que o banheiro estava livre, sim, bastava ela não ter medo daquelas seis letras estranhas em volta da maçaneta. Ela agradeceu, hai!, sei lá quê arigatô gozamaishítá, e então puxou a porta para fora, empurrou a porta para dentro e conseguiu entrar. Quando a velhinha desapareceu no banheiro, eu pensei: eu sou você amanhã. Não, não. Eu sou você daqui a pouquinho. (O famoso Efeito Kirin.)

Continua no post abaixo

Escrito por Ricardo Freire às 00h15

[\[8 passageiros\]](#)

Antes de mais nada, preciso dizer que eu sou muito mal-acostumado. Quando eu chego a um lugar, eu já pesquisei dois ou três guias, vasculhei meu arquivo de revistas, entrei na Internet, fiz meu dever de casa direitinho. Normalmente depois de 48 horas eu já manjo a cidade. No terceiro dia, eu chamo a cidade de você, e ela me chama de Mr. Freire. Tudo bem, eu sabia que Tóquio não seria tão fácil assim. Mas eu não poderia imaginar o tamanho do baile que eu levaria nos meus primeiros dias. Nas primeiras 48 horas -- as mesmas 48 horas que eu levo para me sentir em casa numa cidade -- Tóquio me humilhou, me torturou, me espezinhou. Tóquio só não me bateu porque um lutador de sumô não bate -- só derruba. Tudo bem: agora eu sei que não foi intencional. E que a culpa, no final das contas, foi minha.

¹³⁵ Extraído de http://viajenaviagem2.zip.net/arch2005-01-01_2005-01-31.html, acessado em 02/07/2012.

É o seguinte. Quando eu escrever uma matéria sobre Tóquio – e isso aqui, apesar do tamanho, não é uma matéria, são só anotações de serviço – vou colocar bem no começo, em negrito e sublinhado, para não passar despercebido: **não tente achar nenhum endereço específico em Tóquio**. Se não for um shopping, uma loja de departamentos, um templo ou um parque, não perca seu tempo nem desperdice sua paciência. Se o lugar não tiver um letreiro no velho e bom alfabeto romano, esqueça. Você não vai achar. A não ser que você tenha um concierge que escreva os seus endereços preciosos em japonês e um motorista de táxi que leve você até a porta. Fora isso, só mesmo se você, sei lá, tiver uma sobrinha que esteja aprendendo japonês e venha junto com você.

Eu tenho uma sobrinha que está aprendendo japonês, a Aninha. Ela começou pelo Pokémon, evoluiu para o mangá, entrou para um curso do consulado japonês de Porto Alegre e já estudou dois ou três anos, com ótimas notas. Só que a Aninha está na Escócia agora. Trazer a Aninha com a gente, porém, sairia mais barato do que ficar num hotel com concierge e só andar de táxi pra cima e pra baixo.

Não é só um problema de alfabeto. Os endereços japoneses são ainda mais indecifráveis que os ideogramas japoneses. Só as grandes avenidas têm nome – que, em termos de endereço, não servem para nada. Existe uma avenida chamada Meiji Dori, mas não existe um endereço como Meiji Dori, 100. O sistema é assim. Os bairros são subdivididos em pequenas regiões numeradas. Dentro de uma região, cada quarteirão tem seu número. Dentro de cada quadra, cada casa ou edifício tem o seu número também. Por exemplo: o endereço Shibuya 10-3-20 significa que o que você procura está na vigésima casa da terceira quadra da décima micro-região do distrito de Shibuya. Dizendo assim parece quase praticamente tipo assim superfácil. Só que nenhum desses números está visível em lugar nenhum.

(Fico pensando se o fato dos japoneses adorarem viajar em grupo não se deva a uma total incapacidade de entender o sistema ocidental de endereçamento. Como assim, Faria Lima com Rebouças? Qual é a lógica dessas duas avenidas fazerem esquina?)

A única maneira de você achar um endereço é se alguém informar o caminho passo a passo – desça na estação tal, peque a saída tal, agora está vendo um luminoso assim-assado? É pro lado oposto. Passe pelo banco, vire na segunda máquina de chá gelado, ache um letreiro verde e amarelo, e voilá: o restaurante é o terceiro da esquerda para a direita. O ideal-ideal mesmo é que toda essa explicação seja ilustrada por fotos. O meu hotel fez assim no site de, e por isso esse foi o único endereço que eu achei sem problemas.

Continua no post abaixo

Escrito por Ricardo Freire às 00h14

[[\(2\) passageiros](#)]

Ricardo segue narrando suas dificuldades em se encontrar nas ruas de Tóquio, enquanto tentava decifrar os ideogramas, mas em meio a isso segue informando a respeito das estruturas utilizadas por ele durante suas movimentações naquela cidade, como sua hospedagem e os sistemas de transporte (metrô e táxi, por exemplo). Na terceira e quarta postagem dessa narrativa, percebe-se essa continuidade no estilo de escrita, mesclando impressões e percepções pessoais, com informações objetivas, e bastante ironia. Mas também nos possibilita fortalecer a idéia de uma trama discursiva (enredo) dentro de suas narrativas, quando resgata a personagem que havia apresentado (“criado”) logo no início, para seguir construindo sua

própria narrativa, assim como a personagem que cria para si e acompanhante de viagem (nessa 3ª postagem), de *dekassegui-design*, que experienciaria por cinco dias. Além de ressaltar a validade da experiência, apesar de não corresponder com suas expectativas, volta a se posicionar como *dekassegui* em outros dois momentos da narrativa (na 5ª e 6ª postagem).

Ah, o nosso hotel. Por que todas as minhas fontes resolveram conspirar contra mim ao mesmo tempo? Peguei a dica do Andon Ryokan (www.andon.co.jp) numa Traveller, edição inglesa (normalmente mais bem informada do que a americana). Ryokans são hotéis ao estilo japonês – tatami em vez de camas, portas de correr, luminárias de papel. Quando são realmente tradicionais, os ryokans costumam caríssimos. Tóquio não tem nenhum ryokan tradicional – só um punhado de ryokanzinhos meia-boca que fazem as vezes de pensão.

O Andon Ryokan caiu nas graças da Traveller inglesa por ser um ryokan-design – um ryokan que até a Wallpaper acharia bacana, caso a Wallpaper se dispusesse a indicar hotéis de 78 dólares sem banheiro no quarto. Eu entrei no site e achei tudo legalzinho. Além do quê, estava querendo me hospedar em ryokans de verdade no interior do Japão – e precisava economizar na minha estada em Tóquio. 78 dólares por noite é só um pouquinho mais do que duas pessoas pagam num albergue em Tóquio. Um japonês que perca o trem e precise se hospedar num hotel-cápsula vai pagar quase a metade disso.

Eu deveria saber. Quando a esmola-design é muita, o santo-design desconfia. Por fora o ryokan é bárbaro: um predinho revestido por vidro fosco verde-água. À primeira vista parece uma pequena filial da DPZ em Tóquio. Só que uma pequena filial da DPZ em Tóquio teria salões, móveis da Forma, bicicletas do Petit e quadros do Zaragoza. Em lugar disso, o Andon Ryokan tem cubículos-design. Os quartos não chegam a ser cápsulas, mas são armários. Cada cubículo tem 1,69m de largura – eu sei porque medi com meu próprio corpo, e essa é a minha altura exata. Conheço alguns closets que dão quatro ou cinco desses. O problema nem é dormir num armário. Depois que você acostuma, fica até, digamos, aconchegante. O esquisito é chegar e sair. Nem a bicha mais indecisa do planeta entrou e saiu tanto do armário quanto eu nesses cinco dias.

Tudo bem. A Traveller inglesa me mandou para um armário-design. Mas um armário bem-localizado, um armário no fervo, um armário perto de tudo o que um hóspede-design procura? Nananina. A região do meu armário, Minowa, descrita no site do meu armário como "um pedaço ainda bucólico de Tóquio, onde se pode observar a vida como era antes", no meu guia sairia como um dos pedaços mais desoladores de Tóquio, onde se pode observar como pode ser triste a vida por aqui. Com exceção do parque de Ueno e do templo de Asakusa, nós estávamos a pelo menos 7 estações de distância de qualquer coisa com algum interesse na cidade.

Mas não seja por isso. Tudo é experiência, e eu estava tendo o privilégio de viver cinco dias como um *dekassegui*. Ou, vá lá, um *dekassegui-design*.

Continua no post abaixo

Escrito por Ricardo Freire às 00h13

[[\(0\) Viaje no comentário](#)]

Morar longe, contudo, tem uma vantagem. Eu posso ficar mais tempo dentro do paraíso para estrangeiros em Tóquio. O metrô.

No metrô e nos trens japoneses, tudo é inacreditavelmente bilíngüe. O nome das estações, o aviso do próximo trem no painel, a indicação do caminho para as baldeações e para as saídas -- está tudo transcodificado para o alfabeto romano. Ah, os romanos. Como eles podiam ser tão complicados com números mas tão geniais com letras? Como é que 26 letrinhas podem substituir 6 mil ideogramas? Decerto, não podem. Os japoneses devem olhar para esse emaranhado de caracteres, G-I-N-Z-A,

S-H-I-N-J-U-K-U, e char tudo vazio e sem significado. VACANT, como o banheiro do avião da vovozinha. Tente mais tarde, minha senhora.

Se não bastassem as placas, os avisos sonoros também são bilíngües. Por causa de meia-dúzia de estrangeiros, todos os milhões de usuários do metrô de Tóquio são obrigados a ouvir os anúncios das estações e das interligações com outras linhas em inglês também. Imagina ouvir no metrô de São Paulo: "next station, An-ran-ga-báu. Transfer to Dja-ba-kwa-rah Line". Graças a isso, basta passar meia hora no metrô para se ter a ilusão de que Tóquio é a cidade mais preocupada do mundo em fazer o estrangeiro não se perder. Trata-se de uma cilada, claro. É só emergir de qualquer estação que você não ter a mais remota idéia de para onde deve ir para achar o que quer que seja.

Continua no post abaixo

Escrito por Ricardo Freire às 00h12

[[\(2\) passageiros](#)]

Na quinta postagem, começa narrando como Tóquio desafiara sua lógica de reconhecimento de cidades que visita, pois depois das 48 horas que normalmente levaria para se achar numa cidade, foram necessárias para perceber que jamais se acharia em Tóquio. Que enquanto procurava um restaurante indicado por dois guias impressos que o ajudava, sem sucesso, teria percebido que não precisa “– nem ninguém precisa – experimentar o tempurá com o melhor custo benefício de Tóquio para gostar de Tóquio”. E assim formulado o seu “doravante clássico Postulado de Tóquio”, em que enumera algumas atrações da cidade que podem ser encontradas “na boca da estação” de metrô, e que proporcionaria (ofereceria) o “melhor custo x benefício para a sola do seu sapato”. Postulado que mudou sua vida, pois apesar de continuar um *dekassegui-design*, “podia entrar na mais fuleira birosca” que aparecesse pela sua frente, “sem dramas de consciência”. Demonstrando a possibilidade de alterações na percepção de uma pessoa, de seu roteiro e expectativas, ao longo da própria experiência, apesar do preparo que antecedeu o momento de viagem. Apesar de reconhecer a utilização de, pelo menos, dois guias para se preparar e consumir a viagem, a partir da própria vivência, reformula sua viagem, deixando de buscar “cegamente” o que os guias indicavam, mas dentro de sua nova lógica para aquela cidade, seu “postulado”.

Como eu já disse, aquelas 48 horas que eu normalmente levo para me achar numa cidade foram as 48 horas que eu levei para me dar conta de que jamais me acharia em Tóquio. A iluminação me sobreveio depois de quase duas horas perdidas em Shinjuku para achar um restaurante que dois guias diferentes -- o Time Out e o Eyewitness (editado no Brasil pela Publifolha) -- indicavam como o tempurá com o melhor custo x benefício de Tóquio. Diga-se a meu favor que havia uma diferença de duas quadras entre o mapa do Time Out e o do Eyewitness. Mas mesmo com o dobro de chances de achar o endereço correto, eu rodei, rodei, rodei uma eternidade e não achei a porra do cazzo do maldito infeliz tempurá com o melhor custo x benefício de Tóquio. Foi nesse momento que Buda, Confúcio e todas as divindades xintoístas me iluminaram,

e eu percebi que não preciso -- nem ninguém precisa -- experimentar o tempurá com o melhor custo x benefício de Tóquio para gostar de Tóquio. Eu saí do meu transe e me lembrei que rodar uma eternidade para achar qualquer coisa em qualquer lugar é o programa de pior custo x benefício de uma viagem. **[foto]**

Foi então que eu formulei o meu doravante clássico Postulado de Tóquio. Que diz o seguinte. Contentese em achar as coisas que podem ser encontradas na boca da estação. Ache as lojas de departamento de Ginza. Os edifícios modernos de Shinjuku. As teens fantasiadas de Harajuku. O boulevard de grifes de Omotosando a Aoyama. O cruzamento famoso de Shibuya. A putaria de Roppongi. O comércio moderninho de Dakanyama. É só emergir da estação, e você já achou o que procurava. Agora: na hora de comer, beber ou comprar, a portinha que chamar a sua atenção naquele instante vai oferecer o melhor custo x benefício para a sola do seu sapato. **[foto]**

Minha vida mudou depois do Postulado de Tóquio. Eu ainda vivia como um dekasegui-design, mas pelo menos podia entrar na mais fuleira birosca de udon (uma espécie de miojo para adultos) ou no primeiro sushi de esteira rolante que aparecesse na minha frente, sem dramas de consciência.

Continua no post abaixo

Escrito por Ricardo Freire às 00h11

[[\(0\) Viaje no comentário](#)]

Da mesma forma (mas quase que inversa?), na sexta postagem, relata que um programa gastronômico havia sido pensado antes do Postulado, motivado por “um dos cenários mais marcantes do filme ‘Encontros e Desencontros’, de Sofia Coppola”, além de oferecer uma boa vista da cidade, e servir como uma espécie de compensação pelo “armário-design” que estavam. Mas que com poucas horas de vivência em Tóquio os fizeram resignificar o próprio entendimento que tinham sobre o filme, revelando-o como “uma reportagem fiel e muito bem realizada sobre a incomunicabilidade entre uma cidade e seus visitantes”, fazendo com que a curiosidade pelo cenário de uma “história bobinha”, ter se tornado em uma peregrinação ao sítio que representaria toda a dificuldade que vivenciava durante a viagem. E, depois de relatar outro(s) desencontro(s) pelas ruas de Tóquio para encontrar o hotel em que estava o restaurante, e de comparar o “perdão, New York Grill”, a uma referência brasileira (paulista na), colocando-o como o que “deve ser o mais lindo Terraço Itália do planeta”, volta a seu personagem, mas desta vez como os “decasseguis mais bestas da História”.

Havia um programa gastronômico, no entanto, que já estava na pauta desde antes do Postulado de Tóquio. Queríamos jantar na cobertura do hotel Park Hyatt – um dos cenários mais marcantes do filme “Encontros e Desencontros”, de Sofia Coppola. Não só pela vista, nem tanto em busca de uma compensação pelo nosso armário-design – é que, depois de algumas horas em Tóquio, o filme tinha deixado de ser a história bobinha sobre o não-encontro entre um ator americano e uma garota mal-amada, e tinha se revelado uma reportagem fiel e muito bem realizada sobre a incomunicabilidade entre uma cidade e seus visitantes. Como consequência, o restaurante do Park Hyatt tinha deixado de ser uma curiosidade para se tornar, para nós, um sítio de peregrinação.

Liguei e consegui reserva para as 9 e meia – meio tarde, para Tóquio. Eram 9 e cinco quando colocamos pé para fora da saída Oeste da estação Shinjuku. Sabíamos que o Park Hyatt ficava pertinho dos prédios imensos da Prefeitura de Tóquio, numa zona de Shinjuku de baixa densidade, ahn, prediográfica. Ia ser bico achar o hotel. Era só seguir o mapa e procurar um luminoso, uma portaria, uma fila de táxis. Às 9 e vinte já tínhamos passado da Prefeitura, e nada de Hyatt. Andamos prum lado e pro outro. Só prédios de escritórios com andares e andares de luz fluorescente e portarias fechadas. Foi então que vimos uma ruela saindo pela lateral de um desses prédios e, nela, uma fila de táxis. Desesperados, perguntamos a um motorista pelo Park Hyatt. Ele apontou para o prédio em frente.

Por que a gente não tinha achado? Porque o letreiro erar discretíssimo. A entrada era pelos fundos do grande prédio de escritórios que tínhamos visto na avenida. Os primeiros 40 andares eram, de fato, escritórios. O Park Hyatt começava no 41º. andar. Caceta! Caralho! Putaquepariu! Nem o cazzo da porra de um hotel americano eu consigo achar nessa cidade!

Subimos. O restaurante fica no 52º. andar e se chama, perdão, New York Grill. Deve ser o mais lindo Terraço Itália do planeta. A vista do bar, para o lado de Shinjuku com mais arranha-céus, é mais bacana que a do restaurante. Mas como nos deram uma mesa bem na janela, não pudemos reclamar. Eu tinha levado comigo meu controle remoto, e depois da dificuldade em achar o hotel, não havia outra alternativa senão apertar o botão do foda-se. Não, não vou dizer quantas diárias do armário-design nós gastamos naquele jantar. Só vou dizer que comemos muito bem e nos sentimos os dekasseguis mais bestas da História.

Continua no post abaixo

Escrito por Ricardo Freire às 00h10

[[\(0\) Viaje no comentário](#)]

Para concluir sua narrativa sobre seus encontros e desencontros por Tóquio, não haveria de ser fácil o final, e então na sétima postagem começa a relatar como saíram do hotel/restaurante, e seguiram para o metrô para retornar ao *armário-design* em que se hospedavam, mas como o “que até alguns posts atrás era ‘o paraíso do estrangeiro em Tóquio’”, o metrô, deixou-lhes “na mão”, pelo término de suas operações ser diferente do que conheciam de outros metrôs, como o de Paris, em “que o último metrô vai necessariamente até o fim da linha”. E assim, termina a sétima postagem pegando um táxi, que serve de cenário para a oitava e última postagem dessa seqüência. Em que além de novamente referenciar o estado em que nasceu, mesmo que pejorativamente (negativamente), e a cena com a “velhinha japonesa”, relata sua felicidade ao perceber que “o japonês também não tinha conseguido entender um rele mapinha”, apesar de tê-lo empobrecido.

Eu só comecei a avaliar o tamanho da encrenca quando o taxímetro já marcava 30 dólares, mas as placas de trânsito ainda falavam de bairros com nomes de estações bem distantes da nossa. Aos 50 dólares, aquilo começou a doer. Porque a gente não estava indo para o Four Seasons nem para o aeroporto pegar um avião em cima da hora: a gente estava indo para um armário em Diadema. Lá pelos 60 dólares aconteceu

algo engraçado (sim, àquela altura eu já estava achando graça): era uma e cinco da madrugada, e o trânsito parou. Obras.

Perto dos 70 dólares, avistamos um luminoso com o nome de nossa estação: Minowa. Só que não era essa a avenida que a gente conhecia. E como acharíamos a nossa saída, se a estação estava fechada? Em pânico de ter que pagar 70 dólares para ficar num lugar desconhecido de Tóquio, me lembrei que tinha comigo um cartãozinho com o mapa do armário. O mapa usava o alfabeto romano, mas se eu apontasse a estação e o hotel, o motorista não teria como não achar. Aproveitei o trânsito parado e dei o cartão para o motorista. Ele olhou. E olhou. E olhou. Eu pensava: VACANT. VACANT. VACANT. Passe mais tarde, minha senhora.

Então o táxi andou mais um pouco e virou na avenida seguinte. Alú“io. Era a nossa avenida. Daqui já sabíamos chegar a pé. Mas por 73 dólares eu quero mais é ser deixado na porta de casa, concorda? O motorista andou mais um pouco e, por contingência de trânsito, chegou ao nosso quarteirão pelo lado oposto ao que chegávamos a pé. Então ele parou numa bifurcação. Nós também não sabíamos dizer qual das duas ruelas era a certa -- mas tudo bem, a gente podia descer ali, se não fosse uma seria a outra. Antes que pudéssemos falar isso (em gestês, claro), no entanto, o motorista deu uma guinada -- e se mandou para o lado totalmente oposto ao nosso armário. Ei! Pára! Stop! No! -- nós gritamos.

Demorou quase uma quadra para o motorista decifrar o ideograma do volume de nossos apelos. Quando ele parou, o taxímetro marcava 7.540 yens. 75 dólares. Eu estava empobrecido, porém realizado. O JAPONÊS TAMBÉM NÃO TINHA CONSEGUIDO ENTENDER UM RELES MAPINHA! Foi a glória. Sem dúvida, foram os 75 dólares mais bem empregados de toda a viagem. **[foto]**

Escrito por Ricardo Freire às 00h08

[[\(10\) passageiros](#)]

Apesar de reforçar a dificuldade de se encontrar em Tóquio, de forma geral, parece reforçar os seus fluxos de viagem como mais representativos para a significância dessa viagem do que propriamente os lugares, fixos, em si, para o que lhe foi significativo de expressar. Sejam eles, os fluxos de seus pensamentos que mudaram após as 48 horas iniciais, ou os próprios deslocamentos físicos que levaram a essa alteração de percepção, como as outras mudanças ocorridas durante a própria vivência (de percepção do que seria melhor custo x benefício, e o que representaria aquele cenário do filme). Outra passagem que parece reforçar a sobreposição dos fluxos aos fixos, que o inverso, seria do Ricardo Freire, mas escrita bem antes (e há mais de anos antes daquela apresentação de Fred), e foi impresso, não virtual. Em outro capítulo do livro “Viaje na Viagem”, Ricardo questiona a possibilidade de alguém poder ditar ou saber, o quanto outra pessoa deveria dispendir (em tempo, disposição e dinheiro) para conhecer (ou achar que) algum lugar, defendendo que somente a própria pessoa poderia saber o quanto lhe satisfaria.

QUEM SOMOS? PARA ONDE VAMOS? E, PRINCIPALMENTE: QUANTOS PAÍSES NUMA MESMA VIAGEM?

E com vocês, existencialismo para turistas.

Trazemos em nossa memória genética o instinto nômade do homem pré-histórico, que se deslocava pela Terra em busca de comida (não é por acaso que hoje a França é o país mais visitado do mundo). Em algum momento a invenção da agricultura sossegou o homem no seu canto, mudando a história da espécie e atrasando em milhares de anos a revolução industrial do turismo. No entanto, fatores novos – como catástrofes naturais, guerras mundiais e cartões de crédito vinculados a programas de milhagem – acabaram provocando novamente grandes deslocamentos de massa por todo o planeta, trazendo à tona a questão fundamental do *Homo turisticus*: quantos lugares se pode – ou pega bem – conhecer numa mesma viagem?

Eu costumo responder a esta questão com outras perguntas igualmente profundas e relevantes para o destino da humanidade:

- Quantas cantoras diferentes podem ser gravadas numa mesma fita cassete?
- Quantos canais de TV é sensato zapear numa mesma noite?
- Quantos pretinhos básicos você deve ter no seu guarda-roupa?
- É possível torcer para um time em cada Estado?
- Preciso ler o jornal de domingo inteiro ou posso ficar só no esporte e segundo caderno que tudo bem?

Os turisticamente corretos são unânimes em recomendar: vá para um lugar só e fique o máximo de tempo que puder. Pare. Veja. Sinta. Absorva. Reflita. Medite. Observe. Aprenda. Critique. Explore. Faça imersão total. Não se contente em ser um turista. ‘Vivencie’ o lugar como um ‘nativo’.

Eu digo: **vá a tantos lugares quanto for confortável para você e fique o tempo que durar o encanto que cada lugar exerça sobre você.**

E não se preocupe com essa maluquice de não querer parecer um turista. *Você sempre vai parecer um turista.* Mesmo que você se mudasse para o lugar que está conhecendo, ainda assim ia demorar alguns anos para que confundissem você com um nativo. (Imagine um gaúcho que tenha ido morar em Salvador.) Por favor, só não seja um turista desinformado. O turista desinformado, este sim, só cai em armadilhas para turistas desinformados e acaba comprometendo a imagem de todos os viajantes.

[...]

Já os turistas bem informados – e o objetivo deste livro é fazer você se tornar um deles – podem aproveitar as cidades muito mais do que os habitantes locais. Até porque os turistas bem informados, ao contrário dos habitantes locais, *aproveitam* as cidades. (Se você se lembrar da última vez que foi a um restaurante novo ou a uma exposição badalada na cidade onde mora, provavelmente vai ver que foi por causa de alguém que estava visitando você.) Não acredite nos que dizem que você deve viajar e tentar viver como uma pessoa comum. Você não é uma pessoa comum: você é uma pessoa em férias. Você comprou sua alforria temporária e pagou muito caro por ela. Não tenha remorsos de, em Roma, fazer melhor do que os romanos.

(Parêntesis: ser um cidadão expatriado gozando temporariamente os benefícios da Lei Áurea não significa deixar de se sujeitar às normas da boa educação. Não embarque sem ler o capítulo “Etiqueta não tem preço”.)

[...]

As quatro viagens são completamente diferentes, mas todas fazem sentido. É evidente que o guloso que percorrer um continente e meio em duas semanas vai se cansar bem mais do que o comedido que ficar 15 dias sem trocar de hotel, mas todos eles – a seu modo, no seu ritmo e segundo as suas prioridades – terão saciado seu tipo particular de fome turística. Lembra-se do nômade pré-histórico que se deslocava em busca de comida? Pois cada um desses viajantes selecionou os ingredientes, montou seu cardápio e decidiu o ritual de sua refeição.

Os próximos capítulos procuram classificar as formas de viajar segundo o tipo e o tamanho do apetite do viajante – com dicas para você extrair o máximo de nutrientes de cada uma delas e ter a melhor digestão possível.

Bon appétit.

Sinta-se em casa e divirta-se conosco.

Nesta narrativa de seu livro (de sua forma dialógica), Ricardo é categórico em afirmar: “vá a tantos lugares quanto for confortável para você e fique o tempo que durar o encanto que

cada lugar exerça sobre você”. Ele segue dialogando que seria mais válido ser um turista informado, despreocupado em parecer um turista, afinal “*você sempre vai parecer um turista*”, do que um turista desinformado, que “acaba comprometendo a imagem de todos os viajantes”. E ainda expressa sua discordância com os que afirmam que “você deve viajar e tentar viver como uma pessoa comum”, afinal “você comprou sua alforria temporária e pagou muito caro por ela”, e, sem remorsos, mas educadamente, pode “aproveitar muito mais as cidades do que os habitantes locais”. Dando a entender, na sequência, que para ele todas as viagens fazem sentido, às pessoas que as realizam. Afinal, as pessoas, “a seu modo, no seu ritmo e segundo as suas prioridades”, “terão saciado seu tipo particular de fome turística”, pois “cada um desses viajantes selecionou os ingredientes, montou seu cardápio e decidiu o ritual de sua refeição”. Parecendo reforçar o entendimento da experiência turística como um processo singular, em que a pessoa “alforriada” (ou, distante de suas convenções e obrigações socioculturais?) é que saberia o “tipo e o tamanho do apetite”, ou a relação espaço-temporal que espera vivenciar, e que vivenciará, durante a degustação de seus deslocamentos, ou consumação de suas viagens.

Arnaldo é outro que demonstra sua própria percepção e preocupação quanto sua representação social enquanto viaja, e a complexa abordagem que haveria de se levar em conta para tentar compreendê-la. Desafiando a dualidade (que diz existir), entre os entendimentos das palavras turista e viajante, lança a pergunta no título de sua postagem¹³⁶, em 11/04/2009, respondida por uma curta afirmação logo no início, e desenrolada (desenvolvida) por uma profunda reflexão pessoal:



[Somos turistas ou viajantes?](#)

Posted on 04-11-2009 by [Arnaldo Interata](#) | [40 Comments](#)

[foto à esquerda]

Não importa como classificam os que viajam: "turistas" ou "viajantes", somos todos UM.

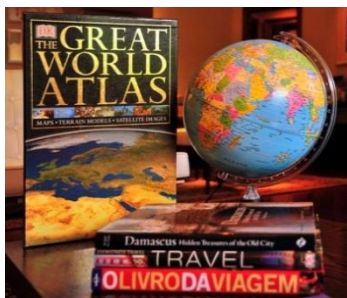
(somos únicos, assim como o pombo acima que olha pra um turista (eu) que o fotografa em Valleta, Malta)

[foto à esquerda] Turista (eu) fotografando o pombo acima

É comum que alguns seres humanos classifiquem outros seres humanos segundo os diferentes modos de conduta social de cada grupo. Nada de errado.



¹³⁶ Extraída de <http://interata.squarespace.com/jornal-de-viagem/2009/4/11/somos-turistas-ou-viajantes.html>, acessado em 02/07/2012.



Acontece que nem sempre o intuito de enquadrar e definir pessoas segundo seu comportamento se justifica. Pior, frequentemente cria estereótipos e esbanja superficialidades.

Classificar a complexidade humana em apenas duas categorias - seja lá em que gênero for - quase sempre dá nisso.

Há, todavia, um tipo específico de classificação que me interessa discorrer: são os "turistas" e os "viajantes", aqueles estereótipos criados pela sócio-antropologia, aquela que define o ser humano em viagem segundo seu comportamento e atitudes e opõe o caráter do turista ao do viajante, resumidamente atribuindo ao primeiro o título "de massa" e ao segundo o de "individual". E de sobra ainda distingue fortemente "viagem" de "turismo". [foto à esquerda]

Um dos autores mais citados na produção acadêmica sobre turismo é *Malcolm Crick*, um estudioso que escreveu que a literatura sobre viagens do século XIX retrata uma "viagem" como sendo uma "experiência restrita e valorizada". Já os relatos do século XX, ao contrário, descrevem o "turismo" como "de massa", classificando-os como uma "descendência degenerada" da "viagem".

De acordo com o autor, essa "inferiorização" (aspas minhas) se reitera em parte da produção acadêmica, na qual se assinala a conexão etimológica do termo viajar (*travelling*) com a noção de trabalho (*travail*), enquanto no turismo o indivíduo almeja a passividade, não a atividade. Sentido faz.

"Turistas procuram na cultura local aquilo que se ajuste às suas necessidades.", está é uma das definições mais comuns ao "turista". Segundo o personagem *Port* - em "O céu que nos protege", de *Bertolucci*, (1) - "o turista pensa em voltar para casa assim que chega". O turista é tido invariavelmente como aquele que desembarca de um ônibus turístico de dois andares com ar condicionado, compra *souvenir* em lojas turísticas, anda em grupo, carrega câmeras filmadora e fotográfica, usa roupa de turista (camisa florida, chapéu de safari e chinelos com meia), carrega mapas, come no *McDonalds*, não se esforça em falar palavras no idioma local e jamais se senta ao lado de um local, mas sempre com seus "semelhantes". Faz sentido.

[foto à esquerda] *Os ônibus "não turísticos" de Malta são os mais turísticos do Mundo*

No espetacular filme de Bertolucci, os personagens *Kit* e *Port* buscam na vastidão do Saara um sentido para suas vidas, novas experiências na esperança de reconstruir as suas próprias vidas e, com isso, salvar um casamento de dez anos, em crise. Daí, o casal não se considera turista, mas viajante. Diferentemente, o amigo *Turner* se considera um turista, pois não vê a hora de retornar para casa.

[foto à esquerda] *Turístico turista (eu de novo) bem típico*

Pode ser. Mas se aceitarmos essa distinção entre "viagem" e "turismo" como algo estabelecido, por certo o assunto se encerra e não cabem discussões.

Todavia eu acredito que tal classificação adquire conotações bem mais amplas e particulares, que ela vai muito além da oposição entre o caráter individual vinculado à viagem e o caráter de massa atribuído ao turismo.

Creio mesmo que deveria haver ao menos duas novas categorias a somarem-se à dos "viajantes" e dos "turistas", a dos "turisjantes" e a dos "viajistas", o que decerto além ampliar o espectro aceitaria que uns podem encerrar características de outros. Eu mesmo frequentemente me enquadraria em todas as quatro.

Pessoas são diferentes. E em viagens não fogem à regra. Os espertos tentam categorizar os seres humanos em viagens em apenas duas espécies: a de pessoas "viajantes" e pessoas "turistas". Baseadas fundamentalmente na maneira como elas se comportam em viagens. É algo que vejo como uma tentativa de enquadrar o universo em um cubo e colocá-lo sobre a mesa.



Sem dúvidas é possível não apenas definir como classificar grupos humanos, contudo é definitivamente impossível encarar a complexidade dos seres humanos e seu comportamento social de maneira tão simplista e ter sucesso. O resultado disso serve apenas para gerar discussão e criar estereótipos. **[foto à esquerda]** *Os ônibus turísticos de Barcelona são uma forma econômica de circular que viajantes dispõem para conhecer os pontos turísticos da cidade*

Os estereótipos "turistas" e "viajantes" são assim definidos: de um lado, os "turistas" seriam aqueles que esperam que suas viagens sejam o mais parecidas com seu jeito de viver, aqueles que tendem a levar a casa nas malas, que preferem não ter que tomar decisões no destino, para quem as variações inesperadas tendem a ser mais estressantes do que o normal. Frequentemente são aqueles que se encontram nos resorts bacanas cuja estrutura é tão completa que não precisam sair deles. Ou as que optam incondicionalmente por viagens em grupos. Seriam os típicos viajantes de excursão. Turistas viajariam por ociosidade. Faz sentido.

[foto à esquerda] *Pessoas são diferentes ou não são? Crianças Pataxós na Praia do Espelho - Bahia*

Do outro lado estão os "viajantes", aqueles com espírito mais aventureiro, os que procuram situações novas e mergulham mais profundamente na cultura local. São os que viajam com maior autonomia e optam por comer em lugares mais comuns aos locais, não turísticos, os que invariavelmente usam transportes públicos e evitam grupos. Faz sentido. **[foto à esquerda]**

Viajantes aceitam e se ajustam à cultura local da melhor maneira possível. Segundo o personagem Kit, do mesmo filme, "o viajante pode nem voltar". Estes esforçam-se para comunicarem-se no idioma do país que visitam, sentam-se ao lado dos locais e comem sua comida. Tiram fotos discretamente e não usam guias locais, consultam seus guias de viagens. Viajantes viajariam por curiosidade. **[foto à esquerda]**

OK, as definições correspondem à realidade, não se pode negar. Mas todos nós nos identificamos com um pouco de ambas as classes, certo? Portanto, não podemos ser classificados apenas como "viajantes" ou "turistas", já que frequentemente podemos nos comportar como um e como outro, até mesmo durante uma mesma viagem.

A maior parte das pessoas em viagem foi, é ou será um pouco "turista" e um pouco "viajante". Todos acharão que há algo de "errado" em ambas as categorias, que não se enquadram na sua categoria, mas igualmente todos se identificarão com algumas de ambas. Não há nada de errado em nenhuma delas, ainda que eu alguém se identifique mais com uma ou outra categoria.

Por vezes me sinto mais "viajante" do que "turista", noutras me enquadrando em ambas. *No problem!* Sem preconceito. Sou turista tanto quanto sou viajante.

Numa viagem de conhecimento, fundamentalmente me considero um turista: com câmera, mapa e tudo mais o que caracteriza um visitante num país estrangeiro ou noutra cidade que não a minha.

Em viagem de conhecimento e exploração, não é porque pegamos um ônibus turístico com ar condicionado que devemos nos sentir "menos" viajantes do que qualquer outra pessoa. Você foi lá tanto quanto ela, somos todos visitantes.

O que nos difere fundamental e incontestavelmente é: disponibilidade financeira, modo de vida, idade, grau de aceitação de desconforto, aptidões físicas, saúde, capacidade de locomoção, grau de medo, despreparo e desconhecimento. Certamente o leitor encontrará outras tantas e as registrará na caixa de comentários.

[foto à esquerda] *Ruas e janelas de Valletta - Malta (vistas sob a ótica fotográfica de um turista comum: eu)*

Eu jamais viajaria o mundo com uma gigantesca mochila nas costas aos 57 anos de idade, mas já fiz isso algumas vezes aos 18, não pelo mundo, mas pelo Brasil. Valeu muito, mas apenas naquela época poderia ter valido, hoje seria um programa insuportável. A maioria das pessoas tem um certo padrão de conforto e de exigência que determina até onde está disposto a se submeter, e tais padrões diferem

grandemente, o que nos aproxima de sermos mais ou menos turistas, mais ou menos viajantes. Não obstante, todo viajante deva ter alguns graus a mais de tolerância e complacência do que tem em sua casa, combinado com uma boa dose de senso comum e ótima dose de senso de humor. **[foto à esquerda]**

Não se pode definir que apenas o "viajante individual" viaja com autenticidade e que o "turista" não tem essa experiência, ainda que seja verdade que o "turista" tende a cumprir uma programação previamente definida por agentes, cujo roteiro é escolhido pelo viajante segundo suas possibilidades financeiras e pessoais.

Será que não é possível haver turistas que viajam por curiosidade e viajantes que viajam por ociosidade? Não será possível aceitarmos que para além de turistas e viajantes haja outras classes? Será que apenas turistas têm poder aquisitivo para desfrutar de conforto e segurança, desejo de planejar para que riscos de erros se minimizem? Será que todas as pessoas que pertencem à elite financeira que faz turismo é necessariamente turista, não pode ser viajante? Será que viajantes não podem ser turistas ocasionalmente, e vice-versa? Será que apenas viajantes sentem o prazer da descoberta, o encantamento da novidade, a alegria do inesperado?

Eu sou turista, viajante, turisjante e viajista! E você?

Boas viagens, que é o que interessa!

Muito já se escreveu sobre o tema. Abaixo, algumas boas matérias sobre ele:

Paul Theroux: "Se você não está sofrendo de verdade, então você não está viajando"

Ricardo Freire - 23/01/2009 em Viaje na Viagem http://viajeaqui.abril.com.br/blog/143345_comentarios.shtml?1311328

Viajantes contra Turistas Concierge - O turista razoável http://viajeaqui.abril.com.br/vt/materias/vt_materia_418026.shtml

Evoluindo de turista para viajante, uma mudança necessária - Jul/05 Revista Turismo <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/viajante.html>

Turista ou viajante? Vida de Equilibrista

<http://equilibristas.wordpress.com/2008/10/30/turista-ou-viajante/>

Turista ou viajante? Eis a questão... Coisa Parecida

<http://coisaparecida.blogspot.com/2009/02/turistas-e-viajantes.html>

Turistas ou Viajantes? O Estado de S.Paulo – Caderno Viagem - 31 de julho de 2007

http://www.estadao.com.br/suplementos/not_sup27343.0.htm

Turistas & Viajantes Pelo Mundo – Mari Campos

<http://pelo-mundo.blogspot.com/2007/08/turistas-viajantes.html> Não

Não sou turista, sou viajante – Overmundo

<http://www.overmundo.com.br/overblog/nao-sou-turista-sou-viajante>

Terminaria aqui, ressaltando esses questionamentos pessoais de Arnaldo, para reforçar a idéia de que somente a pessoa que saberá o que está experienciando, e, portanto, poderá expressar seu entendimento perante as realidades por quais se deslocar. Mas o próprio Arnaldo lançou uma nova narrativa em seu espaço, recentemente, que de certa forma, além de explorar essa questão, parece conseguir abarcar outros questionamentos aqui levantados, como a

temporalidade dessa(s) experiência(s), e de suas expressões; a busca pela melhor forma de expressar aquilo que lhe foi significativo; e as relações das pessoas com e no ciberespaço; explorando, até mesmo, a relação entre viver e viajar. E sem ambição de colocar um ponto final nas discussões levantadas, mas algumas reticências, finalizo esta tentativa de leitura sobre suas expressões, com a íntegra desta narrativa¹³⁷, seguida de seus comentários, em que pode se perceber a relação de amizade e influências, como apoio aos pensamentos de Arnaldo:

[Viver é bom. Viajar também!](#)

Posted on 07-17-2012 by  [Arnaldo Interata](#) |  [6 Comments](#)

REFLEXÕES da vida e viagens de um viajante vivo

EU não sou um homem simples, mas ando com muita vontade de ser, ao menos bem mais do que tenho sido. Simplicidade é algo admirável, bacana mesmo. É como um presente que devemos dar a nós mesmos em certas fases da vida. Percebo que a vontade chega com a maturidade. Seu exercício pode trazer de volta o que perdemos no dia a dia ao complicarmos as coisas mais simples e essenciais, tais como caminhar, comer, dormir, ouvir, rir, observar e compartilhar o que vimos e sentimos.

TENHO percebido um verdadeiro prazer em potencializar a simplicidade, simplesmente identificando **onde** e **como** complicamos as coisas. Isso nos rejuvenesce. E tem acendido minha mente. Simplicidade pressupõe crer que separando o que é complexo em partes, encontramos os elementos simples de todas as coisas. Ou que é preciso separar as partes para entender o todo. Ou, ainda - como definem filósofos e cientistas -, que o microscópico é simples, que a falta de simplicidade pode prejudicar a compreensão plena de tudo, especialmente no plano social, comportamental, cultural. Faz parte desta perspectiva minha relação com o blog e com a Internet.

ME permita, exemplificar, caro leitor. Ando meio desligado. Da Internet. Na proporção e direção inversas, minha vontade de escrever só aumenta. Sei que faço um blog pra quem gosta de ler. E de ler bem **mais** do que os 140 caracteres do *Twitter*. E que não escrevo para quem gosta de ver figurinhas e ler textinhos. E adoro que me reconheçam assim. Já andei falando nisso aqui. Muitas vezes. Aliás, não tenho falado noutra coisa: que passei a régua no *Twitter* - o site de relacionamento mais "Ilha de Caras" de toda a Internet - o paraíso das frivolidades, superficialidades, banalidades e cafones. No âmbito dos temas relacionados às viagens e turismo, cansei de postagens completamente inúteis tais como "estou no taxi pro aeroporto". Muita gente boa tornou-se chatíssima ao tentar obrigar-se a produzir algo interessante em 140 caracteres. E a cada cinco minutos, pra ter seus segundos de fama no *Twitter*. Ando desgostando até mesmo da vida inteligente na Internet. A dedicação excessiva à virtualidade é o mal do século. E nos torna uns chatos. Eu acordei pra isso faz tempo, mas ainda tento deixar de ser chato falando nisso.

DIA desses li uma matéria no Yahoo, cujo título resumia em si o que penso dos vícios da dedicação excessiva à Internet, sobretudo da hiper-exposição pessoal nas redes sociais: "**Charlie Sheen usava o Twitter durante o sexo, diz ex-namorada**". *Charlie Sheen* era tão viciado no *Twitter* que postava na rede social até mesmo enquanto estava transando, revelou *Bree Olson*, ex-namorada do ator. A atriz pornô fez a revelação ao jornal "New York Post", um dia depois do ator ter encerrado sua conta no microblog.

TAMBÉM sei que não ando escrevendo aqueles *posts* "lindos-pra-chamar-de-seu", caro leitor. E que tampouco ando satisfazendo-o em suas

¹³⁷ Extraída de <http://interata.squarespace.com/jornal-de-viagem/2012/7/17/viver-e-bom-viajar-tambem.html>, acessada em 30/07/2012.

expectativas. Nem lindos, nem pra chamar de seu. E para piorar as coisas (pro lado do leitor), sem uma foto sequer. Eram cerca 60 em cada matéria. Já cheguei a publicar 90 fotos numa só. Lamento muito a desfeita com os leitores que consegui. E com o nome do blog também. Reconheço que abri um campo vasto para reclamações do tipo “E aí? Agora são apenas fatos? E as fotos?”

BEM, leitor, são perguntas assim que têm me levado a refletir sobre o tema. Meus pensamentos sobre o assunto têm me levado a verdadeiras tormentas cerebrais, coisa típica de seres cerebrotônicos, com larga predominância das atividades intelectuais sobre as físicas, do pensamento sobre a ação. Nesta fase de aparente abandono, de textos sem fotos, ando pensando numa alternativa para manter o blog vivo, a despeito de todo meu desejo contrário. E por quê? O que me faz dedicar um derradeiro esforço para mantê-lo? Provavelmente uma homenagem à minoria que comenta.

NOOUTRO dia uma leitora escreveu na caixa de comentários sobre minhas **fotografias**, “*Suas fotografias são simplesmente sensacionais! Parabéns pelo blog. Se vc não tiver tempo para escrever, nunca deixe de postar as fotos de suas viagens, elas falam por si!*”. Um outro leitor também escreveu, desta vez sobre os **textos**, “*Sempre surpreendendo. Gostei do texto, porque deu uma "sacodida" aqui no BLOG*”. É impossível não levar em conta tamanha simpatia, gentileza e consideração.

A respeito da possibilidade de encerramento do blog tenho ouvido de alguns amigos presenciais, familiares e leitores que formam o conjunto de 3 mil indivíduos que visitam o blog diariamente, que o fim do **Fatos & Fotos de Viagens** seria uma grande perda para o ambiente virtual relacionado às viagens. Alguns até afirmam que não tenho noção de sua verdadeira dimensão, de sua importância, do patrimônio que ele representa. Eu sei das coisas, especialmente que a gente deve considerar (e aceitar) que os fãs sempre exageram, que são extremamente parciais, e que dois terços do que dizem não é relevante, nem mesmo significativo, a não ser para o ego de quem ouve. Ainda assim, agradeço.

PARA que o leitor não ache que é apenas preguiça, vamos lá: **preciso** explicar o trabalhão que dá pra manter o **Fatos & Fotos de Viagens** nos moldes atuais (com capricho). Escrever jamais foi sacrifício, mesmo que eu o faça sob um rígido compromisso com a qualidade (ainda que muito distante dela para o meu gosto), e sobretudo para que o resultado seja útil, tenha conteúdo inspirador, seja cuidadoso e interessante, atraente e divertido, sobretudo que faça o leitor pensar por si, motivá-lo a conhecer um destino, inspirá-lo a comprar um bom guia de viagens e seguir seu rumo.

UMA idéia de todo o trabalho a que me refiro: cada foto publicada recebe ao menos cinco ou seis correções. São reparos fundamentais para que eu mesmo as classifique como “publicáveis”. São correção elementares no contraste e no brilho, a redução de tamanho para caber no blog e cortes e reenquadramentos. Também há algumas mais complexas: atenuação de sombras, correção de perspectivas e distorções harmônicas provocadas pelas lentes grande angulares. Ainda que elementares, são intervenções que não vejo nem mesmo em blogs de fotógrafos profissionais. Eu, que sou amador, jamais publicaria sem elas, para não ser mais um a contribuir para a profusão de fotos com horizontes inclinados, com prédios caindo, fachadas distorcidas e fotos super ou sub-expostas. Isso sem falar nas fotos mal enquadradas e nas composições mal feitas que nenhum fotógrafo profissional poderia permitir-se.

TÁ aqui um exemplo sem e com intervenções:

SEM intervenção:

COM intervenção:



VOLTANDO ao trabalho, todo ele só ocorre depois de uma seleção entre duas a três mil fotos que trago de cada viagem. Não consigo contabilizar o tempo e o trabalho que dá inserir **cada uma** das 60 a 90 fotos por vez, e posicioná-la corretamente no lugar escolhido no corpo do texto. Segundo o Dicionário Aulete, a isto chama-se “diagramação” (*), ou a “disposição gráfica do que fará parte de uma publicação (texto, ilustrações, legendas, etc.), tomando por base a programação visual”.

OUTRA idéia do trabalho que dá isso aqui é: pode parecer pretensioso (e tem tudo para ser), mas o leitor atento já deve perceber que eu sigo regras próprias de diagramação (*). Sim, eu tenho meu próprio "Manual de Redação e Diagramação", ainda que elementaríssimo.

E o que isso significa? Ter roteiros para a publicação de qualquer coisa no blog. Ele vai da escolha da fonte e de suas dimensões até a escrita de palavras estrangeiras em *itálico*, das seis primeiras de cada parágrafo em **negrito**, da primeira palavra em **MAIÚSCULA**, da colocação de legendas em corpo menor do que o do texto, assim como das notas de roda-pé. Enfim **texto e fotos** obedecem a padrões pré-definidos, relativamente complexos, mas extremamente trabalhosos. E tudo o que aqui publico só ocorre depois de eu checar **todas** as informações obtidas em pesquisas na Internet, livros, guias ou informalmente, de confrontá-las com o que **eu** mesmo presenciei, equilibrando informações que qualquer um consegue na Internet com o que vi e assimilei, na tentativa de publicar um texto pessoal inspirador, evitando a todo custo opiniões pretensiosas, que não correspondam à realidade ou, ainda, que prevaleçam sobre a do leitor e sua capacidade de depreender.

ALGUM tempo atrás contratei uma revisora, à qual pagava algum dinheiro para corrigir os textos que publicava aqui, e só depois disso é que compreendi o quanto a gente escreve mal. "Gente", significa "eu". Todavia, jamais produzi coisas no estilo "copiar-colar" textos da Wikipédia, tampouco publiquei nada apenas para constar, para figurar, fazer número e manter o blog ativo. Tento escrever textos confiáveis e não impositivos, pessoais mas sem vaidades, que invadam a mente do leitor e o faça inspirar-se. Ainda assim, com todo esse cuidado, ainda erro.

RECLAMO do trabalho? Absolutamente. Não mesmo. É um prazer pessoal. Trabalho arduamente há mais de 40 anos. E sempre fui muito focado em qualidade e coisas boas, ainda que navegue na contra-mão da realidade: boa parte parece muito mais preocupada com ganhar dinheiro com blogs do que ganhar qualidade. A moda agora é querer viabilizar ganhar dinheiro com blog de viagem, ainda que seja necessário puxar o saco da indústria turística, de aviação e hoteleira. Todos os que assim pensam escrevem sobre destinos batidos e basiquinhos. E não se preocupam com inspiração, cuidados elementares, qualidade visual, personalidade. Tornam-se páginas feias, poluídas e excessivamente carregadas de alegorias e adereços propagandísticos e comerciais. Todos parecem querer ser mais uma Viagem & Turismo no mercado, ainda que muitos tivessem potencial para serem uma "Volta ao Mundo" ou uma "Rotas & Destinos".

PARA quem se preocupa com fazer direito, produzir fotos boas, cuidar da escrita, diagramar o texto com capricho, formatar sua estética e conteúdo, tudo isso é um verdadeiro desestímulo. Ainda assim, tenho prontinhas um monte de matérias esperando apenas a publicação, dependentes só da seleção de fotos e de subí-las ao blog. Se as irei publicar, ninguém sabe:

Nepal - A Katmandu do Século 21; **Tailândia** - Bangkok - Imensos e intensos prazeres; **Tailândia** - Chiang Mai - Uma inesquecível escapada; **USA** - Arches N.P. - Utah; **USA** - Do Capitol Reef ao Zion National Park; **USA** - On the road: custos, na estrada, hospedagem e dicas; **USA** - De Moab a Torrey, Utah. - Capitol Reef National Park; **USA** - Zion National Park; **USA** - Las Vegas - Onde o original é não ter originalidade; **Rep. Tcheca** - Praga. Era outono; **Índia** - O Taj Rambagh Palace, Jaipur; **Turquia** - Istambul, a nossa cidade; **Ilhas Maurício**: república-arquipélago, país-paráiso; **Índia** - Jaipur, primeiro destino no Rajastão.

ISSO pra não mencionar Sicília e Malta, dois destinos de onde acabamos de voltar, que dão um bocado de assunto. A **Sicília**, dos sabores que vão além da mesa, de sua ligação histórica com a Máfia, a "Cosa Nostra, que não compromete nem um tiquinho com sua má reputação as imensas atrações da ilha. A Máfia existe sim, mas ela e nós não estávamos nem aí um pro outro: seguimos tranquilos nosso roteiro pela **Sicília** passando por **Palermo**, cidade animada e movimentada e com muitos monumentos históricos, pela vizinha **Monreale**, com sua bela igreja românica na encosta do Monte Caputo e com uma bela vista para o vale de laranjais, azeitoneiras e amendoeiras, pela incrível **Cefalu**, a cidade medieval com vista pro mar, por **Segesta**, um belo cenário com ruínas gregas, **Erice**, bonita e medieval no topo de uma montanha, com vista impressionante, uma história de deuses e famosa por suas massas, por **Mazara del Vallo**, um dos lugares mais importantes da Sicília para a pesca e para a produção de legumes, frutas cítricas, azeitonas, uvas de mesa e de vinho, um antigo porto fenício, por **Piazza Armerina**, bem no centro da ilha, com os mosaicos romanos em da *Villa Romana di Casale*, por **Agrigento** e seu excelente complexo de templos gregos, o **Vale dos Templos**, mais um centro medieval e com influências árabes, por **Ragusa** e seu deslumbrante centro velho e a deliciosa e vizinha **Noto**, belas cidades barrocas e com sítios patrimônios mundiais, pela incrível **Siracusa** e suas ruínas clássicas, um teatro grego, um bom lugar para comer, pela graciosa **Taormina**, encantadora e atraente, ainda que excessivamente turística e comercial, e sua excelente vista para o mar e para o Etna, até **Catania**, ponto final de nosso roteiro, nem bonita, nem pitoresca, apenas ponto final para nosso vôo até **Malta**, a quase desconhecida do Mediterrâneo e, finalmente, **Roma**.

ASSUNTO bom é que não falta: depois destes aíem cima e já escritos, por certo irei gostar de escrever sobre um dos destinos de nossa próxima viagem - Outubro ou Novembro de 2012 - ainda a escolher: **Ásia Central** (especialmente Casaquistão, com Istambul), ou então **Tanzânia** (com Zanzibar) ou, então, finalmente, **Myanmar** (com Cingapura ou Bangkok). Levando em conta o ritmo atual (um post suado e sofrido por mês), é só fazer a conta: dá pra manter o blog por um ano e meio e sem posts repetitivos: pra falar de Buenos Aires, Orlando e Praias do Nordeste é só comprar todo mês a revista Viagem e Turismo.

UMA das opções que imaginei seria mudar de nome. Não o meu, caro leitor, mas o do blog. Declinei da intenção porque, convenhamos, "Fatos de Viagens" seria uma escolha muito sem imaginação, zero no quesito criatividade.

ASSIM, ao ponderar que a criatividade é um dos combustíveis que impulsiona o pensamento de seres cerebrotônicos como eu, concluí: o que ficou pra trás **ainda** justifica manter o nome original **Fatos & Fotos de Viagens**. Afinal, são milhares de fotos já publicadas, e mesmo que me custe algum dinheiro mantê-lo, (sim, o *Squarespace* é pago!) pretendo deixá-lo vivo. e, quem sabe (?), vez por outra (quando me der na telha), publicar matérias de viagens (claro que com muitas fotos). É só um ter desejo, disponibilidade e paciência. Abandoná-lo jamais foi uma alternativa, encerrá-lo a mais dolorosa que já me ocorreu. Mantê-lo, uma intenção viva.

CHEGUEI a pensar em fazer um novo blog, idéia que já não me deixa a cabeça faz tempo. Uma faísca cerebral que está para virar chama: manter o blog original e abrir outro para a publicação de textos mais coloquiais, sem necessariamente atender ao compromisso com o tema viagens, todavia ligando viagens a reflexões pessoais, a opiniões relacionadas a elas, com a Internet, com o que penso da vida e essas minhas filosofias baratas. O novo blog já tem até mesmo um

nome: "Viver é bom. Viajar também! Reflexões de vida e viagens de um viajante vivo".

ENQUANTO fico aqui refletindo sobre isso, escrevendo, viajando, trabalhando e filosofando e novidades não chegam, mando um abraço, desejo boas viagens e recomendo: leve as crianças!

 [View Printer Friendly Version](#)

 [Email Article to Friend](#)

Reader Comments (9)

Arnaldo, esta é uma reflexão profunda sobre viagens!!!

Eu acho que viajar é outra maneira de viver a vida. Penso que a viagem faz viver a vida mais intensamente (mas há pessoas que não gostam das viagens... eu não sou uma daquelas pessoas) Bjs

4:07 |  [Carmen](#)

Carmen, obrigado pela visita e mais ainda pelo comentário. Concordamos em g~enero, número e grau a respeito da importância das viagens na vida da gente.

Um grande abraço!

9:21 |  [Arnaldo \(p/ Carmen\)](#)

Arnaldo, vir aqui no blog se tornou tarefa das mais difíceis para mim, quanto mais eu leio e aprecio as suas viagens, mas eu sinto vontade de também fazê-las, a lista não pára de crescer. Cada vez que eu realizo um desejo de conhecer um destino, já aparecem vários outros (principalmente Europa) e eu só consigo ir uma vez por ano. A informação de qualidade é o melhor combustível para eu me apaixonar pelos destinos!!! E aqui esse produto nunca está em falta.

10:53 |  [Rosa](#)

ROSA, não se preocupe, o mesmo acontece comigo toda vez que olho o Globo terrestre ou algum Atlas geográfico.

Bem, pra agradecer fica elementar dizer apenas "obrigado". Como se não bastassem todos os elogios e impulsos genuínos seus em toda a história do blog, leio agora esse novo comentário, extremamene gentil, bem escrito e incentivador.

Novamente obrigado.

Novamente ganhei o dia.

11:09 |  [Arnaldo \(p/ Rosa\)](#)

Arnaldo, você é muito gentil!

Meu voto é para que permaneça o nome atual "Fatos e Fotos de Viagens" e na dúvida, tente manter o padrão de qualidade, mas simplifique o que for possível, assim quem sabe dê menos trabalho ao dono e o mesmo prazer aos leitores! Obrigada sempre! Saúde, alegria e muitas viagens para você e a sua doce companheira Emília!

16:53 |  [Rosa](#)

Olá, estou lhe escrevendo para lhe contar como conheci esse blog. Sou uma apaixonada por viagens, fotos e livros. Estava lendo o livro "O símbolo perdido", que fala muito de Washington, e queria ter uma "visualização" melhor do lugar. Coloquei no google que me trouxe a esse blog. Li a matéria toda de Washington e me senti lá! Nunca tive vontade de ir lá, mas depois do seu blog, quero conhecer até a Índia (que não me atrai muito). Sei que é difícil manter um blog, principalmente do padrão do seu, mas não acabe com ele. Fatos & Fotos está na minha barra de favoritos! E sempre que tenho tempo, venho ver suas viagens! E, pode ter certeza, as minhas viagens pra qualquer lugar desse que temaqui, vou ler e reler seu blog, para conseguir extrair tudo

de melhor. Parabéns pela dedicação com o blog e principalmente pela qualidade que dá a ele.

20:09 |  [Monique](#)

Obrigado, Monique, pelo apoio e incentivo. Prometo que tentarei.

Grande abraço e volte sempre. E sempre que voltar, pergunte, comente, opine.\

20:17 |  [Arnaldo \(p/Monique\)](#)

Pode deixar. A minha próxima viagem terá uma "consultoria" de Fatos e Fotos!!
Abraço

20:51 |  [Monique](#)

Arnaldo,

Que linda reflexão... Eu imagino o trabalho que um blog com a qualidade, conteúdo e fotos como o seu dão. Mas ele é uma referência. Quando decidimos nossa próxima viagem, África, adivinha qual foi o primeiro lugar que me lembrei de ter lido e visto sobre ela. Aqui!

Um grande abraço para você e para a Emília

18:37 |  [Flora](#)

Arnaldo, como o sítio se chama "Fatos & Fotos" e não "Fotos & Fatos", o texto é o principal e as imagens os (valiosos) acessórios. Talvez a quantidade de fotos não precise ser dessa ordem de grandeza.

Há um pouco de maldade neste post citando as próximas possíveis publicações, porém sem a certeza de que virão a público. Isso não se faz com seus leitores! :-)

Eu sou um pouco repetitivo nisso, mas meu post favorito aqui é das suas férias quase frustradas na Turquia, justamente pelo inesperado frente ao padrão dos seus posts usuais e pelo excelente sequenciamento de acontecimentos ao longo da escrita.

Se for criar o seu outro blog, sugiro que, além de suas reflexões, você também escreva histórias sobre viagens, lugares ou acontecimentos.

Abraços.

21:54 |  [Carlos](#)

Por favor, não nos abandone! Seus textos e fotos acariciam nossos olhos, vitaminam nossos pensamentos e instigam ainda mais a vontade de viajar e viajar...

Quando menciono o seu nome me vem a imagem: um bloco de notas e uma caneta...

Seu site já não faz mais parte dos meus favoritos, ele é meu café da manhã.

Abraços

12:19 |  [Tatiane](#)

Caro Arnaldo,

Comento poquíssimo, mas leio todos os seus posts. São textos especiais, me sinto fazendo parte de suas viagens, vivendo o que você viveu, a partir de seus textos. Por favor não nos prive do privilégio de poder acompanhá-lo em suas experiências.

Como você mesmo comentou, o mundo blogueiro está pobre, sempre com mais do mesmo, com as informações mínimas e superficiais para agradar aos que querem o básico ou o raso. Já seus textos têm brilho e nos trazem vida.

Abraços.

PS: desculpe a falta de acentuação, mas meu teclado não se entendeu com sua caixa de comentários.

23:40 |  [Renato](#)

CONSIDERAÇÕES INCONCLUSIVAS

[...] A vida não é brincadeira, amigo
A vida é arte do encontro
Embora haja tanto desencontro pela vida [...]
Samba da Bênção, Vinícius de Moraes

Assumindo (descaradamente) o caráter literário (de “por as coisas no papel”) da antropologia, que Geertz defende, e reforçando as expressões (sejam elas artísticas, científicas ou espontâneas, pessoais, coletivas ou institucionais) como representações significativas da realidade para as pessoas que as expõem, ousou em descrever algumas das potencialidades e dificuldades deste trabalho através de uma analogia com essa música de Vinícius de Moraes, que para mim poderia representar o processo que empenhei a atravessar.

Nosso “Poetinha” – diga-se de passagem, viajante nato – refletira sobre a vida, nessa música, enquanto defendera e exaltaria uma forma de fazer samba, dizendo que samba não é contar piada, que é a tristeza que balança, tristeza que traz a esperança de um dia não ser mais triste não. No campo artístico, ele possuía maior liberdade de reflexão e construção de seu pensamento a respeito da vida que um cientista contemplaria, no campo científico¹³⁸. Mas se transpormos esta forma de escrever para o contexto de um cientista: poder-se-ia pensar no problema científico como uma tristeza que o inquieta, e que lhe traz as reflexões em busca de um entendimento próprio, de uma solução de seus objetivos, a esperança de não ser mais triste, dentro das limitações que se têm quando se busca aproximar-se da realidade, sem banalizar as possíveis relações de força, entre os personagens (autores e escritores) estudados, como entre diferentes posicionamentos acadêmicos. E neste caso, escrito por um branco (e turismólogo), apesar do samba ter nascido lá na Antropologia.

Assim, para continuar qualquer tentativa de conclusão deste trabalho, devo assumir a minha dificuldade em aplicar uma metodologia etnográfica (complexa e desconhecida até então, para mim), apesar da exaustiva e construtiva busca desse entendimento antropológico. E apesar da árdua tentativa, assumo minha limitação de conhecimento e tempo para conseguir aplicar estas técnicas de abordagem. No entanto, dada a complexidade do tema e quantidade de assuntos relevantes para a sua compreensão que foram levantados neste trabalho (samba), prossigo com algumas propostas de desdobramentos de pesquisas que este trabalho tenta

¹³⁸ Não se pensa necessário (ou adequado) discutir nesse momento o mundo literário como campos de produção, artístico, científico, ou mesmo, filosófico; segundo Bourdieu, espaços constituintes de sistemas de relações objetivas, específicos.

(busca) suscitar. Como a própria relevância de se pensar antropologicamente a experiência turística, e as reflexões teóricas que precisei levantar para tentar (pessoalmente) compreendê-la, através de algumas singularidades deste campo do saber que era estimulado a pensar e refletir, para aproximar do contexto histórico-pessoal-científico em que foi pensada e construída a teoria da Antropologia da Experiência, e como ela já seria repensada a luz de olhares contemporâneos.

Se no início da pesquisa a ambição era construir um material etnográfico além do oferecido no ciberespaço (com entrevistas semi-estruturadas, por exemplo), para que pudesse dar mais densidade a descrição do campo e dos personagens, o próprio processo de pesquisa possibilitou pensar as expressões apenas desse espaço virtual. Encarando o ciberespaço como uma plataforma virtual de relacionamentos e de canais de expressões que podem potencializar (ao invés de apenas esconder) o real (LÉVY, 2007), em que seus personagens possuem maior liberdade e espaço para expressar aquilo que lhe convém, da forma e com o conteúdo que lhe for mais expressivo; e as tensões e lacunas entre a(s) realidade(s), a(s) experiência(s) e as expressões de cada uma das personagens possíveis dentro desse universo hipermediático; e, proporcionalmente, o universo de pesquisa que se apresenta.

Vale ressaltar, quanto necessário, que esse trabalho não teve em momento algum a ambição de colocar as pessoas pesquisadas como tipos ideais de personagens, a serem compreendidos como modelos, mas seguindo a auto-denominação sugerida por Ricardo Freire, e independente das divisões de pensamentos existentes nessa pequena amostra do ciberespaço que pudemos abarcar, tanto sobre as viagens e as experiências, mas especialmente pela utilização da rede de nós virtuais, para expressão dessas experiências de deslocamento, talvez, nem Ricardo Freire poderia imaginar na época de seu livro (1998) que conseguiria reunir (conectar) tantos “*turistas informados*” ao redor de sua teia de relações, virtuais ou não, além de, inclusive, parecer ter “formado” alguns e algumas. O VnV não foi o primeiro blog a falar de viagens, mas é reconhecido como ponto de referência pela sua qualidade e influência, por boa parte das pessoas que também expressam suas experiências turísticas, seja através de seus blogs ou de alheios, nos comentários ou nas postagens. Não só essa rede de relações (Viajósfera), mas as relações desencadeadas dessa teia, como a ABBV e RBBV, e outras relações interpessoais encontradas mas não interpretadas neste trabalho (como as redes sociais e de compartilhamentos utilizadas pelas pessoas pesquisadas, como o Facebook, Twitter, e YouTube e Flickr, como as utilizadas por outras pessoas, como o *Mochileiros.com*, e

Couchsurfing.com), como outras nem captadas por essa pesquisa, poderiam ser melhor, e densamente, descritas.

Mas interessante notar também, que dessas pessoas pesquisadas nasceram expressões tão ricamente significativas e variadas, que, além de também (em alguns casos) cativarem outras pessoas a participarem dessas redes de relações, demonstram diferentes expectativas, desejos, sentimentos e pensamentos a respeito dos deslocamentos que empenhavam em expressar. Reforçando o ciberespaço como uma plataforma de comunicação aberto, mas também demonstrando a fragilidade de se emoldurar as pessoas como personagens previsíveis, se diante de dramas sociais que somente as próprias pessoas que vivenciam, experienciarão, e saberão, individual e subjetivamente, o que lhe foi significativo, até de expressar, à luz de sua própria bagagem de experiências.

Perceber que a Realidade nunca é percebida em sua totalidade, mas sim, pela forma processual da experiência, a partir dos filtros com quais os olhamos e mediamos, ou, as diretrizes significativas que cristalizamos a partir de nossa linguagem e cultura, através de nossas experiências ao longo da vida (TURNER, 1986), e dos momentos de dwelling e travelling, de enraizamento e de viagens (deslocamento), que “construímos” nossa própria (específica) noção de cultura, nossa relação espaço-temporal com as realidades, como pensa James Clifford. E encarando, assim, a pessoa envolvida como uma personagem, com dinamicidade e autonomia para interpretar, participar e interferir (atuar) diante dos dramas sociais em que se encontra.

Retomando a diferença entre a Realidade, a Experiência e as Expressões, precisamos refletir sobre essa última, que não seria nem uma nem outra, mas uma tentativa (bem ou mal sucedida, aos olhos, exclusivamente, de quem expressa) de revivenciar, reexperienciar, aquele momento, num outro instante, seja enquanto experiência a realidade, ou num outro momento, como nas narrativas de viagens que, podem ser posteriores ao momento contado ou, mesmo, antes de acontecer, sobre os preparativos e expectativas (que também podem ser tão significativamente experienciados). E assumindo (portanto) que a expressão nunca é a experiência em si, mas uma tentativa (mediada, filtrada e interpretada) da pessoa externar a sua própria percepção e sentido frente a tal experiência, tentamos pensar como poderá ajudar e atrapalhar na busca dos significados e significância de uma experiência turística, ou melhor, uma experiência humana de deslocamento.

Movimentamo-nos ao longo de nossas vidas através dos mais diversos espaços e realidades, pelas mais diferentes razões, e assim vivenciamos a vida. Constantemente experienciamos algo, mais ou menos significativo, mas percebido e vivido por cada (e apenas pela) pessoa que se movimenta, espacial e temporalmente, pela(s) realidade(s).

E através de nossas expressões, escolhemos como externar, performar, nossas percepções e angústias, pensamentos, vontades, desejos e sentimentos, a cerca de cada uma dessas experiências, conforme a significância que adquirir perante a linha histórico-cultural, temporal e espacial, que vivenciamos, individual e coletivamente, “no sentido de ‘construir uma leitura’”; que a trinca envolvida neste trabalho se esforçou a reler, para tentar demonstrar quão complexas são aquelas nossas lacunas entre o que vivemos, experienciamos e expressamos.

As possibilidades dos relatos produzidos em deslocamento, por exemplo, permitem pensar os fluxos, reforçando as narrativas como expressões de experiências significativas dentro da própria subjetividade e relação espaço-temporal estabelecida por cada uma das pessoas ao longo de sua história, e não, simplesmente, pelas características espaço-temporais estabelecidas pelas localidades que eram visitadas, vivenciadas e contadas.

Sem ambição de negar (ou diminuir) a importância do mercado (trade) turístico pensar a experiência turística, mas tentando esquivar (fugir) do dilema da dupla demanda encontrada nas ciências sociais, sinto ter trazido mais tristezas, inquietações, do que propriamente respostas ou corroborações de alguma fórmula. Ambicionando, no entanto, buscar diferentes compassos, ritmos e andamentos, para que o samba tenha, sim, um pouco de amor numa cadência, mas sem ignorar as tristezas que balançam.

A Antropologia da Experiência, por exemplo, oferece instrumentos para elucidar questões suscitadas pela experiência turística através de narrativas disponíveis em meio virtual, como as encontradas em blogs de viajantes. Sem a pretensão de materializar aquilo que foi experienciado e vivido por cada pessoa, mas a partir do que ela quer e consegue expressar a respeito de cada experiência, é possível buscar elementos para se tentar compreender as representações e significâncias que estas experiências suscitaram a estas pessoas, colocando sobre novo enfoque temas e problemas já clássicos da experiência turística como a de sua autenticidade, sua liminaridade, territorialidade e pertencimento, entre outras.

Quais os benefícios de se estudar a experiência turística de forma instrumental, técnica, crendo que seja, estatisticamente, mensurável os significados que certa experiência propiciará para cada pessoa? Ou, qual a benesse de se pensar uma experiência turística como fixa, que

necessariamente deve conter alguns pressupostos para causar alguma significância, e não fluxa, de acordo com a bagagem de vida que cada um de seus praticantes carregarem e o dado instantâneo em que estes estiverem em contato com tais percepções e realidades? Além da óbvia (e oportuna) utilização prática de um campo do saber, para dizer o que o mundo deveria ser, ao invés de falar “do mundo social para dizer o que ele é” (BOURDIEU, 1983, p. 32-33)?

Como Vinícius propõe, não pretendia amar uma mulher só linda, ou melhor, apenas capturar a face visível de uma experiência turística, mensurável e/ou explicável, mas buscar algo além da beleza, uma beleza que vem da tristeza, da complexidade de se compreender os processos em que o indivíduo se (des)constrói ao longo da vida e de seus deslocamentos; e que me inquieta. E como “a vida é pra valer”, preferi já me embrenhar pelos desencontros, esperando que um dia ainda encontre um estado de arte (pessoal e científico) para expressar tamanha tristeza. Sempre com “uma esperança, de um dia não ser mais triste não”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETTO, M; STEIL, C; GRÜNEWALD, R. A.; GRABURN, N; SANTOS, R. J.. (Org.). **Turismo e antropologia: novas abordagens**. 1 ed. Campinas: Papirus, 2009.

BANDUCCI JUNIOR, A. Turismo e antropologia no Brasil: um estudo preliminar. In: Álvaro Banducci Júnior; Margarita Barreto. (Org.). **Turismo e identidade local, uma visão antropológica**. 2 ed. Campinas: Papirus, 2001, v. 1, p. 21-48.

BOURDIEU, PIERRE. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRUNER, Edward. “**Experience and Its expressions**” In Turner, Victor W. & Bruner, Edward M. (eds.). *Anthropology of Experience*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1986, p. 03-32.

BURNS, Peter. **Turismo e antropologia**. São Paulo: Chronos, 2002.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CLIFFORD, James. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Harvard UP, 1999.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX / James Clifford**; organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário; cultura, arte e política pós-2001**. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

COHEN, Erik. **A phenomenology of tourist experiences**. In: *Sociology, the journal of the british sociological association*, v. 13, n. 2, Maio, 1979, p. 179-201.

DAWSEY, John Cowart. **Victor Turner e antropologia da experiência**. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 13, 163-176, 2005

_____. **Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas**. *Campos (UFPR)*, v. 7, p. 17-25, 2006.

_____. **Sismologia da performance: ritual, drama e play na teoria antropológica**. *Revista de Antropologia (São Paulo)*, v. 50, p. 527-570, 2007.

DUMONT, Louis. **O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

GASTAL, Susana. **Nomadismo e turismo: viagem como vida no espaço**. In: Trigo, Luiz Gozaga Godoi; (Org.). **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Roca, 2005.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka. **Turismo, Políticas Públicas e Cidadania**. 1. ed. São Paulo: Aleph, 2007.

GAYER, Priscila. **Mediações culturais e a experiência turística no espaço urbano: Formalidades do olhar turístico sobre a cidade de Buenos Aires**. Dissertação de Mestrado em Turismo – Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2008.

GEERTZ, Clifford. **Authoring Selves** In Turner, Victor W. et Bruner, Edward M. (eds.). **Anthropology of Experience**. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1986, p. 373-380

_____. **Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura**. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 13-41, 1989.

_____. **Obras e vidas. O antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

GOELDNER, Charles R., RITCHIE, Brent J. R, MCINTOSH, Robert W. **Turismo – princípios, práticas e filosofias**. Porto Alegre. Bookmann, 2002.

GRABURN, Nelson. **Antropologia ou Antropologias do Turismo?**. In: BARRETTO, M; STEIL, C; GRÜNEWALD, R. A.; GRABURN, N; SANTOS, R. J.. (Org.). **Turismo e antropologia: novas abordagens**. 1 ed. Campinas: Papirus, 2009, p. 13-52.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço**. In: *Horizontes Antropológicos*. Ano 10, n. 21. Porto Alegre, jan/jun, 2004. p. 97-121.

KOMESU, Fabiana Cristina. **Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet**. Campinas, SP: [s.n.], 2005. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Linguagem.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996;

_____. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999;

_____. **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Marcel Mauss: Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MACCANNELL, Dean. **Staged authenticity; arrangements of social space in tourist settings**. In: *American Journal of Sociology*, v. 79, n. 3, Nov., 1973, p. 589-603.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo; vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAUSS, Marcel. **Marcel Mauss: Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MAUSS, Marcel. **Marcel Mauss: Antropologia**. Trad. Regina Lúcia Moraes Morel, Denise Maldini Meirelles e Ivonne Toscano. São Paulo: Ática, 1979.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Introdução a uma leitura de Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Marcel Mauss: Antropologia**. Trad. Regina Lúcia Moraes Morel, Denise Maldini Meirelles e Ivonne Toscano. São Paulo: Ática, 1979.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora Unesp, 2000.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica**. Rev. Antropologia. [online] 1998, v. 41, n.2, pp. 107-136.

SAHLINS, Marshall David. The original affluent society. In: **Stone-Age Economics**. Londres: Routledge, 2004, p. 01-40.

SCHECHNER, Richard. **Performance Theory**. Londres: Routledge, 1994.

SANTANA TALAVERA, Agustín. **Antropologia do Turismo: Analogias, Encontros e Relações**. São Paulo: Ed. Aleph, 2009.

SANTOS, Rafael José dos; BARRETO, Margarida. **Fazer Científico em Turismo no Brasil e seu reflexo nas publicações**. Turismo. Visão e Ação (Itajaí), Balneário Camboriú, v. 7, n. 2, p. 357-364, 2005.

SANTOS, Rafael José dos. **Antropologia, sociologia e estudos do Turismo: contribuições para um diálogo interdisciplinar**. Revista Hospitalidade, São Paulo, v. II, n. 2, p. 23-46, 2005.

TURNER, Victor. **The center out there; pilgrim's goal**. In: History of religions, v. 12, n. 3, Fev., 1973, p. 191-230.

_____ **Drama, Fields and Metaphors**. Ithaca: Cornell University Press, 1974;

_____ **From Ritual to Theatre: the human seriousness of play**. New York: PAJ Publications, 1982;

_____ **Anthropology of Performance**. New York: PAJ Publications, 1987;

_____ Dewey, Dilthey, and Drama: An Essay in the Anthropology of Experience, In TURNER, Victor W. e BRUNER, Edward M. (eds.). **Anthropology of Experience**. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1986, p. 33-44.

TURNER, Victor W. e BRUNER, Edward M. (eds.). **Anthropology of Experience**. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1986.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Teses e Dissertações

APÊNDICE II – Mapeamento do Ciberespaço